UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Mestrado em Educação Escolar Brasileira

NORMA APARECIDA CARDOSO

EDUCAÇÃO E CIDADANIA. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CIDADANIA DE JOVENS COM PARTICIPAÇÃO EM CONTEXTO COMUNITÁRIO DE EDUCAÇÃO.

Goiânia - GO
1998

NORMA APARECIDA CARDOSO

EDUCAÇÃO E CIDADANIA. A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE CIDADANIA DE JOVENS COM PARTICIPAÇÃO EM CONTEXTO COMUNITÁRIO DE EDUCAÇÃO.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Educação Escolar Brasileira.

Orientador: Prof.ª Dr.ª Liana Fortunato Costa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

EDUCAÇÃO E CIDADANIA: as representações sociais de cidadania de jovens com participação em contexto comunitário de educação

Candidata: **NORMA APRARECIDA CARDOSO**

Orientadora: Profª Drª LIANA FORTUNATO COSTA

Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação Brasileira, da Universidade Federal de Goiás, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação Escolar Brasileira.

COMISSÃO JULGADORA

Profª Drª Liana Fortunato Costa _____
Prof. Dr. Rodolfo Petrelli _____
Prof. Dr. Marcos Corrêa da S. Loureiro _____

Defesa - 1998

RESUMO

Este trabalho busca conhecer e analisar as representações sociais sobre cidadania de um grupo de jovens que vivenciou um processo educativo em contexto comunitário. Trata-se de uma pesquisa do tipo estudo de caso, numa abordagem qualitativa, que procura conhecer os significados socialmente elaborados sobre o objeto social cidadania, o contexto de sua produção e os referenciais presentes na sua elaboração tendo por base o discurso produzido por ex-participantes do Centro de Estudo, Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil - CEPAJ - da Universidade Católica de Goiás, cujo trabalho está voltado ao estudo e à intervenção junto a crianças e adolescentes das camadas de baixa renda. O material para o estudo constituiu-se nos discursos produzidos por dezenove jovens do CEPAJ (grupo de investigação) e da Escola Estadual Parque Santa Cruz (grupo de apoio), coletado através de entrevista individual e entrevista coletiva.

O trabalho discute sobre cidadania valendo-se de um olhar na história dos últimos séculos, pontuando seu caráter histórico, social, dinâmico e estratégico para a conquista de direitos. Principalmente, enfoca a cidadania em suas múltiplas determinações: histórico-econômicas e das mediações psicológicas. Em meio ao processo de conquista de direitos, a criança-adolescente emerge como sujeito político no cenário nacional e internacional, na mobilização por direitos, contra as explorações e violências e a situação de não-cidadania. Neste contexto de participação, os atores sociais crianças e adolescentes constroem relações sociais que contribuem para a elaboração de conhecimentos sobre cidadania, que passam a dar sentido e orientar as ações desses sujeitos no cotidiano. As experiências de caráter educativo, como a do CEPAJ, que têm em seus princípios a

educação à cidadania, constituem-se em espaços que possibilitam às crianças e adolescentes construir sentidos e saberes sobre a realidade. No caso, sobre o sentido de cidadania.

Os sujeitos do grupo de investigação apresentaram uma representação social de cidadania melhor definida e estruturada, cujos significados comunicados contemplam todas as dimensões de cidadania destacadas nesta pesquisa (sensibilidade à injustiça, capacidade de autodeterminação, participação, conhecimento dos direitos e deveres e alteridade).

Os espaços comuns de convivência, como o CEPAJ, revelaram-se contextos significativos na formação de uma consciência de cidadania e de representações sociais.

Neste trabalho, procuro contribuir com outros conhecimentos a respeito do segmento juvenil, no caso, sobre suas concepções de cidadania, na intenção de colaborar na formulação de políticas públicas voltadas para a educação à cidadania. Enquanto forma de contribuição mais direta, proponho a elaboração de uma cartilha educativa sobre o tema cidadania, a ser oferecida às escolas de primeiro grau da rede pública de Goiânia, na qual a proposta educativa e a metodologia do CEPAJ possam ser apropriadas por outras experiências educacionais.

ABSTRACT

This paper seeks to fully perceive and analyze the social representations on citizenship of a group of youths who experienced an educational process in a communitarian context. It concerns itself with research of the case study type, within a qualitative approach, which is aimed at the perception of the socially elaborated meanings of social object citizenship, the context of its production and the references which are present in its elaboration and is based on the utterances produced by former participants of CEPAJ - Center of Study, Research and Extension "Aldeia Juvenil" of the Catholic University, whose work is devoted to the study and intervention taking place among children and adolescents of low-income social sections. The data in this study were constituted of the utterances produced by nineteen youths from CEPAJ (investigation group) and State School "Parque Santa Cruz" (support group), collected through both individual and collective interviewing.

The present study discusses citizenship by resorting to a gaze into history throughout the past centuries, pointing out its historical, social, dynamic and strategic character for the conquest of rights. It focuses mainly on citizenship in its multiple determinations: historical, economic ones and those of psychological mediation. In the midst of the process of conquest of rights is the child/adolescent as a political being in the national and international scenario, in the mobilization for rights, against exploitation and violence and the status of non-citizenship. In such context of participation, children and adolescents as social actors and actresses build up social relationships which contribute to the elaboration of knowledge on citizenship. This knowledge , in turn, adds meaning to and orient the actions of these subjects in their quotidian. Experiences within the educational

scope such as those of the CEPAJ, whose principles are based on education for citizenship, are spaces which allow children and adolescents to construct meanings and knowledge about reality, about the meaning of citizenship.

The subjects in the investigation group showed a better defined and structured social representation of citizenship, whose communicated meanings contemplate all dimensions highlighted in this research (sensitivity to injustice, capacity for self-determination, participation, knowledge of rights and duties and alterity).

Such spaces for collective living as the CEPAJ have turned out to be significant places for the development of citizenship awareness and social representations.

By offering other perceptions of the juvenile segment and their conceptions of citizenship, this paper seeks to collaborate on the formulation of public policies aimed at the education for citizenship. As a more direct form of contribution, it puts forward the elaboration of an educative booklet on citizenship to be offered to public elementary and high schools, where CEPAJ's educative proposal and methodology may be employed by other educational experiences.

Este trabalho é dedicado

às crianças e adolescentes do Centro de Estudo, Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil. Sempre, 'os meninos e meninas da Aldeia', com quem pude partilhar, no seu cotidiano, da construção diária de novas vidas, de novos sentidos para a vida e de novas práticas de cidadania. Crianças e adolescentes que contribuíram para a produção de conhecimentos científicos, colaborando para a permanente construção de cidadania da infância e adolescência.

SUMÁRIO

RESUMO 3

ABSTRACT 5

DEDICATÓRIA 7

APRESENTAÇÃO 11

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 17

1.1 Centro de Estudo, Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil: Uma Ação Educativa e de Intervenção para a Cidadania 17

1.1.1 Brincando de Falar Sério 22

1.1.2 Reunião Comunitária 24

1.1.3 Reunião de Avaliação e Planejamento de Atividades 27

1.2 Representações Sociais: A Construção de Sentidos 29

1.3 Um Olhar na História da Discussão Sobre Cidadania 38

1.4 Crianças e Adolescentes: Novos Personagens na Conquista de Direitos e Cidadania 50

2 MÉTODO 61

2.1 O Ambiente de Realização da Pesquisa 62

2.2 Locais de Estudo 64

2.2.1 O Centro de Estudo, Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil 64

2.2.2 Escola Estadual Parque Santa Cruz 65

2.3 Perfil Geral dos Participantes do CEPAJ 66

2.3.1 Perfil dos Participantes da Pesquisa 72

2.3.1.1 O Grupo de Investigação 72

2.3.1.2 O Grupo de Apoio 74

2.4 Procedimentos 75

2.4.1 Os Instrumentos 75

2.4.1.1 As Cenas 75

2.4.1.2 A Entrevista Individual 77

2.4.1.3 A Entrevista Coletiva 77

2.4.2 Procedimentos da Coleta de Dados 78

3 ANÁLISE DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 82

3.1 Resultados do Grupo de Investigação 83

3.1.1 Análise da Dinâmica do Grupo na Coleta de Dados 83

3.1.2 Análise da Construção do Discurso Individual 85

3.1.3 Apresentação e Análise dos Dados da Entrevista Individual 87

3.1.4 Análise da Construção do Discurso Coletivo 105

3.1.5 Apresentação e Análise dos Dados da Entrevista Coletiva 107

3.2 Resultados do Grupo de Apoio 116

3.2.1 Análise da Dinâmica do Grupo na Coleta de Dados 116

3.2.2 Análise da Construção do Discurso Individual 118

3.2.3 Apresentação e Análise dos Dados da Entrevista Individual 119

3.2.4 Análise da Construção do Discurso Coletivo 135

3.2.5 Análise e Apresentação dos Dados da Entrevista Coletiva 137

3.3 Análise Comparativa dos Resultados Entre os Grupos 144

4 CONCLUSÃO 149

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 157

APÊNDICES 163

Apêndice 1 164

Apêndice 2 170

Apêndice 3 192

Apêndice 4 211

APRESENTAÇÃO

Uma das lembranças que guardo do CEPAJ é a da visita que me fez um ex-participante. Vou chamá-lo de João. João saiu do CEPAJ, mas sempre manteve contato, visitando quando precisava de alguma ajuda. Às vezes, aparecia apenas para conversar. Nas últimas vezes que me procurou, não estava bem. Completamente descuidado com sua aparência, usando bebida alcoólica com freqüência, além de outras drogas. Nessa visita, estava mais agitado; mostrou-me várias escoriações pelo corpo e contou-me que se feriu porque fugia de policiais, que o pegaram. Durante o relato, mostrava-se muito indignado e dizia que não podiam fazer o que fizeram, porque ele tinha direitos, sabia que tinha direitos.

João podia não saber quais eram seus direitos, mas sabia que tinha algum direito e isto o fazia sentir-se um igual, merecedor de tratamento justo. Por se saber credor direitos, indignou-se contra a violência policial daquele momento e contra a situação de miséria em que vivia. Sentir-se uma pessoa com direitos tinha um significado importante, um significado de inclusão e de resistência à exclusão. A exclusão, que sempre fez parte de seu cotidiano, mais uma vez se manifesta pela ação dos policiais que não lhe davam o direito de se defender. João afirmava os seus direitos que deveriam incluí-lo no *status* de cidadão, de, pelo menos normativamente, ter garantido o seu direito de defesa. Em sua fala, reconhecia-se como sujeito de direitos, condição que passa pela construção de uma subjetividade que inclui os sentidos de cidadania.

João construiu um sentido de cidadania que o faz sentir-se parte da sociedade, resistir à exclusão. A vivência de experiências de cidadania integra não apenas a consciência dos direitos atribuídos ao sujeito, conferindo-lhe o título de cidadão. Essa

vivência deve também manifestar-se na forma de agir e sentir do sujeito, propiciando-lhe sentir-se igual em direitos e exigir respeito à sua especificidade e diferença, consciente de suas necessidades e desejos. Os sentidos de cidadania elaborados por João e pelos jovens participantes da pesquisa revelam que esses significados estão presentes em suas vidas, que fazem parte de suas experiências cotidianas. Representam pequenas transformações em suas vidas, que os vinculam ao mundo e a si mesmos, impedindo o total processo de exclusão e a negação do seu ser. Essas pequenas transformações, muitas vezes consideradas insuficientes aos olhos de quem cobra resultados, constituem o fruto do trabalho diário do CEPAJ com crianças e adolescentes que vivem em situações negadoras de sua condição de criança/adolescente e de cidadania.

A aproximação com a proposta do CEPAJ refletiu o meu desejo de participar da construção de algo novo, pela crença na possibilidade de mudança da realidade e pelo compromisso com a efetivação dos direitos humanos. A participação nessa experiência marcou definitivamente as opções profissionais de minha vida. A Aldeia Juvenil surgiu como uma idéia ousada de abrigar jovens infratores, que viviam em instituições fechadas, de repressão, em que os valores de cidadania não habitavam os quartos, as celas, os corredores, os pátios, a vida dos jovens. A Aldeia foi para esses jovens um espaço sem muros, a céu aberto, sem violência, onde cidadania pôde ser vivida quotidianamente. Essa idéia de respeito e compromisso com a vida, de trabalho para a transformação da sociedade, de democratização das relações entre os diferentes, de defesa do direito de ser criança/adolescente, de garantia de direitos foi plantada em um espaço de cerrado, a muitas mãos que ajudaram a levantar uma infra-estrutura, a construir um conhecimento, uma forma de atuar com criança e adolescente. No bioma resistente do cerrado e com o trabalho e persistência de muitos, a idéia vingou.

O CEPAJ consolidou-se como uma experiência pedagógica de trabalho com crianças e adolescentes pobres, tendo como um de seus princípios a educação à cidadania desenvolvida com base em uma metodologia de inclusão participativa, que concebe a criança/adolescente como pessoa em condição peculiar de desenvolvimento, sujeito não apenas de sua natureza psíquica, mas do contexto socio-histórico em que vive.

Acompanhei todas as etapas do trabalho do CEPAJ. Estou nesse trabalho desde a sua criação. Assim, pude conhecer e estar muito perto do chamado fenômeno da criança e do adolescente em seus múltiplos aspectos, deparando-me, principalmente, com a

negação do direito fundamental de ser criança/adolescente a que a infância e adolescência são submetidas nas diversas sociedades e, especificamente, na sociedade brasileira. Pude aprofundar meus conhecimentos sobre essa questão, desenvolver uma prática de intervenção, tornar-me uma educadora, fazer a militância na defesa dos direitos da criança/adolescente que se deu no Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua - MNMMR. Na Aldeia Juvenil, crianças e adolescentes com nomes e uma história conhecidos traziam para o cotidiano do seu espaço toda a complexidade da problemática da questão da criança. Pude acompanhar suas vidas, observar suas transformações.

Nesse espaço, principalmente, propiciou-se a construção de uma prática de cidadania estruturada na convivência comunitária fundamentada nos valores de participação, de alteridade, de pluralidade, de respeito, de solidariedade contrapondo-se às formas de exclusão presentes na sociedade.

Em nossa sociedade, se construíram, ao longo do tempo, impedimentos sociais, culturais, morais, físicos, psicológicos que têm excluído grande parte da população. As crianças/adolescentes das camadas de baixa renda fazem parte dessa população de excluídos, consideradas incapazes, objetos de intervenção.

Essa mesma sociedade encontrou formas de adequar, separar, controlar aqueles considerados incapazes, que destoam de uma pressuposta harmonia social, legitimando, na incapacidade pessoal, as formas de exclusão. Essa prática se assenta numa ética naturalista, concebida pela racionalidade moderna. A ética naturalista cria valores universais acreditando poder ordenar as ações humanas, tornando-as válidas para o conjunto da sociedade. Não concebe o contexto sócio-cultural, respaldando, assim, a concepção de sujeito como ser abstrato, aistórico, independente das condições objetivas de vida, culpando o sujeito pela sua situação de exclusão.

Goffman (1996) fala de instituição total referindo-se a instituições fechadas, como os manicômios, prisões, internatos, que são legitimadas pela sociedade para normatizar condutas inadequadas segundo a ideologia dominante da sociedade. Assim acontece com os loucos, os presos, os pobres na história. Na instituição total, a pessoa passa a viver apenas a realidade intra-muros. Sua história é negada, há um controle da alteridade e uma busca de padronização, o que impede a manifestação de subjetividades. As características individuais do sujeito não são respeitadas, também não há participação na vida coletiva da instituição. A falta de espaços privados contribui para o exercício do

controle do sujeito, pois os espaços coletivos não têm o objetivo de convivência, interação, comunicação. Nesse espaço, perde-se a cidadania que é negada aos sujeitos habitantes da instituição. Essas instituições contemplam entre os seus objetivos a educação/reeducação. A infância pobre foi segregada em casas de misericórdia, orfanatos, internatos, instituições de bem-estar social como a FEBEM. Em séculos de tratamento discriminatório, construiu-se uma prática política e social de segregação e criminalização da pobreza, de exclusão, de não-cidadania.

Cidadania é um conceito elaborado pela sociedade grega antiga que buscou - nos valores da liberdade, da participação, da convivência - a formação do cidadão, sujeito essencialmente político. A liberdade dava-se no espaço público, entre iguais, para o exercício da participação nas decisões da vida pública da *pólis*, tendo como instrumento privilegiado a palavra, o discurso. A liberdade é vivida na esfera pública da vida, de participação democrática. A lei, igual para todos, garantia igualdade aos cidadãos, semelhantes no exercício do poder. Assim, a lei escrita normatiza, para todos, o direito - bem comum a todos os homens livres (VERNANT, 1992, ARANHA, 1986). Entre os homens livres, os cidadãos, pode-se experienciar a democracia: uma sociedade de homens livres e iguais, convivendo num espaço comum, público, de pluralidade e alteridade, onde, através da ação e do discurso, as diferenças são manifestadas, debatidas em função do interesse comum, coletivo.

Os princípios de liberdade, igualdade, fraternidade moveram o homem moderno na construção de valores universais para uma sociedade de cidadãos. Mas esses mesmos valores sustentaram as contradições da moderna democracia liberal burguesa, conforme Rinaldi:

> Quando se falou em liberdade, o que se viu foi servidão, ainda que de uma forma diversa da servidão antiga e medieval; quando se falou em igualdade, o que se viu foi o aumento das disparidades em escala mundial nunca antes experimentada; quando se falou em fraternidade, o que se viu foi o aumento da rivalidade. (1996, p. 128)

A cidadania tem-se revelado no decorrer da história uma categoria dinâmica e estratégica que cria contradições e encontra formas de superá-las, avançando na conquista de direitos, que culmina no estabelecimento de novos valores, parâmetros e modelos de cidadania.

Nesta virada de século, uma nova ordem se impõe à ordem da razão como único fundamento ético. Uma outra ética contrapõe-se a ética naturalista, referendada no contexto sócio-histórico e na crença da pluralidade da condição humana, enfatizando a heterogeneidade, a alteridade, a intersubjetividade. É com base nesses novos valores que se faz necessário repensar o modelo de cidadania, ampliando-o para incluir a diferença, conceber o cidadão em suas determinações sócio-político-cultural e psicológica.

No movimento de construção de um novo modelo de cidadania que contribua para a formação de novos sujeitos, possibilitando a criação de uma nova cultura e uma nova prática cidadã, encontramos diversos profissionais e entidades engajados socialmente na luta pela dignidade, pelos direitos humanos e por essa nova cidadania.

Assim, vejo-me com motivação pessoal e profissional de contribuir com a efetivação de práticas inovadoras, referenciadas por uma ética da alteridade, visando à diminuição das desigualdades, à construção de relações democráticas e solidárias, ao respeito e valorização da vida, à luta por melhores condições de vida, à promoção dos direitos humanos. Pude encontrar no CEPAJ o espaço profissional onde desenvolver essa prática.

O CEPAJ construiu-se enquanto prática social e politicamente engajada na luta pelos direitos e por cidadania da criança e do adolescente. Propiciou, por meio de uma convivência comunitária e uma metodologia de inclusão participativa, a aprendizagem e a vivência dos princípios de participação, de respeito por si e pelo outro, de solidariedade, de sensibilidade à injustiça, de autodeterminação, de alteridade, contribuindo para a elaboração de sentidos de cidadania em suas vidas.

A cidadania tem como base uma sociedade democrática, sendo essencial o princípio da participação para a garantia do espaço democrático na sociedade. Para a formação de uma cultura participativa, é necessário o exercício da participação, o treino democrático em diferentes esferas da vida, criando condições para o indivíduo planejar, avaliar, decidir em conjunto, defender seus direitos, aprender a escolher em seu favor e do coletivo, contribuindo para a construção de uma personalidade democrática.

O princípio da sensibilidade é capaz de qualificar as ações do indivíduo, incluir a emoção, a subjetividade no processo de conhecer e agir. Essa nova forma de conhecer contempla a preocupação com uma nova forma de viver, com justiça, com

dignidade, que pressupõe a satisfação de necessidades, em busca da felicidade dos indivíduos e do coletivo (FERREIRA, 1993, COVRE, 1994).

A cidadania se constrói com a emancipação do homem, tornado capaz de se autodeterminar , podendo exercer sua liberdade participando da vida comum, das decisões da coletividade e da nação, podendo escolher o seu caminho, contando com os meios para se auto-sustentar, estando aberto à diversidade do outro.

A dimensão da alteridade possibilita ao indivíduo conviver com o outro e respeitá-lo na sua diferença, ser um indivíduo consciente de seus direitos e de seus afetos, não dissociando necessidade e sentimento, para que se reconheça no outro, não sendo indiferente às suas necessidades e sentimentos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 CENTRO DE ESTUDO, PESQUISA E EXTENSÃO ALDEIA JUVENIL : UMA AÇÃO EDUCATIVA PARA A CIDADANIA E DE INTERVENÇÃO

Enfoquemos, inicialmente, a experiência do Centro de Estudo, Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil - CEPAJ enquanto um espaço que desenvolve proposta educativa, com crianças e adolescentes, voltada para as questões de cidadania. Em sua atuação, o CEPAJ partilha da concepção de infância e adolescência como pessoas em desenvolvimento, sujeitos de direitos humanos e de cidadania, defendendo, assim, a sua participação na conquista de direitos e cidadania, configurando-os como sujeitos políticos e segmento mobilizável da população (SANTOS, 1997). Ali, se compreende cidadania como uma categoria histórica, socialmente variável, estratégica, importante para a mobilização da população no processo de conquista de direitos e no desenvolvimento de práticas cidadãs e democráticas, constituindo-se uma conquista por parte dos excluídos (DEMO, 1995, 1996, FERREIRA, 1993, COVRE, 1986, 1994, ARENDT, 1995). E o CEPAJ é compreendido como espaço de "*práxis* comunicativa cotidiana" (SAWAIA, 1994) em que as crianças e adolescentes podem desenvolver sentidos e saberes sobre cidadania.

Compreende-se que a educação seja um importante suporte para a formação do cidadão, na medida em que o conhecimento intelectual possibilita a todos o acesso ao saber universal, a formação de uma consciência crítica e a instrumentalização para a vida produtiva. Para Paviglianite & Vior, a educação tem papel privilegiado na construção da cidadania, pois "sua via de atuação fundamental dá-se no âmbito das mediações culturais e

simbólicas, (...) [mas também] prepara para o trabalho (para o acesso aos bens materiais) e também prepara para a vida político-social" (1994, p. 245). Ao mesmo tempo, tem-se a clareza de que a educação não é garantia nem precondição de cidadania, não devendo ser utilizada como muitas vezes o é, como argumento racional para excluir dessa condição segmentos da população (BUFFA, ARROIO & NOSELLA, 1991, FERREIRA, 1993, PAIVA, 1993). Concebe-se educação e cidadania como articuladas, mas sem desconsiderar outros determinantes sociais e econômicos que mantêm a exclusão de grande parte da população. A educação, que a partir do século XX constitui-se em um dos direitos sociais conquistados, integra os direitos fundamentais das crianças e adolescentes, estendido a todos e garantido pelo estado. Na prática, o direito à educação ainda tem o desafio de se universalizar de fato, garantindo educação de qualidade para todos. Assim, a construção do cidadão deve incluir a educação, mas de forma integrada às outras políticas voltadas para a infância e juventude ede forma prioritária em relação a políticas que revejam com urgência a distribuição de renda, a ampliação das oportunidades e a diminuição das distâncias sociais (LAMOUNIER, 1997, PAIVA, 1991,1992, 1993).

O processo de formação e constituição do cidadão dá-se em espaços diversos, que fazem parte da prática social e política da população em meio as suas lutas na defesa de seus interesses e por sua cidadania, transformando-se em espaços pedagógicos de aprendizagem do exercício da cidadania. A existência de múltiplos espaços plurais (grupos comunitários, clubes de amigos, associações de bairro, instituições etc.) que possibilitem ao indivíduo, no caso a criança e o adolescente, o exercício da participação, da convivência com o outro, do planejamento e decisão em conjunto, é essencial para a objetivação na vida cotidiana de dimensões fundamentais de cidadania - a autodeterminação, a alteridade, a participação, a ética - contribuindo, desde já, para a formação de jovens com mais autonomia e responsabilidade, com conhecimento de seus direitos, sensíveis às injustiças, às necessidades suas e de seus pares. Esses espaços, tornam-se espaços de síntese pedagógica, em que se desenvolvem ações educativas para uma nova prática cidadã. Assim, compreende-se que a formação do cidadão também acontece nesses múltiplos espaços, constituindo-se em experiências educativas fora do espaço formal da escola. Até porque a formação do cidadão envolve aspectos culturais, sociais, econômicos e também aspectos políticos, éticos, estéticos e religiosos. Nenhum setor sozinho, como a escola ou outra experiência, pode contribuir para o desenvolvimento de todos esses aspectos. Assim, a

cidadania deve ser trabalhada de forma integrada em relação aos diferentes aspectos que a compõem e pelos diferentes setores da sociedade, envolvendo as políticas de todas as áreas e, mesmo as ações específicas de uma entidade particular devem estar integradas com outras entidades ou grupos.

A cidadania se inscreve na ordem do saber, como aprendizado de conteúdos essenciais para o desenvolvimento de uma consciência crítica, na ordem do saber-fazer, envolvendo uma ação consciente. Funda-se na racionalidade da aquisição de conhecimentos e tomada de consciência e também na sensibilidade, sendo o cidadão capaz de manifestar seus sentimentos, isto é, ser solidário em relação ao outro (FERREIRA, 1993, SAWAIA, 1994). Com essa amplitude, a educação à cidadania deve estar contemplada nas propostas pedagógicas da escola e também fazer parte de propostas educativas fora da escola. O CEPAJ caracteriza-se por ser uma experiência de trabalho fora do âmbito escolar, aliada à escola, que desenvolve ações educativas voltadas para a conquista da cidadania de crianças e adolescentes, organizada na comunidade, de forma articulada com segmentos da comunidade local (famílias, escolas da rede pública, associações de bairros etc.) e segmentos da comunidade maior (conselhos de direitos da criança, conselhos tutelares, entidades governamentais e não governamentais de atendimento a criança, entidades de defesa da criança, entidades de pesquisa etc.).

O CEPAJ, enquanto um desses múltiplos espaços de construção de valores e de uma prática cidadã, será evidenciado, a partir de agora, em alguns aspectos da sua proposta que tem em seus princípios a educação de crianças e adolescentes à cidadania.

Criado em 1983 através da ação de professores da Universidade Católica de Goiás - UCG que apresentaram o *Projeto de Criação de uma Aldeia Juvenil (1982),* redefinido no documento *Repropondo a Aldeia* (1984), o CEPAJ soma-se às iniciativas, em todo o país, das propostas alternativas de atendimento à infância e adolescência, em meio aberto, de promoção dos direitos e desenvolvimento integral. A UCG, no contexto de crises e transformações dos anos 1980, define novas linhas do modelo de Universidade com base nas orientações das Pastorais da Igreja Católica, explicitadas no documento *As Grandes Linhas e Critérios Operacionais* (1988), que entre outras linhas define-se por uma universidade comprometida com a realidade local e nacional, pela produção de um conhecimento científico em sintonia com as necessidades da sociedade e o bem-estar do ser humano (1993). A UCG entra definitivamente para o campo de intervenções e investigações

do universo infanto-juvenil. O CEPAJ consolida-se nos anos 1980, acumulando uma rica experiência de trabalho nas suas diversas áreas de atuação: o atendimento direto à criança, ao adolescente e à família; a assessoria e capacitação de profissionais em diversos níveis; a orientação e supervisão de estagiários, a realização de eventos, a realização de estudos e pesquisas sobre a temática da criança, além de contribuições na área de defesa dos direitos da criança e na formulação de políticas públicas através da participação nos conselhos. Essa experiência ampla e articulada tornou-se um espaço de objetivação cotidiana da educação à cidadania e de realização do projeto acadêmico da universidade que integra o ensino, a pesquisa e a extensão. Nos anos 1990, o trabalho inicia uma série de redefinições, buscando consolidar sua identidade enquanto um centro de estudos e pesquisas, decorrentes das próprias mudanças do trabalho e das condições histórico-acadêmicas alcançadas.

O Centro de estudo, pesquisa e extensão, segundo o Documento de Criação do CEPAJ (1994), tem como objetivo:

> - Buscar compreender fenômenos relativos à infância, adolescência e dinâmica familiar através de estudos e pesquisas nas diversas áreas do saber, objetivando a produção de novos conhecimentos científicos.
> - Desenvolver metodologias de trabalho com crianças e adolescentes de camadas populares, na perspectiva de propor soluções mais apropriadas para os fenômenos que se apresentam na região Centro Oeste.
> - Elaborar propostas de políticas públicas voltadas para a infância e a adolescência e buscar influir nos mecanismos de formulação dessas políticas existentes no Estado, a exemplo dos conselhos de direitos da criança e do adolescente.
> - Contribuir para a capacitação de agentes sociais, como alunos, professores, profissionais diversos, agentes comunitários com o propósito de melhorar a qualidade técnica de suas intervenções em programas, projetos e entidades que atendam crianças e adolescentes, bem como daqueles que participam em conselhos tutelares e de direitos.
> - Difundir conhecimentos científicos e informações diversas sobre a infância e a adolescência...

Os objetivos apresentados revelam que o CEPAJ busca organizar as ações de capacitação já desenvolvidas, estruturar o setor de produção/sistematização de conhecimentos referentes à infância e adolescência e continuar a linha do atendimento. Avaliou-se que a experiência do atendimento direto a grupos de crianças, adolescentes e famílias dos estratos populacionais mais pobres coloca vários desafios para os quais ainda se tem carência metodológica e que o atendimento direto também alimenta outros setores (capacitação, pesquisa). Para realizar os objetivos propostos, o CEPAJ mantém a seguinte organização: coordenação geral, núcleo de atendimento, núcleo de capacitação e núcleo de estudos e pesquisas. Os núcleos organizam suas atividades através de programas.

O núcleo de atendimento desenvolve ações com grupos de crianças, adolescentes e famílias no espaço do CEPAJ, através do *Programa Adolescente e Trabalho*, do *Programa de Recreação e Lazer*, do *Programa de Apoio, Educação e Sexualidade*, do *Programa de Apoio e Orientação Sócio-Familiar*. Esses programas contribuem para a vivência/testagem de metodologias de trabalho com a criança/adolescente e também recebe alunos para o desenvolvimento de estágio curricular e extracurricular.

O núcleo de capacitação desenvolve ações sistemáticas e contínuas de formação em relação à equipe que atua no CEPAJ (seus educadores e estagiários) e em relação a outros agentes sociais de educação (professores de primeiro grau, conselheiros de direitos e tutelares e profissionais diversos). São ações propostas em vários programas de capacitação: *Programa permanente de formação de estagiários e professores, Programa permanente de formação e aperfeiçoamento de professores e equipe de apoio, Programa de formação de professores de primeira fase da rede pública de escolas vizinhas ao CEPAJ, Programa de formação de agentes públicos formuladores e executores de políticas públicas para infância e adolescência.*

Por fim, o núcleo de estudos e pesquisas tem a responsabilidade de produzir e sistematizar pesquisas sobre a temática da infância e adolescência.

O CEPAJ mantém-se articulado com diversas entidades e movimentos da área infanto-juvenil, fortalecendo assim a sua prática educativa, contribuindo de forma ampla para a discussão e a proposição de metodologias na área da infância e adolescência e atuando de forma integrada para a construção da cidadania de crianças e adolescentes. Está articulado com o fórum de entidades não-governamentais - *(Fórum DCA)*, apóia as ações do *Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua - MNMMR*, faz parte do *Conselho*

Estadual de Direitos da Criança e do Adolescente, participa do *Fórum local contra a exploração e violência sexual de crianças e adolescentes*. Nos seus diferentes espaços de atuação, o CEPAJ tem a preocupação com o retorno de suas ações à criança e ao adolescente, contribuindo para o seu desenvolvimento enquanto pessoa e cidadão.

Essa preocupação está presente em todas as fases pelas quais passou o CEPAJ, desde a sua criação em 1983. Seja enquanto projeto, ou, atualmente, como centro de estudo e pesquisa, nos diferentes modelos de atendimento experimentados ou nas diversas atividades desenvolvidas ao longo dos anos. Como a presente pesquisa trabalhou com um grupo de sujeitos (grupo de investigação) ex-participantes do CEPAJ, que freqüentaram a instituição durante o período de 1986 a 1994, será enfocado, a seguir, um pouco do seu trabalho com as crianças e os adolescentes, através do cotidiano de algumas atividades que compunham o modelo de atendimento desse período. Do conjunto de atividades oferecidas pelo CEPAJ, serão caracterizados três momentos específicos que revelam o processo contínuo de educação à cidadania. São as atividades: *Brincando de Falar Sério, Reunião Comunitária, Reunião de Avaliação e Planejamento de Atividades.*

1.1.1 BRINCANDO DE FALAR SÉRIO - (BFS)

Essa atividade foi criada com o objetivo de oportunizar momentos sistemáticos de integração entre a vida no espaço micro-social da Aldeia Juvenil e a sociedade maior , através da discussão de temáticas emergentes do contexto conjuntural sócio-econômico-político, utilizando de inúmeras formas de linguagem e expressão com as crianças e adolescentes. Sua proposta tem uma dimensão eminentemente política, visando contribuir para a formação da consciência crítica, para a participação e organização das crianças/adolescentes em torno do conhecimento de seus direitos e deveres, para a reivindicação e defesa de direitos.

A realidade imediata, vivida pelas crianças/adolescentes na convivência diária da Aldeia Juvenil ou em sua comunidade, era o ponto de partida para a reflexão sobre outras formas de convivência, existência e organização na sociedade. A atividade prática no *BFS* de construção de uma maquete do bairro onde mora, por exemplo, levou à discussão e

à busca de informações, aproximando assim a criança/adolescente da sua realidade local. No final da atividade, a criança/adolescente organizou um conjunto de informações sobre sua comunidade: os valores culturais, sociais e políticos daquela região, dados sobre os aspectos estruturais do bairro, as necessidades de seus moradores, os problemas que enfrentam, propiciando a identificação com essa realidade, o seu questionamento, a ampliação do espectro de leitura e interpretação da realidade vivida.

Do estudo do espaço geográfico local, a criança/adolescente pôde fazer abstrações e generalizações acerca da realidade de diversos segmentos populacionais e compreender que a realidade vivida em seu bairro não é única, mas é específica a determinado segmento social; perceber que existe uma lógica de organização da sociedade que não passa pela capacidade ou incapacidade individual, como se faz pensar. A percepção de suas condições objetivas de vida a aproxima de determinados grupos, a diferencia de outros e a leva a pensar sobre a produção das igualdades e desigualdades. A consciência crítica das desigualdades vividas pela criança/adolescente e por seus de pares é o primeiro passo para mobilizá-la a conhecer seus direitos e os mecanismos de reivindicação. Apesar dos direitos serem individuais, devem ser conquistados pela coletividade dos excluídos, emergindo nessa atitude o sujeito político capaz de construir sua história, com autonomia, responsabilidade, sem o ranço da dependência, do esmoler, que normalmente acompanha a tradicional política dos direitos vistos como favores, doações, concessões (DEMO, 1994, 1995, 1996).

A cada tema discutido no *Brincando de Falar Sério,* buscava-se assegurar o espaço para que o sujeito criança/adolescente se manifestasse, expressando a sua compreensão, os seus sentimentos em relação ao mundo. Como o *BFS* era realizado em grupo, as diferentes compreensões de mundo se manifestavam, se confrontavam, se complementavam, eram modificadas e ampliadas. O momento da atividade propiciava ao sujeito criança/adolescente o importante exercício de expressar sua opinião, ouvir a opinião do outro, questionar as situações dadas, tomar posição diante das informações, avaliar criticamente as situações que lhe eram apresentadas, discutir alternativas frente às dificuldades (COVRE, 1994). São novas atitudes que passam a compor o cotidiano do sujeito político, não só no espaço da Aldeia Juvenil, mas em outras esferas da sua vida.

O espaço de discussão do *BFS* possibilitava à criança/adolescente fazer leituras da realidade diferentes daquelas postas como dominantes e definitivas, contribuindo

para a tomada de consciência da ordem injusta e desigual de organização da sociedade e para sua identificação com o segmento da população discriminado e excluído. O exercício cotidiano de participação, discussão e tomada de decisões constrói uma postura de questionamento, desperta para a importância da união na defesa dos interesses. Quando esse novo modo de agir e pensar e, também, de sentir se instala no indivíduo, é possível operar mudanças em sua vida, pois emerge a posição de sujeito capaz de traçar o seu próprio destino. Essas transformações eram evidentes nas crianças/adolescentes pelos depoimentos de seus pais e professores, que estranhavam seus novos comportamentos, interpretados como desobediência ou rebeldia, quando apenas eram o exercício do direito de discordar, de expressar a sua opinião, de fazer perguntas, de querer saber os motivos pelos quais seus direitos lhes eram e são negados.

1.1.2 REUNIÃO COMUNITÁRIA

Atividade congregadora dos vários participantes da vida cotidiana da Aldeia Juvenil - crianças e adolescentes, equipe de educadores e estagiários -, fórum máximo de participação e de decisão da vida naquele espaço. Assim era a *Reunião Comunitária.* Para Campos (1987), a *Reunião Comunitária* é "o espaço principal de interação, de mediação e elaboração de aspectos fundamentais de vida comunitária", das necessidades reais para a sobrevivência da comunidade à organização dos princípios e regras de convivência, aos desejos e expectativas de cada participante. A *Reunião Comunitária* buscava ser o espaço coletivo de discussão e deliberação sobre a convivência comunitária, contribuindo para o crescimento, a organização e o exercício democrático da cidadania.

A *Reunião Comunitária* acontecia aos sábados, quando os grupos de crianças e adolescentes do período da manhã e da tarde se reuniam. Logo após o café, todos se acomodavam em uma das salas para a reunião - as crianças/adolescentes, representantes dos estagiários e dos educadores da equipe de coordenação. A coordenação dos trabalhos ficava a cargo de um dos membros da equipe de educadores. Na seqüência do processo educativo, as crianças/adolescentes passaram também a coordenar as reuniões. No primeiro momento, definia-se a pauta que contemplava assuntos levantados pelas crianças e

pela equipe de educadores. Cada assunto era exposto inicialmente pela pessoa que o levantou. Depois era aberto o debate e, dependendo do assunto, podia acontecer também o encaminhamento de propostas e a sua votação. A reunião era registrada, contendo o desenvolvimento dos assuntos e o nome de todos os participantes.

Na tentativa inicial de sistematização das reuniões comunitárias, era realizado ao final de cada mês o fechamento de alguns dados sobre a reunião: duração, número de crianças/adolescentes participantes, classificação dos assuntos discutidos e a abrangência da discussão de cada assunto. Esses registros chegaram a classificar cinco ordens de assuntos levantados pelas crianças/adolescentes nas reuniões, relativos a: convivência comunitária, atividades, pessoal, sócio-político mais amplo e administrativo. Orientando-se por essa classificação e pela leitura prévia das pautas de reuniões nos vários livros de registro, observa-se que o maior número de assuntos tratados pelas crianças/adolescentes diziam respeito à temática da convivência comunitária, como o desrespeito a princípios estabelecidos pelo grupo. Em seguida, os temas sobre as atividades, como horários, escalas, cuidado com os materiais; os temas pessoais vinham em terceiro lugar, como a discussão de problemas particulares, familiares; depois, os temas sócio-políticos mais amplos também levantados pelas crianças/adolescentes, como a violência no bairro, o uso de drogas pelos jovens, a situação de desemprego dos pais; e por fim os temas administrativos, como a distribuição do dinheiro da comercialização da produção.

Nesse espaço de ação comunicativa, construiu-se um sentimento de confiabilidade e legitimidade que fez da *Reunião Comunitária* o espaço adequado para as discussões e decisões sobre diferentes assuntos de interesse coletivo e para aprender a avaliar e ser avaliado, criticar e receber críticas, superando as dinâmicas de revanchismo e agressões. A criança/adolescente percorreu um longo caminho de aprendizagem pessoal e coletiva, com a participação em várias reuniões, exercitando o direito de falar e ser ouvida, aguardar a sua vez de falar, receber críticas sem partir para as tradicionais agressões físicas ou verbais, argumentar a sua defesa frente a possíveis acusações.

Em depoimentos registrados, é comum ouvir as crianças/adolescentes dizerem que na Aldeia Juvenil aprenderam a "conversar, a escutar o outro, a resolver os problemas na base da conversa." Isto se torna importante para pessoas que não conseguem ser ouvidas na sociedade, que têm silenciados seus sentimentos, desejos, necessidades e direitos. A ação discursiva no grupo possibilita ao sujeito a elaboração de conhecimentos

socialmente partilhados e de conhecimentos sobre si próprio. O espaço comum do CEPAJ constitui-se naquilo que, segundo Arendt (1995, p. 188-189), é o espaço da ação e do discurso, em que as pessoas realizam sua capacidade para falar e agir; esta qualidade do discurso e da ação revela-se "quando as pessoas estão com outras, isto é, no simples gozo de convivência humana, e não 'pró' ou 'contra' as outras". (1995, p. 192.).

Em muitas discussões, chegava-se a impasses quanto ao encaminhamento, abrindo-se espaço, então, para a formulação e votação, caso não houvesse acordo, das propostas apresentadas. Essa dinâmica favorecia à criança/adolescente avaliar uma dada situação sob vários aspectos, não permanecendo na análise imediata da situação, pois a realidade é plural, ao contrário da homogeneidade ideológica que se nos apresenta; possibilitava a experiência de colocar-se em posição diferenciada para decidir, a aprendizagem da tomada de decisões conjuntas, de realizar escolhas e de conviver com outros. São todos aprendizados que possibilitam o exercício do jogo democrático, condição fundamental para a construção da cidadania. Quando esta dinâmica acontece com crianças/adolescentes que estão em pleno processo de formação de identidade, acredita-se que esses aprendizados possam contribuir para a mudança da cultura política da sociedade.

A vida em grupo exige que se estabeleçam princípios comuns de convivência para que o coletivo não seja apenas uma somatória de individualidades e não impeça a manifestação do individual. A *Reunião Comunitária* era o espaço legítimo de discussão, de decisão, de organização e de construção da coletividade, em que cada indivíduo contribuía para a construção do coletivo, sendo as decisões uma expressão das relações experienciadas na convivência do coletivo. Assim, os princípios e regras da coletividade eram construídos com a participação de todos, tornando-se responsabilidade de todos cuidar para que se tornem prática comum entre o grupo. Tratando-se de uma coletividade com finalidade educativa, o adulto educador tem um papel diferenciado na garantia das decisões do coletivo. Mas não faz isso sozinho e nem impõe decisões suas, valendo-se de seu poder de adulto sobre a criança. Os princípios de convivência, que dizem respeito a valores, para serem incorporados e respeitados pelo coletivo, passam pela interiorização individual; então, cada um deve assumir enquanto projeto pessoal os valores para que se objetivem no coletivo.

A *Reunião Comunitária* foi uma instância de referência na construção do coletivo da Aldeia Juvenil, na medida em que as decisões e definições referendadas por essa

instância passavam a fazer parte do cotidiano de cada indivíduo do coletivo, atuando no seu desenvolvimento particular. E, em contrapartida, era a diversidade das subjetividades que compunha e transformava o coletivo (JOVCHELOVITCH, 1994). A atividade da *Reunião Comunitária* significava um desses espaços plurais, de alteridade, democráticos, de intersubjetividade, de potencialização do desenvolvimento pessoal e coletivo para o exercício da cidadania.

1.1.3 REUNIÃO DE AVALIAÇÃO E PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES

A *Reunião de Avaliação e Planejamento de Atividades* constituiu-se em uma instância de participação direta das crianças/adolescentes na organização da vida coletiva e nos cuidados da comunidade. A reunião acontecia no início da semana com cada equipe de atividade dos setores de suinocultura, avicultura, fruticultura, horticultura, jardinagem, oficinas e alimentação e limpeza. Eram reuniões mais rápidas, de que participavam as crianças/adolescentes da equipe, o educador responsável pelo setor em questão e um educador da equipe de coordenação. Nas reuniões eram avaliadas as atividades da semana anterior. Num segundo momento, discutia-se o planejamento das atividades para a semana. Havia também um momento da auto-avaliação. Cada um falava como esteve na atividade e como percebeu o outro. Nessa reunião também se elegia a criança/adolescente para coordenar a equipe.

Nesse espaço, a criança/adolescente era reconhecida como sujeito em todo o processo da atividade, adquirindo conhecimento e domínio da atividade em todos os seus momentos: planejamento, execução, avaliação. A reflexão diária de suas atividades contribuía para o desenvolvimento de uma ação consciente, refletindo em suas vidas na organização do seu próprio espaço, no planejamento de suas ações, de seu projeto de vida.

Nas reuniões, era freqüente a discussão sobre a figura do coordenador de equipe. A experiência de um igual ser escolhido pelo grupo para exercer a coordenação da equipe era nova para eles e propiciou um aprendizado para os próprios educadores. As avaliações permanentes das crianças eram direcionadas para o perfil e o desempenho do coordenador. No exercício de coordenar, acontecia do coordenador criança/adolescente

tomar posse do poder delegado pelo grupo para seu próprio privilégio, não ajudando nas tarefas, não discutindo com o grupo, dando ordens aos colegas, punindo-os, ou manter-se ausente, não conseguindo falar com os colegas de equipe.

As práticas dos diversos coordenadores motivaram as discussões sobre o perfil e o papel do coordenador de equipe e do grupo coordenado. Como cada um compreendia o papel do coordenador, quais os critérios necessários para ser coordenador e como o grupo pode contribuir no processo de coordenação foram questões constantemente avaliadas, propiciando lentamente mudanças nos modelos de coordenação. O fato de todas as crianças/adolescentes poderem experimentar o exercício da coordenação também influenciou no aperfeiçoamento dos modelos de coordenação e na realização de escolhas mais maduras.

A atividade dessa reunião, consideradas as limitações de sua experiência, ampliou o espaço de aprendizado e de participação das crianças/adolescentes.

Seja no *Brincando de Falar Sério*, na *Reunião Comunitária*, na *Reunião de Avaliação e Planejamento de Atividades*, ou em outras atividade realizadas, o CEPAJ tem expressado profundo respeito à criança e ao seu direito de sê-lo, buscando sempre contribuir para o seu desenvolvimento, reconhecendo a sua condição de pessoa em desenvolvimento, o que não a impede de ser sujeito desse processo. O CEPAJ busca garantir um espaço de convivência e participação mais democrática, um espaço plural, onde a presença do outro signifique a possibilidade de construção de vidas individuais, de subjetividades mais solidárias e democráticas que sustentem os princípios da democracia e da cidadania; a possibilidade de construção de vidas em comum, coletivas, enquanto espaços de alteridade, onde se aprenda a viver com o outro, respeitando as suas diferenças e reconhecendo-lhe os direitos, com consciência de seus afetos, desejos e necessidades pessoais, sem se tornar indiferentes aos afetos, desejos e necessidades de seus pares, sendo sensível e mobilizando-se para a lutas coletivas.

Nesse espaço de interação comunicativa da vivência de cidadania, sustenta-se a elaboração de conhecimentos, de significados sobre cidadania para os jovens que participaram de sua experiência.

O CEPAJ, enquanto proposta de estudo e intervenção junto ao segmento infanto-juvenil desenvolvida por uma universidade, considera relevante ressaltar o papel fundamental que esse trabalho também expressa para a realização dos fins e objetivos de

uma universidade que se define por uma vocação comunitária, de defesa e valorização da vida, também contribuindo para a garantia dos direitos humanos e para a construção da cidadania.

1.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

A constituição da criança e do adolescente enquanto sujeitos de direitos, conforme se tratará mais adiante, aconteceu no movimento dinâmico da história e de seus determinantes, através das demandas diárias vividas por esses sujeitos em suas relações sociais. É justamente nesse espaço, entre a realidade vivida, cotidiana ea realidade que circula na sociedade que estão situadas as representações sociais. O presente estudo objetiva conhecer as representações sociais de cidadania, como forma de conhecimento constituído pelos atores sociais - jovens das camadas de baixa renda da sociedade. Para isso, neste momento, busca compreender a gênese, a natureza, a função, os processos de elaboração e de estruturação da *representação social* (doravante RS), na perspectiva compreendida pela psicologia social.

O campo de estudo das RS surge enquanto uma forma de conhecimento situado no cotidiano das relações sociais, inscrevendo-se dentro de uma epistemologia construtivista, dentro do novo paradigma emergente da ciência pós-moderna que concebe um conhecimento não dicotomizado, implicando na superação da separação sujeito-objeto, subjetivo-objetivo, individual-coletivo eo reconhecimento do senso comum enquanto forma de conhecimento prático que dá sentido e orienta as ações dos sujeitos no cotidiano (SANTOS, 1997, p. 36-58). Seu criador, Moscovici (1978), situa a teoria das RS no campo da psicologia social, diferindo-se assim da sociologia, que enfatiza a predominância dos determinantes sócio-econômicos e a separação entre individual-coletivo. Difere também da psicologia social de orientação norte-americana pela sua abordagem individualizante e aistórica. A sua aproximação faz-se com a psicologia social de tradição européia, constituindo-se um privilegiado campo teórico e de pesquisa. Farr coloca que a psicologia social interessa-se "pela relação entre o indivíduo e a sociedade" e, neste sentido, ela "perde a sua vitalidade se um dos dois pólos dominar o outro" (1994, p. 52). No entendimento de

Guareschi & Jovchelovitch (1994) a psicologia social situa-se nesta tensão entre o indivíduo e o social, mas sem reduzi-los um ao outro; compreende que vidas individuais "tomam forma e se constroem em relação a uma realidade social"; e que a "história e a sociedade são aspectos constitutivos dos fenômenos psicossociais sem negar especificidade ao fenômeno psíquico" (1994, p. 18).

O estudo das RS inaugurado com o trabalho de Moscovici em 1961 sobre as representações sociais da psicanálise contribui para o estudo de fenômenos complexos como a produção simbólica e a elaboração de novos instrumentos técnico-metodológicos nesse campo. Tomando-se a perspectiva da psicologia social, da qual participa Moscovici, é fundamental assinalar a presença do sujeito, não apenas como sujeito epistêmico, mas também como sujeito empírico (SANTOS, 1997, p. 50), revelando a sua participação na construção do conhecimento e da própria realidade social. Souza Filho (1995) diz sobre esse aspecto que "o campo de estudo de RS surgiu de uma crítica aos modelos que reduziam a participação do sujeito, tanto na produção autônoma da história, quanto da consideração de sua capacidade criativa através de função simbólica complexa" (1995, p. 110). A concepção de sujeito da história, sujeito de direitos, confere à criança e ao adolescente a possibilidade de uma nova posição e de participação na sociedade, enquanto ator social, que participa da construção de sua cidadania e de um conhecimento sobre cidadania.

Moscovici (1978) encontrou inicialmente, na sociologia, no conceito de representações coletivas elaborado por Durkheim, o apoio para a teoria de RS e ao mesmo tempo a necessidade de elaborar um novo conceito que expressasse os fenômenos de interesse em seus estudos. Farr (1994, p. 36) destaca a distinção que Durkheim fazia entre representações individuais e representações coletivas, entre pensamento individual e pensamento social, sendo que este último deveria ser tratado pela sociologia e aquele pela psicologia social. As representações coletivas referidas por Durkheim situam-se no contexto de sociedades mais tradicionais, mais estáticas, homogêneas e estão ligadas a conteúdos transmitidos através de gerações, como as tradições. No comentário de Sá as representações coletivas apresentam-se de forma autônoma em relação ao comportamento e pensamento individual. Explicitando melhor, "os indivíduos que compõem a sociedade seriam portadores e usuários das representações coletivas, mas estas não podiam ser legitimamente reduzidas a algo como o conjunto das representações individuais" (1995, p.

21). Mas o interesse de Moscovici (1978) dirige-se para o estudo de fenômenos situados na prática cotidiana, por pessoas comuns, que ainda não foram cristalizados na tradição, na cultura da sociedade e apresentam-se dinâmicos, mutáveis, constituindo-se em uma modalidade de conhecimento difundida pela comunicação. Esta nova ordem de fenômeno, Moscovici chamou de representações sociais, consideradas por ele como "teorias do senso comum".

Para melhor aproximar do que seja uma RS, tomamos aqui algumas sistematizações do conceito feitas por estudiosos da teoria e apresentadas por Sá (1995, 1996). Primeiro, Moscovici, o sistematizador da teoria das RS :

> "Por representações sociais, entendemos um conjunto de conceitos proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum" (1996, p. 31).

Em seguida, Jodelet, principal colaboradora de Moscovici, apresenta a sistematização do conceito de RS amplamente aceito pelos estudiosos do campo: "Representações sociais são uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social" (1995, p. 32).

Também Abric, um dos estudiosos no campo das RS e propositor da teoria do núcleo central, formula: "O produto e o processo de uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real com que se confronta e lhe atribui uma significação específica" (1996, p. 36).

Pode-se evidenciar, das definições destacadas, importantes questões sobre a natureza, o campo de fenômenos, a função e a estruturação das RS. Sá (1995) retoma o pensamento de Moscovici quando este situa na "arte da conversação" a gênese das representações. Quando os indivíduos expressam sua opinião, discorrem sobre determinado assunto, produzem e difundem representações sobre o mundo cotidiano que passam a orientar a comunicação e o comportamento do indivíduo e de grupos em relação ao mundo e a outros indivíduos e grupos. Assim, o indivíduo é visto como "pensador ativo",

envolvendo processos cognitivos, simbólicos e afetivos na construção de representações. Moscovici (1978) distingue dois universos de pensamento. Os universos reificados, do qual a ciência, com sua objetividade e rigor, faz parte e os universos consensuais, do qual fazem parte as "teorias" do senso comum produzidas pelas interações sociais cotidianas, situadas aí as RS.

Moscovici (1978) considera que a estrutura das RS apresenta duas faces inseparáveis: a figurativa e a simbólica, assim esquematizada:

$$\text{Representação} \quad \frac{\text{figura}}{\text{significado}} \quad .$$

A cada figura compreende um sentido e a cada sentido compreende uma figura. (1978, p. 65). A dupla natureza da estrutura da representação lhe confere uma dinâmica no ato de representar. Ao mesmo tempo o objeto é percebido, naturalizado dentro do contexto do sujeito, é dada a ele uma forma concreta, figurativa, fazendo-o inteligível ao universo do sujeito, dando-lhe um sentido, interpretando-o. O ato de representar é dinâmico no sentido de transformação, de reelaboração do objeto social. Esse autor coloca:

> "De fato representar uma coisa, um estado, não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo; é reconstituí-lo, retocá-lo, modificar-lhe o texto. A comunicação que se estabelece entre conceito e percepção, um penetrando no outro, transformando a substância concreta comum, cria a impressão de 'realismo' (...) Essas constelações intelectuais, uma vez fixadas, fazemos esquecer que são obra nossa, que têm um começo e que terão um fim, que a sua existência no exterior ostenta a marca de uma passagem pelo interior do psiquismo individual e social" (1978, p. 58).

A função das representações mostra-se em sua natureza dando sentido, tornando familiar o não familiar, colocando o que é estranho no universo consensual. Bauer (1995) chama essa função de função simbólica; a função de orientação das comunicações sociais e formação de condutas atribuída por Moscovici (1978), é caracterizada por Bauer como função pragmática. Com a ajuda das representações, o sujeito conhece e se orienta no mundo e, para este último autor, as representações, com seus recursos e limitações, "estruturam a cognição e o comportamento" (1995, p. 241).

A RS é tomada como uma forma de conhecimento marcadamente social do tipo senso comum. Spink (1995) situa a teoria do senso comum na perspectiva das RS

"enquanto teia de significados (GEERZ, 1983) capaz de criar efetivamente a realidade social" (SPINK, 1995, p. 120). Fica bem evidenciada a natureza social das RS eSawaia (1995, p. 77) deixa claro que o social não atua como uma variável , mas essencialmente está no processo de construção da RS. Estas são formas de conhecimento partilhado entre os indivíduos, através de suas interações. Essa dimensão é abordada por Spink (1995) quando fala do processo de elaboração das RS como conhecimentos sociais e sua elaboração deve ser compreendida no contexto de sua produção, no social. A autora apresenta uma noção nova de contexto. Para ela o contexto de produção de RS é "essencialmente intertextual; ou seja, é a justaposição de dois textos: o texto sócio-histórico que remete às construções sociais que alimentam nossa subjetividade e o texto-discurso, versões funcionais constituintes de nossa relações sociais" (1994, p. 121-122). O social , compreendendo os conteúdos que circulam pela sociedade, não se manifesta à parte no indivíduo como fenômeno apenas intra-individual, mas no pensamento social e individual e produz mudanças mutuamente (SPINK, 1995, p. 98). As RS são identificadas enquanto produto social, são fenômenos psicossociais complexos.

Considerada enquanto conhecimento socialmente construído, a ênfase colocada no aspecto cognitivo e social na elaboração e desenvolvimento da RS não deve significar a exclusão do aspecto afetivo, que não deve ser tratado separadamente. O indivíduo, na tentativa de entendimento do mundo e produção de sentidos, atua de forma integrada envolvendo os aspectos social, cognitivo e também afetivo. Lane (1995) traz esta preocupação em relação aos estudos recentes em RS, que devem integrar os aspectos cognitivos, sociais e afetivos e cita Jodelet que também destaca o aspecto afetivo compondo a construção das RS :

> "as representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais e integrando, ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre as quais elas vão intervir" (1995, p. 61).

A construção de representações, ou seja, de significação simbólica é "simultaneamente um ato de conhecimento e um ato afetivo" pois, "tanto a cognição como os afetos que estão presentes nas representações sociais encontram a sua base na realidade social" (GUARESCHI & JOVCHELOVITCH, 1994, p. 20).

As representações fazem parte de um mundo de intersubjetividade em que o outro está presente em meio à diversidade de outros. Através da conversação, busca-se dar sentido e compreender a realidade e, ao mesmo tempo, se situar nessa realidade, representar-se no mundo social (GOFFMAN, 1995). Para Banchs, que cita Jodelet, "as representações expressam aqueles [indivíduos ou grupos] que as criaram" (1995, p. 97). Entende-se das colocações de Jovchelovitch (1994, p. 70-71) que o espaço das representações é o espaço público, compartilhado pelos sujeitos e onde se articula o coletivo e as intersubjetividades. Nesse espaço, as representações, segundo a autora, são cultivadas. Afirma também que as RS "enquanto fenômeno psicossocial, estão necessariamente radicadas no espaço público e nos processos através dos quais o ser humano desenvolve uma identidade, cria símbolos e se abre para a diversidade de um mundo de outros" (1994, p. 65). Segue argumentando sobre a relação entre espaço público e RS e mostra que a alteridade, aspecto fundamental da vida pública, também é condição necessária ao desenvolvimento simbólico, processo este que está na base da constituição do eu, da particularização do indivíduo ena produção das representações. E ambos fundam-se no coletivo, no social. Ainda, segundo a autora, o espaço público é o lugar comum para a ação dos sujeitos sociais "desenvolver e sustentar saberes sobre si próprios - ou seja, representações sociais" (1994, p. 71).

Na produção de representações sociais o sujeito vai além de sua individualidade, adentra no mundo coletivo e partilha significados, descobre e constrói sentidos. Nesse mundo comum, o sujeito se utiliza de mediações para compreendê-lo. Na organização do mundo comum, existem processos que realizam a mediação entre sujeito e mundo, mediações sociais em sua essência, como a comunicação, que vão gerar, segundo Jovchelovitch (1994), as representações sociais. Como as RS são construções sociais de um mundo partilhado, elas "não apenas surgem através de mediações sociais, mas tornam-se, elas próprias, mediações sociais. E enquanto mediação social, elas expressam por excelência o espaço do sujeito na sua relação com a alteridade, lutando para interpretar, entender e construir o mundo" (1994, p. 81).

As RS, enquanto mediação social, estabelecem mediações com a realidade social. As formas específicas dessas mediações acontecem através dos processos de objetivar e ancorar, que, segundo Moscovici (1978, p. 110), constituem os processos formuladores da RS. O processo de objetivação é definido por ele como o movimento de

duplicação do sentido em uma figura, dando materialidade ao conceito e trazendo para o plano material - o plano real - o simbólico, naturalizando o que era abstrato. Sá (1996), citando Moscovici, diz: "objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma idéia ou ser imprecisos, reproduzir um conceito em uma imagem (...) desde que nós pressupomos que as palavras não falam de *nada*, somos compelidos a ligá-las a alguma coisa, a encontrar equivalentes não verbais" (1996, p. 47). No processo de objetivação, o objeto de representação é substancializado, passando a fazer parte do social.

O segundo processo fundamental para a elaboração das RS é a ancoragem. Este processo diz respeito ao movimento de aproximação do objeto de representação ao universo de referências do sujeito tornando-o inteligível à sua compreensão e interpretação. Partindo da estrutura conceptual e figurativa da RS ancorar pode ser caracterizado como o movimento de conversão de uma figura por um sentido dentro de um contexto específico. Para Moscovici (1978, p. 130-131) ancorar envolve as operações de classificar e denominar o que era estranho dentro de escala de valores e categorias pré-existentes na sociedade. Novamente Sá (1996) cita as contribuições de Jodelet e Doise, estudiosos da teoria de RS, na explicitação do processo de ancoragem: "consiste na integração cognitiva do objeto representado a um sistema de pensamento social preexistente e nas transformações implicadas em tal processo" (...) consiste "na incorporação de novos elementos de saber em uma rede de categorias mais familiares" (1996, p. 46). Assim, complementando com o pensamento de Jovchelovitch, "os sujeitos sociais ancoram o desconhecido em uma realidade conhecida e institucionalizada e, paradoxalmente, deslocam aquela geografia de significados já estabelecida, que as sociedades, na maior parte das vezes, lutam para manter". (1994, p. 82)

Um conceito sempre presente nas discussões sobre RS é o de ideologia. Moscovici (1978) não deixa claro como o aspecto ideológico relaciona-se com as RS. Outros estudiosos do pensamento de Moscovici e da teoria de representação dedicaram-se ao estudo dessa relação. Sawaia (1995, p. 78) acredita que o conceito de ideologia contribui para desmistificação da independência e possível neutralidade das representações. No comentário desse seu trabalho, Guareschi (1994) coloca que o estudo da ideologia exerce papel fundamental na compreensão das dimensões ética, valorativa e crítica: "a dimensão valorativa, ética, jamais pode ser separada das ações e, por isso, de uma maneira ou de outra, ela está presente tanto no processo de construção das RS, como em sua

estrutura. Perder a dimensão de não-neutralidade dos processos e representações é empobrecer e mistificar tanto a uns, como as outras" (1994, p. 200). Esse autor reporta às concepções de Spink (1995) sobre o conceito de RS e ideologia. Para a autora, as RS são sempre ideológicas. No caso das representações enquanto conhecimento socialmente estruturado, a ideologia é concebida enquanto visão de mundo; quando o que está em foco é o aspecto da funcionalidade das representações na orientação e/ou criação de comportamentos, a relação com o conceito de ideologia aparece como "representações hegemônicas a serviço das relações de poder". Guareschi conclui que a tendência dos estudos no campo das RS é de "assumir uma definição de RS que inclua a dimensão ideológica" (1994, p. 202).

O estudo das RS é bastante diverso, constituindo-se em um novo campo, na perspectiva da psicologia social. Por isso mesmo, apresenta indefinições, questionamentos, tanto conceitual como metodológico; mas também apresenta avanços, contribuindo com numerosos estudos e pesquisas situadas em relação ao conhecimento prático, do senso comum, estabelecendo um diálogo científico entre esse saber e os paradigmas da ciência. Santos coloca que no paradigma emergente "a ciência pós-moderna procura reabilitar o senso comum por reconhecer nessa forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo" (1997, p. 55). O campo de estudos de RS é situado na perspectiva construtivista, em que o conhecimento é construído por um sujeito social com seus determinantes político, ético, valorativo, psicológico, sem negar, segundo Banchs (1995) a 'subjetividade individual', perigo que pode ocorrer na radicalização de alguns construtivistas.. Demo (1997) afirma que na direção do novo paradigma a "perspectiva construtivista assume abertamente a tese do objeto construído, mas, mais que isto, reconhece que a legitimação dos conhecimentos científicos se constrói social e historicamente, ficando para trás a expectativa positivista de formalizações transcendentais" (1997, p. 77-78). Conforme nos mostra Spink (1995, p. 86), a teoria das RS possibilita uma ampla discussão no campo das ciências sociais por se encontrar na interface entre os fenômenos sociais e pessoais e situar-se próxima a várias disciplinas, assumindo uma postura interdisciplinar.

A diversidade do campo de estudo das RS tem gerado um acervo considerável de pesquisas nesta área, utilizadas pelas ciências sociais e em específico nos últimos trinta anos pela psicologia social. A diversidade revela-se em relação aos objetivos

de pesquisa, aos temas e objetos sociais que demandam compreensão, aos procedimentos utilizados. Segundo Spink (1995), essa diversidade também se expressa devido à complexidade do fenômeno de RS que pode ser estudado como produto e como processo. No estudo das RS abordadas enquanto *produto*, as representações, nas palavras de Spink,

> "emergem como pensamento constituído ou campo estruturado. Nessa perspectiva a pesquisa visa depreender os elementos constitutivos das representações: as informações, imagens, opiniões, crenças etc. Entretanto, sendo estas sempre referidas às condições de sua produção, a análise dimensional do conteúdo tende a ser complementada pela investigação dos fatores determinantes da estruturação do campo de representação em questão" (1995, p. 90).

Enquanto *processo*, continua Spink:

> "as representações emergem como pensamento constituinte ou núcleos estruturantes. Nessa perspectiva a pesquisa volta-se à compreensão da elaboração e transformação das representações sob a força das determinações sociais, ou à compreensão do funcionamento e eficácia das representações na interação social (1995, p. 91).

Como Spink mostra, esta distinção é útil para classificar a produção de pesquisa no campo das RS, mas na verdade estas duas faces de estudo são totalmente imbricadas. Ao pesquisar os conteúdos de representação, esses nos remete aos mecanismos e determinantes de sua elaboração.

Compreendendo que a representação sempre parte de alguém em relação a alguma coisa, pode-se perceber a diversidade dos objetos sociais edos sujeitos que buscam compreender os objetos em questão. Os estudos empíricos de representação envolvem sujeitos de diferentes contextos sócio-culturais, fases do desenvolvimento humano, faixa etária, sexo, utilizando variadas estratégias metodológicas. Observa-se um acervo maior de pesquisas envolvendo o sujeito social adulto. Na perspectiva da psicologia social, as pesquisas sobre RS também focalizam mais o sujeito adulto, não destacando a criança e o jovem como atores sociais na sociedade. Alguns trabalhos de pesquisa relatados nas obras de diferentes autores (SPINK, 1995, GUARESCHI & JOVCHELOVITCH, 1994, LANE & SAWAIA, 1995, AZEVEDO & MENIN, 1995, SALLES, 1995, CAMPOS, 1994), enfocam o estudo de representações com sujeitos crianças/adolescentes e jovens, buscando

compreender diversos fenômenos de estudo a partir da concepção desses sujeitos no universo de suas relações sociais - na família, na escola, no grupo de pares.

1.3 UM OLHAR NA HISTÓRIA DA DISCUSSÃO SOBRE CIDADANIA

Tratar da temática da cidadania, presente na própria forma individual e coletiva do ser humano se constituir, é percorrer um longo caminho na história do homem. A sua discussão e elaboração ganha relevância em diferentes períodos da história e em diferentes sociedades que apresentaram condições histórico-sociais para o seu desenvolvimento do ponto de vista da elaboração teórica e da prática social. Assim, é importante na discussão da cidadania a preocupação em datá-la historicamente. Hoje, ela continua despertando o interesse de estudiosos e continua sendo um valor utilizado na avaliação do desenvolvimento das sociedades.

A produção sobre a temática cidadania é bastante ampla e rica. Neste estudo não se tem a pretensão de trazer algo de novo, do ponto-de-vista teórico, às produções existentes. Neste ponto, o objetivo é situar na história a sua discussão dentre as várias elaborações existentes. Pretende-se lançar um olhar, suscitar uma breve discussão, sem a intenção de trazer toda a história da cidadania, mas apenas fundamentar algumas concepções que orientam o presente trabalho e estão presentes na representação social elaborada pelos sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, é o olhar do pesquisador que recorta e privilegia concepções, colocando a sua visão .

Encontrando bibliografia extensa e em diversas áreas sobre a temática, o olhar foi direcionado para aquela que trata essa diversidade, incluindo leituras na área de educação, sociologia, política, psicologia, antropologia, recortando a discussão no sentido do enfoque mais social. O presente trabalho compreende, pois, a cidadania em suas determinações histórico-político-econômicas e em suas mediações psicológicas.

É nos séculos XVII, XVIII e XIX que se situa o desenvolvimento de importantes idéias que contribuíram na formulação das concepções atuais de cidadania. As mudanças sócio-político-econômicas de uma sociedade que trazia a idéia do homem religioso, da relação de poder entre soberano-súdito, da espiritualidade foram abrindo

espaços para a construção de uma sociedade em que a unidade central é o indivíduo, o princípio que guia esse indivíduo é a razão, a relação de poder se estabelece entre estado e cidadão e o direito do indivíduo está fundado na letra da lei, constituindo-se primeiramente em direitos civis.

A nação é o princípio que dá nova configuração e limites ao espaço geográfico, à organização do poder eà relação com o indivíduo. O estado-nação surge como a nova forma de monopólio de poder na sociedade, mas que aparece enquanto expressão da vontade do cidadão que, em troca, recebe a sua proteção. A sociedade de classes que se formou traz novas referências para as relações econômicas e políticas, para a vida em comunidade e familiar. É em meio a essas transformações que se atravessam os séculos XVII, XVIII e XIX e que a recém sociedade moderna embalada pelos ideais liberais desenvolve as idéias de cidadania.

Recorrendo a Ferreira (1993, p. 31), o conceito liberal de cidadania tem como alguns dos seus pressupostos básicos o direito natural, a igualdade perante a lei. O indivíduo tem direitos que lhe são próprios. Independentemente de qualquer poder, esses direitos são atribuídos ao indivíduo em si. Essa concepção está fundada, segundo Bobbio, na filosofia jusnaturalista, que parte da "hipótese de um estado de natureza, onde os direitos do homem são poucos e essenciais: o direito à vida e à sobrevivência, que inclui também o direito à propriedade e o direito à liberdade..." (1992, p. 73). Assim, a concepção existente de homem é a de natureza humana que possui direitos naturais. Tem-se aí, um homem abstrato que goza de uma pretensa igualdade natural entre seus pares. A liberdade, a igualdade vêem-se ameaçadas pelos interesses particulares, pelas paixões egoístas, pelo crescimento das sociedades, pela ordem econômica.

Ao *estado de natureza* surge o *estado civil*, continua Ferreira (1993, p. 59-61). Em sintonia com o novo *ethos* da razão, formula-se a concepção de homem da moral, detentor de direitos e deveres estabelecidos por lei e que devem ser garantidos a todos pela entidade jurídica, resguardando assim a igualdade entre os homens, a igualdade civil. O estado constitui o novo poder, sob a vontade dos homens, para viabilizar a ordem social, garantindo a igualdade entre os homens para exercer sua liberdade eprotegendo o direito à propriedade. Na visão liberal que se forma, o estado constitui o espaço público com o papel de conciliar os interesses privados de cada indivíduo e o interesse geral da sociedade, contando para isso com o aparato legal. Espera-se que todos os indivíduos, contando com

os mesmos direitos, tenham as mesmas chances para se desenvolver enquanto cidadãos. O homem continua a ser visto de forma abstrata, apenas no plano legal, vivendo numa sociedade idealista, em que o ideário liberal de igualdade não considera a realidade objetiva de uma sociedade individualista, competitiva, em que o mercado, a ordem econômica sobrepõe o interesse geral. A desigualdade social cresce ao lado do pressuposto de igualdade perante a lei.

O crescente desenvolvimento da ordem econômica passou a exigir um indivíduo com autonomia sobre si mesmo, livre para assumir contratos e dispor de si. Segundo Ferreira, na sociedade moderna "abandona-se a idéia do sujeito moral como parte de um todo social, para assumir a idéia do indivíduo autônomo, proprietário de si mesmo, de suas normas de vida e de tudo aquilo que conseguir acumular." (1993, p. 154). A sociedade moderna de homens livres, iguais perante a lei, enquanto sujeitos autônomos e independentes para atender a interesses particulares, serve ao princípio de mercado que se baseia na transação entre homens livres. O trabalhador e o proprietário são igualados enquanto homens livres para negociar, mas na realidade com poderes e condições diferentes para exercer a liberdade.

Na sociedade moderna, a cidadania é vista como se fosse estendida a todos os indivíduos independentemente de sua condição social; a lei vê a sociedade como um conjunto de indivíduos, um a um. Mas, de fato, a cidadania está associada ao poder econômico, à propriedade, que possibilita o ideal de indivíduo autônomo, independente, que garante o seu próprio sustento. O cidadão é o proprietário. Na lógica individualista da sociedade, a igualdade civil coloca os indivíduos na mesma posição e a capacidade ou não de prover o sustento próprio, de se autodeterminar é vista também de forma individualizada. Não se realiza o ideal de universalização da cidadania. A cidadania é parcial, inclui uma minoria dentro dos parâmetros criados pela sociedade. Para Ferreira, a cidadania é um atributo que serve para identificar o indivíduo na esfera pública e "todo processo de identificação pressupõe a existência da igualdade e da diferença, de si e do outro. (...) O atributo de cidadania evidencia o não-cidadão, o marginal, aquele que não corresponde às referências adotadas;" (1993, p. 20).

No contexto das sociedades ocidentais - de crescente industrialização, de expansão de mercado, de burocratização do estado, de privatização dos interesses coletivos, de afirmação dos valores da burguesia - funda-se a democracia do indivíduo, em

que o poder se situa nos indivíduos. Especificamente, o cidadão capaz de exercer o poder de escolha. É o sistema político que vai assegurar o interesse do indivíduo que se torna afirmação do particular, expressão do privilégio, da desigualdade.

Marshall (1967, p. 78-79), analisa que a categoria cidadania está em sentido oposto ao sistema de classe social; enquanto este é baseado no princípio da desigualdade, aquela se baseia no princípio da igualdade. Mas, para a lógica da sociedade capitalista, continua o autor, esses princípios opostos não implicaram conflito, pois, nesta mesma sociedade, o sistema de justiça tratou de justificar a desigualdade fora das condições objetivas de desenvolvimento da sociedade, colocando a riqueza como mérito e a pobreza como fracasso pessoal, legitimando a desigualdade dos não-cidadãos. Segundo Marshall, evidencia-se, na sociedade de classes, a desigualdade político-econômica vivida pelo indivíduo legalmente igual.

No clássico estudo de Marshall (1967, p. 63), *Cidadania, classe social e status*, o autor compreende a cidadania em três aspectos de direito e os associa a instituições específicas. Situa o desenvolvimento desses direitos levando em conta as condições históricas da sociedade em questão. A cidadania civil - ligada ao status de liberdade, à liberdade pessoal, de religião, de propriedade, de realizar contrato - é garantida pela instituição dos tribunais de justiça. A cidadania política - ligada à participação do indivíduo no exercício do poder, enquanto membro dele ou através do voto - é viabilizada pelo governo local, constituído pelos conselhos, parlamento. A cidadania social - direito ao bem-estar de acordo com os padrões da sociedade - tem como responsáveis as instituições de serviços sociais e o sistema educacional. Marshall é criticado ao conceber a cidadania dentro de uma compreensão evolucionista em que aquisição dos atributos de cidadania é realizável numa seqüência histórica. Barbalet (1989, p. 26) avalia que a separação feita por Marshall deve ser tratada com flexibilidade. Os atributos de cidadania têm, em seu desenvolvimento, tendência a se sobreporem. O pensamento desenvolvido por Marshall, considerando que a entidade dos tribunais pudesse resguardar a distribuição dos direitos, eliminando as desigualdades, não contava que as desigualdades também se manifestassem no acesso à Justiça.

Neste momento de formação do novo cidadão, a educação entra em cena com a tarefa de promover, no conjunto das novas forças econômicas, sociais, políticas edo conhecimento, a superação da velha ordem. Na sociedade burguesa, o princípio da

igualdade expressa suas contradições na educação. O discurso pedagógico burguês, segundo Buffa & Arroyo (1991, p. 22), propõe uma educação comum para todos até certo nível, diferenciando-se, a partir daí, de acordo com a classe social. Para o trabalhador era destinado o mínimo no sentido de formá-lo disciplinado e adaptado à nova ordem econômica.

A ampliação dos direitos de cidadania não significa a redução de desigualdades. Bobbio (1992) aponta que, na história do direito, este nasce de uma concepção individualista e universal, que está expressa na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, considerada marco para a história do direito. Os direitos ampliam-se além do ideário naturalista. Criam-se os direitos políticos e sociais. Nesta perspectiva, os direitos do homem ganham em concreticidade, mas perdem em universalidade, pois ficam restritos ao cidadão específico de uma nação. Por último, o autor situa a fase de internacionalização do direito que tem como marco histórico a Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948, que ressalta direitos individuais e direitos de todos os homens.

O desenvolvimento de todas essas idéias data de séculos em sociedades ocidentais específicas, mas referenciam a elaboração das concepções de cidadania em nosso século e em nossa sociedade. Compreende-se a cidadania enquanto uma categoria histórica, que possui um caráter dinâmico, em que as condições sócio-político-econômicas da sociedade revelam avanços e dificuldades na sua construção. E assim deve ser compreendida em seus determinantes histórico-sociais, político-econômicos, culturais eem suas mediações psicológicas.

O pensamento racionalista expressa-se nas mudanças no campo do conhecimento, no campo político-econômico e também contribui para a elaboração de uma nova subjetividade social, voltada para o individualismo (FERREIRA, 1993). Nesta subjetividade social, o outro é excluído, a diversidade não é aceita, a diferença não é reconhecida, a emoção é desvalorizada; existe apenas o indivíduo autônomo, a letra da lei como última palavra a seguir, a razão como valor essencial, a sociedade como forma homogênea, harmônica, devendo o diferente ser afastado. Elementos dessa subjetividade estão presentes na concepção de cidadania enquanto igualdade jurídica que ainda pode ser vista em nossa sociedade e que encontramos na representação que esta faz de cidadania. Dallari refere-se a essa concepção ao falar:

> "A noção de cidadania busca expressar a igualdade dos homens em termos de sua vinculação jurídica a um determinado Estado; portanto, este tem o poder de definir os condicionantes do exercício da cidadania. O cidadão constitui uma criação do Estado, que vai moldá-lo aos seus interesses." (1984, p. 61)

Tal concepção reforça a idéia do sujeito abstrato, genérico, ignorando as diferenças sociais existentes na sociedade. As diferenças cada vez maiores colocam grande parte da população em posição distante do mínimo definido para o cidadão; excluída de direitos sociais essenciais, vista como incapaz de participar do processo político, sem acesso à lei eao sistema de justiça. É uma concepção de cidadania extremamente formal, que capacita legalmente o cidadão, mas não lhe propicia as condições para exercer a cidadania.

Nessa concepção, pode-se observar outro componente que restringe o estado de cidadania. O estado define os condicionantes para ser cidadão e também controla a extensão dos direitos de cidadania à população. Assim, limita a participação dos sujeitos na reivindicação dos seus direitos, vendo-os enquanto objetos de direitos.

A autonomia do indivíduo moderno significou perda de liberdade na medida que fica submetido ao poder de coerção do estado. Sua participação no espaço político, público é condicionada pelo poder econômico, restrito a poucos. Uma minoria então goza da liberdade de participação democrática, inclusive para participar da luta por interesses coletivos como a conquista de cidadania.

Na modernidade contemporânea, notam-se avanços na conquista de direitos na esfera social. O processo de conquista desses direitos foi acompanhado de um ganho de espaço político para novos segmentos da população, não significando ainda uma efetiva participação. O espaço público de participação do cidadão ainda é limitado, reduzido a eventos cívicos, a momentos esporádicos de eleição. Para a universalização dos direitos e a sua efetivação, é fundamental a ampliação da participação política dos sujeitos. Eles precisam exercer a sua cidadania política. Nesse aspecto, a importância do espaço político e da capacidade política do cidadão da *pólis* grega são fundamentais.

Na *pólis* grega, a política estava situada na esfera pública; constituía a atividade principal do cidadão, pertencendo ao domínio da palavra e da ação. O cidadão, indivíduo livre, dedicava-se à política. A liberdade era exercida no mundo, com os homens, no espaço público da política em que se podia argumentar uns com os outros, agir em

conjunto; para isso, segundo Arendt (1995), a condição essencial da vida política é a pluralidade, no sentido da necessidade da existência de outros, para o discurso e a ação e para a afirmação da identidade individual. É nesse espaço comum que o indivíduo se diferencia na ação criativa do agir político e se forma enquanto cidadão com direitos iguais. A vida pública proporciona o encontro com os homens e com o mundo e, neste espaço plural, cria-se a condição fundamental para a construção de cidadania: a democracia.

Na modernidade contemporânea, o homem perde a capacidade política; cada vez mais, o espaço político é restrito àqueles que se dizem capazes de dominar a política, de representar o interesse de outros. A coisa pública é posta a serviço de interesses privados. Sistemas políticos desenvolveram-se reduzindo a participação dos homens na vida pública, no espaço comum, local, nas comunidades, cassando a palavra e a ação dos que buscam exercer sua capacidade política e de organização. Esses sistemas utilizam de ideologias que fazem crer na incapacidade do povo em exercer seus direitos políticos, em discutir e decidir no espaço público da política, contribuindo para o processo de desmobilização social. Assim, a ausência de espaços públicos, plurais, para o exercício democrático da participação, são aspectos que, segundo Adorno (1965), dificultam o desenvolvimento de personalidades democráticas que possam enfrentar o crescente isolamento do indivíduo da modernidade, a solidão da sociedade de massa, a intolerância e violência contra o outro, encarado como inimigo. Para Arendt (1995, p. 59-88), a liberdade do homem moderno está situada na esfera da vida privada; é a liberdade do indivíduo em troca da perda da sua capacidade política que o isola do mundo público. Para a autora, esse indivíduo também sofre a exclusão do mundo das coisas, quando perde a sua individualidade e a capacidade de criação; de *homo faber*, passa à condição de *animal laborans* cujo valor maior é o labor, vivendo para suprir suas necessidades materiais.

A formulação de cidadania e dos direitos humanos é de origem burguesa, mas nem por isso se deve negar a sua importância, ainda que formal, no reconhecimento da igualdade entre os homens. Weffort coloca que em termos formais a democracia moderna estendeu a igualdade e o direito de cidadania a todos, mas na prática não incorporou determinados segmentos; situa que o grande desafio é histórico e portanto continua na modernidade: "Como incorporar à cidadania as pessoas economicamente 'dependentes'?" (1981, p. 139). A categoria cidadania, histórica e, portanto, dinâmica, tem sido uma categoria estratégica na luta social para ampliação de direitos e dos segmentos sujeitos de

direitos e na própria reformulação de sua concepção. Zaluar (1994, p. 182) argumenta que se deve superar a concepção dividida de cidadania - parcelada em direitos e deveres isolados - que a reduz aos direitos sociais evê as desigualdades sociais apenas como diferenças materiais.

Contrariamente à concepção de cidadania enquanto igualdade jurídica apenas, formulou-se no interior das lutas sociais pela integração de todos os segmentos da sociedade à condição de cidadão, a concepção de cidadania como igualdade social, política, econômica, cultural. Nessa compreensão, há uma inversão da posição da pessoa, que passa de objeto de direitos a sujeito de direitos. O homem deixa de ser visto como um ser genérico, para ser concebido em sua concretude. Enquanto sujeito, deve sentir-se igual em direitos e deve participar do processo de conquista de seus direitos, da construção de sua cidadania. Percebe-se aí uma outra mudança, envolvendo a relação indivíduo-estado.

Na sociedade brasileira, a cultura política desenvolveu a idéia de direito enquanto concessão, doação do governante, que pode ser barganhado por votos, às custas da não participação do sujeito, da desmobilização da sociedade. Como afirma Covre (1986, p. 186), a cidadania também passa pela forma de atendimento como direito e não como doação. A relação estabelecida historicamente em nossa sociedade foi de doação, de dependência e submissão do sujeito enão de direitos que pertencem ao povo. Nessa nova compreensão, a cidadania surge enquanto um processo de conquista que conta com a iniciativa do sujeito na reivindicação de seus direitos individuais e do coletivo. Demo expõe, neste sentido, que a cidadania é conquista, devendo emergir dos interessados. "Os interessados, ou os desiguais, não são objeto da política social, mas sujeito principal, aparecendo o estado, ou qualquer outra instância, como instrumento de promoção, de motivação, de colaboração, não como condutor e dono do processo" (1996, p. 23). Para que o sujeito não tenha a sua cidadania tutelada por outros, a participação é uma dimensão fundamental. E esta necessita de espaços democráticos para existir, para ser exercitada. Esses espaços devem ser criados em todas as esferas da vida cotidiana, em que o sujeito possa aprender a planejar, a escolher, a tomar decisões sobre assuntos de interesse coletivo. Neste sentido, a igualdade política se dá na participação da pessoa enquanto sujeito político no direito de participar das decisões da vida pública, da definição de suas necessidades, de poder se autodeterminar de forma consciente e organizada.

É Demo (1994, p. 25) que diz que a organização política constitui canal essencial de participação, importante para o exercício da democracia para que esta se torne cotidiana, mudando assim, a cultura política de nossa sociedade. No processo emancipatório do sujeito, a dimensão política é importante, mas é necessário que aconteça também a emancipação produtiva do sujeito para realização de sua auto-sustentação. Para isso é prioritária a civilização do mercado, incluindo em seus fins a qualidade de vida da população desfavorecida; é preciso ampliar o acesso aos serviços e recursos materiais produzidos pela sociedade, efetivar um política de distribuição de renda, oferecer os meios para a auto-sustentação do sujeito. Não se atacam as desigualdades sociais se os sujeitos continuarem dependentes economicamente e sem participação política. As políticas públicas precisam ser de autopromoção do sujeito político e de capacitação do sujeito para a auto-sustentação. Assim, devem incluir em seus planejamentos a questão econômica.

Na perspectiva da construção de uma cidadania ampla, de qualidade, a participação daqueles que vivem a desigualdade, a exclusão, é fundamental dizer de suas necessidades, negociar seus direitos. Neste fim de século, observaram-se significativos avanços na conquista de direitos sociais e na inclusão de segmentos da população marginalizada na categoria de sujeito de direitos.

O direito à educação ganha na legislação de 1988 o sentido de universalização, como direito básico de todas as pessoas e dever do Estado. Isto em relação à educação de primeiro grau. Retoma-se a discussão da educação em relação à cidadania e aos novos desafios e paradigmas produtivos. Ainda é presente na sociedade - em termos de políticas, projetos pedagógicos, pensamento intelectual - a relação condicionada entre cidadania e educação. Buffa e Arroyo (1991, p. 79) afirmam a contribuição da educação na formação do cidadão. Mas entendê-la enquanto precondição é reforçar a dualidade entre cidadãos e não-cidadãos demarcada pela educação, contribuindo para exclusão daqueles que não têm acesso à educação. Para Ferreira (1993, p. 6), a formação para a cidadania encontra-se nos fins gerais da educação, mas carece explicitar os valores e meios para sua efetivação. Carrara (1996) situa a educação como espaço em que a população pode desenvolver-se no processo de conquista da cidadania. Mas a educação esteve sempre vinculada aos interesses econômicos e neste momento de mudanças globais na ordem econômica, renova-se o interesse econômico pela educação. Paiva aponta que

> "A revalorização do campo educacional como fonte de virtudes cidadãs, participação, solidariedade social, estabilidade política e transformação produtiva neste final de século é um fenômeno que aparece junto com a percepção das amplas proporções e conseqüências do surto de racionalização que, nos últimos anos, impõe ao planeta um novo paradigma produtivo, modificando o cotidiano, interferindo nos hábitos e nas expectativas e conduzindo à revisão do bem-estar social e da forma como as diferentes sociedades o promovem". (1993, p. 309)

Para que a concepção de cidadania fundada na igualdade social, política, econômica, cultural seja alcançada na prática cotidiana, os desiguais têm muito a conquistar. Em relação ao direito à educação o desafio é grande, passando pela sua efetiva universalização, pela qualificação do ensino e pelo estabelecimento de uma educação voltada para a cidadania.

O processo de ampliação e sustentação dos direitos compreendido como um fenômeno social sofre a contradição entre a teoria e a prática, entre a letra da lei e a prática social. As conquistas legais são importantes, mas não é fácil mudar os determinantes sociais, políticos, econômicos em que a cidadania se materializa, nem transformar as condições de dominação social impostas e aprendidas no cotidiano. Bobbio (1992, p. 24) acredita que a dificuldade maior hoje é a proteção dos direitos do homem, sendo esta uma questão política. Faltam condições objetivas para sua realização, não se reconhecem os direitos estabelecidos, as diferenças sociais criam aplicações também diferenciadas conforme o direito em questão ou conforme o destinatário. O autor considera que, neste sentido, a universalização dos direitos torna-se uma meta difícil, principalmente no campo dos direitos sociais e políticos, em que a igualdade dos indivíduos fica no plano genérico.

Um fenômeno ocorrido neste século, apontado por Bobbio (1992, p. 68-69), foi a multiplicação dos direitos. Em relação à sua própria extensão, os direitos aumentaram, englobando bens que passam a ser considerados direitos. A mudança da concepção do homem de ser genérico para indivíduo concreto, com necessidades específicas, contribuiu para que novos personagens (crianças, idosos, deficientes etc.) entrassem na luta por direitos, estendendo-se assim a mais sujeitos a titularidade de direitos. Principalmente em relação aos direitos sociais, o caminho foi seguir a diversidade dos novos atores sociais que passaram reivindicar, enquanto sujeitos de direitos, o reconhecimento das diferenças no atendimento a suas necessidades. Este é o caso da luta empreendida na conquista dos direitos das crianças e adolescentes.

Em meio às dificuldades e avanços permitidos pelo contexto sócio-histórico, a categoria cidadania tem-se renovado e com isso se renova a tentativa de mudar a prática cidadã em nossa sociedade. Ao longo da história, pode-se observar a reformulação da concepção de cidadania a partir de novas realidades que se formam e das novas necessidades que surgem. A categoria cidadania está em curso na história do homem.

A constituição do sujeito de direitos, as conquistas legais no campo dos direitos, incluindo diversos segmentos antes sem seus direitos reconhecidos formalmente não significa que a construção da cidadania em nossa sociedade está efetivada. Simplesmente porque há obstáculos reais impedindo a sua concretização. Trinta e dois milhões de indigentes (DIMENSTEIN, 1994, p. 53) é uma triste estatística que revela a distância entre o avanço legal e a sua operacionalização. A ausência de uma prática cidadã também constitui-se numa dificuldade real para o avanço da qualidade de cidadania. Não se pode deixar de fazer referência à ordem sócio-econômica desigual e perversa, dominante na sociedade brasileira. Foi nessa realidade, em diferentes períodos de sua história que a cultura política brasileira estruturou-se, fundada numa prática política baseada no privilégio e na exclusão. Nessa mesma realidade construiu-se uma subjetividade social que incorporou a divisão entre cidadãos e não-cidadãos, entre nós e os outros. Essas reflexões remetem ao que Birmam chama de "os fundamentos de nossos modelos de subjetividade e de cidadania" (1994, p.174).

Neste fim de século, questões diversas como a internacionalização do mercado, a valorização do individualismo, o fenômeno crescente da violência, a situação de barbárie social, exigem a reformulação do conceito de cidadania, a ampliação da modalidade de cidadania existente. A vida cotidiana é o espaço em que o indivíduo desenvolve-se em suas diversas dimensões, sendo que a dimensão sócio-econômica é uma forte referência para a construção da subjetividade. Para o desenvolvimento de um novo sujeito e a mudança do conceito de cidadania, é importante que também outras dimensões da vida cotidiana sejam consideradas, como a dimensão política, a ética, a estética, a psicológica.

Houve um real crescimento da participação da população no processo de conquista de direitos, constituindo uma consciência de direitos, a formação do sujeito de direitos. Mas ainda cresce o número daqueles que permanecem fora de qualquer sentido de cidadania. A formação da consciência crítica é condição essencial para a mudança de

consciência de sentir-se igual ao outro. A condição de sujeito de direitos passa pela ordem da razão, enquanto consciência de seus direitos e enquanto sentimento. O indivíduo precisa sentir-se igual para agir na defesa de seus direitos. Nessa concepção de cidadania, integra-se o pensar, o sentir e o agir. O sujeito em seu cotidiano expressa suas necessidades, sentimentos, desejos que integram o cidadão, que não deve ser visto apenas em suas carências ou faltas. Para Sawaia, a "consciência deve ser considerada na sua forma de conhecimento explicativo, como também no seu aspecto intuitivo-emocional, e o processo de conscientização deve contemplar desejos, necessidades e emoções individuais e coletivas" (1995, p. 50).

Para a cidadania nesta perspectiva é importante a manifestação do sujeito inteiro, como diz Heller (1970), consciente de sua particularidade (desejos, emoções, necessidades) e de sua genericidade (universalidade de direitos), consciente das necessidades do eu particular, sujeito de direitos edas necessidades de seus pares, as necessidades humanas.

No sentido de superar, como argumenta Sawaia (1994, p. 152), as separações que a sociedade produziu - dentre elas, razão e sentimento, objetividade e subjetividade, indivíduo e coletividade - a ampliação da categoria cidadania no contexto da modernidade contemporânea passa pela consideração de tais dimensões não em posições opostas, mas como fundamentais na formação do cidadão e de uma nova prática cidadã. A sensibilidade, a alteridade, a solidariedade são dimensões que precisam ser incorporadas à vida social e à constituição do cidadão. Uma nova modalidade de subjetividade, criada dentro da realidade objetiva de vida de nossa sociedade, capaz de incluir o outro que está na fronteira do social, o não-cidadão, de sensibilizar-se com as formas indignas de existência e lutar por sua mudança, de solidarizar-se com o outro, reconhecendo nele um sujeito de direitos em sua especificidade individual e diferença cultural. Esta nova subjetividade funda-se na valorização da ética para a instituição de uma nova prática social e política.

Para Covre (1994, p. 142), a ampliação do conceito de cidadania compreende o desenvolvimento de uma outra razão que inclua a preocupação não só com a sobrevivência, que reduz o homem ao *animal laborans* (ARENDT, 1995), mas também com as formas de viver, com a qualidade de vida. A cidadania é colocada como uma categoria estratégica, como possibilidade de desenvolvimento de uma nova razão, uma nova cultura. Para isso é fundamental a ampliação dos espaços democráticos na sociedade.

Nesta direção recoloca-se a importância da relação público-privado. Jovchelovitch (1994) trata da importância da vida em comum, principalmente na atualidade, que se encontra ameaçada pelo individualismo, isolamento e perversidade da modernidade. A esfera pública é o espaço da pluralidade e diversidade. Portanto, constitui-se, enquanto alteridade, espaço de encontro com o outro. A pluralidade e alteridade são aspectos essenciais que sustentam a construção de uma vida democrática e de cidadania; também sustentam o desenvolvimento de vidas individuais. A esfera pública é um espaço qualitativamente importante para o desenvolvimento das pessoas. Vivendo no espaço comum, umas com as outras, se reconhecendo no outro e construindo a sua individualidade a partir do encontro com os outros, as pessoas podem acreditar que "não existe vida humana sem a presença de outros seres humanos" (1994, p. 83); assim, pode-se ver o outro não como um inimigo, mas como alguém que precisa da solidariedade, um credor de direitos. É qualitativamente importante também para o desenvolvimento da capacidade política e do sujeito político que se constrói na ação e no discurso junto com os outros.

Rolnik considera que a cidadania não pode ser reduzida ao conhecimento dos direitos e deveres e ao seu caráter reivindicatório. Deve abrir-se para a dimensão da alteridade como possibilidade de, na diversidade, promover a "criação de novos modos de subjetivação, novos modos de existência, novos tipos de sociedade" (1994, p. 172), assim, além de atender aos direitos do sujeito, deve existir a preocupação com a qualidade da existência individual e coletiva.

A concepção de cidadania nessa perspectiva só é possível no espaço de vida em comum, no espaço da intersubjetividade.

1.4 CRIANÇAS E ADOLESCENTES: NOVOS PERSONAGENS NA CONQUISTA DE DIREITOS E CIDADANIA

No item anterior tratou-se da cidadania como uma categoria histórica, dinâmica, socialmente variável. A inclusão de novos direitos, novos conteúdos e de novos atores titulares de direitos é um movimento permanente na sociedade, tornando a categoria cidadania uma 'categoria estratégica' (COVRE, 1994, p. 141) no processo de mobilização e

organização da sociedade, na construção de novos parâmetros de sociedade, na ampliação da concepção de cidadania e de prática cidadã. A luta por direitos e cidadania colocou a infância e a adolescência no cenário nacional e internacional, contribuindo para a mudança da concepção de criança e adolescente como sujeitos de direitos. Essa mudança está associada à mudança da concepção de infância e adolescência na sociedade, à prevalência da concepção moderna de infância e adolescência que historicamente incorpora à noção de cidadania a constatação de que a criança tem direito a ter direitos.

Pretende-se nesta parte enfocar a trajetória e o protagonismo da infância e da adolescência enquanto ator social na conquista de direitos de cidadania. Pretende-se também descrever o contexto sócio-histórico em que os jovens participantes da pesquisa objeto do presente trabalho elaboraram suas representações sociais sobre cidadania. Deseja-se incluir as experiências vividas por esses jovens, na luta por seus direitos, bem como ressaltar a sua importância, limitações, contradições, além dos novos desafios apontados por diversos teóricos com relação às conquistas legais e sociais alcançadas pela sociedade brasileira no campo das lutas sociais por direitos e cidadania dos segmentos aqui enfocados.

Ao se falar sobre a concepção moderna de infância recorre-se às contribuições de Santos (1996) pelo amplo estudo sobre as principais teorias. A concepção moderna de infância e adolescência foi construída a partir da existência de um sentimento de diferenciação do mundo infanto-juvenil do mundo do adulto; a infância passa a ter uma natureza própria, sendo possível falar-se numa consciência da natureza particular da criança e do adolescente. Mas os parâmetros para construção do conceito de infância e adolescência seguem, como discute Santos (1996, p. 166), o 'paradigma do adulto', assim a criança e adolescente são vistos como seres 'incapazes', 'incompletos', ao contrário do adulto, que é visto como ser capaz e completo. A criança e o adolescente, nessa visão, são compreendidos como um vir-a-ser do adulto. Não são reconhecidos em si mesmos, mas na possibilidade de tornarem-se adultos. Daí os cuidados que cercam esse período da vida na intenção de preparar o futuro adulto.

A concepção de seres incapazes, dependentes, incompetentes para cuidar de si e de seus interesses reforça o poder e o controle do adulto sobre a criança e o adolescente nas diversas esferas da vida - familiar, escolar, na comunidade e em termos legais. A incapacidade atribuída à criança e ao adolescente é tomada como constitutiva da natureza infantil. Charlot (1986) posiciona-se de forma diferente em relação a esta naturalização da

incapacidade da infância; trata-a como uma construção social em que o modelo único do adulto é colocado como referência para a criança e adolescente que passam a assumi-lo como o desejado.

O processo de modernização das sociedades levou a mudanças também no modo de organização do cotidiano das famílias, na relação entre pais e filhos. A família passa a ter uma vida mais privada, centrada nas figuras do pai, da mãe e dos filhos, contribuindo para um clima de maior intimidade familiar que a fez voltar-se para a criança. Costa (1989) comenta que a preocupação com a higiene e a saúde marcam um novo sentimento em relação à criança. É a preocupação com a vida da criança que tornou-se importante. Outra preocupação da família moderna era a educação dos filhos, a sua carreira. Nesse contexto, deu-se a afirmação da concepção moderna de infância e adolescência adotada como concepção universal. Tomando a apresentação de Santos (1996), um dos traços principais da concepção moderna de infância foi a diferenciação social da infância. Ao contrário das sociedades passadas, a criança é afastada dos espaços de convivência e aprendizagem do adulto. Vivendo um período específico, deve-se cuidar dela e prepará-la também em espaços distintos dos do adulto. Com isso, acontece um deslocamento do espaço de socialização e aprendizagem predominantes, antes na família e na comunidade para os novos espaços da escola e dos grupos etários.

A especificidade do período de infância - tempo de preparação para a entrada no mundo adulto - faz com que ele seja prolongado; a adolescência, a juventude são períodos de transição à vida adulta. A escola torna-se o espaço privilegiado para a preparação da criança. Essa preparação se estende até a juventude. Às vezes, segundo Santos, a noção de infância fica vinculada ao tempo de preparar-se para o futuro, estudando; à condição de estudante. Para ele, a "formação desses grupos etários exclusivamente para jovens e a escolarização prolongada constituem-se em novos espaços de elaboração de identidade e estão entre as características mais marcantes que denotam a especificidade da concepção moderna de infância e adolescência." (1996, p. 156)

Outro traço que compõe a concepção moderna de infância para Santos (1996, p. 154) é a ausência de ritos institucionalizados e a descontinuidade entre a vida de criança e a de adulto. Aponta que nas sociedades modernas não se tem uma demarcação clara do término da infância e início da vida adulta, o que cria uma indefinição quanto ao papel esperado e cobrado. Por um lado, esperam-se atitudes de criança para certas coisas e,

por outro, exigem-se atitudes de adulto. A adolescência passa a significar um tempo de espera, de insegurança, de ambivalência em que se oscila entre ser criança e ser adulto.

A concepção moderna de infância e adolescência foi uma construção lenta que se deu em meio às transformações para o modelo burguês de sociedade, na passagem para o modelo industrial de produção e com o desenvolvimento do sistema capitalista. É uma concepção construída e firmada nas famílias burguesas e difundida pelos pensadores da época, sendo tomada como modelo universal para toda a sociedade. É também na sociedade moderna, como foi tratado anteriormente, que se elabora uma noção formal de direitos humanos e de cidadania. Nessa noção, o indivíduo é a unidade da sociedade, credor de direitos. O princípio de igualdade entre os homens coloca todos, do ponto de vista formal, iguais em direitos e deveres concedidos ao cidadão. Abre-se aí a possibilidade de pensar a criança e o adolescente também como indivíduos com direitos.

Foi fundamental, para se pensar a criança como um segmento que tem direito a direitos, o abandono da visão que a considerava incapaz. Igualmente fundamental foi o descentramento do modelo de adulto como paradigma único, emerso da construção da concepção moderna de infância e adolescência como comenta Lauwe:

> "Por volta de 1850, a personagem da criança entra maciçamente na literatura. Os homens descobrem que não existe apenas uma maneira de ser humano, o adulto perdeu seu prestígio de modelo único. No mais, assume consciência da variedade de formas de existência humana através das culturas e dos tipos físicos diferentes." (1991, p. 9)

Mais importante que o reconhecimento da diferenciação entre o mundo infanto-juvenil e o mundo adulto, foi a percepção da capacidade cognitiva, emocional, social e política da criança e do adolescente. Essas mudanças contribuíram para que, gradualmente, nos dois últimos séculos, as conquistas de cidadania se estendessem ao segmento infanto-juvenil. Na opinião de Santos (1996, p. 166-167), a sociedade moderna marca o estabelecimento de um conceito de cidadania e a afirmação de uma concepção de criança e adolescente, sendo que o conceito de cidadania passa a compor a concepção de criança e adolescente. Particularmente, o *status* de cidadão das crianças e adolescentes foi construído gradualmente e de forma tutelada, buscando romper com a visão de incapacidade, que não deixa de permear as relações entre adulto e criança/adolescente,

principalmente no âmbito jurídico em que aconteceram os maiores esforços para a mudança dessa visão.

A gradual democratização das relações adulto-criança/adolescente, a especialização do saber sobre o mundo infanto-juvenil, a particularização no tratamento desse período da vida, o desenvolvimento de um sentimento humanitário despertando a necessidade de defesa e proteção especial das crianças/adolescentes por parte dos adultos são alguns aspectos que se somaram à noção de que a criança/adolescente tem direito a ter direitos eexpressaram-se nas conquistas legais, ainda no início deste século, em relação às declarações e convenções estabelecidas pelas Nações Unidas.[1] (SANTOS, 1996, p. 168), situa essas declarações, acordos e tratados como um marco das conquistas legais no seu sentido mais universal.

Essas conquistas legais contribuíram significativamente para a mudança, como coloca Santos, do "status da criança no mundo, ao menos no plano normativo" (1996, p.168). A partir desses e outros avanços legais foi possível elaborar a chamada "doutrina de proteção especial das crianças", o que possibilitou mudanças, não só no plano normativo, mas também na própria definição, visão e tratamento da criança nas diferentes sociedades. A criança/adolescente é credora de direitos como o adulto, reconhecendo-se sua especificidade de ser criança/adolescente. Assim, a sua condição de criança não a incapacita de participar, de tomar decisões sobre assuntos de seu interesse, mas lhe garante direitos e a faz participar respeitando-se sua condição. As crianças/adolescentes passam a ser vistas como "seres humanos em condição peculiar de desenvolvimento". Deixam de ser objetos de direitos e conquistam a posição de sujeitos de direitos. Santos comenta que:

> "A concepção moderna de infância como status separado e particular é consagrada universalmente através desses instrumentos: as crianças têm direitos equiparados aos dos adultos, e um *plus*, que é a proteção especial; é

[1] 1919 - Convenção Internacional: Fixando a idade mínima para a admissão de crianças para o trabalho industrial;
1924- Declaração de Genebra: primeira declaração que trata da infância especificamente;
1948- Declaração Universal de Direitos do Homem;
1959- Declaração Universal dos Direitos da Criança;
1966- Direitos Civis e Políticos: passa a ser um direito receber proteção pela condição de menor de idade, ser registrada ao nascer, ter um nome e uma nacionalidade;
1966- Direitos Econômicos, Sociais e Culturais: refere-se à proteção da família e da criança contra exploração social, econômica e trabalhista;
1989- Convenção Internacional sobre os direitos da criança.

> inclusive atribuído a elas um grau mais elevado de atenção, uma vez que devem ser consideradas 'prioridade' em casos de catástrofes, nas políticas sociais etc." (1996, p. 168)

Esta expressividade dos direitos da criança/adolescente ganhou força nos anos 1980, quando tivemos a presença no cenário nacional e internacional de movimentos pelos direitos da criança. No Brasil, pode-se situar o final da década de 1970 e início dos anos 1980 como o período de grandes avanços na perspectiva das conquistas legais de direitos sociais para as crianças e adolescentes (RIBEIRO & SABÓIA, 1993, p. 17). Tais avanços fizeram desse período, até o início dos anos 1990, a chamada era dos direitos. Os difusores e protagonistas dessas mudanças foram os agentes sociais da área da criança e as próprias crianças/adolescentes, especificamente o segmento pobre, excluído dos direitos de cidadania, incorporados na concepção moderna de infância. A distância entre a pretensa universalização da concepção moderna de infância e dos seus avanços em termos legais revela as contradições de um país que assina declarações e convenções sobre os direitos da criança, mas convive com situações radicais de desrespeito aos direitos e à vida de suas crianças. Para Dimenstein (1994, p. 8), isto é a expressão da fragilidade dos direitos que não saíram do papel, da carência de cidadania simbolizada pela figura do "cidadão de papel". Essas situações acabaram mobilizando grupos que trabalham direta ou indiretamente com a criança em ações de defesa de seus direitos. A sociedade brasileira, em sua cultura política de privilégios e desigualdades, desde o início, mostrou-se discriminatória no tratamento, na criação e aplicação de leis para a infância de classe média e alta e para a infância pobre, revelando o descaso das elites com os mais pobres. Mas foi justamente entre as crianças excluídas que aconteceu a maior participação na reivindicação e defesa de direitos, colocando a criança/adolescente enquanto sujeito político.

A sociedade brasileira construiu, desde a sua formação, a tradição de separação da infância pobre e o estabelecimento de regras e medidas para o seu tratamento. Na história da criança no Brasil, tão bem discutida por Priore (1991), percebe-se que são as crianças índias as primeiras a perderem sua infância livre e serem submetidas ao processo educativo e disciplinar europeu, modelo importado para a mais recente colônia do mundo civilizado. Posteriormente, na sociedade escravista, é a criança negra, mestiça e mulata que sofre a discriminação e o abandono. O crescimento econômico da sociedade tem seu contraponto na expansão de segmentos sociais em estado de pobreza. Logo, o fenômeno de

crianças abandonadas atinge um grande contigente, incluindo crianças brancas e livres. A determinação maior do abandono é devida ao seu estado de pobreza ou ilegitimidade de nascimento. A realidade de crianças abandonadas passa a ser percebida pela sociedade em geral como uma ameaça à propriedade e à ordem social, exigindo do poder público alguma medida. Ainda no século XVII, o governo deixa a cargo inicialmente do Senado e da Câmara a função de decidir sobre a vida das crianças enjeitadas. Depois, são criados os juizes de órfãos. Dimenstein informa que a "saída apresentada para a infância carente era o isolamento" e que "foram criados **asilos correcionais** para crianças e adolescentes" (1994, p. 45). Tem início a assistência à criança pobre através do atendimento em instituições. Nasce, primeiro nas ordens religiosas, o modelo de intervenção social junto às crianças pobres, caracterizado por ser um modelo do tipo caritativo. O modelo caritativo, filantrópico é corrente dominante nos projetos políticos e pedagógicos de atendimento à criança em entidades governamentais e não-governamentais até os anos 1980. Nas instituições oficiais de atendimento, a sociedade brasileira presencia de forma resignada e com indiferença o tratamento repressivo-punitivo a que são submetidas as crianças e adolescentes, o processo de estigmatização da pobreza e a produção da delinqüência. Na visão dominante da sociedade, a criança passa a ser concebida apenas em sua determinação natural/biológica. Essa concepção responsabiliza pessoalmente o indivíduo pela situação em que vive, isolando-o da sociedade para ser reeducada. Nessa visão, a concepção de criança/adolescente é a de objeto de direitos. Essa concepção está expressa nos instrumentos legais que passam a normatizar especificamente sobre a infância no início deste século.

Em 1927 foi criado o primeiro Código de Menores (Decreto n.° 17.943). Ele trata diferentemente e realiza a separação entre infância geral, infância pobre e infância menorizada. Esse código vigorou até 1979, quando foi revisto (Lei n 6.697). No novo código, prevalece a visão da criança/adolescente objeto de direitos, compreendida em sua carência, deficiência, periculosidade. O Código de Menores é fundamentado na "doutrina da situação irregular", ou seja, normatiza sobre um determinado segmento da população infanto-juvenil; aqueles considerados fora da ordem social, em situação irregular, classificados como carentes, abandonados, de rua, infratores, ou simplesmente, 'o menor' como são chamados.

O menino abandonado, o menino de rua, o adolescente infrator passa a constituir um dos grandes problemas da modernidade e desperta a atenção de setores da sociedade preocupados com a emancipação dos homens. Esses setores passam a discutir, estudar, pesquisar e trabalhar com essa realidade. A criança/adolescente é percebida como um segmento excluído, marginalizado. Tem-se daí um novo enfoque para a análise do problema da criança/adolescente - o enfoque social. Segundo Santos (1997), "a 'marginalidade' de crianças e adolescentes torna-se uma categoria social com a qual esses setores se sensibilizam e identificam como um dos campos de atuação estratégica na luta pelo fim das injustiças sociais e na sua luta pela transformação da sociedade". Dentro dessa lógica de análise, a ineficácia do sistema oficial de atendimento desperta críticas de setores da sociedade. Segundo Adorno, a "democratização da sociedade reclamava libertar a criança e o adolescente dessa menorização a que foram confinados desde o século XIX..." (1993, p. 108). Surgem novos atores sociais na área do atendimento a essa clientela, responsáveis pela implementação de novas metodologias de atendimento, identificadas dentro da corrente política pedagógica alternativa (PILOTTI & RIZZINI, 1995). São trabalhos principalmente ligados a segmentos pastorais da Igreja Católica e a grupos comunitários. Além dos novos modelos de atendimento direto, surgem novas linhas de trabalho e são criados, nos anos 1980 e 1990, centros de estudo e pesquisa principalmente ligados às universidades. Incluem-se aí os centros e fóruns de defesa, como o Fórum DCA, dentre outras entidades. Nessa linha de defesa, destaca-se o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua - MNMMR, criado na segunda metade dos anos 1980, que deu organicidade e expressão nacional e internacional à defesa de direitos e cidadania de crianças, trabalhando com a participação e organização das próprias crianças na defesa de seus direitos e cidadania.

No conjunto de todos os movimentos sociais de diferentes naturezas que surgiram, prevalece a concepção de sujeito, revelando a importância da participação popular na defesa de seus interesses. Gohn aponta que no início dos anos 1980 existiu na sociedade uma organização e uma necessidade de mudanças:

> "Havia um clima de esperança, de crença na necessidade de retomada da democracia, da necessidade da participação dos indivíduos na sociedade e na política. Havia também a crença na força do povo, das camadas populares, quando organizadas, para realizarem mudanças históricas que outros grupos sociais não tinham conseguido realizar no

> passado. Os moradores das periferias, das favelas, cortiços e outros submundos saem da penumbra das páginas policiais para se tornarem os depositários das esperanças de ser novos atores históricos, sujeitos de processos de libertação e de transformação social." (1995, p. 111)

A concepção do ser sujeito é também assumida, pelo movimento social específico que atua com a criança/adolescente, como um princípio pedagógico da metodologia de trabalho. A criança/adolescente torna-se sujeito de sua história, do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, é reconhecida a sua capacidade de participar e intervir nas decisões referentes ao seu destino e emerge como sujeito político e segmento mobilizável da população. A possibilidade de pensar a criança enquanto sujeito contrapõe-se à concepção de criança enquanto objeto, o que traz mudanças na metodologia de atendimento a esse segmento, na visão legal das crianças como sujeitos de direitos e na relação adulto-criança contribuindo para a democratização dessa relação.

A concepção de criança-sujeito possibilita a elaboração de metodologias que efetivem a participação das crianças/adolescentes nas atividades promovidas pelas entidades, contribuindo para o exercício democrático de participação e de organização das próprias crianças. A criança/adolescente torna-se protagonista enquanto expressão de um amplo movimento - envolvendo intelectuais, profissionais de várias áreas, políticos, educadores sociais - no debate dos seus problemas e na defesa de seus direitos e cidadania. Elas próprias tornam-se interlocutoras de suas necessidades e reivindicações, de acordo com suas capacidades e habilidades, respeitando a sua condição de pessoa em desenvolvimento. Como referência da construção desse protagonismo da criança, destaca-se o MNMMR que é uma referência internacional no seu projeto original de organização de meninos e meninas, bem como a sua intervenção junto à criança/adolescente que se dá no sentido delas mesmas realizarem a defesa de seus direitos.

A participação e organização das crianças/adolescentes manifestou-se e foi fundamental para as conquistas legais em relação aos seus direitos e cidadania no final dos anos 1980 e inicio dos anos 1990. Foram protagonistas no processo constituinte, conquistando a posição de prioridade nacional e também em todo o processo de elaboração e mobilização para aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei n 8.069 de 1990). O ECA, novo instrumento legal, normatiza sobre a criança/adolescente dentro da doutrina de proteção especial, reconhecendo-a como sujeito de direitos e assumindo a

concepção de criança e adolescente como "pessoa em condição peculiar de desenvolvimento", sustentada nos direitos fundamentais reconhecidos pelas convenções internacionais. Na opinião de Pino (1990, p.61), o ECA "constitui o reconhecimento legal do direito" dessas crianças e jovens à cidadania, "independentemente da classe social de origem" e coloca que o grande desafio é a "superação da distância entre direito e realidade".

É justamente nesse desafio que os novos instrumentos legais encontram dificuldades para sua efetivação. Também percebem-se as contradições da concepção moderna de infância. Com todas as implicações do reconhecimento da particularidade da infância e adolescência, do protagonismo construído pelas crianças e adolescentes na defesa de seus direitos e conquista de cidadania neste fim de século, ainda se convive com situações e formas de tratamento cruéis e indignas a qualquer ser humano. A sobrevivência de milhares de crianças e jovens torna-se um desafio que se inicia ao nascer, quando não entram nas estatísticas de mortalidade infantil e continua na família, na escola, na rua, nas instituições onde normalmente são atendidos. Hoje tornou-se do conhecimento de toda a sociedade, através das inúmeras denúncias e de campanhas, a situação de crianças submetidas à exploração no trabalho, a situação de crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos domésticos, de abusos, de exploração sexual. São todas situações que aproximam a sociedade moderna, do século XX, à barbárie de sociedades primitivas. Nas palavras de Martins, a

> "infância está sendo transformada em sucata, de vários modos. Multidões de imaturos estão tendo sua idade adulta convocada antecipadamente, de modo que o tempo de ser criança está sendo ocupado amplamente pelo tempo de adulto, do trabalho, da exploração, da violência" (1991, p. 14).

Esta realidade atesta a não universalização da concepção moderna de infância, pelo menos em alguns de seus princípios e evidencia, sem contudo invalidá-la, a existência de outras concepções de infância presentes na sociedade. A concepção moderna de infância, compreendida como uma construção histórico-social, deve contemplar tais diferenças. Como entende Santos, o que não foi universalizado precisa ainda sê-lo, "como a noção de infância enquanto tempo de estudar e brincar, de aprender a participar da sociedade e de se formar profissionalmente" (1996, p.196). As contradições entre os

avanços legais e as condições objetivas de existência das crianças e jovens não devem ser resolvidas encarando os instrumentos legais conquistados impróprios à realidade de nossa sociedade, nem buscando a adequação da legislação à realidade específica das crianças. Santos alerta que isto

> "seria legalizar o *apartheid* social. Ao contrário, essa visão de criança sujeito de direitos deve ser tomada como um programa de futuro, com metas a curto, médio e longo prazo, que deve ser sempre aperfeiçoado, atualizado e adequado às particularidades nacionais. A estratégia central para que isso ocorra é a radicalização das propostas de universalizar o direito de ser criança". (1996, p. 195)

Como se pode observar, a infância e adolescência não estão livres do autoritarismo e exploração do adulto, nem protegidas contra a perversidade das desigualdades sociais. Defender o direito de ser criança é tarefa imprescindível e urgente diante das situações negadoras da infância. A história construída dos direitos da criança incluiu um personagem central na defesa desse direito e de tantos outros: a própria criança/adolescente. Concebida como sujeito político, sua participação tornou-se fundamental para a construção da sua cidadania.

2 MÉTODO

O presente trabalho toma como objeto de estudo as representações sociais de cidadania elaboradas por um grupo de jovens com vivência em experiência de educação num contexto comunitário. O trabalho é fruto de uma pesquisa a respeito das representações sociais sobre cidadania produzidas por jovens ex-participantes do Centro de Estudo, Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil - CEPAJ.

Trata-se de uma pesquisa do tipo estudo de caso (LÜDKE & ANDRÉ, 1986), numa abordagem qualitativa (MINAYO, 1994, 1996, REY, 1997, LÜDKE & ANDRÉ, 1986), em avaliação (AGUILAR & ANDER-EGG, 1995). O caso específico do grupo de jovens ex-participantes do CEPAJ é focado, buscando aprofundar para conhecer as suas representações sociais sobre cidadania. A participação na pesquisa de um outro grupo de sujeitos, formado por jovens que não passaram pela experiência pedagógica do CEPAJ, visou a ampliação e o enriquecimento do estudo, para melhor compreendermos a construção das representações sociais pelo grupo do CEPAJ.

É uma pesquisa qualitativa que privilegia a natureza construtivo-interpretativa na elaboração/construção do conhecimento sobre o objeto de estudo, que destaca a participação dos sujeitos como produtores de sentido e do investigador na produção de conhecimento. (REY, 1997, p. 81)

O estudo pretende contribuir para o entendimento de cidadania enquanto objeto social na concepção de jovens pobres, em contexto comunitário de educação. Neste sentido, pretende também colaborar no planejamento de ações educativas voltadas para esse

segmento e na avaliação das práticas pedagógicas de educação à cidadania desenvolvidas junto a crianças e adolescentes.

2.1 O AMBIENTE DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

O presente trabalho aconteceu no espaço geográfico da cidade de Goiânia, ao extremo da sua região sul, limite com a cidade de Aparecida de Goiânia. Nessa região, ficam bairros bem antigos, como a Vila Redenção e o Setor Pedro Ludovico, que têm uma população bem heterogênea em termos de poder aquisitivo. Mas, em sua maioria, a região é formada por bairros de classe média e baixa. A origem desses bairros está ligada tanto à construção de conjuntos habitacionais - Parque Atheneu - ou a loteamentos regulares como o Jardim Mariliza, Jardim Bela Vista e Parque Flamboyant, quanto à ação de movimentos de posse urbana, a exemplo do bairro Chácara do Governador e Parque Santa Cruz, em Goiânia. Também fazem parte dessa região os bairros Vila Santa Luzia, Setor Tocantins, Parque São Jorge e Jardim Olímpico, localizados no município de Aparecida de Goiânia.

Todos os bairros citados revelam muitos problemas com a população infanto-juvenil: consumo de álcool, uso de drogas, de armas, violência, exploração da mão-de-obra infantil, prostituição, crianças e adolescentes fora da escola etc. Concentrando um grande número de crianças e adolescentes, a maioria desses bairros não conta com infra-estrutura de escolas, serviços de saúde, creches, áreas de lazer, o que agrava ainda mais a situação.

Especificamente, os participantes da pesquisa objeto do presente trabalho, em sua grande maioria, são provenientes do bairro Parque Santa Cruz (Goiânia) e do Jardim Olímpico (Aparecida de Goiânia).

O Parque Santa Cruz, antigo "lixão" de Goiânia e depois área de posse, era, há 13 anos, um bairro sem nenhum serviço oferecido à comunidade, com uma população extremamente pobre, um grande número de crianças pelas ruas, alto índice de registro de passagens de adolescentes pela Delegacia de Vigilância e Proteção da Infância e Adolescência. Por outro lado, o bairro contava com uma forte organização comunitária. A situação mudou com relação à infra-estrutura; os lotes foram legalizados, o bairro cresceu,

mas perdeu-se a participação mais ativa da comunidade. A concentração da população infanto-juvenil, no entanto, continua alta e hoje os problemas em relação a essa faixa etária tornaram-se mais complexos.

O Jardim Olímpico teve uma organização diferente. É um loteamento para famílias de baixa renda que foi ocupado de forma lenta. Gradualmente, os barracos de um, dois cômodos e as barracas de lona foram dando lugar às casas levantadas nos finais de semana pelas famílias. O bairro ainda não conta com sistema de esgoto, água tratada, asfalto ou coleta sistemática de lixo. Funciona apenas uma pequena escola que atende à primeira fase do primeiro grau. A população do bairro ainda é pequena e vive uma condição de pobreza de menores proporções que a do Parque Santa Cruz. É visível a problemática de consumo de álcool e da violência, ocasionando muitas mortes no bairro. A população infanto-juvenil é menor, mas os problemas coincidem em sua gravidade e complexidade.

Entre esses dois bairros, fica a área do Campus 2 da Universidade Católica de Goiás - UCG, antiga Chácara São José, onde foi edificado, em espaço cedido por essa Universidade, o CEPAJ. O espaço onde funcionava o CEPAJ fica localizado junto ao bairro Jardim Olímpico, portanto no município de Aparecida de Goiânia. Era uma área de 17 hectares de cerrado típico do Centro-Oeste, com sua bela vegetação de pequenas árvores retorcidas e resistentes edelicadas flores. Esse espaço passou a abrigar as idéias e sonhos dos diversos grupos que constituíram a Aldeia Juvenil.

O espaço físico do CEPAJ onde se desenvolveram as atividades no período em que o grupo de investigação esteve participando, de 1986 a 1994, contava com a seguinte organização: espaço de alimentação e higiene - cozinha, despensa para a guarda de alimentos, refeitório, área de serviço, banheiros; espaço administrativo e de reuniões - uma sala para reuniões diversas e para a guarda de material psicopedagógico, arquivo de documentos; espaço de atividades psicopedagógicas - biblioteca, uma sala circular fechada e outra aberta, o refeitório, que também era utilizado para as atividades psicopedagógicas; espaço de atividades produtivas - depósito de material e de ração animal, áreas para suinocultura, avicultura, apicultura, horticultura e fruticultura, áreas para o cultivo de arroz, mandioca e milho. Com a diversificação das atividades produtivas, adaptou-se o espaço para três salas onde funcionaram as oficinas de encadernação, artes e confecção de papel. Não se contava com uma infra-estrutura de lazer; apenas um campo de futebol de terra e as áreas abertas para atividades de lazer dirigido. No mais, um grande espaço verde, com

muitas árvores, livremente explorado pelas crianças, que corriam soltas, inventando mil brincadeiras em contato direto com a natureza.

Em 1995, o CEPAJ foi transferido para outra área do Campus 2, com novas instalações concebidas a partir de um plano de necessidades do seu novo modelo de funcionamento.

Esse espaço fisico abrigava vários grupos: as crianças e as famílias que eram atendidas direta e diariamente; os estagiários de diversos cursos (Educação, Serviço Social, Psicologia, Enfermagem, Direito e outros) em atividades de estágio curricular e extracurricular; a equipe de educadores, com profissionais de diferentes áreas e funções; educadores de outras instituições epessoas das comunidades vizinhas. Isto significava manter uma estrutura diária de alimentação, limpeza, presença constante de educadores.

A equipe do CEPAJ sempre contou com uma composição interdisciplinar formada por profissionais, principalmente, da área de Psicologia, Educação, Serviço Social, Arte-Educação. A Enfermagem e o Direito não tiveram uma presença permanente no quadro da equipe. Enquanto permaneceram as atividades agropecuárias, contou-se com a participação de um técnico em agropecuária. Além do quadro técnico, compõem a equipe de educadores: uma cozinheira, pessoal de serviços gerais e os instrutores das oficinas.

2.2 LOCAIS DA COLETA DE DADOS

2.2.1 O CENTRO DE ESTUDO, PESQUISA E EXTENSÃO ALDEIA JUVENIL - CEPAJ

O CEPAJ é um centro de atendimento e estudo da infância e adolescência desenvolvido pela Universidade Católica de Goiás. Esta pesquisa foi realizada com jovens ex-participantes do CEPAJ. Embora os sujeitos participantes da pesquisa já tivessem se desligado do centro, o CEPAJ foi o ponto para todos os contatos e para a realização das atividades da pesquisa. O local oferecia espaço fisico adequado para a coleta dos dados, era

de livre acesso para as pessoas envolvidas, além de contribuir afetivamente para a tranqüilidade dos sujeitos, deixando-os mais à vontade.

As entrevistas individuais e a entrevista coletiva aconteceram na sala da biblioteca. A escolha desse espaço deveu-se ao fato de ser uma sala arejada, distante da movimentação dos que trabalham no local, de tamanho e mobiliário adequado à realização da entrevista coletiva e das entrevistas individuais, quando os sujeitos tiveram que escrever.

2.2.2 A ESCOLA ESTADUAL PARQUE SANTA CRUZ

A Escola Estadual Parque Santa Cruz é uma escola de primeiro grau, situada no bairro Parque Santa Cruz. Funciona nos três períodos, atendendo à população infanto-juvenil do bairro e de bairros próximos. Apesar de haver outras escolas próximas, conta com um grande número de alunos. Possui uma área pequena e suas dependências também são pequenas. Conta com 11 salas de aula, sala dos professores, secretaria, diretoria, biblioteca, cozinha, banheiros. É uma edificação do tipo padronizada, com material pré-moldado.

A escola foi escolhida por estar na região de atuação do CEPAJ, pelas semelhanças que os seus alunos guardam com o perfil dos sujeitos do grupo de investigação, o que possibilitou a constituição do grupo de apoio dentro dos critérios estabelecidos. Nesse sentido, escolheu-se o período noturno para a coleta dos dados.

A realização da coleta de dados com os sujeitos, alunos da escola, aconteceu em sala de aula escolhida e reservada para tal atividade pela coordenadora pedagógica. A escola, em período de aulas de reforço antes da recuperação, atendia a um número menor de alunos, havendo, por isso, salas desocupadas. A sala ficava ao lado de outras, onde aconteciam aulas. Alguns alunos desavisados acabavam entrando na sala. Também se podia ouvir as conversas dos alunos vindas do corredor. As entrevistas individuais foram todas nessa sala. Para a entrevista coletiva, que seria gravada, achou-se melhor mudar para onde houvesse menos interferência e barulho. Passou-se, com a aprovação da coordenadora, para uma sala mais ao final do corredor, diminuindo um pouco o barulho.

A sala para a entrevista individual foi organizada com mesa e cadeiras para os sujeitos escreverem os comentários. Na entrevista coletiva, as cadeiras foram dispostas em círculo, com uma mesa ao centro, para expor todas as cenas desenhadas. Essa organização do ambiente deu-se igualmente nos dois grupos.

2.3 PERFIL GERAL DOS PARTICIPANTES DO CEPAJ

O documento "Repropondo a Aldeia", de 1984, redefine os participantes do CEPAJ - crianças e adolescentes na faixa etária de 9 a 14 anos, provenientes dos bairros vizinhos, que moram com suas famílias ou responsáveis. Esses critérios gerais, no decorrer dos 13 anos de trabalho, sofreram modificações quanto à idade e ao estabelecimento de critérios mais específicos, de acordo com as mudanças de atividades. A caracterização a seguir enfocará todo o grupo de crianças e adolescentes atendido pelo CEPAJ no período de 1985 a 1996, incluindo aí os sujeitos participantes da pesquisa objeto deste trabalho.

Os dados aqui apresentados e comentados sobre sexo, idade, tempo de permanência, escolaridade, bairro de procedência, situação familiar são relativos à data de entrada da criança/adolescente no CEPAJ. Foram levantados com base em documentos e registros como o livro de entrada de meninos, folha de comparecimento diário, fichas individuais de acompanhamento e relatórios de atividades; também contou-se com conhecimentos do pesquisador e da equipe para complementação dos dados. Trata-se de dados aproximados, pois, com relação a várias crianças/adolescentes, os registros estavam incompletos ou traziam informações contraditórias. No caso das crianças/adolescentes com pouco tempo de permanência, não havia fichas individuais, dificultando mais ainda o levantamento de informações.

O trabalho de coleta de dados foi dificultado também pelo volume de registros consultado em busca dos dados necessários, pois, essas informações não se encontravam organizadas, nem sistematizadas. A vivência dessa situação reforçou a importância de tal sistematização para a realização de pesquisas de avaliação do CEPAJ e para que ele próprio possa usufruir em futuras pesquisas.

De 1985 a 1996, em torno de 316 crianças e adolescentes freqüentaram as atividades do CEPAJ, participando do modelo de atendimento diário que se manteve até julho de 1994. Mais 270 crianças e adolescentes também foram atendidas em função de um

convênio com uma entidade financiadora. Os dados que detalho a seguir são referentes às 316 crianças e adolescentes que tiveram maior participação e mantiveram um vínculo mais intenso com o CEPAJ, pela própria metodologia de atendimento.

Em todos os anos de trabalho, os meninos foram maioria - mais de 80% dos participantes atendidos.

SEXO	QUANT.
Masculino	271
Feminino	45
TOTAL	316

Tabela 1 - Sexo dos participantes do CEPAJ

O menor índice de participação de meninas estava relacionado ao fato de assumirem desde muito cedo a responsabilidade pelas tarefas da casa e de cuidar dos irmãos menores, enquanto os pais trabalham fora. As meninas também buscam trabalho fora, em outras casas, em ocupações domésticas para ajudar nas despesas da família. Os pais geralmente procuram encontrar uma ocupação para os filhos, pois acham que as filhas devem ficar em casa.

Dados sobre a idade da clientela:

IDADE	QUANT.
7 anos	03
8 anos	07
9 anos	22
10 anos	53
11 anos	54
12 anos	51
13 anos	44
14 anos	23
15 anos	14
16 anos	04
17 anos	01
* Sem informação	40
TOTAL	316

Tabela 2 - Idade dos participantes do CEPAJ

A faixa etária sempre funcionou como um critério de orientação e não de exclusão automática. Em alguns casos, o limite de idade estabelecido foi ultrapassado para

menos ou para mais, depois de uma avaliação da equipe. No decorrer da experiência, priorizou-se meninos e meninas com idade a partir de 12 anos, considerados o caráter das atividades e a possibilidade de trabalhar com um grupo mais homogêneo.

O tempo de permanência das crianças/adolescentes revela uma pequena clientela com a qual o CEPAJ trabalhou por muito tempo .

TEMPO	QUANT.
-menos de 1 ano	159
-de 1 a menos de 3 anos	88
-de 3 a menos de 5 anos	48
-de 5 a 7 anos	21
TOTAL	316

Tabela 3 - Tempo de permanência no CEPAJ

A tabela 3, acima, apresenta alto número de participantes, com tempo de permanência inferior a um ano. Dessas pessoas, 78 - quase a metade - ficaram de um a três meses - tempo considerado de adaptação às atividades. Nessa etapa de adaptação, é normal que haja muitas desistências em qualquer tipo de atividade.

Uma característica comum é o retorno de participantes depois de um período de afastamento. Constatam-se, nas listagens mensais de comparecimento, várias ocorrências dessa ordem, inclusive com reincidência. Os motivos são diversos: mudança de bairro, problemas em casa - principalmente doença na família, obrigando a criança a assumir tarefas que a impossibilitem de participar e até mesmo castigo dos pais não permitindo sua participação - emprego temporário, ou opção pessoal por sair. Passadas as dificuldades, ou desejando voltar, reintegram-se às atividades.

O grupo com participação mais duradoura - tempo de permanência de 3 anos ou mais - constituiu a população efetiva do CEPAJ, aqueles que vivenciaram a sua metodologia, internalizaram os princípios do trabalho. O CEPAJ tornou-se uma referência em suas vidas, criando com eles um vínculo. Os sujeitos participantes da presente pesquisa fazem parte desse grupo.

Quanto à questão escolar, pode-se observar a baixa escolaridade dos meninos e meninas:

ESCOLARIDADE	QUANT.
Não estudavam	12
Alfabetização	04
1ª série	83
2ª série	85
3ª série	52
4ª série	23
5ª série	07
6ª série	04
7ª série	01
* Sem informação	45
TOTAL	316

Tabela 4 - Escolaridade dos participantes do CEPAJ

A baixa escolaridade pode ser constatada, principalmente comparando-se a tabela acima com a tabela 2 - idade dos participantes - que aponta a maioria dos participantes com idade entre 10 e 13 anos. Infelizmente este não é um dado novo em relação a essa população, porque é do conhecimento do mundo acadêmico a distância existente entre o direito à educação, garantido em lei e a prática social brasileira. As condições materiais de vida das crianças e adolescentes das classes populares dificultam-lhes o acesso e/ou permanência na escola. E o sistema escolar continua excluindo-os.

Este grupo apresentou vários casos de repetência - às vezes repetência seguida em mais de um ano - ou de desistências e retornos sem concluir a série escolar. Uma situação comum era a aprovação para outra série, porém com dificuldades básicas não resolvidas das séries anteriores. Pode-se evidenciar esta problemática na análise da produção dos discursos dos sujeitos na pesquisa. Do grupo, aqueles que permaneceram por mais tempo no CEPAJ, um número significativo chegou até a 4ª série. Poucos concluíram ou estão cursando as últimas séries do 1° grau. Alguns conseguiram chegar ao 2° grau. Dentre os sujeitos que participaram da pesquisa, apenas um iniciou o 2° grau, todos os outros ainda estão cursando o 1° grau.

Os meninos e meninas do CEPAJ moram em bairros circunvizinhos, no município de Goiânia e Aparecida de Goiânia. O bairro priorizado no atendimento foi o Parque Santa Cruz. 50% das crianças e adolescentes atendidos no CEPAJ são provenientes desse bairro. Em segundo lugar vem o Jardim Olímpico. A maioria dos sujeitos participantes da presente pesquisa também é desses dois bairros. A tabela a seguir apresenta a distribuição das moradias dos participantes do CEPAJ:

BAIRRO	QUANT.
Parque Santa Cruz (Goiânia)	158
Parque Atheneu (Goiânia)	27
Jardim Mariliza (Goiânia)	12
Parque Flamboyant (Goiânia)	10
Jardim Bela Vista (Goiânia)	02
Jardim Vitória (Goiânia)	01
Chácara do Governador (Goiânia)	01
Setor Pedro Ludovico (Goiânia)	01
Jardim Olímpico (Aparecida)	48
Parque São Jorge (Aparecida)	13
Vila Santa Luzia (Aparecida)	08
Setor Tocantins (Aparecida)	05
Sem informação	30
TOTAL	316

Tabela 5 - Bairro de procedência dos participantes do CEPAJ

Serão apresentadas, a seguir, algumas informações sobre a situação familiar dessas pessoas, tais como: constituição familiar, moradia, escolaridade, ocupação, renda e dinâmica familiar. Não são dados quantitativos, por não se dispor de um levantamento sistematizado. São informações colhidas no contato direito e contínuo do CEPAJ com essas famílias.

O modelo de organização familiar com pai, mãe e irmãos não é o único entre as famílias. São inúmeros os que convivem com o pai e a mãe, mas é expressiva a quantidade dos que convivem com outros parentes ou com apenas um dos pais. Dentre esses últimos, é maior o número dos que vivem com a mãe. Ela geralmente assume a criação dos filhos, o controle da casa, enquanto o pai torna-se uma figura ausente, confirmando as estatísticas do crescente número de mulheres chefe de família. As famílias normalmente são grandes, nem sempre pelo número de filhos, mas é comum outros parentes, como primos, tios, cunhados, avós, agregarem-se à família tornando-a extensa.

Em relação a moradia, geralmente as famílias já são proprietárias de suas casas, através da legalização de posses, ou da compra de imóveis já legalizados. As construções são de alvenaria, sendo mais comuns os barracões, pequenos, acomodando mal o número de pessoas. Muitos lotes abrigam mais de uma família. Outra característica é que vários desses bairros, como o Jardim Olímpico, Parque São Jorge, Jardim Mariliza, Parque Flamboyant não contam, em sua totalidade, com serviços de esgoto, água encanada, asfalto,

coleta sistemática de lixo, dificultando as condições de moradia e afetando as condições de saúde das famílias.

Quase a totalidade dos membros desse grupo de famílias não completa o 1° grau. A baixa escolaridade dos pais dificulta o acompanhamento escolar dos filhos e a sua participação na escola.

Sobre a ocupação dos pais, colheram-se as seguintes informações:

	ATIVIDADE
O PAI	- vigilância - construção civil - serviços gerais - transporte
A MÃE	- faxina - lavagem e passagem de roupa - confecção - serviços gerais - venda de produtos

Tabela 6 - Atividades/trabalhos mais comuns entre os pais dos participantes do CEPAJ.

Quanto à renda familiar, observa-se que o maior número de famílias conta com uma renda familiar de um a dois salários mínimos; em seguida, grupos menores de famílias com renda até um salário mínimo e as com mais de dois salários mínimos.

A luta diária pela sobrevivência material faz com que os vários membros das famílias dêem a sua contribuição para o sustento da casa, inclusive as crianças assumem muito cedo essa responsabilidade. Na maioria das famílias, pai e mãe trabalham buscando ampliar a renda familiar. O mercado de trabalho não coloca muita opção para esses trabalhadores de idade avançada e baixa qualificação para as exigências do mercado. Acompanhando as famílias, observou-se que poucos pais mantêm um emprego fixo, de carteira assinada. O maior número deles sempre muda de atividades e passa longos períodos sem empregar-se, vivendo de *bicos*, de pequenas atividades informais, ou de suas aposentadorias.

Na dinâmica familiar, o que mais se observa é a distância afetiva entre os membros, uma falta de contato físico e de diálogo, produzindo o afastamento e a incompreensão entre pais e filhos. As relações entre pais e filhos estão marcadas pelo

autoritarismo, o temor, a indiferença. Carecem de respeito, amor, confiança. Para os pais, fica o sentimento de não conseguirem educar os filhos. Embora percebam que a realidade é outra, seguem utilizando com os filhos os parâmetros de como foram educados. Os pais às vezes tentam usar a autoridade, a força; muitas vezes, desistem de seus filhos, afirmando não *dar conta* mais dos filhos, ou não saber como educá-los.

Para os filhos, fica o sentimento de incompreensão, de abandono, a falta de limites. Não contam com os pais para lhes tirar as dúvidas, indicar caminhos, dar segurança, colocar limites. A comunicação dos pais com os filhos se dá por meio de cobranças, apenas. Isto remete a um sentimento de não serem amados. O uso da violência, para fazer valer a autoridade, ou como forma de educar os filhos, tem aumentado os índices de violência doméstica.

Como fator complicador dessas relações, há ainda o uso do álcool pelos pais numa intensidade que interfere nas relações, nas estratégias de sobrevivência da família, desfazendo os vínculos afetivos eaumentando a violência. As crianças e adolescentes também começam bem cedo a experiência com o álcool. O consumo entre eles é grande e geralmente é a porta de entrada para as outras drogas.

2.3.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

2.3.1.1 O GRUPO DE INVESTIGAÇÃO

Dentre os ex-participantes do CEPAJ com o perfil anteriormente citado, foram selecionados dez jovens, convidados a colaborar na pesquisa objeto deste trabalho. A seleção dos possíveis sujeitos entre os 316 meninos e meninas que freqüentaram o CEPAJ deu-se em observação aos seguintes critérios:

- Ter participado do CEPAJ entre o período de 1986 a 1994;
- Ter participado das atividades do CEPAJ por três anos ou mais;
- Ter menos tempo de desligamento do CEPAJ;

- Ter participado de forma mais permanente das atividades e estabelecido vínculo com o CEPAJ.

A opção por selecionar sujeitos que participaram das atividades do CEPAJ no período de 1986 a 1994 deveu-se ao modelo de atendimento desenvolvido nesse período, que guarda objetivos e princípios metodológicos comuns que orientaram as atividades. Foi durante esses anos que se construiu e se implementou a metodologia de atendimento com forte referencial comunitário. A partir de 1994, a proposta de trabalho e o modelo de atendimento foram redefinidos.

O tempo de participação por três anos ou mais conduziu o pesquisador para a seleção de sujeitos entre os meninos e meninas que tiveram uma longa experiência de convivência comunitária, de participação nas atividades, de vinculação à experiência, possibilitando a internalização de seus princípios. Ao mesmo tempo, seguindo o mesmo raciocínio, buscou-se selecionar sujeitos com menos tempo de desligamento do CEPAJ.

Por fim, acreditando que os ex-participantes que atuaram de forma mais permanente e que, mesmo depois de desligados, mantiveram vínculo afetivo com o Centro constituem o grupo de pessoas que melhor internalizou os valores e a prática social do CEPAJ, esses dados foram tomados como critérios de seleção dos sujeitos participantes desta pesquisa.

Chegou-se a um grupo de vinte pessoas que passaram por esses critérios. Em seguida procurou-se mapear a sua situação atual e a facilidade de acesso a eles. Foram realizados contatos pessoais do pesquisador com cada um explicando-lhes a proposta da pesquisa e solicitando sua colaboração e participação. Assim, constituiu-se o grupo de investigação da pesquisa, que se delineia no quadro abaixo.

Nomes fictícios	Período Frequent.	Idade	Situação Escolar	Situação Trabalho	Bairro
1- Mário	1989-94	20 a.	7ª série	trabalha	P. Sta. Cruz
2- Rodrigo	1986-91	25 a.	4ª série	trabalha	J. Olímpico
3- Ana	1992-94	15 a.	7ª série	trabalha	J. Olímpico
4- Paulo	1986-92	22 a.	2ª ano tec.	trabalha	P. Sta. Cruz
5- Gabriel	1992-96	18 a.	6ª série	não trab.	P. Flamboyant
6- Luiz	1988-91	20 a.	8ª série	trabalha	J. Olímpico
7- Carlos	1990-96	17 a.	5ª série	não trab.	P. Sta. Cruz
8- Lucas	1986-92	23 a.	5ª série	trabalha	P. São Jorge
9- Maria	1991-96	17 a.	7ª série	não trab.	J. Olímpico
10- André	1989-93	20 a.	6ª série	trabalha	P. Sta. Cruz

2.3.1.2 O GRUPO DE APOIO

Foi selecionado um grupo de dez jovens do período noturno da Escola Estadual Parque Santa Cruz. para constituir o grupo de apoio da pesquisa. Os critérios observados para a seleção dos sujeitos buscaram uma aproximação com o perfil dos sujeitos do grupo de investigação. Os critérios foram:

- jovens entre 15 a 25 anos;
- jovens provenientes de bairros atendidos pelo CEPAJ;
- jovens que estudam e/ou trabalham;
- jovens que não participaram do CEPAJ, nem de outros programas institucionais, ou de grupos de atividades na comunidade.

O contato com esses jovens ocorreu na escola. Num primeiro momento, o pesquisador entrou em sala de aula e falou para toda a turma sobre a pesquisa que estava realizando e pediu a colaboração da turma. Em seguida, o pesquisador conversou individualmente com os alunos interessados em participar. Expôs mais uma vez o que era a pesquisa e tomou algumas informações sobre os interessados. Essas informações compõem o quadro abaixo. Dos alunos que se dispuseram participar foram selecionados 12 que estavam dentro dos critérios. A seleção em número maior de sujeitos se deu em função das possíveis desistências, como de fato ocorreu. A coleta de dados com o grupo de apoio envolveu apenas nove sujeitos.

O quadro abaixo mostra como ficou constituído o grupo de apoio da pesquisa.

Nomes fictícios	Particip. em grupo	Idade	Situação escolar	Situação trabalho	Bairro
1- Lúcia	Não	17 a.	6ª série	trabalha	J. Olímpico
2- Clara	Não	15 a.	6ª série	não trabalha	P. Sta. Cruz
3- Renato	Não	21 a.	8ª série	trabalha	P. Sta. Cruz
4- Luciana	Não	24 a.	7ª série	trabalha	Ch. Govern.
5- Ricardo	Não	18 a.	5ª série	trabalha	P. Sta. Cruz
6- Pedro	Não	17 a.	5ª série	trabalha	J. Olímpico
7- Eduardo	Não	18 a.	7ª série	trabalha	P. Sta. Cruz
8- Mariana	Não	16 a.	5ª série	não trabalha	P. Sta. Cruz
9- Marcos	Não	16 a.	6ª série	não trabalha	P. Sta. Cruz

2.4 PROCEDIMENTOS

2.4.1 OS INSTRUMENTOS

2.4.1.1 AS CENAS

Constituído por cinco quadros desenhados em preto e branco, o instrumental das cenas apresenta diferentes personagens vivendo situações bastante próximas do contexto de vida dos sujeitos participantes desta pesquisa. São cenas mudas, embora nos desenhos haja os "balõezinhos" - espaços para as falas dos personagens - em branco. Esse recurso favorece o despertar da imaginação dos participantes, que, mentalmente, preenchem esses vazios. A parcimônia no uso de palavras, mais um recurso projetivo, também se faz notar nos pequenos textos introdutórios que esclarecem a situação de alguns desenhos. À vista dessas cenas, os sujeitos escrevem, para cada uma delas, um comentário, como se estivessem, eles mesmos, vivendo essas situações.

Os desenhos foram criados por um profissional sob rigorosa orientação do pesquisador quanto a aspectos como: ambientação mais próxima possível da realidade dos sujeitos; idade, cor, sexo, vestuário e postura dos personagens; opção por expressões faciais mais neutras, pelos tons preto e branco e por traços mais leves na composição dos desenhos. Algumas provas foram apresentadas ao pesquisador que, após a escolha, realizou um pré-teste. Nesse momento, trabalhou-se com seis cenas, que, após a realização do pré-teste, sofreram algumas alterações, optando-se, então, pela exclusão de uma delas, resultando nas cinco situações que constituem as cenas correspondentes ao Apêndice 1 deste trabalho.

Para se chegar a essas cenas, partiu-se inicialmente de treze situações apenas descritas por palavras, previamente elaboradas e discutidas com profissionais próximos ao pesquisador. Como o objetivo dos desenhos das cenas era mobilizar para a temática da cidadania, foram buscadas situações de vida que propiciassem a manifestação de sentidos e

valores sobre essa temática. Buscou-se trabalhar com cinco dimensões específicas que integram a concepção de cidadania assumida neste trabalho: sensibilidade à injustiça, capacidade de autodeterminação, participação, conhecimento de direitos e deveres e alteridade.

Para a determinação dessas dimensões e das 13 situações de que resultaram as cenas, tomou-se por base a teoria em que se fundamenta o presente trabalho, fruto da leitura bibliográfica sobre cidadania, das reflexões acerca da experiência de trabalho no CEPAJ e da vivência e conhecimentos adquiridos pelo pesquisador ao longo de sua vida e formação acadêmica. A convivência com as crianças e adolescentes do CEPAJ nos permitiu acompanhar e conhecer de perto as situações comuns da vida dessas pessoas. Esse conhecimento contribuiu enormemente para a realização deste trabalho.

Como as dimensões trabalhadas, as situações escolhidas, o número de cenas são aspectos que podem ser alterados em relação ao objeto de estudo do pesquisador e seus referenciais, resolveu-se , a fim de evitar que as entrevistas ficassem muito extensas e cansativas, limitar a cinco o número de desenho das cenas, associando-se cada uma das cenas a uma das dimensões específicas anteriormente citadas. No entanto, pode-se encontrar, evidentemente, mais de uma dimensão, ou até todas, em qualquer uma das cenas isoladamente.

Optou-se por trabalhar com desenhos em virtude do caráter projetivo desse instrumental, que, por conseguinte, possibilita a utilização da imaginação dos sujeitos, apresenta estímulos menos estruturados, permitindo aos sujeitos se sentirem mais livres para expressar suas opiniões e sentimentos, dar significados pessoais ao discurso. Esse instrumental projetivo também contribui para reduzir a ansiedade por acertar nas respostas, uma vez que nas técnicas projetivas não há resposta certa ou errada, o que deixa os sujeitos mais à vontade, evitando o surgimento de prováveis reações defensivas. Outro aspecto positivo dessa técnica é que, além de reduzir a intenção dos sujeitos em corresponder às expectativas do pesquisador, tornam a participação deste menos diretiva (SPINK, 1995, MINAYO, 1996, ANASTASI, 1997).

Na construção do instrumental das cenas, teve-se como referência o conhecimento de outras experiências que utilizam técnicas projetivas e, em específico, trabalham com desenhos/figuras. São testes criados a partir de situações clínicas, como o *teste do estudo de frustrações de figuras*, de Rosenzweig (ANASTASI, 1977), em que se

apresentam ao paciente figuras envolvendo circunstâncias frustradoras. O paciente deve escrever uma conversação em cada figura apresentada.

Com base em modelos como esse, elaborou-se o instrumental das cenas, que foi utilizado na estruturação dos outros dois instrumentais: a entrevista individual e a entrevista coletiva.

2.4.1.2 A ENTREVISTA INDIVIDUAL

A entrevista individual caracterizou-se por ser o momento no qual os sujeitos externaram considerações pessoais baseados nas diversas situações representadas pelos desenhos. Foi uma entrevista projetiva, estruturada nas técnicas visuais (MINAYO, 1996, p. 109), cujo roteiro básico foi constituído pelo instrumental das cenas desenhadas. Para cada cena apresentada, os sujeitos produziam um comentário. Antecedendo a entrevista, aconteceu uma breve conversa introdutória situando a atividade a ser realizada e buscando deixar o sujeito mais à vontade; em seguida apresentaram-se as cenas seguidas das instruções sobre as atividades nessa etapa; depois, a elaboração dos comentários e, em seguida, se necessário, a intervenção do pesquisador, solicitando complementação de informações.

Esse momento teve como preocupação principal identificar, através dos comentários dos jovens, o conhecimento elaborado sobre cidadania, as concepções presentes de cidadania e as dimensões presentes na sua concepção.

2.4.1.3 A ENTREVISTA COLETIVA

A entrevista coletiva foi um terceiro instrumento utilizado e um segundo momento da coleta de dados junto aos sujeitos. Nesse momento, também foram utilizadas as cenas como instrumental de apoio. O contato foi estruturado como uma discussão em grupo.

Inicialmente, a entrevista coletiva foi pensada como um instrumental complementar às entrevistas individuais, um momento em que os sujeitos pudessem verbalizar sobre o objeto social de representação de forma mais intelectualizada, mas que seria utilizado neste sentido, de complementação. No decorrer do estudo, porém, avaliou-se que o grupo seria um elemento novo e que o enfoque sobre o objeto seria outro. Com o material coletado pela entrevista coletiva, ficou evidenciada a riqueza desse instrumental, no qual os sujeitos avançaram significativamente em seus discursos.

Optou-se, nesse momento, pela coleta de dados através de entrevista semi - estruturada (MINAYO, 1996), possibilitando ao grupo discorrer mais livremente sobre o tema proposto. A entrevista orientou-se por um roteiro básico de questões que foram sendo introduzidas no decorrer da discussão do grupo. As cenas foram utilizadas não como um roteiro a ser seguido, mas como apoio para a passagem do discurso produzido individualmente para um discurso do grupo.

A entrevista foi gravada. Todos os participantes concordaram com a gravação.

2.4.2 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

A coleta de dados aconteceu no período de 9 a 19 de dezembro de 1997. Os contatos em grupo aconteceram no período noturno, horário comum para todos os sujeitos, já que as aulas se haviam encerrado nesse período. Na realização do contato individual, os horários variaram conforme a disponibilidade de tempo dos participantes, principalmente em relação ao seu trabalho.

Como atividade preparatória à realização das entrevistas, foi planejado um primeiro momento em grupo com os sujeitos. Um momento informativo e de integração entre os próprios sujeitos e entre eles e o pesquisador. Utilizou-se desse recurso buscando garantir que, nas entrevistas, todos ficassem mais à vontade e aquecidos para a discussão em grupo. As atividades realizadas nesse momento motivaram a integração do grupo, o conhecimento mútuo e o desenvolvimento de tarefas coletivas. Foram explicitados, aos

participantes, mais uma vez, os objetivos da pesquisa e como se daria a sua participação. Depois, todos participaram de dinâmicas de grupo.

Procedeu-se primeiro a coleta individual de dados, a entrevista individual, utilizando-se do instrumental das cenas. Os cinco quadros desenhados foram ordenados em seqüência definida pelo pesquisador e apresentados, um de cada vez, ao sujeito, junto com as seguintes instruções:

> "Eu tenho aqui cinco cenas desenhadas nestes quadros. Vou mostrar uma de cada vez para você. Esta é a primeira cena. Imagine como se você estivesse vivendo essa situação, como se estivesse dentro desta cena e escreva um comentário sobre ela".

Foi esclarecido que a produção do comentário era pessoal, não existindo, portanto, um tipo de comentário certo ou errado.

Para a redação, foi entregue uma folha de chamex para cada cena e vários lápis e borrachas à disposição, sobre a mesa. Após a elaboração do comentário, o pesquisador, numa leitura prévia, fazia suas intervenções, pedindo complementações por escrito, caso julgasse necessário. Ao receber os comentários dos sujeitos, o pesquisador, na mesma folha, assinalava o ponto em que fez suas intervenções e o ponto em que iniciavam as complementações. Em folha à parte eram anotadas a questão proposta, as intervenções do pesquisador, as perguntas e observações, enfim, qualquer manifestação oral do sujeito durante a elaboração do comentário sobre a cena, além de outras observações do pesquisador durante a entrevista. Terminada uma cena, apresentava-se a próxima, repetindo-se as instruções de forma sintética, seguindo sempre os mesmos procedimentos.

Não se estabeleceu qualquer tipo de pressão sobre os participantes. Inclusive, não se estabeleceu tempo para a elaboração de cada comentário.

A coleta de dados aconteceu primeiro com o grupo de apoio, o da escola, no período de 9 a 12 de dezembro de 1997, em função da proximidade do encerramento do ano letivo, para não se perder o acesso aos alunos. Lá, foram realizadas nove entrevistas, pois um dos sujeitos não compareceu aos vários horários combinados. Com o grupo de investigação, a coleta de dados aconteceu na semana seguinte, de 16 a 19 de dezembro de 1997, no CEPAJ e com a presença de todos os sujeitos. Foram efetuadas dez entrevistas.

As entrevistas foram digitadas/processadas, respeitando-se a escrita original.

Procedeu-se dessa maneira, a fim de não descaracterizar os discursos produzidos pelos sujeitos. Essa fidelidade é importante, pois as características de cada discurso, tal como foi escrito, trazem as marcas do sujeito e constituem elementos que vão compor a análise dos resultados. O material dessas entrevistas constitui os conteúdos do Apêndice 2. Os conteúdos escritos foram tomados como discursos e analisados a partir da construção de categorias (MINAYO, 1994, 1996, REY, 1997, LÜDKE & ANDRÉ, 1986), tendo como referência as dimensões de cidadania trabalhadas.

O segundo momento de coleta de dados, a entrevista coletiva, aconteceu após todos os sujeitos dos grupos específicos concluírem as entrevistas individuais.

Com os sujeitos reunidos, sentados em volta de uma mesa onde estavam os gravadores e onde seriam expostos os desenhos das cenas, informou-se, mais uma vez, o que fariam naquele momento. Foram passadas ao grupo as seguintes instruções para a entrevista:

> "Primeiro cada um de vocês escreveu o que pensa sobre as cenas desenhadas. Agora, gostaria de saber um pouco mais sobre como vocês conversam em grupo sobre esse mesmo material. Para isso, vou voltar a mostrar as cenas desenhadas. Vou colocá-las sobre a mesa, para que todos olhem mais uma vez. O grupo, olhando estas cenas, o que pensa a respeito da questão de cidadania? Estas cenas têm alguma relação com essa questão?
> É importante que todos falem, mas, como nossa conversa será gravada, procurem falar um de cada vez, e quando forem falar de uma das cenas, digam o número dela".

Para isso, as cenas foram numeradas, facilitando a sua identificação na gravação. O grupo iniciou a discussão e, de acordo com o ritmo e desenvolvimento, o pesquisador fez as intervenções que julgou necessárias, participando mais ou menos da discussão do grupo, definindo a melhor forma de conduzi-la. A participação do pesquisador aconteceu também no sentido de introduzir as questões do roteiro quando essas não eram contempladas pelo grupo ou para sistematizar melhor um ponto da discussão.

O roteiro básico de questões para a entrevista coletiva estruturou-se a partir das seguintes questões:

- Como você vê a discussão de cidadania?
- O que é ser cidadão?
- Os direitos do cidadão.

O tempo para a entrevista variou de acordo com a participação de cada grupo.

As entrevistas foram gravadas em fitas magnéticas e depois transcritas (Apêndice 3) eos seus conteúdos, tomados enquanto discursos, foram agrupados por temas para a análise temática (MINAYO, 1994, 1996).

Com o grupo de investigação, ao final da entrevista coletiva, aproveitou-se a ocasião para levantar dados especificamente sobre a importância do conhecimento construído sobre cidadania em suas vidas; se ajudou - onde e como - ou não. A questão foi explicada várias vezes para os sujeitos efoi solicitado que primeiro escrevessem individualmente e depois comentassem no grupo. O material (Apêndice 4) escrito e gravado foi processado eutilizado na análise dos resultados.

A etapa da coleta de dados foi encerrada com o agradecimento pela colaboração ereafirmação do compromisso de um próximo encontro para apresentação dos resultados da pesquisa.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados da presente pesquisa foram analisados a partir do Método de Análise de Conteúdo, tendo como referência Minayo (1994, 1996), Rey (1997), Souza Filho (1995), dentro da concepção de pesquisa qualitativa referendada por Minayo (1994, 1996), Rey (1997), Lüdke & André (1996), Aguilar & Ander-Egg (1994). O material de trabalho é o discurso dos sujeitos, colhido por meio de instrumental individual e coletivo em momentos distintos. A apresentação e a análise dos dados seguiu a ordem cronológica da coleta: primeiro, a entrevista individual e depois, a entrevista coletiva, com o grupo de investigação, denominado grupo A ecom o grupo de apoio, denominado grupo B, utilizando a análise do tipo categorial-temática para proceder a análise de conteúdo.

Para a análise do material, foram tomadas algumas dimensões gerais que compõem a concepção de cidadania, neste trabalho. Essas dimensões foram eleitas por mim a partir de minha experiência profissional, que me tem permitido observar sua presença no trabalho com crianças e adolescentes e a partir também de autores do referencial bibliográfico que discutem tais dimensões. As dimensões foram relacionadas aos desenhos das cenas e contribuíram no trabalho de categorização e de análise do discurso dos sujeitos, buscando conhecer como percebem essas dimensões na representação de cidadania que elaboram.

As dimensões destacadas são apresentadas no quadro abaixo:

Cenas	Dimensões
Cena 1	Sensibilidade à injustiça
Cena 2	Capacidade de autodeterminação
Cena 3	Participação
Cena 4	Consciência dos direitos e deveres
Cena 5	Alteridade, respeito à diferença

Tabela - Dimensões da concepção de cidadania em relação às cenas

Como parte de uma primeira análise qualitativa, apresento a discussão sobre a dinâmica dos grupos durante a coleta dos dados. Ainda como análise complementar, apresento também a análise da construção do discurso individual e coletivo dos sujeitos.

3.1 RESULTADOS DO GRUPO DE INVESTIGAÇÃO

3.1.1 ANÁLISE DA DINÂMICA DO GRUPO NA COLETA DE DADOS

Todos os sujeitos se mostraram disponíveis e interessados em participar da pesquisa. Essa postura motivada favoreceu o processo de coleta dos dados. Mesmo assim, a participação nos diferentes momentos não foi total.

De um modo geral, os participantes colaboraram bastante, respondendo às indagações e atendendo às solicitações de mais informações, mesmo nas situações em que as atividades excediam ao horário e os sinais de cansaço surgiam. Apenas um dos sujeitos não conseguiu ligar-se totalmente nas atividades; passava por um momento pessoal muito difícil, de confusão emocional que interferiu, embora pouco, na sua produção.

A disponibilidade dos sujeitos em colaborar na pesquisa partiu da identificação que fizeram do trabalho da pesquisa e da própria figura do pesquisador com o CEPAJ. Assim, o vínculo, a relação de confiança que existia antes foi transferida para esse momento. Participar de uma pesquisa foi situação nova para os sujeitos, motivo de certa

ansiedade e curiosidade, não obstante a familiaridade com a pessoa do pesquisador e com o espaço físico.

A atividade de integração aconteceu com a participação de apenas seis sujeitos. Foi um momento de forte integração, marcado pela riqueza dos depoimentos, que infelizmente não foram registrados. Os sujeitos, ex-participantes do CEPAJ, reencontraram-se e, aos poucos, foram ficando bem à vontade. Estimulados pela dinâmica, travaram uma animada e calorosa conversa; principalmente, relembraram com paixão o tempo em que eram "meninos e meninas da Aldeia". Esse contato restabeleceu a antiga ligação.

Na coleta individual de dados, os sujeitos mostraram-se tranqüilos, realizando, sem maiores dificuldades tarefas que, num primeiro momento, pareciam-lhes extremamente difíceis.

Todos colaboraram, esforçando-se para vencer as dificuldades encontradas. Fizeram perguntas sobre as instruções, comentaram as cenas antes ou durante a escrita, demonstraram aprovação ou reprovação através de gestos ou expressões faciais. Alguns deles apresentaram certa ansiedade, permanecendo mais sérios. Entre esses, um mostrou-se muito constrangido pela dificuldade de expressar suas idéias através da escrita, inibindo-se e se fechando completamente. Com a proposta de gravar a sua fala, conseguiu relaxar-se aos poucos e produzir bem.

Houve dificuldades iniciais na produção dos comentários, ligadas basicamente a três motivos: a ansiedade por conhecer a tarefa que seria realizada, deficiências no domínio da escrita ea preocupação de estarem certos ou errados ao interpretarem as cenas.

O tempo gasto na produção dos comentários oscilou entre uma hora e vinte minutos e duas horas. A flexibilidade dos horários, bem como a disponibilidade de tempo na produção dos comentários, criou um clima de tranqüilidade, possibilitando ao pesquisador realizar mais intervenções e aos sujeitos trabalhar com calma.

Na entrevista coletiva, passada a inibição inicial, os sujeitos manifestaram motivação para a discussão, buscando expor e defender suas idéias. Demonstraram envolvimento com o assunto, permanecendo concentrados durante toda a entrevista sem tergiversar.

A discussão no grupo transcorreu tranqüila e organizada. Não houve interrupção da fala do outro. Às vezes um complementava a fala de outro, dando-lhe espaço para continuar. Não falavam ao mesmo tempo; aguardavam a sua vez.

Luiz,[2] que mais tomou espaço na discussão, chegou a inibir a fala dos colegas. Rodrigo e Maria praticamente não se colocaram, apenas deram respostas curtas às interrogações do pesquisador.

Entre os sujeitos, houve um comportamento de disputa pela fala. Muitos queriam opinar sobre um assunto, ser ouvidos. Mesmo com esse comportamento, não ocorreram brincadeiras, críticas, nem desrespeito à fala do colega. Apareceram diferenças de opinião que foram resolvidas no debate. Nenhum sujeito procurou desqualificar a opinião de outro.

O fato de já se conhecerem, de terem pertencido a um grupo, possibilitou um bom entrosamento e a experiência de participação e discussão em grupo também foi fundamental.

3.1.2 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO INDIVIDUAL

Com relação aos discursos individuais, pude observar, em cada sujeito, os aspectos: estilo da escrita, posição do sujeito no discurso, qualidade da escrita, a articulação e seqüência do discurso, a distância ou proximidade em relação ao objeto social de representação, as fontes de informação do discurso, para depois compor uma análise geral dos aspectos predominantes no conjunto dos sujeitos.

Os discursos produzidos individualmente pelos sujeitos do grupo A caracterizaram-se por ser menos projetivos, mais impessoais, tendo como elemento marcante a crítica. O estilo predominante dos discursos foi o comentário reflexivo, crítico, que parte do estímulo oferecido, no caso as cenas, e o amplia, não se prendendo exclusivamente ao que se passa na cena.

André, em seu discurso sobre a cena 1, vê na personagem da senhora pedinte uma figura representativa de grande parcela da população. Tal parcela, que ele chama de

[2] Todos os nomes utilizados na pesquisa são fictícios, para referir sem identificar os sujeitos participantes.

nação brasileira, encontra-se nessa condição por dificuldades que a impedem de ter uma vida digna, como poder alimentar a sua família. Identificando essa situação social brasileira, busca as causas e aponta responsabilidades:

> "A nação brasileira passando por varias dificuldades para viver e alimentar sua familia, tendo como objetivo, a ismola pedir ou ate mesmo roubar para não passar fome. Mas isso tudo que acontece o povo não tem culpa, o culpado e os governantes que só pensa em sauvar sua propria pele, agor a culpa que o povo tem e de ter colocado no poder, é mesmo assim se não fosse um ia ser o outro nós não temos saida de todo jeito descemos para o fundo do pouso". (André, Cena 1)

Os discursos expressam opiniões sobre uma situação, normalmente contemplam informações sobre causas, conseqüências, possíveis encaminhamentos, soluções. Demonstram não raramente capacidade de realizar abstrações.

André e Lucas constroem este tipo de discurso:

> "Essa sena do internato e igual a outra da pessoa pedindo esmola por que se os pais de Rita tivesse um imprego teria dado uma vida melhor e ela não teria saido de casa ou os pais não teriam abandonado. Teria condições para dar uma escola saúde, casa e uma familia, o que é uma criança sem familia não e nada, ela não teve a chanse de aproveitar sua infância". (André, Cena 2)

> "Se tivessemos uma vida digna não era preciso mendigar nas ruas poderiamos andar tranquilos pelas ruas, se os politicos deixassem de roubar um pouco e esse dinheiro poderia ser investido na educação na saúde e no lazer se isso acontecer e que vamos ser um pouco mais feliz". (Lucas, Cena 1)

Luiz e Maria preferiram o estilo narrativo. Enquanto narradores ou personagens da história também produziram discursos críticos.

> "Mas ela pensa que caminho tomar porque não tem uma profissão e ela sabe que as ruas estão cheias de drogas, marginais, prostituição mas não que tomar estes caminhos porque ela tem um sonho. Um sonho de se tornar alguém na vida de estudar e fazer faculdade e se formar em medicina..." (Luiz, Cena 2)

Os sujeitos apresentaram relativa proximidade com o objeto social - cidadania. Conseguiram estabelecer uma comunicação sobre o objeto, focalizando-o no seu

campo de interesse e destacando-lhe aspectos do seu cotidiano. A comunicação sobre cidadania apresentada pelos sujeitos provém de várias fontes de informação, a partir de suas experiências cotidianas, como a escola, o bairro, o CEPAJ, o trabalho, o centro comunitário, os grupos de jovens, os serviços de comunicação de massa. No geral, os sujeitos se expressaram de forma clara, articulada e bem elaborada, com encadeamento lógico do pensamento, revelando certo nível de conhecimento da realidade a que se referiam. Como Ana, neste discurso coerente, amplo:

> "Há crianças desamparadas por todos os lugares, outras pessoas realmente não tem onde morar, às vezes as pessoas até pesam que aquelas pessoas estão nas ruas porque eles querem, outras dizem: vai trabalhar que você tem o que comer, o que beber, e tem onde morar, mais não é assim, as coisas não são fáceis como eles pensam, emprego hoje em dia não está fácil". (Ana, Cena 1)

O nível de escrita apresentado pelos sujeitos é pobre, o que dificulta, para alguns, a elaboração do discurso. Rodrigo não conseguiu escrever por medo de errar. Todos estão atualmente estudando. Há histórias de abandono e de repetência. Cursam de 4ª a 8ª séries do primeiro grau eum deles iniciou o segundo grau técnico. Mas no geral apresentaram dificuldades nas etapas iniciais.

3.1.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA ENTREVISTA INDIVIDUAL

Os comentários construídos individualmente, a partir da utilização do instrumental das cenas, foram tomados enquanto discurso para a análise. Trabalhou-se com a categorização, tendo como unidade de sentido palavras e frases do discurso dos sujeitos. As categorias encontradas são analisadas segundo os objetivos estabelecidos para o conhecimento do objeto de estudo.

A apresentação e análise dos dados segue a ordem das cenas. O trabalho de categorização parte das cenas, acompanha o discurso de cada um dos sujeitos em relação a elas, busca encontrar categorias presentes no discurso elaborado pelos sujeitos para cada cena em específico e registrar a freqüência com que essas categorias se manifestam nos

discursos. As tabelas a seguir apresentam a freqüência com que as categorias se manifestam nos discursos dos sujeitos.

Para a seleção das categorias encontradas nas cenas, o critério adotado foi de proceder a análise das categorias que aparecem mais vezes nos discursos dos sujeitos, entendendo que essas são significativas para a formação da representação social de cidadania.

CENA 1:

Categorias	N.° de Sujeitos
- Sentimento de injustiça social	10
- Responsabilidade governamental	04
- Crítica centrada no oprimido	01
- Consciência crítica da realidade sócio-política	05
- Preocupação com o outro como sujeito de direitos	03
- Responsabilidade da população/comunidade	01
- Identificação com a pobreza	01
- Responsabilidade pessoal de ajudar	01
- Responsabilidade coletiva - Governo e comunidade	02
- Preocupação com a qualidade de vida	01

Tabela 1.A - Categorias encontradas no discurso dos sujeitos Cena 1

Para análise, destacaram-se as categorias mais significativas: sentimento de injustiça social, consciência crítica da realidade sócio-política e responsabilidade governamental.

Categoria	Discurso
SENTIMENTO DE INJUSTIÇA SOCIAL	- "... percebemos que existem várias pessoas pedindo esmola nas ruas..." (Mário) - "... Há! Eu acho que resolve não... acho que isso dá prá compra um páozinho aqui, coisinha alí, mais resolvê, resolve não..." (Rodrigo) - "... Há crianças desamparadas por todos os lugares, outras pessoas realmente não tem onde morar... São muitas pessoas passando fome, passando necessidades, não tem onde morar..." (Ana) - "Por que será que o Brasil tem várias pessoas na pobreza..." (Paulo) - "... vejo muita gente pedindo esmola reclamando que está parado por que não tem serviço e quando tem precisa de um bom estudo as vezes até pra limpa

	prédio..." (Gabriel) - "... uma senhora pedindo esmola... E foi embora pensando porque o mundo é tão bom para uns e ruim para outros..." (Luiz) - "Andando pelas ruas de Goiânia podé peceber tem muitas pessoas pedindo esmo mas não é porque que mais sim porque preciza..." (Carlos) - "Sofrimento das pessoas tendo que pedir para sobreviver..." (Lucas) - "... O rapaz ficou bem sentido, ficou pensando por que, tantos vivem bem e vestem bem comem bem e já outros vivem na miséria..." (Maria) - "... tendo como objetivo, a ismola pedir ou ate mesmo roubar para não passar fome..." (André)

Categoria	Respostas
CONSCIÊNCIA CRÍTICA DA REALIDADE SÓCIO-POLÍTICA	- "O Brasil hoje em dia está enfrentando uma crise muito ruim... às vezes as pessoas até pensando que aquelas pessoas estão nas ruas porque elas querem, outros dizem: vai trabalhar que você tem o que comer, o que beber, e tem onde morar, mais não é assim, as coisas não são fáceis como eles pensam, emprego hoje em dia não está fácil..." (Ana) - "eu vejo assim que esse mundo nosso não vai pra frente por causa do desemprego... eu acho assim que se tivesse emprego pra todo mundo não existiria mizéria neste mundo que vivemos..." (Gabriel) - "... precizamos da um jeito niso porque o governo não está vedo isso não mas só que o povó está no dia, dia vamos ajudar todas esas pessos que não tem moradia e vive no sentro da cidade de goiânia..." (Carlos) - "... se tivessemos uma vida digna não era preciso mendigar nas ruas... esse dinheiro poderia ser investido na educação na saúde e no lazer..." (Lucas) - "A nação brasileira passando por várias dificuldades para viver e alimentar sua família..." (André)

Categoria	Respostas
RESPONSABILIDADE	- "... Pensando nisso so o governo tevesse um pouco de consideração pelas pessoas que estão nas ruas..." (Mário) - "... O governo tem que dá oportunidade e chance aos que querem trabalhar..." (Ana) - "... Isso que prefeito faz não tá certo enquanto ele planta 3.000 florzinha, esiste 5.000 pessoa passando fome porque não tem emprego." (Gabriel)

	- "... se os políticos deixassem de roubar um pouco e esse dinheiro poderia ser investido..." (Lucas)

... DA POPULAÇÃO / COMUNIDADE	- "... hoje não que vivemos um mundo com-pricadissimo: nós jovens seremos o futuro do amanhã - é nós que devemos começa a mudar estas cenas de terror que acontece no mundo todo." (Paulo)

... AJUDA PESSOAL	- "... Eu procuro fazer a minha parte ajudando essas pessoas me faz se sentir muito bém meda uma sensação de aligria e importante ajudar que precisa." (Luiz)

...GOVERNO E COMUNIDADE	- "... So o povo pode ajudar com versando com governo mandando cartas fazendo como que o governo veja a situação das familia desabrigadas. E a comonidade que vai ajudar se pensamos bém." (Carlos) - "... Mas isso tudo que acontece o povo não tem culpa, o culpado e os governantes que só pensa em sauvar sua propria pele, agor a culpa que o povo tem e de ter colocado no poder..." (André)

A representação de injustiça social esteve presente na totalidade dos discursos. Aparece no discurso político e na fala emocional. Mário enfocou o descaso do governo com as pessoas que estão na rua; Maria ficou comovida constatando a diferença entre as pessoas.

Os sujeitos não ficaram indiferentes. A situação de injustiça não foi vista com naturalidade; demonstraram sensibilidade em perceber tal situação e reagiram com indignação.

A injustiça foi objetivada, no plano das necessidades materiais do ser humano, pelas faltas que muitos sofrem, pela miséria em que tantos vivem, de um lado, e pela abundância e privilégios que poucos usufruem, por outro. Nessa situação de desigualdade, sentem-se injustiçados pela falta e pela omissão dos governantes. Apesar de termos alcançado em relação às políticas básicas o caráter de direito estendido a todas as pessoas, o acesso a essas políticas não foi universalizado. O Brasil tem um contigente de 32 milhões de miseráveis (DIMENSTEIN, 1994) e uma parcela significativa dessas pessoas

vive o drama da morte causada pela fome. É uma realidade visível para os sujeitos que também sofrem a falta dessas políticas.

Por se tratar de um plano de necessidades concretas, a percepção das necessidades materiais do ser humano pode ser mais imediata, mas exige do sujeito uma certa elaboração. Exige a percepção de que não se trata de casos particulares, mas que atingem amplos grupos, segmentos definidos da população, que não desfrutam de condições mínimas - o que comer, onde morar -; a percepção de que essas necessidades são direitos de toda pessoa; que tais direitos não estão sendo garantidos, o que caracteriza uma situação de exclusão, de injustiça.

Essa compreensão está presente nas representações dos sujeitos. Eles articularam aspectos, revelando uma consciência que vai além da constatação da realidade de injustiça. De forma crítica, elaboraram um discurso apontando dados de realidade, causas, conseqüências, responsabilidades. Ana, Gabriel, Carlos, Lucas e André colocam no lugar das personagens uma população de desabrigados, desempregados, crianças desamparadas. Enfim, uma grande parte da população brasileira que passou a mendigar a sobrevivência. Ana, Gabriel e Carlos acham que a falta de trabalho é a principal causa desses problemas. André fala de possíveis conseqüências. Tal quadro pode levar as pessoas a optar por atividades ilícitas.

A maioria dos sujeitos mostrou ter consciência da realidade social injusta em que vive. Em seus discursos, procurou apontar responsáveis, a quem cabe a iniciativa de ajudar e de promover mudanças no quadro de injustiça social do país. A responsabilidade coube mais aos políticos que representam o poder. Alguns sujeitos dividiram as responsabilidades entre governo e comunidade/população. Houve quem achasse que a responsabilidade maior era da população e, também, quem assumisse pessoalmente a tarefa de ajudar.

Os sujeitos se mostraram sensíveis à injustiça. Deram dimensão social à questão, revelando consciência crítica da realidade. A sensibilidade à injustiça e a consciência crítica são aspectos importantes na formação do cidadão, que estão presentes no discurso elaborado pelos sujeitos.

CENA 2:

Categorias	N.° de Sujeitos
- Sentimento de despreparo frente ao novo	05
- Consciência das dificuldades, das possibilidades e prováveis conseqüências	08
- Planejamento das oportunidades	08
- Identificação com a situação de abandono	02
- Sentimento de confiança e otimismo frente ao novo	01
- Sentimento de discriminação	01
- Adesão a oportunidade lícita	01

Tabela 2.A - Categorias encontradas no discurso dos sujeitos na Cena 2.

Conforme os critérios adotados, as categorias significativas para análise são: planejamento das oportunidades, sentimento de despreparo frente ao novo consciência das dificuldades, das possibilidades e prováveis conseqüências.

Categoria	Discurso
PLANEJAMENTO DAS OPORTUNIDADES	- "... o primeiro passo da Rita conseguir uma confiança com as pessoas que tem preconseito com pessoas que passam por internato e fasser amizade e com essas aparesem oportunidade de vida melhores para ela levantar sua vida no mundo grande." (Mário) - "... Acho que em primeiro lugar ela vai procurar trabalho, vai... é tentar arrumá um serviço... arrumá um lugar prá morá..." (Rodrigo) - "... ela sai do internato, ela se sente até estranha, porque ela não conhece o mundo lá fora, daí ela vai procurar fazer, ou reconstruir a sua vida, procurar um trabalho, uma casa, pessoas que a ame, enfim procurar ser feliz." (Ana) - "Nesse causo primeiramente eu ir buscar ajudar. Em grupo de que meche com criança e adolescente a partir dos 18 anos de idade: - Assim eu ir ver que tinha um parente mas próximo. - Mas tavés que eu tenha procurar algum serviço que eu podia fazer para sobreviver..." (Paulo) - "Ha! Ela vai sair pra trabalhar. Rita vai começa sua nova vida, começa a trabalha ganhar seu dinheiro, compra sua casa pra mora e construir sua familia e ser feliz... ela também tem que estuda pra não ter difildade em arruma emprego..." (Gabriel) - "... sabia que sua vida ali dentro já terminara que teria que seguir outro caminho.... ela tem um sonho. Um sonho de se torma alguem na vida de estudar e fazer faculdade e se formar em medicina..." (Luiz)

	- "... E nem sabe se vai consegui um emprego porque já completou 18 anos e querendo ou não tem que trabalhar porque na sociedade se for pobre e não trabalha e vagabundo maloqueiro..." (Lucas) - "... Já saindo do internato ela teria duas psoes para pensar ou ela fica com o pensamento de revolta na cabeça é vira uma má pessoa ou ela pensa em construir uma familia e possa dar para os filhos o que ela não teve o amor dos pais." (André)

Categoria	Discurso
CONSCIÊNCIA DAS DIFICULDADES, DAS POSSIBILIDADE E PROVÁVEIS CONSEQÜÊNCIAS	- "... Se uma pessoa fica do 10 anos até 18 anos no internato ela vive suas regras do internato. Mas as regras do mundo grande são outras....principlamente se ela não tiver lugar para ela ir. Bom objetivo dela quebrar esta regra lá fora sem escolha de vida, e de sobrevivencias. O Final [incompreensível] a roubar e fazer outra crimes...." (Mário) - "Acho que saí dum lugar desse já devia sair com um...até a pessoa dê conta de se virá sozinha... é meio dificil mais arruma. Se a pessoa não tiver boa cabeça logo começa é...vender por aí, vender o corpo, essas coisas....Prá fazer coisas ruim né, não falta pessoa prá dá a mão, prá ajuda..." (Rodrigo) - "... que a maioria dos jovens que sair do internato não saiba resolver seu próprio problemas,...Assim ele começa a roubar para comer: - que for os meninos começa a vender drogas - e as meninas a ser protituir para viver - ..." (Paulo) - "... e ela sabe que as ruas estão cheias de drogas, marginais, prostituição mas não quer tomas estes caminhos..." (Luiz) - "... e quando entera a idade serta que chega na casa dele e até com viver com seus pais e seus irmãos sera que e muito de fisio para todos eles ou tem como um lugar para quando sair ou vai para quauquer lugar porque tio que... Recolhe e se estive jeito de tentar aprosima dos seus familia dava mas serto de que deixa lá entera os seus 18 anos." (Carlos) - "... esta um pouco assustada sabendo das dificuldades que vai enfrentar fora do internato (sai com um monte de duvidas..." (Lucas) - "... Como ela iria arrumar um serviço legar onde iria morar e com quem... A moça não encontrou um lugar legal para morar, encontrou várias casas para trabalhar mas não foi bem recebida. O que a moça encontraou foi muito jovens com o mesmo problema, problemas piores como drogas e outros vicios..." (Maria) - "... se os pais de Rita tivesse um imprego teria dada uma

	vida melhor e ela não teria saido de casa ou os pais não teriam abandonado. Teria condições para dar uma escola, saude, casa e uma familia, o que e uma criança sem familia não é nada..." (André)

Categoria	Discurso
SENTIMENTO DE DESPREPARO FRENTE AO NOVO	- "... E por isso ela não esta preparada para o mundo grande lá fora..." (Mário) - "É acho que a pessoa, igual, fica tanto tempo num lugar desse, saí, acho que fica pensando o que vai fazer né... sem saber o que vai fazer, né, porque acostuma tanto tempo num lugar só,... acho que não deve sabé quais nada, fazer quais nada, não tem uma profissão, não tem nada..." (Rodrigo) - "... Mas ela pensa que caminho tomar porque não tem nem uma profissão..." (Luiz) - "... tenho que trabalhar e aquela ficha que vou preencher sera que se eu falar que morei no internato não vai ter o emprego porque eles acham logo que sou menino de rua como se..." (Lucas) - "Essa pessoa estava acostumada com um ritmo de vida, derepente muda tudo. Essa moça estava saindo do internato e não sabia completamente nada..." (Maria)

A possibilidade de traçar um planejamento buscando nova situação de vida é bastante positiva, pois o indivíduo se vê com perspectivas, em condições de realizar, empreender ações, produzir. Sente-se também dono de seu destino, capaz de cuidar de si, de escolher o que deseja e o que é necessário para si, decidir sua vida por conta própria. O indivíduo pode sentir-se único - expressar sua individualidade - e igual - desfrutar das mesmas oportunidades. Mesmo que não tenha autonomia para decidir sobre tudo de sua vida, que nem todas as decisões passem só pelos seus desejos e necessidades, é importante sentir-se capaz e exercitar essa tarefa. Do contrário, o indivíduo não tem sonhos; entrega os rumos de sua vida a outros, desconhece seus desejos, ignora suas necessidades, tornando-se incapaz de lutar por seus direitos.

A maioria dos sujeitos manifestou a capacidade de traçar planos para sua vida com autonomia e consciência das condições objetivas de vida. Pode-se perceber que a capacidade de autodeterminação está representada nos discursos comunicados pelos sujeitos, compondo a representação de cidadania.

Os sujeitos fizeram uma distinção entre a vida na instituição (o internato) e o "mundo lá fora", informando sobre a diferença entre esses dois mundos. Para eles, a vida institucional não prepara os jovens para a vida lá fora e também a realidade fora da instituição é cada vez mais difícil e cruel.

O projeto de vida que traçaram apareceu permeado de preocupações em relação ao "mundo lá fora". Apontaram dúvidas, dificuldades reais e concretas que impedem o jovem de seguir seus planos de vida. O sentimento de despreparo surge da falta de experiência para o trabalho, de estudos e, às vezes, de uma profissão.

O planejamento das oportunidades passou, para todos os sujeitos, pela atividade do trabalho como atividade lícita e meio para a auto-sustentação. Diante das possibilidades planejadas, apontaram dificuldades, riscos e conseqüências que fazem parte da realidade desigual e excludente em que vivem. Os sujeitos demonstraram, assim, ter consciência das circunstâncias dadas para o projeto próprio de autodeterminação e para os de vários segmentos da população. Vivendo em circunstâncias nada favoráveis, muitos jovens não têm direito de acesso ao trabalho e são empurrados para a submundo criminoso - o mundo das drogas, do roubo e da prostituição. Os sujeitos deram ênfase à possibilidade ilícita, não por assumirem uma atitude pessimista em seus projetos, ou por opção. Essa ênfase deveu-se mais à percepção da realidade objetiva em que vivem, cujas oportunidades são menores e o convite às drogas, à prostituição passa a compor as estratégias de sobrevivência dos jovens. Como no caso do personagem de Maria que acaba numa casa de prostituição por não encontrar espaço para realização do seu projeto de vida.

Foi significativo a maior parte dos sujeitos terem presente em sua prática cotidiana a preocupação com as possibilidades objetivas de realizar suas escolhas, de traçar seus projetos de vida. Ferreira (1993, p. 8) levanta a questão da liberdade e afirma que ela se relaciona com o conhecimento das necessidades do homem e com os meios para viabilizá-las. Acrescento a garantia de acesso a esses meios. Conhecendo suas necessidades e as condições objetivas para sua realização, o sujeito é capaz de fazer escolhas e conduzir sua vida. Nesse espaço, entre as necessidades e as possibilidades, ele é livre, exercita sua liberdade.

Um número significativo de sujeitos apresentou as categorias essenciais em relação à dimensão estabelecida "capacidade de autodeterminação", podendo afirmar-se que essa dimensão está presente na representação de cidadania que aparece em seus discursos.

Principalmente, são capazes de traçar planos com autonomia para suas vidas, incluindo a preocupação com o projeto de auto-sustentação, via atividade de trabalho. Considerando as necessidades de trabalho, moradia, alimentação para iniciar uma nova vida sozinhos, passam a discutir as possibilidades objetivas com que contam para realizar seus planos. Em relação a si mesmos, apontam a inexperiência para o trabalho, a falta de estudos e de uma profissão; em relação ao contexto sócio-político em que estão inseridos, falam da dificuldade de encontrar trabalho, da realidade das drogas e da prostituição.

CENA 3:

Categorias	N.° de Sujeito
- Presença de valores democráticos	09
- Interesse pelos problemas coletivos	07
- Análise crítica da situação	06
- Mobilização para mudança	04
- Intervenção organizada	02

Tabela 3.A - Categorias encontradas no discurso dos sujeitos na Cena 3

As categorias que aparecem com destaque para a análise são: presença de valores democráticos, interesse pelos problemas coletivos, análise critica da situação.

Categoria	Discurso
PRESENÇA DE VALORES DEMOCRÁTICOS	- "... é os alunos ter uma boa educação e o professor ser respeitado." (Mário) - "E preciso primeiro melhorá o salário dessas pessoas que trabalha na escola, dos professor, das pessoas todas, e melhorá a escola,..." (Rodrigo) - "Todos devem se respeitar uns aos outros, quem quer ser respeitado tem que se dar o respeito também, e deve haver mais diálogo entre os alunos e os professores." (Ana) - "... pra melhora as escolas de hoje preciza de muita paciencia para que não esista violência na escola... Só esta faltando conversa entre professor e aluno." (Gabriel) - "Mais isso poderia ser evitado se alunos em professores conversarem... o professor possa criticar sem violência e o aluno ter sua liberdade de espressão." (Luiz) - "Para temos um ensino mais adequadro e um futuro menho porque tem muitas escolas estadual presisando deses andamentos todos..." (Carlos) - "...e prá melhorar um pouco mais o melhor seria a coversa entre professores alunos diretores." (Lucas)

	- "Os alunos conversaram com a turma e com os diretores, coordenadores, secretários e com os outros professores..." (Maria)

Categoria	Discurso
INTERESSE PELOS PROBLEMAS COLETIVOS	- "... falta de livros e alimentação." (Mário) - "Ha... eu acho, questão de escola realmente, escola tá uma bagunça danada... tá difícil estudá demais... umas escolas que não tem nada, que falta tudo, às vezes falta professor..." (Rodrigo) - " Os professores recebe pouco..." (Paulo) - "Os alunos das rede escola estadual está precisando de um ensino mais bém estudado e de mais aria de lazer como quadra e aria de reuniam água fitrada e um lanche..." (Carlos) - "A professora está irritada porque... e os alunos que também tem seus problemas..." (Lucas) - "Em todas escolas há problemas entre professores e alunos mas nessa escola estadual o problema está grave..." (Maria) - "Uma sena que eu vejo muito na escola..." (André)

Categoria	Discurso
ANÁLISE CRÍTICA DA SITUAÇÃO	- "... Os professores ganham pouco..." (Mário) - "Essa questão do salário do professor, nem os professor fica animado em dá aula..." (Rodrigo) - "O ensino hoje em dia está muito fraco, o ensino precisa de mais reforço..." (Ana) - "Escola. Um dos pontos que o Brasil sofre muito. ...professores recebe pouco ...a falta de compreenssão dos nosso governantes não saber administrar seus cargos direito ...Eu sei que algum dias o nosso países vai mudar para melhor no ensino escolar." (Paulo) - "... o salário muito pouco e atrasado problemas em casa tendo que trabalhar os tres periódos para aumentar a renda..." (Lucas) - "... porfessora que não está satisfeita com o salário que o governo dá, alunos indo para escola imbreagado ou drogado... vendendo drogas na escola e grupos de gangue." (André)

A situação escolar envolveu todos os sujeitos. Mostraram-se preocupados com o que acontece nas escolas, levantando, para a discussão, problemas diversos. Na discussão, manifestaram uma postura democrática em suas opiniões, avaliações e

encaminhamento de propostas. Sugeriram a negociação aberta e democrática entre as partes envolvidas como forma de compreender as reais causas dos problemas que afetam a escola e de buscar soluções. Demo (1996, p. 76-77), Velho e Alvito (1996, p. 11) relacionam o aspecto da negociação como um dos objetivos da participação e ressaltam que sua importância está no nível de compromisso mútuo que cria.

Diante dos problemas apontados, a tendência foi discutir as causas e buscar a responsabilidade das partes envolvidas, sem centralizar a discussão na figura do aluno, do professor, ou da escola esem buscar culpados.

A escola, cenário da cena 3, foi considerada um espaço difícil, complicado. Em seus discursos, apontaram diversos problemas, como o ensino fraco, a falta de condições materiais da escola, o relacionamento professor-aluno, a questão salarial dos professores, o fenômeno da violência - gangues e drogas dentro da escola. Todos, problemas que sensibilizaram significativamente os sujeitos e que envolvem o coletivo da escola e até ultrapassam o contexto escolar. Para Rodrigo, a falta de material e de professores, além dos baixos salários, são questões que tornam a tarefa de ensinar e estudar mais difícil; André apresenta um problema que cresce bastante e tem preocupado: a violência dentro da escola.

Os sujeitos conseguiram perceber vários problemas sérios e atuais da realidade escolar e articularam explicações lógicas para eles, identificando causas e conseqüências, o que demonstrou uma compreensão crítica dessa realidade. Os discursos que elaboraram trataram as questões de forma ampla, buscando explicações que vão além das paredes da sala de aula. Um dos problemas enfatizados por vários sujeitos foi o salário dos professores, apontado como uma das razões para a falta de paciência e de ânimo para ensinar bem. Interpretaram esse problema como o resultado da falta de uma política de valorização dos professores. Consideraram que o professor ganha pouco, não é respeitado em seus esforços, recebe atrasado, dentre outros problemas, como se pode verificar nos discursos de Mário, Rodrigo e Lucas.

Partindo da definição que "cidadão é um homem participante" (Demo, 1996, p. 71), os sujeitos apresentaram em seus discursos aspectos importantes que compõem a dimensão de participação e, portanto, de cidadania. Isto fica evidenciado pela presença de valores democráticos - que implicaram uma prática de negociação, discussão e avaliação dos conflitos, valorização do diálogo, do respeito entre posições desiguais, de opinião e

decisão em conjunto, de preocupação e envolvimento com questões coletivas - e também pela presença de consciência crítica da situação que os mobilizou para uma compreensão mais contextualizada, contribuindo para as tomadas de posição e encaminhamento dos conflitos. Foi pouco expressiva a mobilização dos sujeitos para mudar a situação, principalmente de forma organizada. Talvez a ausência de participação organizada seja reflexo da desmobilização geral da sociedade, presente também na escola, que geralmente tem muitas limitações em criar espaços democráticos, em que a participação, segundo Demo (1996) ,torne-se uma metodologia de trabalho.

CENA 4:

Categorias	N.° de Sujeitos
- Discussão de causas e/ou conseqüências do não direito ao trabalho	03
- Culpa / Desqualificação	01
- Noção de direitos	03
- Conhecimento dos direitos	05
- Defesa dos direitos	04
- Percepção de si enquanto sujeito de direitos	05
- Ênfase dos deveres / responsabilidades	01
- Percepção de discriminação	03

Tabela 4.A - Categorias encontradas no discurso dos sujeitos na Cena 4

A análise a seguir destaca as categorias que têm uma presença mais significativa: conhecimento dos direitos e percepção de si enquanto sujeito de direitos.

Categoria	Discurso
CONHECIMENTO DOS DIREITOS	- "Nesse causo ela devia recor no direito do trabalho o seu direito ou seja buscar alguma força para - fazer um pequeno acordo com seu patrão." (Paulo) - "... se os funcionarios ésta sendo despedidos." (Carlos) - "... Já começa a pensar que só tem que cumprie aviso... e ela tem o direito de procurar a justiça do trabalho..." (Lucas) - "O patrão da moça era racista por isso o despediu... e resolveu abrir um inquérito contra o seu patrão." (Maria) - "Pode recorrer a justiça ganha por que a discriminação e crime..." (André)

Categoria	Discurso
PERCEPÇÃO DE SI ENQUANTO SUJEITO DE DIREITOS	- "... nós pequenos trabalhadores devemos a lutar pelos nossos dirietos de cidadão..." (Paulo) - " A fauta do desemprego no mudo esta muito grande e porisso o mundo ésta ficando violento. ...como vamos com bater a violecia se não temos os enpregos para tirar a violencia das ruas..." (Carlos) - "... porque ela tem defender os seus direitos..." (Lucas) - Derrepente o seu patrão chega e diz você está despedida, sem ela ter feito nada, ela não tinha feito nada mesmo, o problema era sua cor sua raça. ...Só que não ficou por isso mesmo..." (Maria) - "Uma pessoa sendo despedida porque tem a pela negra ou proque não tem um bom visual, e o puro racismo que tem no nosso país... ...foi despedida não pelo trablaho que apresentou mas sim pelo que ela é." (André)

Nas representações de cidadania, é fundamental a presença do conhecimento de direitos e deveres. Uma discussão mais ampla enfocando os direitos do cidadão na sociedade contribui para que diferentes segmentos da população construam gradualmente sua consciência de direitos, de cidadania. Este é um desafio para a sociedade brasileira. Aqui, o acesso aos direitos básicos não foi universalizado, enquanto a desigualdade, que desagrega e exclui, é crescente, atingindo cada vez mais pessoas. Por isso continua sendo importante ter consciência dos direitos para reivindicá-los e/ou defendê-los; para perceber-se excluído.

Pode-se repetir um discurso sobre direitos e saber enumerá-los, mas não se reconhecer como sujeito desses direitos. Somente percebendo-se como credor de direitos, pode-se produzir mudanças na concepção de direitos, na forma de encaminhar suas reivindicações, na sua participação nos diversos espaços da sociedade, no entendimento dos benefícios e serviços que recebe e na própria imagem que constrói de si e do outro. Reconhecendo-se como credor de direitos, o cidadão não vê os benefícios que recebe como doações, não depende de sentir-se merecedor ou não da ajuda de uma figura caridosa.

O conhecimento dos direitos é o primeiro passo importante para a formação da consciência de direitos e deveres que inclui a concepção do cidadão enquanto sujeito de direitos. Para isso, é fundamental a existência de espaços na sociedade que possibilitem o

exercício de relações democráticas, de distribuição de oportunidades, de socialização do conhecimento, de universalização dos direitos.

O conhecimento dos direitos foi uma categoria presente nos discursos de significativa parte dos sujeitos, fato que permite considerá-la presente na representação de cidadania. Manifestaram-se em relação a situações de trabalho, assumindo uma postura de sujeitos de direito. Reivindicaram esse direito para si e para o coletivo. Saíram em defesa de seus direitos quando esses não estavam sendo garantidos e quando se viram discriminados. Para Paulo, o trabalhador deve lutar pelo seu direito de cidadão, de forma organizada; Maria e André denunciaram a discriminação por racismo. Sabem que isso é crime e se propõem buscar a justiça para defender seus direitos; Luiz e Lucas apontam direitos do trabalhador e o recurso à justiça quando esses não são garantidos.

Para esses sujeitos as categorias analisadas apareceram de forma bem expressiva, caracterizando a presença de uma consciência de direitos, de sua condição de cidadãos e, portanto, consciência de cidadania.

CENA 5:

Categorias	N.° de Sujeitos
- Concepção de grupo enquanto espaço de compartilhar	10
- Reconhecimento e respeito pelo outro	08
- Igualdade de oportunidade para o outro	06
- Aceitação, inclusão do outro	10
- Preocupação com o outro	06
- Avaliação do outro	01
- Identificação com a situação	01

Tabela 5.A - Categorias encontradas no discurso dos sujeitos na Cena 5

A maioria das categorias identificadas teve presença regular nos discursos dos sujeitos, aparecendo na elaboração de todos. Pode-se dizer que a alteridade é uma dimensão presente para os sujeitos, aparecendo de forma homogênea em suas elaborações, sendo incluída na representação de cidadania que constroem. As categorias analisadas foram: concepção de grupo enquanto espaço de compartilhar, aceitação e inclusão do outro, reconhecimento e respeito pelo outro.

Categoria	Discurso
CONCEPÇÃO DE GRUPO ENQUANTO ESPAÇO DE COMPARTILHAR	- "... e ate lugar para conversam sobre problemas de meninos de rua. E meninos que precisa de apoio com centro comunitario." (Mário) - "... tá pedindo prá entrar no grupo, se ele tá pedindo tá a fim de contribuir, de ajudá mesmo o grupo, de... dá idéias..." (Rodrigo) - "... participar de algum grupo... porque é muito interessante e importante, a gente aprende muita coisa..." (Ana) - "... tem grupo em vários setores para ajuda os jovens sobre as drogas, AIDS - prostituição ou seja a participação dentro de uma escola..." (Paulo) - "... para discutir vários assuntos diferentes...." (Gabriel) - "... se reunem para conversar sobe varios plevemas da sociedade..." (Luiz) - "Um grupo de jovem que reunia para dessobri a vida de cada um delis..." (Carlos) - "... grupo muito grande sem jeito de ajudar os outros... depois ir fortalecendo cada vez mais pra ajudar a comunidade..." (Lucas) - "... e estava tentando deixar as drogas com a ajuda do grupo." (Maria) - "... o centro comunitário tá precisando de gente prá ajudá nos grupos, grupos de jovens. ...decidir alguns problemas da comunidade..." (André)

Categoria	Discurso
ACEITAÇÃO E INCLUSÃO DO OUTRO	- "... Os grupos pensaram de decidiram se o Centro e Comunitario então e pra comunidade..." (Mário) - "Acho que o grupo aceita... ...parece que o grupo tá precisando de mais gente, né." - "Todos os jovens devem participar de algum grupo de jovens,..." (Ana) - "... o grupo deixou o menino participar do grupo comunitário." (Paulo) - "... todos concordaro com a participação dela." (Gabriel) - "... apartir dai o Rafael era o mais novo jovem do grupo." (Luiz) - ".....vamos dar uma chance a ela". (Carlos) - "... Quer fazer parte do grupo nesse caso o grupo vai deixar Rafael entrar..." (Lucas) - "O menino voltou a participar do grupo de jovens..." (Maria) - "... a chance dá, mas a chance de convencer o grupo a deixar entrar." (André)

Categoria	Discurso
RECONHECIMENTO E RESPEITO PELO OUTRO	- "... mas integrante no grupo e mas facil conseguir algo que fortalesem nosso grupo." (Mário) - "... eles deviam dar uma chance à eles, porque só falta uma chance e uma oportunidade para que eles participem." (Ana) - "... eles disviaro o assunto que estava discutindo e foi falar sobre o Rafael... ...Porque quanto mais gente participando séra mais facio de vencer os problemas." (Gabriel) - "... função do centro comunitario era de reentregar o jovem na sociedade novamente..." (Luiz) - "... um dos representante do gropo acho que o adolecente tinha que entra mais só que não sem estuda..." (Carlos) - "... e Rafael foi fazer um pedido e porque gostou do trabalho e quer estar junto. ...mas vai ficar aprendendo primeiro." (Lucas) - "O garoto voltaria para o grupo de jovens e a turma iria ajudar o menino a deixar as drogas." (Maria) - "O grupo está reunido para ver se entra um novo colega...conversa entre eles para ver e depois chama o colega para conversar um pouco, para ver se o Rafael esta mesmo afim de entrar no grupo para ajudar..." (André)

Ressalto a importante dimensão dada ao grupo por todos os sujeitos; tanto para o indivíduo enquanto participante, quanto para o coletivo de seus membros e para a comunidade em geral. Definiram-no como espaço de encontro, de conversa, de aprendizagem, de luta por direitos e, principalmente, de ajuda. Nesse sentido, a categoria compartilhar fez-se presente em todos os discursos. Expressaram que se pode aprender com o grupo, ser apoiado pelo grupo, ajudar o outro através do grupo. Com o grupo, trocam experiências, fortalecem a comunidade, organizam-se para defender seus direitos.

Esses sujeitos fazem um discurso de defesa do grupo, dão-lhe uma dimensão democrática e de espaço comunitário. Para chegar a essa postura, vivenciaram experiências em grupo. Todos já participaram de grupos comunitários.

O grupo, em sua pequena dimensão, proporciona espaço para as pessoas viverem em comum. É um espaço de formação de intersubjetividades, de alteridade, em que o encontro com o outro contribui para o reconhecimento de si próprio (SAWAIA, 1994, ROLNIK, 1994, JOVCHELOVITCH, 1994). Desenvolve-se no grupo um sentimento de pertença, fundamental para a identidade individual e coletiva (COVRE, 1994, ARENDT, 1995).

Assim, o grupo deve estar aberto à diversidade do ser humano, às suas diferenças. Ser um lugar em que as pessoas possam ajudar, contribuir com quem é diferente e também aprender, crescer com a diferença. Para a aceitação e inclusão do outro no grupo, é importante o reconhecimento e o respeito ao outro, mesmo que esse outro esteja buscando ajuda.

Os sujeitos se mostraram abertos para receber mais pessoas, avaliando que a entrada de novos elementos reforça o grupo. Mas seguem critérios. O grupo de um centro comunitário é da comunidade e deve estar aberto a todos que se interessem em participar e contribuir; o grupo é aberto para ajudar a quem o procura, e/ou a quem o grupo se propõe ajudar. Em nenhuma das falas apareceu a indiferença em relação ao outro. A figura do outro apareceu como alguém que pode contribuir, ou que precisa de ajuda, mas nunca como um inimigo.

Muitos sujeitos procuraram discutir e avaliar o interesse de outras pessoas em fazer parte do grupo. O critério de aceitação de outras pessoas nesse espaço comum foi o interesse em fazer parte do grupo e em contribuir. Os sujeitos realizaram avaliação, seleção e observações, mas todas as pessoas foram aceitas. A oportunidade de participação, segundo eles, ocorre para todos pois, os critérios são os mesmos, proporcionando oportunidades iguais.

Elaboraram uma definição de grupo envolvendo a preocupação com o outro enquanto indivíduo, que precisa de apoio e ajuda, além da preocupação com interesses comuns, do grupo, da comunidade.

A dimensão alteridade manifestou-se significativamente no discurso dos sujeitos que se mostraram receptivos à inclusão de outras pessoas no seu grupo; a postura predominante foi de respeito para com quem buscou o grupo - a fim de contribuir ou receber ajuda; principalmente, ressaltaram a importância do espaço do grupo, democrático, plural e, por isso mesmo, capaz de expressar a dimensão de alteridade.

No conjunto das cenas trabalhadas, os discursos dos sujeitos foram indicando as categorias mais significativas que compõem a representação de cidadania por eles elaborada. Dentre essas categorias, apresentaram-se mais freqüentemente o sentimento de injustiça social; o planejamento das oportunidades, a consciência das dificuldades, das possibilidades e prováveis conseqüências; a presença de valores democráticos; o interesse pelos problemas coletivos; o conhecimento de direitos; a percepção de si enquanto sujeito

de direitos; a concepção de grupo enquanto espaço de compartilhar; o reconhecimento e respeito pelo outro; a aceitação e inclusão do outro.

A percepção de problemas sociais como o desemprego, a pobreza, a discriminação, a violência, a crise da educação, dentre outros, revela que os sujeitos fazem uma leitura de realidade, têm consciência dessa realidade, considerando-a injusta porque "são muitas pessoas passando fome" (Ana), "pessoas tendo que pedir para sobreviver" (Lucas), "porque o mundo é tão bom para uns e ruim para outros" (Luiz), "Por que será que o Brasil tem várias pessoas na pobreza" (Paulo).

Com sensibilidade, viram a perversidade da vida cotidiana para com os setores marginalizados e apontaram caminhos para a superação dessa condição social. A consciência da realidade em que estão inseridos os faz planejar, traçar projetos de vida, realizar escolhas contando com as possibilidades objetivas de vida. O conhecimento dos direitos contribui para se reconhecerem como sujeitos desses direitos. Sentem-se capazes de planejar, opinar, decidir, negociar, num exercício de participação com base em regras democráticas de convivência, tais como a conversa, o diálogo, o respeito. A preocupação com os problemas da coletividade e com o outro demonstra uma solidariedade fundada no entendimento que o outro também é sujeito de direitos e deve ter, enquanto tal, suas necessidades atendidas. Esta é uma postura ética. Os valores mais democráticos influem no espaço de convivência do grupo que se constituiu em espaço de encontro, de aprendizagem, de ajuda. O grupo possui regras que não são excludentes, está aberto à manifestação das diferenças.

3.1.4 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO COLETIVO

No discurso coletivo, foram observados os seguintes aspectos: presença de discurso elaborado ou não, sintonia do discurso com o assunto discutido, organização das falas, fontes de informação e modo como focalizam o assunto no discurso. Após várias leituras do discurso, buscou-se analisar esses aspectos.

Observou-se nesse material do grupo de investigação - grupo A - um discurso articulado e sintonizado com a temática. Mantiveram um diálogo com discursos

longos, que contemplam reflexões, opiniões, críticas. Lucas, em seu discurso, diz o que pensa sobre certos problemas na escola, situando-os em um contexto mais amplo, relacionando-os à questão da cidadania:

> "Eu acho, igual o Luiz falou aí, é certo a questão do trabalho, e principalmente do trabalho é o salário né. Nessa folha aqui cena 3 eu vejo assim, que o professor dando murro na mesa, já nervoso com os alunos, acho mais porque chega na sala os alunos tá bagunçando, não que... ...às vezes, os alunos tá preocupado com outra coisa, aí vem o professor, que às vezes, tem que trabalhar três turnos, e... ...o salário é mau, ele tá com problema em casa, ele chega na sala de aula, aquela bagunça, não consegue controlar, ele fica nervoso. Acho que o salário também contribui prá cidadania. E a outra figura, embaixo, aqui o contrário, o aluno dando murro na mesa do professor. Acho que também é a mesma coisa, só que não em termos de salário, mas em questão de respeito, de cidadania, que às vezes ele consegue reconhecer como cidadão, aí fica nervoso, querendo reivindicar os direitos dele, só que de jeito errado, dando murro na mesa". (Lucas, Cena 3)

O tema cidadania parece já fazer parte do cotidiano dos sujeitos que demonstraram capacidade de comunicação sobre tal assunto. As situações das cenas aparecem em seus discursos articuladas aos conceitos de cidadania, aos dados da realidade e a experiências próprias.

Ao mesmo tempo que revelavam saber do que estavam falando, apresentando um discurso crítico, notava-se também um discurso repetitivo, viciado sobre direitos, misturado à compreensão que cada um abstraiu sobre cidadania. No pronunciamento de André, esse discurso apareceu: "... mais ser cidadão é ele ter o direito dele, de, de ir e vir, de... ...sei lá, direito de tudo né, que tem direito mesmo, e ser respeitado como o Luiz disse ..."

O discurso apresentou uma seqüência articulada dentro do conteúdo proposto. Os sujeitos mantiveram-se dentro do assunto em discussão até esgotá-lo, não fugindo muito e às vezes exemplificavam com casos e experiências pessoais, sem fugir do assunto.

Na seqüência do discurso, alguns fizeram mais intervenções que outros, dominando a discussão. Especificamente Luiz se destacou nessa prática. O grau de entrosamento no assunto e de envolvimento na discussão foi crescente. O discurso construído em grupo avançou mais em suas características críticas, de percepção da

realidade. Em grupo, sentiram-se estimulados a expor suas idéias e a discussão fluiu com espontaneidade.

3.1.5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA ENTREVISTA COLETIVA

A análise do discurso coletivo - que se apresentou de forma diferente, com diálogos e amplas discussões sobre os temas propostos pelas diversas cenas - deu-se a partir da Análise Temática, segundo Minayo (1994, 1996). Além dos desenhos, os participantes apoiaram-se também em um roteiro mínimo de entrevista que introduziu formalmente o objeto social de representação: a cidadania.

O discurso construído pelo grupo de investigação estruturou-se de forma diferente. Mais elaborado, mais extenso, cuja organização não segue a ordem das cenas. Após várias leituras, foi possível identificar, segundo o critério da seqüência do discurso, a presença de temas estruturados com base no roteiro da entrevista coletiva. A análise de conteúdo da entrevista coletiva do presente grupo segue os seguintes temas:

- Cidadania e os direitos do cidadão;
- O que é ser cidadão?
- O exercício da cidadania e as dificuldades;
- O que fazer para garantir os direitos do cidadão?
- O que são direitos?

No tema *Cidadania e os direitos do cidadão*, os sujeitos buscaram familiarizar-se com o assunto. Inicialmente dispersos, mais presos aos desenhos, fazendo referências às cenas. A partir da apresentação da categoria cidadania, mantiveram-se sintonizados, discutindo articuladamente o assunto. Discutiram os aspectos gerais de cidadania e depois especificaram alguns direitos do cidadão.

Os sujeitos conversaram longamente sobre o direito ao trabalho, revelando a centralidade desse tema no discurso do grupo e o seu valor na concepção de cidadania que elaboraram. Essa centralidade reflete, provavelmente, a importância que o trabalho

tem suas vidas; seja em relação à sobrevivência, seja em relação a expectativas futuras de auto-sustentação. O trabalho tem relação direta com a auto-sustentação da pessoa, garantindo a possibilidade de realização de projetos de autopromoção de maneira autônoma e digna. Demo (1992, 1994, 1995, 1996), insiste que a cidadania também tem uma essência econômica. Para o autor, a capacidade de fazer-se sujeito da história e do seu destino corresponde à capacidade de auto-sustentação. Enquanto tivermos indivíduos dependentes, estaremos no limite da cidadania.

> -Pesquisador: "Você acha que o trabalho é um aspecto importante para a cidadania?"
>
> - Luiz: "É um aspecto importante. Uma pessoa com um emprego ela tem uma boa formação, ela consegue se manter, ela pode se alimentar bem, ela pode se vesti, ela pode até mesmo estudá e fazer outros cursos como o mercado de trabalho exige. Eu penso nesse aspecto assim".

O trabalho é um direito e faz parte da cidadania das pessoas. Esta consciência também aparece em relação à dificuldade de acesso a esse direito.

> - Pesquisador: "O que vocês acham quando o Luiz levanta o trabalho como um aspecto importante?"
>
> - Lucas: "Eu acho, igual o Luiz falou aí, é certo a questão do trabalho... ...aí vem o professor, que às vezes, tem que trabalhar três turnos, e..... o salário é mau, ele tá com problema em casa, ele chega na sala de aula, aquela bagunça, não consegue controlar, ele fica nervoso. Acho que o salário também contribui prá cidadania".

Dentro desse tema, os sujeitos continuaram construindo um discurso importante, revelando as possibilidades objetivas para se fazer cidadão. A seguir, destacamos alguns fragmentos, mesmo não obedecendo rigorosamente à seqüência do discurso dos participantes.

> "... Se você vai procurá um emprego, se você não tem uma boa formação, um bom passado, você não consegue emprego... ...E esse tipo de excru... ...excrusão, então, é o seguinte, faz com que a pessoa não tem cidadania, ela não tem cidadania ..." (Luiz)
>
> "... Porque hoje em dia tá muito assim, prá você trabalhar você em que ter experiência, ter um monte de coisa, e o governo não tá colaborando com as pessoas. Porque tipo assim, se você tá precisando de

serviço, ele exige um monte de coisa, então ele não tá dando oportunidade a quem precisa..." (Ana)

"... Eu não tô muito por dentro das estatísticas hoje não do Ibope, mas eu tive assim uma curiosidade, e tava vendo um certo livro, e lá diz que o mundo hoje tem cerca de bilhões de pessoas, ele fala assim, mas isso contando com que é cidadão mesmo... ...isso claro, fora os que vive debaixo da ponte, os que não tem emprego, os que não tem identidade, sabe. Isso, então, quer dizer... ...e essas pessoas que estão na rua, igual o Paulo disse, pedindo esmola, até mesmo quem sabe essa mulher (cena 1) pode ser esta aqui (cena 4) que o patrão despediu ela, e ela não conseguiu arrumar emprego por causa da informática, do computador que toma o emprego das pessoas mesmo". (Luiz)

"O que não faz parte da cidadania é o sofrimento que o povo anda tendo, no caso de não ter o trabalho a opção de ir prá esquina pedi dinheiro, acha mais fácil. Porque o serviço tá muito difícil...." (André)

Outros direitos são evidenciados pelo grupo, como o direito a família:

"... Porque sem família a criança perde a infância né, que é o importante... ... pelo menos eu não tive infância..." (André)

Os direitos relacionados à liberdade individual da pessoa:

"Acho que em primeiro lugar, acho que o direito dele poder ir, ir prá onde ele quer, ser livre, direito de brincar..." (Lucas)

"... Complementando, o direito de expressão, de liberdade. Porque nem sempre o jovem é ouvido..." (Luiz)

Começou a se esboçar a partir desse tema uma concepção de cidadania bem marcada pela idéia de direitos, cujo quadro de referência é político-social. O grupo fez um discurso sobre direitos, que não foi pura reprodução de discursos a que teve acesso, mas já incorporou elementos da sua subjetividade, observações da realidade imediata, experiências da sua prática social, demonstrando que a concepção de cidadania tem uma unidade e está sendo construída com base em várias fontes.

No tema seguinte, os sujeitos tentaram formalizar uma concepção de cidadania em que o quadro referencial se mostra ampliado pela inclusão do referencial de alteridade, que caracteriza a representação de cidadania formulada pelo grupo.

Aproximando-se mais a discussão da elaboração de um conceito de cidadania, o segundo tema traz a questão *O que é ser cidadão?* O tema foi trabalhado enfocando os aspectos do conhecimento dos próprios direitos, da mobilização e da postura do cidadão, envolvendo a sensibilidade à injustiça, a solidariedade, o respeito e o reconhecimento do outro enquanto sujeito de direitos.

> - Pesquisador: "Para vocês o que é ser cidadão?"
>
> - Paulo: "Prá mim é conhecer o Estatuto da criança e do dolescente ..."
>
> - Luiz: "...Então, ser cidadão é a pessoa saber cobrar os próprios direitos, saber ouvir outras pessoas, e saber ajudá-las, porque só na base da união é que a gente vai conseguir uma coisa melhor, conseguir ser cidadão de verdade".
>
> - André: "Mais ser cidadão é ele ter o direito dele, de... ...de ir e vir, de... sei lá, direito de tudo né, que tem direito mesmo, e ser respeitado como o Luiz disse".
>
> - Lucas: "Eu acho que prá ser cidadão eu acho que primeiro ele tem que pensar que o companheiro que tá do lado dele também é cidadão. Que só quando ele começar a ver os outros, ver ele e os outros a ser cidadão é que vai melhorar, porque enquanto tiver cada um prá si, vai só piorar as coisas".
>
> - Ana: "... Acho que cidadão é as pessoas respeitar uns aos outros né, porque eu acho assim, se a pessoa quer ser respeitada, primeiro ela tem que se dá o respeito prá depois ser respeitada, né. Porque hoje em dia tá faltando muito isso, o respeito. Porque igual um não respeitar o próximo, nunca vai ter cidadania entre todos né. Esse negócio também de lazer, de alimentação, moradia, escola, né, isso tudo também é cidadania e tá faltando muito isso também".
>
> - Carlos: "Ser cidadão é ajudá o próximo né, o próximo ser ajudado. Tá errado né, a briga, qualquer tipo de violência. A violência hoje em dia tá alta..."

Na definição de cidadão, o aspecto mais presente em seus discursos foi o respeito ao outro, o sentimento de ajuda ao outro. A cidadania passa pelo outro, pelo reconhecimento do outro como portador de direitos, como eles mesmos. Nessa condição, devem respeitá-lo e ajudá-lo, solidarizando-se com ele nas injustiças que o excluem e unido-se a ele para a conquista e defesa desses direitos. A cidadania para esses sujeitos não é um projeto individual, em que indivíduos com seus direitos estabelecidos se isolam. Ao contrário, é um projeto coletivo, conquistado com união, que inclui a preocupação com o

outro, capaz de agregar, em que a solidariedade significa autopromoção do cidadão. Na expressão de Luiz, "só com união [se] alcançará a cidadania de verdade", compreendendo a cidadania enquanto conquista, enquanto construção com a participação ativa dos interessados. Também consideraram o aspecto dos direitos; o indivíduo deve usufruir dos serviços e dos bens materiais produzidos pela sociedade, como educação, moradia, alimentação.

Este grupo se compõe de sujeitos que tiveram - e alguns ainda têm - uma participação em atividades de grupos comunitários. Esse fato contribuiu para o desenvolvimento do sentimento de pertença ao grupo, do sentimento de solidariedade e de respeito ao outro.

Birman (1994) destaca a necessidade de repensar os fundamentos do modelo de subjetividade e de cidadania em nossa sociedade. O referencial da alteridade traz novos elementos para se pensar sobre outros modelos de subjetividade e cidadania, possibilitando a inclusão de valores como a ética e a solidariedade para uma nova prática social e política.

O tema a seguir desenvolvido pelo grupo tratou de *O exercício da cidadania e as dificuldades.*

O grupo compreendeu que a legislação em vigor estabelece os direitos do cidadão, mas as condições sócio-político-econômicas da sociedade limitam ou impedem o livre exercício da cidadania. Ou seja, o que a lei garante não se operacionaliza na prática social.

> "Eu também acho que não tá tendo muita cidadania não, tá tendo cidadania sim, para certos meios da sociedade, para quem tem dinheiro, para quem consegue freqüentar uma boa boate, para quem consegue freqüentar um bom clube, estes sim são cidadãos. Agora aqueles que estão lá trabalhando, dando o duro, pensando no futuro de amanhã..." (Luiz)

Os direitos estabelecidos no plano legal constituem a conquista de um importante espaço de luta para a construção da cidadania de todos aqueles que estão em situação de exclusão dos benefícios sócio-econômicos alcançados pela sociedade. Mas o dispositivo legal por si só não garante igualdade de oportunidades para participar desses avanços, não elimina diferenças na distribuição dos benefícios, e não acaba com a

desigualdade . A desigualdade foi percebida pelo grupo que fez uma divisão entre cidadãos que têm os seus direitos constitucionais, mas não gozam de cidadania e cidadãos que gozam de privilégios. A construção da cidadania não pára por aí. O cidadão deve ter participação ativa na reivindicação e defesa dos seus direitos, criando assim um espaço aberto de participação, contribuindo para a formação de uma cultura política mais democrática. Para os sujeitos, a participação na garantia dos direitos aparece como a necessidade de união entre as pessoas para lutar por seus objetivos.

> "... pois é ..... muita falta de cidadania, porque se todo mundo unisse, certo, para tentar alguma coisa, acho que conseguia, só falta mesmo todo mundo contribuir, certo, como com todo mundo que tem". (Carlos)

> "...e tem que pensar positivo, eu vou lutar, porque se a pessoa não lutar, ninguém vai ter um objetivo na vida. Igual nós mesmos que somos negros, se a gente não estudá não tentar lutar, nós nunca vai ter um objetivo na vida. Igual você tá falando negócio de racismo, ninguém vai consegui nada na vida". (Ana)

A primeira dificuldade apresentada para desenvolverem com autonomia seus projetos de vida foi a falta de trabalho. Sem ele, a pessoa perde o rumo de sua vida, ficando dependente de políticas assistenciais nem sempre satisfatórias, da caridade alheia, ou exposta a perspectivas não experimentadas antes, como a adesão a projetos ilícitos, muito próximos e acessíveis às pessoas no cotidiano, na escola, no grupo de amigos, em vários locais do bairro, como apontam Lucas e Carlos:

> "...e as dificuldades que ele vai enfrentando, ele acaba tendo que... ...por exemplo, roubá. Ele procura emprego, é uma semana atrás de emprego, com fome, andando a pé. Não arruma emprego. Chega um e fala vamos roubar ali, aí ele já desiste, poxa, já andei demais, não consegui nada até agora, vou roubar, quem sabe dá certo". (Lucas)

> "...tá muita, pintou até um lance prá mim já, e eu tô aqui certo, qualquer hora que eu vê assim, eu vou fazer mesmo e pronto, tá muito difícil. A gente caça serviço dum jeito e não acha, vai tentar de outro tipo não dá certo. O que a gente tem que fazer, roubar? Ou qualquer outro tipo de coisa. Negócio de roubá, esse tipo de negócio, não é o bem certo, não é um bom exemplo de cidadania. Então tem que mudar esse trem de cidadania. Tem que caçá um jeito de arrumar um serviço prá esses pessoal que precisa mais, esse pessoal mais carente". (Carlos)

As dificuldades evidenciadas conduziram o grupo à reflexão sobre a necessidade de mudança, à discussão em busca de caminhos e à distribuição de responsabilidades nessa tarefa.

O que fazer para garantir os direitos do cidadão? é o tema desenvolvido pelo grupo na seqüência do seu discurso.

O grupo expressou indignação diante das injustiças sofridas pelos segmentos pobres da população, aos quais denomina povo e nos quais se inclui. Por um lado, tem conhecimento dos seus direitos, que lhe garantem um estado de cidadania, mas, por outro, vivencia a falta de oportunidades, a discriminação, que lhe atesta a sub-cidadania, a não-cidadania. Nessa situação, revelou o desejo de mudança.

A fala do grupo parte das experiências e sentimentos próprios. É a expressão desse povo que tem a esperança esvaziada na busca inútil de trabalho, na impossibilidade de concluir nem mesmo o primeiro grau de estudos, de não constituir para si uma profissão. Ainda assim, o grupo expressou a crença na sua participação, enquanto interlocutor de suas necessidades - materiais e psicológicas, - no movimento de defesa de si e de seus direitos. O sujeito se mobiliza em grupos, categorias, movimentos para a realização de uma ação organizada que possa cobrar e provocar mudanças na ordem injusta de distribuição dos ganhos acumulados pela sociedade.

> "...Então, tem que haver união entre todos, porque só assim nosso Brasil vai mudar, porque se ninguém se unir, todos assim, aí não vai mudar nunca mesmo não, aí ninguém vai ter seus direitos assim igual deve ser". (Ana)

> "...Tá certo, hoje em dia tem muitos sindicatos, tem vários instituições que tentam assim... ...ver os direitos das pessoas, tentam convencê-las a não fazer certo tipo de... ...por exemplo tem o CVV, que é o Centro de ..." (Luiz)

No processo de mudança, destacou a responsabilidade do governo, que tem o poder de fazer valerem as leis e criar oportunidades para todos os cidadãos. Não só o governo, mas a figura do "povo" é central no processo de mudança. Para Carlos, a mudança para um estado de cidadania, a luta para a garantia dos direitos depende de cada um; o povo tem o papel de pressionar o governo. Luiz falou da responsabilidade do povo no processo de mudança, pois os governantes são representantes eleitos pelo povo, cabendo a este contribuir e fiscalizar.

O que são direitos? - último tema - é apenas uma breve tentativa de compreensão. O grupo trouxe alguns elementos para a discussão.

Primeiro, constatou-se a dificuldade na definição do termo. No caso, o conceito de direitos foi confundido com os direitos específicos. A seguir, algumas tentativas de definições:

> "Direito é uma oportunidade, né. ...que o cidadão tem, prá fazer qualquer coisa no mundo hoje, depende do direito porque se ele não tiver esse tal direito..." (Carlos)
>
> "O direito é tipo uma obrigação". (Ana)

Na definição de oportunidade, aparece a noção de prerrogativa, que é atribuída a alguém e não se estende a todos. Assim, pessoas e/ou grupos podem não ter os mesmos direitos. Enquanto obrigação, contempla a noção do ato legal mesmo, em termos de regras, normas, princípios que a regulamentam, regem e conduzem ações e comportamentos da pessoa. Não foi possível avaliar como os sujeitos compreendem que os direitos se tornam oportunidades ou obrigações, nem qual a participação dos cidadãos na criação dessas oportunidades e obrigações.

O tema *Cidadania e os direitos do cidadão* foi retomado no final da entrevista. Os sujeitos, motivados pela intervenção do pesquisador, especificaram alguns direitos básicos garantidos a todos em lei.

> - Maria: "Escola, moradia".
>
> - Ana: "Emprego".
>
> - Luiz: "Tem que ter liberdade de expressão ..."
>
> - Pesquisador: "... Que mais?"
>
> - Luiz: "... Ele tem direito de escolher a própria religião".
>
> - Carlos: "... Ter uma boa alimentação né, ter uma boa alimentação a pessoa vai ter um raciocínio bom, ele tem esse direito".
>
> - Luiz: "Ter uma boa saúde,..."

Os sujeitos apresentaram sintonia com o tema geral - cidadania - desde o início da entrevista coletiva. Falaram dos direitos do cidadão, dos limites do estado de cidadania em nossa sociedade, da luta pela garantia dos direitos, da concepção de cidadania e de direito. O discurso do grupo mantém as características e os referenciais de análise da realidade presentes nos discursos elaborados individualmente, conseguindo avançar mais, pois soma as contribuições de cada sujeito, o que o torna mais articulado, mais crítico.

Com o grupo de investigação também se pôde observar as representações sobre cidadania com base nos depoimentos colhidos, a respeito da importância do conhecimento construído sobre cidadania (Apêndice 4), revelando que esse conhecimento já foi internalizado pelos sujeitos, fazendo parte de suas experiências cotidianas na família, no trabalho, na escola, nos grupos, expressando o estabelecimento de relações, nessas esferas de vida, qualitativamente melhores.

Em seus depoimentos, os sujeitos afirmaram que o saber elaborado sobre cidadania os ajudou em suas vidas. Principalmente, consideram-se pessoas com mais conhecimento a esse respeito e especificamente sobre seus direitos. Destacaram que esse conhecimento contribuiu para exigir e cobrar seus direitos; reconhecer e respeitar o outro; ajudar outras pessoas; participar de reuniões e discussões; ser mais participativo.

Particularmente, destacaram a importância de conhecer seus direitos e o que isso significou na mudança da percepção de si e da visão de mundo de forma mais crítica. O jovem Mário colocou: "Com esse conhecimento ficou mais fácil prá mim ver o que é bom prá mim, o que é ruim, com esse conhecimentos que ocorreu". O reflexo desse aprendizado foi muito evidenciado no espaço social da família, no sentido do sujeito poder ensinar aos pais e irmãos o que aprendeu, proporcionando, com isso, maior aproximação e melhor relacionamento familiar.

Os sujeitos se referiram de modo enfático à possibilidade de ajudar outras pessoas proporcionada por esse conhecimento. Em casa, na escola, no local de trabalho, em outros grupos. A consciência de ser um sujeito de direitos, que deve lutar pela conquista da sua cidadania, despertou-lhes, também, para a percepção do outro, para a consciência da situação de exclusão de grande parte da população e para a igualdade de direitos a ser garantida a todos. A consciência de cidadania, presente nesse grupo, inclui o outro, a cidadania não é uma conquista individual nem tampouco um projeto individual. Para o jovem Lucas:

> "Eu acho... ...a importância maior é que a gente tá tentando né, ajudá outras pessoas, prá que as outras pessoas ajuda as outras né, tentando fazer uma corrente... ...então é muito importante isso. Na minha vida essas coisas foram importante porque a partir delas eu posso contribuir para a cidadania das outras pessoas ..." (Lucas)

3.2 RESULTADOS DO GRUPO DE APOIO

3.2.1 ANÁLISE DA DINÂMICA DO GRUPO NA COLETA DE DADOS

Os sujeitos desse grupo, em sua maioria trabalhadores, dispunham, para colaborar na pesquisa, somente do horário liberado pela escola. Importante ressaltar a exigüidade de tempo para a execução dessa etapa da pesquisa. Os sujeitos tentavam conciliar as atividades da pesquisa com suas aulas de reforço, enquanto o pesquisador contava com um tempo limite para a coleta de dados em função da proximidade do encerramento das aulas.

Mesmo sendo voluntária, a participação apresentou-se bastante flutuante nos dois momentos que compõem o processo de coleta de dados. Os horários, marcados com cada um dos sujeitos não foram seguidos, o que obrigou o pesquisador a procurá-los pela escola, quando não compareciam no horário combinado.

Esse comportamento pode estar relacionado ao estado de constrangimento proporcionado pela situação da pesquisa, ao cansaço e tensão naturais em final de ano escolar, quando os sujeitos - trabalhadores e estudantes - têm que passar por aulas de reforço e provas finais.

Os sujeitos levaram de 1 hora e 15 minutos, a 2 horas para escrever os comentários das cinco cenas trabalhadas. As condições dadas aos sujeitos no processo de coleta de dados foram as mesmas já relacionadas na análise do grupo A.

A maioria dos sujeitos demonstrou certa dificuldade para escrever os comentários devido a constrangimento, timidez, preocupação com a escrita e mesmo limitação de conteúdos projetivos mobilizados.

Os sujeitos fizeram poucos comentários e perguntas: também foram discretos em relação a gestos e expressões faciais. Prestavam bastante atenção às instruções e iniciavam a atividade. Em reação às intervenções do pesquisador, acrescentavam pouca coisa ao que já tinham escrito. Às vezes, como no caso de Pedro e Marcos, apenas davam respostas de forma monossilábica, sem se dispor a escrever.

No geral, mostraram-se colaborativos, apesar da timidez e do constrangimento que a situação significou para eles. Tratava-se de uma situação nova, em relação à atividade em si e à pessoa do pesquisador. Envolveram-se, com diferentes intensidades, na atividade, buscando resolver o melhor possível a tarefa solicitada.

Nos dois encontros que antecederam à entrevista coletiva, não se contou com a participação de todos os sujeitos. Penso que o pouco contato entre eles tenha refletido negativamente no desenvolvimento da entrevista coletiva.

Na entrevista coletiva, ficou evidente a falta de entrosamento entre os sujeitos para participarem de uma discussão em grupo. Todos se conheciam; alguns eram mais próximos, por serem colegas de sala de aula. Esse maior ou menor conhecimento entre si refletiu na participação dos sujeitos na discussão. Os mais entrosados dominaram, realizando o maior número de intervenções; alguns se mostraram constrangidos com a situação de grupo e participaram pouco.

Os sujeitos não conseguiram manter-se organizados para falar e ouvir o outro. A condução da discussão em alguns momentos foi atropelada. Geralmente, um interrompia a fala do outro e com freqüência todos falavam ao mesmo tempo. Durante a discussão, aconteceu de fazerem brincadeiras maldosas, em tom de gozação, desqualificando os colegas, como Clara, bastante falante, que por várias vezes dirigiu-se aos colegas de forma desrespeitosa:

- "O burro!"

- "Ceguinho? Que isso, ele não disconcorda com nada..."

Com esse tipo de comportamento, era comum a dispersão dos sujeitos que constantemente saíam do assunto, dificultando a condução e o posterior processamento do registro da entrevista. Apesar desses problemas, houve interação entre alguns sujeitos do grupo, proporcionando ambiente para se complementarem na construção do discurso. A

forma como se trataram, como se organizaram e conduziram a reunião revela, por si só, a prática da cidadania no grupo.

3.2.2 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO INDIVIDUAL

A análise segue os mesmos aspectos observados em relação ao discurso individual produzido pelos sujeitos do grupo de investigação - grupo A.

A maioria dos sujeitos construiu narrativas, apresentando características projetivas, pessoais. Predominou a posição do sujeito enquanto narrador, que cria uma história, dá nome aos personagens, como no caso de Clara:

> "Sasha era uma professora muito má, que prigava com os alunos atê,..." (Clara, Cena 3)

Lúcia foi um dos sujeitos que utilizou a primeira pessoa, colocando-se como personagem da história criada:

> "Eu estava passado na causada do centro de Goiânia e la andado. Logo avisto uma senhora sentada na causada pedido ..." (Lúcia, Cena 1)

A construção do discurso permanece mais centrada nos detalhes das cenas. Poucas foram as iniciativas de ampliar o discurso. Pode-se pensar que o objeto social - cidadania - não seja um campo de interesse para os sujeitos, que não estabelecem uma relação próxima com tal objeto. No conjunto dos discursos, aparecem mais elementos afetivos, relacionais e menos elementos críticos. Ricardo, por exemplo, se penaliza com a situação da pedinte:

> "...Quando ele estava passando na causada do centro da cidade encontrou uma popre velhinha pedindo dinhero para ele e ele estava so com dinhero de volta e vicou muito triste com a velhinha porque não tinha dinhero para dar para ela..." (Ricardo, Cena 1)

Os discursos são breves, mas articulados e com sentido. Foram construídos com seqüência, apresentando início e desfecho final. Apenas Clara, Ricardo e Mariana

produziram discursos mais longos, detendo-se em detalhes. Observou-se, na maioria dos sujeitos, uma escrita pobre. As dificuldades de se expressar corretamente são muitas e apesar de estarem cursando de 5ª a 8ª séries do primeiro grau, guardam dificuldades advindas da alfabetização.

A dificuldade de se expressar através da escrita refletiu negativamente na elaboração dos discursos. Caracterizando-se pela identificação com as situações tratadas nas cenas, os discursos foram mais concretos e, na sua maioria, limitaram-se aos estímulos das cenas, ou a comentários de caráter projetivo, afetivo, sem fazer abstrações ou generalizações.

3.2.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA ENTREVISTA INDIVIDUAL

Para a análise dos dados do grupo de apoio - grupo B - seguiu-se o mesmo procedimento adotado para o grupo de investigação.

CENA 1:

Categorias	N.° de Sujeitos
- Sensibilidade	9
- Identificação com a pobreza	4
- Sentimento religioso/moral	3
- Culpa do sujeito	1
- Justificação na doença/deficiência	5
- Responsabilidade pessoal de ajudar	3
- Consciência crítica da realidade socio-política	3
- Sentimento de pena	1

Tabela 1.B - Categorias encontradas no discurso dos sujeitos na Cena 1.

As categorias cuja presença se manifestou mais significativamente nos discursos referentes à cena 1 foram: sensibilidade, identificação com a pobreza, justificação na doença/deficiência. Por essa razão, os discursos referentes a tais categorias foram selecionados para análise.

Categoria	Discurso
SENSIBILIDADE	- "... Eu sabia que não era tanto assim e ela também. Mais eu sabia que aquele dinheiro mataria a fome dela almenos na quela hora..." (Lúcia) - "... Porque ele mostra uma coisa muinto triste..." (Clara) - "... se eu tivesse como dar uma ajuda a ela eu daria com bom coração..." (Renato) - "... e o que a sente ver no nosso dia a dia pessoa como esta senhora que tem que pedir esmola para sobreviver..." (Luciana) - "... Quando ele viu a pobre senhora na causada vico com do e senti vontate de ajudar a pobre senhora" (Ricardo) - "... Se todas pessoas que passase po aqui e ajudase esa munhe ele tauves não estava naquelas condisões toda suja desarumada." (Pedro) - "... E é assim que elas vão levando a vida "se é que é vida"." (Eduardo) - "... O pobre também merece ser Feliz!..." (Mariana) - "... Eu olhei para ela fiquei pensando cuitada chorando pra pedi o pão de cada dia..." (Marcos)

Categoria	Discurso
JUSTIFICAÇÃO NA DOENÇA/ DEFICIÊNCIA	- "... más outros não, sou porque elas são doentes e não dão conta de trabalhar..." (Clara) - "... e uma senhora com defietos fisicos e ela me pedisse..." (Renato) - "... dona Maria era cega de um olho..." (Pedro) - "... pessoas que ..... ou por dificuldades fisicas..." (Eduardo) - "... isso se eu não fosse deficiente..." (Mariana)

Categoria	Discurso
IDENTIFICAÇÃO COM A POBREZA	- "... Ela estava tão triste por pedir tanto e todos que passavem nu olhava para ela e aquela sena mim comoveu." (Lúcia) - "... Se fosse eu tivesse na rua e uma senhora com defeitos fisicos e ela me pedisse uma ajuda..." (Renato) - "... Quando eu estava passando na causada do centro da cidade encontreou uma popre velhinha pedindo dinhero para ele estva so com dinhero de volta e vocou muito triste com a velhinha porque não tinha dinhero para dar para ela..." (Ricardo) - "... Seu eu te vesse que sair peindo dinheiro na rua, para não morrer de fome..." (Mariana)

Todos os sujeitos mostraram-se sensíveis à situação colocada na cena 1. Não surgiu nenhuma atitude de indiferença, ou seja, todos foram mobilizados para empreender algum tipo de ajuda, independente dos motivos apresentados para a condição de pedinte do personagem, da concepção de ajuda que formularam, ou do sentimento em questão: de injustiça ou de pena.

Os sujeitos revelaram em suas falas e ações um reconhecimento do outro como portador de carências e de necessidades ainda não percebidas como direitos da pessoa. Por isso, às vezes, acabam responsabilizando o sujeito pessoalmente por sua condição de pedinte e buscam soluções individualizadas. É importante ressaltar que, nos seus discursos, o outro é percebido como o próximo, que precisa de ajuda e de solidariedade. A solidariedade pareceu ser mobilizada por um comportamento emocional/afetivo, relacionado a um sentimento moral/religioso.

Horus Vital Brazil, ressalta a dimensão ético-política da solidariedade. Para esse autor, ela

> "é um desses valores que se associa ao descentramento do indivíduo, e implica uma sensibilidade em relação não só à existência dos outros, realizando uma destituição narcísica parcial que seja, mas também o reconhecimento da múltipla determinação e mútua dependência em um contexto social e é, no mínimo, um valor prioritário da decisão política".
> (Vital Brazil, 1994, p. 183)

A solidariedade manifesta não revelou a dimensão ético-política, mostrando-se voltada para a dimensão moral-religiosa. Provavelmente, essa dimensão se relacione à educação familiar dos sujeitos e à continuidade de um processo educativo que não possibilitou experiências que contribuissem para o desenvolvimento de uma consciência mais crítica da realidade.

Seguindo uma manifestação mais afetiva, foi significativa a atitude de identificação com a situação de pobreza representada pelo personagem da senhora pedinte. A iniciativa de ajudar apareceu de forma mais explícita quando um dos sujeitos se colocou no lugar desse personagem que ocupava a submissa posição de esmoler. Essa identificação não é um exercício muito distante do cotidiano deles. Convivendo com a falta de oportunidades, com a desigualdade em todos níveis - social, político, econômico, cultural -

que exclui e marginaliza, as pessoas tornam-se incapazes de se auto-sustentar, vendo na condição de esmoler uma alternativa para a sobrevivência.

Eles próprios vivem essa falta de oportunidades. Isso está explícito na própria luta que travam enquanto trabalhadores e estudantes. Identificaram-se com o personagem que representa o lado frágil, discriminado, que sofre a violação dos seus direitos.

A identificação se deu mais no plano emocional-afetivo, na percepção imediata da realidade que os levou a particularizar essa realidade. A situação é vista como manifestação de um caso particular, pessoal. Assim, de forma pessoal, individual buscam ajudar. Incapazes, como o personagem , de resolver a situação, partem para ações imediatas e ineficazes: dão esmolas.

Não demonstraram perceber o outro como sujeito de direitos. Desta forma, o outro fica sempre na dependência da ajuda de alguém de "bom coração" como disse Renato. Isso acontece, talvez, porque também não se percebem como sujeitos de direitos.

Foi possível observar que é comum os sujeitos verem o pedinte como uma pessoa doente ou portadora de deficiência física. Consideram a condição de deficiente físico ou de doente motivo para se estar na rua, esmolando. Vêem com naturalidade o fato de muitos deficientes físicos e doentes exporem sua condição ao público para sobreviver. A naturalização dessa situação deprimente passa a compor a concepção de que doença e deficiência sejam motivos aceitáveis para uma pessoa acabar na rua esmolando, ou, até mesmo, a própria causa para tal situação.

O que mais se evidenciou nessa cena foi a motivação afetivo-emocional mobilizando a ajuda ao outro de forma individual, justificada pela doença/deficiência da pessoa e não pela percepção da realidade político-social injusta, violadora de direitos e responsável pela condição de sub-cidadania ou de não-cidadania desse segmentos da população. A não percepção de si mesmo enquanto cidadão portador de direitos e deveres impede o reconhecimento do outro como também sujeito de direitos. As necessidades e as carências ficam em evidência, mas as causas são particularizadas, situadas no contexto pessoal de vida de cada um. Os sujeitos se mostraram sensíveis à injustiça, mas esse sentimento ainda não criou uma consciência da injustiça. Na representação de cidadania da maioria dos sujeitos , o elemento afetivo esteve mais presente. Foi ele que mobilizou os sujeitos para a ação de ajudar o outro.

CENA 2:

Categorias	N.° de Sujeitos
- Independência/autonomia	5
- Dependência/passividade	4
- Sentimento Religioso	1
- Planejamento das oportunidades	5
- Identificação com a situação	1
- Consciência das dificuldades, das possibilidades e prováveis conseqüências	2

Tabela 2.B - Categorias encontradas no discurso dos sujeitos na cena 2

Apareceram de forma mais significativa as categorias: independência/autonomia, dependência/passividade e planejamento das oportunidades.

Categorias	Discurso
INDEPENDÊNCIA/ AUTONOMIA	- "É quando ela saiu ela foi morrar sozinha e Deus..." (Clara) - "Se eu estivesse saindo de um internato eu iria procurar um lugar para eu ficar até eu achar um serviço para me manter e alugar um comodo palá eu viver..." (Renato) "... Rita conprou o jornal e viu escrito presiso de uma domesti vallar com a Maria ela vai la conversou sertinho..." (Ricardo) - "... ela vai sofrer bastante se não tiver iniciativa e seguir sua própria cabeça..." (Eduardo) - "... Depois você tem que tocar a vida prá frente ..." (Mariana)

Categoria	Discurso
DEPENDÊNCIA/ PASSIVIDADE	- "... longo a frente estava vindo uma senhora de idade e vendo o jeito de Rita perguntou. Porque você estar tão triste e então ela respondeu. E porque eu não tenho para onde ir. Mais você não tem pai, mãe, irmaus, parentes. Não: então vei mora com mingo eu não sou rico, mais o que eu tenho eu posso - li dar." (Lúcia) - "Eu acho que viver num internato é muito dificio e triste..." (Luciana) - "... E Paula se melhorou antes de ficar maior. Ela voultou para casa e não discutia mais com sua mãe..." (Pedro) - "Eu já sair do internato, mais é agora o internato era o meu único lar,..." (Marcos)

Categoria	Discurso
PLANEJAMENTO DAS OPORTUNIDADES	- "... Logo depois ela arrumou um emprego depois passou um tempo ela arrumou um namorado e depois dê um tempo de namoro ela realizou um de seus sonhos se casar depois, ela tive um uma filha depois um filho,..." (Clara) - "... agora que eu estou saindo do internato vou procurar un trabalho e eu posso morar nele e recomesar minha vida..." (Ricardo) - "... ela vai ter que enfrentar a vida lá fora... ela foi forte arrumou um emprego onde morar lá mesmo com uma otima família...." (Eduardo) - "... Sim procurar um serviço arrumar um lugar onde você possa ficar... Procurar estudar e fazer amizade... mais na frente tentar formar uma família e seguir em frente enquanto você estiver viva..." (Mariana)

Nos discursos de Clara, Renato, Ricardo, Eduardo e Mariana percebeu-se maior independência, autonomia em relação às decisões tomadas na situação proposta pela cena 2. Demonstraram iniciativa própria ao buscar possíveis soluções para os problemas, capacidade de cuidar de si, de tomar conta da própria vida e de superar a dependência experimentada na vida institucional do internato.

As alternativas levantadas pelos sujeitos geralmente passaram pela sua inserção no mercado de trabalho. Isto revela uma preocupação, mais do que uma consciência, propriamente, com a auto-sustentação. O trabalho ou o "serviço", como se referem, foi o primeiro aspecto dos novos planos de vida, com a importância de garantir a sobrevivência material - onde morar, o que comer.

Esse aspecto é fundamental para o processo emancipatório do indivíduo. Tomar conta dos rumos da própria vida significa também se manter, sem o que o indivíduo não consegue se autodeterminar, tornar-se um cidadão. Para Demo (1995, 1996) a capacidade de se autodeterminar está intimamente associada à de se auto-sustentar: "Autopromoção - competência de construir projeto próprio organizado - implica auto-sustentação. Auto-sustentação - competência de prover ao próprio sustento - implica autopromoção." (1995, p. 98)

Esses sujeitos, diante da situação desconhecida de vida que vislumbram, buscaram traçar um projeto de vida, fazer planos. No planejamento das oportunidades, todos os projetos se situaram no campo das ações lícitas, via inserção no mercado de trabalho, buscando garantir as suas necessidades imediatas.

Destacaram-se, também, os projetos afetivos - constituir ou encontrar sua família, casar, ter filhos, fazer amizades. Percebo aí a importância de poder planejar o lado pessoal, afetivo, de incluir nos planos de vida um projeto de felicidade, que em momento algum deve estar dissociado do projeto de autopromoção e de auto-sustentação do sujeito.

No exercício de planejar, traçar um projeto de vida, apenas Eduardo e Marcos consideraram as circunstâncias dadas para realizar seus planos. Demonstraram preocupação com as possíveis facilidades e dificuldades a serem encontradas; apresentaram dados de realidade, o que torna suas decisões e escolhas mais conscientes, podendo melhor avaliar as oportunidades, os recursos e posicionar-se enquanto sujeitos do seu processo de desenvolvimento, a partir das condições dadas.

A preocupação com os estudos não foi um aspecto presente nos planos dos sujeitos. Apenas Mariana mencionou esse aspecto.

Também foi significativo o número de sujeitos que manifestaram uma postura de dependência, demonstrando dificuldades para sair da situação da vida institucional e certa tendência para buscar alternativas que mantenham a relação de dependência. O sentimento presente foi de incapacidade de cuidarem de si mesmos, de gerirem suas próprias necessidades. Como Lúcia, que busca os cuidados de outra pessoa e Marcos que sente ter perdido seu único lar.

Demo (1995, p. 98) define a autopromoção como a competência de gerir a própria vida, sendo conhecedor das suas possibilidades e necessidades e com competência para satisfazê-las. Nessas condições, o indivíduo é sujeito de seu processo de desenvolvimento, consciente das possibilidades e condições que o cercam, contando com liberdade para fazer suas escolhas e traçar seus planos. Os sujeitos se mostraram bem positivos frente a uma situação nova, revelando desejos de recomeçar vida nova, passando pela via lícita do trabalho e depois pelo projeto familiar. Foi ausente a capacidade de percepção das circunstâncias dadas para o projeto de autoderterminação que orientam as escolhas e planos de vida.

CENA 3:

Categorias	Nº de Sujeitos
- Relação não-democrática	5
- Presença de valores democráticos	3
- Presença de ação isolada	3
- Intervenção organizada	3
- Identificação com a autoridade	4
- Submissão a autoridade	3

Tabela 3.B - Categorias encontradas no discurso dos sujeitos na Cena 3

Estão presentes de forma mais significativa na representação dos sujeitos as categorias: relação não-democrática, identificação com a autoridade.

Categoria	Discurso
RELAÇÃO NÃO DEMOCRÁTICA	- "... a professora estava brigando com os alunos, ela bateu com o apagador na mesa... Logo depois a outra sala havia um aluno discutindo com a professora ..." (Lúcia) - "Sacha era uma professora muito má, que prigava com os alunos atê, e todos tinha medo... ai o Queven apelou com a Sacha e foi prá cima dela..." (Clara) - "... ele já que partir pró ignorância ofedendo o professor com palavras ou até fisicamente como já presenciei..." (Eduardo) - "É... a professor deve que não estava muito boa. O motivo ninguem sabe o porque ela deu o murro na mesa... É só falar quem quiser asistir aula asiste, quem não quer quiser vai pra fora..." (Mariana) - "... A professora levantou da carteira começou chama atenção dos alunos mais eu não achetei como ela chamou nossa atenção e levantei da carteira comecei fala auto com ele..." (Marcos)

Categoria	Discurso
IDENTIFICAÇÃO COM A AUTORIDADE	- "Numa escola qualquer os alunos não queriam saber de estudar e so viviam coversando no horário de aula, não respitavam os professores..." (Renato) - "... é o que a contece na nossa escola professores atenciozos e alunos sem uma atença... Alunos que não ver a dedicasão do seu professor e ainda quer ficar bravos com eles..." (Luciana) - "... Isso só mudaria com a compreensão do aluno, ele entendesse que o professor quando chama sua atenção está

	no direito dele e que a ignorância não levaria a nada." (Eduardo) - "...É mais vida de professor não é mole não, principalmente quando tem que dar aula em uma sala que só tem aluno bagunsento e dificio. Mas ela não pode que os alunos tome conta da sala de aula..." (Mariana)

A situação proposta trouxe de imediato uma realidade muito próxima aos sujeitos, propiciando a identificação com o cotidiano escolar. A escola foi mostrada como espaço de descontentamento. O aspecto mais evidenciado foi a qualidade do relacionamento professor-aluno. Um relacionamento não-democrático que vai da agressão verbal à agressão física. No relacionamento professor-aluno, o sentimento mais presente foi o desrespeito de ambas as partes. Os sujeitos ficaram mobilizados por essa situação, demonstrando que a qualidade desse relacionamento os incomoda. Pelo menos constituiu um problema em seu discurso.

No relacionamento de enfrentamento e agressão destacado pelos sujeitos, parece haver pouco espaço para a conversa, o diálogo, a participação. No espaço da escola, professor e aluno parecem estar de lados opostos, para uma tarefa que é unicamente realizável com a participação de ambos.

Na discussão da relação professor-aluno, parte dos sujeitos identificou-se com a autoridade representada pela figura do professor, assumindo um discurso que reforça sua autoridade e a submissão dos alunos. Justificaram as ações autoritárias do professor pelo "mau comportamento" dos alunos. Nos conflitos de relacionamento, apontaram soluções envolvendo apenas os alunos; esses devem realizar suas tarefas, ter respeito para com o professor, ser compreensivos, ser obedientes, ter bom comportamento. Os alunos devem render-se à autoridade do professor de forma obediente e até submissa. Ninguém reconheceu nas atitudes dos alunos uma forma de reação à autoridade do professor, uma forma de rebeldia, como de fato o são, embora sejam manifestações individuais, de revide, sem participação, que não possibilitam mudanças.

A escola passa a representar esse espaço retrógrado, que não contribui para o exercício democrático de seus participantes dentro de um contexto de direitos e deveres para a construção de sujeitos do desenvolvimento.

Acredito que tenha sido mais fácil posicionar-se a favor do professor do que dos alunos, pois, na prática, aquele detém o poder no relacionamento. Seus direitos estão

mais claramente explicitados, não se discutindo muito os seus deveres; enquanto os alunos geralmente têm os seus deveres ressaltados e normalmente pouco conhecem dos seus direitos. Na verdade, assumem a defesa do poder instituído.

A escola também se mostra fechada à participação. Os problemas apontados no contexto escolar, principalmente focando o relacionamento professor-aluno, não tiveram o envolvimento dos alunos - vistos, geralmente, como a causa dos problemas - na sua discussão. Revelou-se uma relação desigual sem diálogo, sem discussão direta entre os envolvidos. Os alunos permaneceram numa postura de acomodação, ou de agressividade, não esboçando uma participação mais efetiva, nem agindo de forma mais organizada. Ao contrário, apresentaram uma intervenção acrítica, isolada, aceitando para si toda responsabilidade pelos problemas. Provavelmente, a escola não tem representado, para muitos alunos, um espaço aberto ao diálogo, à negociação, que incentive a presença do aluno enquanto sujeito do processo educativo, contribuindo para a democratização da prática escolar.

A formação da cidadania implica o desenvolvimento de uma consciência crítica, em que a aquisição de conhecimentos intelectuais via educação escolar contribui para a superação da consciência ingênua. Também compreendo como Buffa et al. (1991, p. 79) e Ferreira (1993, p. 221-222), que a formação do cidadão não passe tão somente pela ordem da razão, enquanto saber intelectualizado, adquirido via escola. A educação é vista por esses autores como parte importante do processo de construção democrática e de formação à cidadania, mas não constitui o todo do processo, lembrando também que a educação é constituída historicamente. Mas, como um dos instrumentos para a formação do cidadão, a educação escolar deve possibilitar não apenas a assimilação de conteúdos, mas também buscar com o aluno o valor desse conhecimento.

Nesse aspecto, temos a queixa de práticas pouco democráticas na escola e, por outro lado, alunos pouco envolvidos na resolução dos conflitos, sem participação, sem uma leitura mais objetiva dos problemas que envolvem o contexto escolar. Nos discursos, a dimensão participação apareceu de forma pouco expressiva ainda, sendo um aspecto que pode e deve desenvolver-se mais com a democratização das relações na escola.

CENA 4:

Categorias	Nº de Sujeitos
- Culpa / desqualificação do empregado	8
- Noção de direitos	2
- Defesa dos direitos	1
- Submissão / passividade	7
- Percepção de discriminação	2

Tabela 4.B - Categorias encontradas no discurso dos sujeitos na Cena 4

As categorias mais significativas foram: culpa/desqualificação do empregado e submissão/passividade.

Categoria	Discurso
CULPA/ DESQUALIFICAÇÃO DO EMPREGADO	- "Ana trabalhava numa loja de eletro domestico há dois anos. Um dia ele teve de faltar... Então eu não outra oternativa há não ser despedila..." (Lúcia) - "Um dia a funcionária Sasha estava no seu serviço é o patrão dele chegou é a despediu, agora porque, foi proque ela era negra é ele era rassista..." (Clara) - "... Ele não devia esta comprindo o horário e chegava todos os dias atrazado..." (Renato) - "Vemos no proprio comercio que temos funcionarios desqualificados para o serviso mas..." (Luciana) -"... a noite jegava muito cnasada em casa da escola e então ela estava acordando muito tarde então o patrão já estava vicando com raiva..." (Ricardo) - "... Vilma porque que você xega atrasada todos os dias vou ter que ti mandar embora..." (Pedro) - "Esta cena a funcionária talvez tenha sido despedida por não ser eficiente no seu emprego ou por ter cometido algum furto... Há... acho que ela roubou... pela cor dela... Ela foi despedida por sua incapacidade de fazer seu serviço..." (Eduardo) - "... A funcionária não estaria fazendo o serviço direito." (Mariana)

Categoria	Discurso
SUBMISSÃO/ PASSIVIDADE	- "... Então Ana foi enbora e no outro dia ela sor ia fazer o aserto..." (Lúcia) - "... Más depois de um tempo ela descobriu que o seu patrão despedil ela porque ele era rassista, más afinal ela nem importo porque ela já tinha acustumado porque ele não era o único no mundo que era rassista."

	(Lúcia) - "... E ele não fez nada porque ele devia saber que estava errado." (Renato) - "... O patram como todos não e tulerante nada a saida e mandar imbora ou seja despedida..." (Luciana) - "... ela comesou a sorar não o senhor não pode fazer uma coisa deso..." (Pedro) - "... O macímo que você pode fazer é perguntar para o seu patrão por que ele te despediu,... ele falar que não tem mais geito de você continuar trabalhando lá, entenda numa boa...". (Mariana)

Praticamente todos os sujeitos construíram explicações a respeito da demissão do empregado ligadas ao seu mau comportamento, justificando, assim, a atitude do patrão.

Às vezes, os motivos elaborados foram associados a uma desqualificação, ou discriminação da figura do empregado, como Clara e Eduardo que identificaram a questão do racismo como fator de discriminação e motivo gerador da dispensa do empregado. Em um caso, a funcionária foi demitida porque era negra e no outro, ela foi acusada de roubar por causa da sua cor.

No cotidiano desses sujeitos, essa pareceu ser a ordem natural da realidade . A incapacidade pessoal, a cor, a má aparência, a indolência, são entendidos e assumidos pelos sujeitos como explicações suficientes para estarem excluídos do direito ao trabalho. A incapacidade pessoal passa a justificar as desigualdades de oportunidades, as diferenças sócio-econômicas.

Os sujeitos também se mostraram submissos diante da figura autoritária do patrão, assumindo a culpa pelo fato de terem sido demitidos e, às vezes, defendendo as atitudes do patrão. Para Clara, a funcionária Sasha já estava acostumada com a discriminação racial da sociedade, não se importando com o fato do patrão demiti-la por esse motivo.

Os sujeitos não questionaram os motivos da demissão, mesmo quando ela se dava por mera discriminação - a discriminação racial por exemplo. A discriminação não foi percebida como um ato de injustiça, uma violação de direitos. Mostraram uma atitude de submissão diante da situação de exclusão, de desconhecimento de seus direitos. O sujeito consente a discriminação, pois já internalizou o processo de naturalização da violência.

A maior preocupação em buscar algo de errado no comportamento do empregado, a justificação da atitude do patrão, impediu o sujeito de sentir-se um igual ao outro, tendo direitos e deveres e de compreender que nem sempre os motivos estão na ordem pessoal. Segundo Sawaia (1994), pode-se dizer que não só a sua consciência está alienada, mas também os seus sentimentos, pois é importante não apenas ter consciência de que se tem direitos, mas reconhecer-se sujeito desses direitos para mobilizar-se em sua defesa.

Os discursos dos sujeitos também não foram marcados pela presença de uma consciência de direitos. Manifestaram uma noção de direitos quando se referiram, por exemplo, à legislação trabalhista: "faltar por causa justa", "ter o aserto" (SIC). Para Demo (1996), a consciência dos direitos e deveres significa o primeiro passo, fundamental para a conquista da cidadania, permitindo que a pessoa perceba o que lhe é de direito, bem como a sua exclusão, para mobilizar-se na conquista do estatuto de cidadão de fato.

CENA 5:

Categorias	Nº de Sujeitos
- Aceitação e inclusão do outro	7
- Exclusão do outro	2
- Reconhecimento e respeito pelo outro	7
- Indiferença ao outro	2
- Abertura no processo de discussão e decisão	4
- Conformismo no processo de discussão e decisão	5
- Sentimento religioso de ajuda	1

Tabela 5.B - Categorias encontradas no discurso dos sujeitos na Cena 5

Destacaram-se para análise, por aparecerem de forma mais significativa, as categorias: aceitação e inclusão do outro, reconhecimento e respeito pelo outro, abertura no processo de discussão e decisão, conformismo no processo de discussão e decisão.

Categoria	Discurso
ACEITAÇÃO E INCLUSÃO DO OUTRO	- "... Então Rafael ficou no grupo." (Lúcia) - "... e todos gostariam que o garoto participace também..." (Renato) - "... E dodos os nossos colegas comcordaram que Rafael estivese presente nas reunionis..." (Luciana) - "... estabem vamos dar uma janse para ele mas que ele

	fica nacua responsabilidade você olha ele estabem..." (Ricardo) - "... nos deisamos Rafael emtra no grupo com uma condição que ele fique como nos comportamos..." (Pedro) - "... O grupo finalmente decidiu que Rafael podia participar." (Mariana) - "... Todo responderão que sim..." (Marcos)

Categoria	Discurso
RECONHECIMENTO E RESPEITO PELO OUTRO	- "Emtão eles resolveram que Rafael fica um mês de obiservação... Ao passar um mês eles voltaram novamente há outra reunião para ateder o pedido de Rafael, então eles desidiram que Rafael por ser um clara legal, seserio ele ficaria no grupo..." (Lúcia) - "... se ele quer eles devem consedir o seu pedido porque eu tenho serteza que ele iria gostar muito, e a melhor coisa e ser reconhecido pela comunidade..." (Clara) - "... e foram todos converçar com ele ai ele adorou participar..." (Renato) - "... pedi qe vocêz dexa o Rafael participa ele faz muita bagunsa mas devemos dar uma janse as pessoa merece outra jansi nue..." (Ricardo) -"... um rapaz danado Rafael era o mais temido no cetor onde ele morava todo mundo tinha medo e por ele ser baguncento o grupo... deixe ele entra, ele emtrou ficou amigos di todos i era o mais comportado da turma." (Pedro) - "... Quando a gente chega a pedir uma coisa sinal que a gente está com muita vontade de participar daquela coisa... Só basta você ter boa vontade de ajudar..." (Mariana) - "... Você que ele participe do grupo eu quero porque ele e um menino inteligente..." (Marcos)

Categoria	Discurso
CONFORMISMO NO PROCESSO DE DISCUSSÃO E DECISÃO	- "...só que no final das contas todo o pessôa asseito o Rafael..." (Clara) - "... uma elas levantou o dedo e falou ele oj undionde o Rafael vai reunir com nosco..." (Luciana) - "... Mas Paula que não pensava como os outros, e era ela quem decidia, acabou não aceitando as opiniões dos colegas..." (Eduardo) - "...e você conversando com os seus amigos eles vão falar o que você decidir pra nós tudo bém..." (Mariana) - "... Você que ele participe do grupo eu quero..." (Marcos)

Categoria	Discurso
ABERTURA NO PROCESSO DE DISCUSSÃO E DECISÃO	- "... estão conversando a respeito de Rafael... Cada uns deles estão dando uma opinião... voltaram novamente há outra reunião... então eles decidiram..." (Lúcia) - "... Ai a turma foi debater se esse garoto podéria participar. Ele votaram... e foram todos converçar com ele..." (Renato) - "Eu sou Monica levantei o dedo para pedir qe vocêz dexa o Rafael participa..." (Ricardo) - "... o grupo fiz uma reunião para discutir se Rafael... entraram em um acordo..." (Pedro)

No discurso, os sujeitos representaram o outro como seu semelhante, que, como tal, merece ser ajudado, merece participar das mesmas coisas, seguindo as mesmas regras. Com essa concepção, todos os sujeitos manifestaram-se favoráveis à inclusão de outra pessoa no grupo. Mesmo aqueles que num primeiro momento discriminaram e excluíram, reelaboraram suas posições, abrindo-se para a participação do outro, que é diferente.

No discurso elaborado pelos sujeitos, a igualdade de oportunidades apareceu associada ao sentimento de ajuda ao próximo , voltada mais para valores que têm a ver com uma ética religiosa e não com a presença de uma consciência de que o outro tenha direitos iguais, mesmo sendo diferente.

Mesmo não apresentando essa consciência, também não foram indiferentes ao outro. Mostraram-se abertos à sua inclusão no grupo, precedida pelo reconhecimento e respeito para com esse outro. O grupo representa um espaço em que se busca reconhecimento e respeito; possui valores que unem e identificam as pessoas. É um espaço para o crescimento da identidade individual e a formação de uma identidade coletiva. Na compreensão de Jovchelovitch, a "verdadeira possibilidade de acesso à individualidade reside na presença do outro" (1994, p. 70). Para isso é preciso estar aberto ao outro. O outro que é diferente enquanto subjetividade só pode manifestar-se no espaço da diversidade. E o microespaço do grupo pode ser um espaço de encontro com o outro, de intersubjetividade, de se reconhecer enquanto indivíduo único e igual, um espaço, enfim, de alteridade.

Os sujeitos manifestaram em seus discursos aceitação e reconhecimento do outro, mesmo com certa cautela, estabelecendo algumas condições para tal. Na discussão e

decisão em grupo, uma parte apresentou-se aberta para discussão, fazendo-o de forma coletiva e com decisão conjunta. Esse grupo revelou-se tolerante, aberto, democrático. Outra parte dos sujeitos elaborou posições manifestando uma atitude de conformismo no processo de discussão e decisão em grupo; apresentou-se mais fechado, menos participativo e, nas decisões, uns apenas concordaram com as resoluções de algum outro elemento.

Os sujeitos não são indiferentes ao outro. O grupo aceitou a participação de uma outra pessoa e o que mais mobilizou essa decisão foi o sentimento de ajuda ao próximo, sem considerar que o outro é um igual, enquanto portador dos mesmos direitos de participação e respeitando suas diferenças enquanto manifestação de sua individualidade. A maioria dos sujeitos omitiu a questão da homossexualidade. Clara e Eduardo, perceberam esse conteúdo, trabalhando com essa diferença no grupo.

A partir de uma compreensão geral dos discursos individuais, tendo como norte orientador as dimensões de cidadania, considero que formularam uma concepção ainda frágil de cidadania. A elaboração de um conhecimento sobre cidadania é difícil, pois trata-se de um conceito complexo e abstrato para eles. Nessa concepção, a sensibilidade é uma dimensão marcante. São positivos frente à vida e abertos à aceitação do outro; não houve reconhecimento de si e do outro enquanto sujeitos de direitos e deveres, levando a posições particularizadas, manifestações afetivas de caráter projetivo. A sensibilidade é a dimensão utilizada para representar valores de cidadania. Essa dimensão de cidadania precisa ser fortalecida pela atuação da razão, com a estruturação de uma consciência crítica da realidade, elevando o pensamento espontâneo, ingênuo do cotidiano à consciência crítica do cotidiano.

3.2.4 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO COLETIVO

Os procedimentos que orientaram essa análise foram os mesmos estabelecidos para o grupo de investigação. No discurso coletivo foram observados os seguintes aspectos: a presença de discurso elaborado ou não, a sintonia do discurso com o assunto discutido, a organização das falas, as fontes de informação, o modo como focalizam o assunto em discussão.

Pôde-se visualizar um diálogo rápido, constituído por pequenas frases, respostas curtas, com uns complementando a fala dos outros, como se pode verificar no fragmento a seguir:

"Ela tem direitos como todo mundo" (Ricardo)

"É... tem..." (Pedro)

"Tem, uai! Só que falta... tempo..." (Clara)

"Dinheiro" (Renato)

"Talvez ela não tenha estudo, ninguém emprega ela". (Eduardo)

Essa forma de comunicação predominou. Não constituem um discurso articulado, corrente. Às vezes a comunicação aparece truncada, marcada pela presença de interrupções, cortes dos próprios sujeitos, sem a conclusão do raciocínio. Clara interrompe a fala de Marcos que formulava uma opinião sobre a importância do estudo para o cidadão; Renato e Eduardo divergem sobre a importância do dinheiro, mas não apresentam argumentos.

"Tudo que manda hoje é o estudo". (Marcos)

"Olha ele sabe!". (Clara)

"É o dinheiro". (Eduardo)

"Vai nessa, meu filho..." (Renato)

"É dinheiro" . (Eduardo)

Essa forma de comunicação sugere que os sujeitos não estão sintonizados com a temática em discussão, revelando certa estranheza e dificuldade de elaborar um discurso sobre cidadania. Permanecem mais ligados às cenas em si, buscando elementos que os familiarizem com a temática. A elaboração de um discurso que expresse idéias sobre cidadania é uma tarefa teórica, que exige certa abstração e, nesse momento, esses sujeitos não estavam em condições de realizá-la. Mas, em relação ao discurso produzido individualmente, fizeram avanços.

A ausência de um discurso articulado pode revelar a falta de espaços e de oportunidades que mobilizem os sujeitos a expressarem suas opiniões, fazer discussões sobre temas diversos. O objeto de representação - cidadania - provoca estranheza talvez pela ausência também de experiências mais democráticas no seu cotidiano.

O diálogo, às vezes, ficou disperso. O pesquisador precisou intervir para retomá-lo; os sujeitos ora saíam do tema, ora voltavam a ele, passando a explorar detalhes das cenas, ou entravam em discussão entre si, como nessa seqüência de diálogos abaixo:

> - Pesquisador: "A cena 3 mostra um pouco a escola, e vocês falaram que o estudo é importante para a pessoa ser cidadão. Por que vocês acham que é?"
>
> - Clara: "Essa professora é muito bruta"
>
> - Renato: "Não. Talvez.... Mais errado é o aluno que levanta..."
>
> - Clara: "...Tá conversando lá".
>
> - Eduardo: "Estão conversando de quebrar ela lá fora. Aqui ele falando: lá fora nós conversa. Aqui eles fizeram a galera, só esperando ela saí"
>
> - Ricardo: "Essa é a diretora do colégio".
>
> - Clara: "Uai, é? Sabia não..."
>
> - Pesquisador: "Cada um construiu um comentário seu, assim não tem uma coisa errada ou certa..."

Foi possível observar maior sintonia entre o diálogo e o tema da cidadania mais para o final da entrevista, na seqüência das falas sobre a cena 5. Alguns sujeitos se colocaram mais, conduzindo a discussão. Dos 8 sujeitos que participaram do momento em grupo, Clara, Eduardo, Ricardo e Renato se expressam mais, sendo que Clara e Eduardo, principalmente, dominaram a discussão, enquanto Lúcia e Mariana não se manifestaram em nenhum momento, nem quando solicitadas pelo pesquisador.

Pode-se dizer que a característica marcante na elaboração do discurso desse grupo foi a ausência de discurso - a comunicação de idéias por meio de falas breves, construídas coletivamente, com os sujeitos se complementando para formar algumas posições comuns. Foi também um discurso concreto em que os sujeitos não saíram muito do material das cenas.

3.2.5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA ENTREVISTA COLETIVA

O discurso dos sujeitos do grupo de apoio teve como referência as cenas já trabalhadas individualmente. Pelo critério da seqüência do discurso, observou-se a elaboração de uma discussão para cada uma das cenas. Essa discussão foi tomada como Unidade Temática para a análise, na mesma seqüência que apareceram no discurso.

O discurso inicial foi vago. Indagaram uns aos outros sobre o assunto e, no final, perguntaram ao entrevistador o que é cidadania. A abordagem direta revelou a estranheza das pessoas em relação ao tema. O grupo no momento não conseguiu estabelecer uma relação direta entre as cenas e nenhuma outra experiência.

> "Professora, pode fazer outra pergunta que não vai sair nada não". (Eduardo)
>
> "Pior que não vai mesmo não". (Clara)
>
> "Cidadania, cidadania, então explica o que é cidadania que tenho certeza que o Renato não entendeu". (Eduardo)

Dirigindo o olhar para os desenhos, os sujeitos passaram a realizar uma aproximação, uma familiarização com o tema proposto a partir do contexto das cenas. O processo foi gradual, mas os sujeitos avançam na discussão do assunto de cidadania.

No *tema cena 1*, apareceu o termo *direitos*, importante para a constituição do conceito de cidadania. A palavra foi utilizada numa relação direta com a questão da cidadania. Ricardo expressou, no seu discurso, o entendimento que todas as pessoas têm direitos. Nesse momento, para eles, a personagem da pedinte torna-se igual a todos.

> "Ela tem direitos como todo mundo". (Ricardo)

A discussão de alguns autores (WEFFORT, 1981, FERREIRA, 1993, BENDIX, 1996) confirma que desde a sua origem o capitalismo expressa a contradição entre o ideal de igualdade legal para todos os homens e a desigualdade econômico-social crescente; o valor da cidadania passa a demarcar também a diferença entre os homens: aqueles que gozam de direitos e aqueles que estão à margem de quaisquer direitos. O grupo representou essa separação, entre o que é estabelecido pela lei - direitos comuns a todos - e

a prática social caracterizada pela falta de escolas, de trabalho, de moradia etc. para a maior parte das pessoas.

Os sujeitos destacaram nesse tema um personagem sem estudos e sem dinheiro. Polemizaram entre si sobre a maior importância dos estudos ou do dinheiro. O dinheiro significa em suas falas a possibilidade de ter todas as coisas, não enquanto direitos conquistados, mas enquanto privilégios.

"Tudo que manda hoje é o estudo". (Marcos)

"Olha ele sabe!" (Clara)

"É o dinheiro" . (Eduardo)

"Vai nessa, meu filho..." (Renato)

"É o dinheiro". (Eduardo)

"Dinheiro hoje em dia compra até felicidade..." (Clara)

Na seqüência dessa discussão, o grupo avançou em suas posições considerando outros aspectos da cidadania, como moradia e trabalho Os estudos representaram para eles a possibilidade de se alcançar os demais direitos.

Nessa cena, o grupo conseguiu ampliar as interpretações construídas individualmente, trabalhou com explicações da realidade objetiva, apresentou uma noção mais explícita de direitos e elaborou uma concepção de cidadão.

O *tema cena 4* mobilizou entre os sujeitos a discussão do desemprego e suas causas. O grupo trabalhou, nesse momento, com explicações desarticuladas do contexto sócio-político-econômico, sendo que, em outras partes da mesma entrevista, fizeram referência a questões como: mercado de trabalho restrito e a falta de estudos.

Reforçaram, em grupo, o mesmo tipo de discurso individual. Responsabilizaram o indivíduo pela condição de desempregado. A falta de qualificação, de capacitação do indivíduo foi enfatizada.

"Talvez ela não era a pessoa..." (Eduardo)

"...Ideal..." (Clara)

"Competente para realizar o serviço que ele tava procurando". (Eduardo)

Provavelmente, essa seja uma explicação internalizada pelos sujeitos, passando a acreditar na eficiência do mercado e na ineficiência própria do trabalhador. O cidadão desaparece nessa concepção, não se percebe sujeito de direitos e, por conseguinte, não se sente excluído de direitos, não há movimento para a mudança. Covre (1994, p. 124), trabalha com a noção de "sujeitos sujeitados" por uma sociedade desmobilizadora que desenvolve uma atitude de passividade frente aos conflitos, de não envolvimento.

O *tema cena 3* ficou centrado no conflito das relações professor-aluno que novamente foi motivo de preocupação entre os sujeitos. Retrataram uma situação de falta de respeito, agressividade, autoritarismo, criando uma distância no relacionamento professor-aluno. O sentimento foi de insatisfação por parte dos sujeitos, enquanto alunos, mas, de imediato, não vislumbraram nenhuma possibilidade de mudança, nem sequer se viram como agentes dessa mudança.

> "Queria bater no professor uma vez". (Eduardo)
>
> "Era eu não, era o professor que queria me bater o ano passado". (Renato)

Pode parecer bastante difícil para os sujeitos qualquer mudança, pois já se cristalizou, na estrutura e nas relações da escola, a concepção de um espaço de não participação. É importante que as pessoas se sintam uma parte valorizada e responsável pelo espaço em que convivem, no caso a escola. Inclusive que participem da discussão e resolução dos problemas que envolvem as pessoas desse espaço.

Novamente, os sujeitos revelaram a tendência de achar que o professor deve impor respeito aos alunos, para que esses "não tomem conta do professor". Essa forma de pensamento contribui para o desenvolvimento de atitudes passivas, de pessoas que solicitam limites externos, sem participar da construção desses limites.

> "O professor tem que dá mais respeito pró aluno, se o professor dá folga demais, o aluno vai e ó..." (Eduardo)
>
> "Mesmo assim, mesmo assim" (Clara)
>
> "Se o professor quer respeito ele tem que dá respeito". (Renato)

"O ( )* mesmo, dá a maior liberdade prá as meninas da 7ª, depois..." (Eduardo)

Indagados se poderiam fazer alguma coisa, começaram a discutir possíveis soluções, reencontrando mecanismos simples de participação como a conversa, o diálogo. Mas questionaram a reação dos alunos e professores. Essa resistência nos leva a pensar na falta do exercício da convivência sob regras democráticas no espaço da escola e na necessidade de se rever a prática social da escola. Sem medos, com união, com o comprometimento da direção, dos professores e dos alunos na discussão dos problemas que, além de comprometerem a qualidade do ensino, hoje ameaçam fisicamente a escola - a violência, as drogas - tornando a tarefa da educação quase impossível.

No *tema cena 2*, trabalharam a questão da capacidade de autodeterminação, tendo como limites as dificuldades concretas da vida - falta de trabalho, moradia, estudo. Vislumbraram um projeto de vida que passa pela busca da auto-sustentação - um emprego - enquanto condicionante da realização de outras necessidades - moradia, alimentação.

"Aí ela tá saindo do internato, aí ela vai ter que arruma a vida dela lá fora, aí vai ser canseira...e é o seguinte, ela vai te que arrumar um emprego e ralar moço, porque o trem vai ser feio. Agora vê o mercado de emprego tá meio canseira, vai ser meio difícil, se ela não tiver nenhum estudo". (Eduardo)

"Aí no caso eu acho que ela tinha que arrumar um serviço prá morá né, prá trabalhar, recomeçar a vida dela, comprar as coisas..." (Ricardo)

As condições concretas vividas por esses sujeitos levam a situações de vida não desejadas, não planejadas, mas que fazem parte da realidade dessas pessoas que contam com poucas oportunidades. A prostituição, por exemplo, foi uma possibilidade levantada.

"Ou então ela se prostituir, né..." (Eduardo)

"Não!" (Clara)

"Aí não, né!" (Renato)

"É um meio prá ela consegui viver, é melhor do que ela ficar na rua..." (Eduardo)

---

* Aqui, Eduardo falou o nome de uma pessoa. Sempre que se mencionou o nome de outras pessoas, recorreu-se a esse recurso gráfico.

O grupo se dividiu entre os argumentos morais e a necessidade de sobrevivência. No contexto de vida desses sujeitos, a prostituição é mais do que uma possibilidade. É uma realidade. Diante dessa situação, os sujeitos demonstraram capacidade para traçar um projeto de vida próprio e consciência dos limites para sua realização, o que significou um avanço em suas análises.

No *tema cena 5*, o grupo evidenciou a questão da homossexualidade e discutiu a situação de discriminação, que considera um forte preconceito na sociedade. O grupo buscou , num primeiro momento, dar opiniões mais intelectualizadas e aceitar o outro com suas diferenças, como Ricardo e Renato que acharam que não se deve julgar as pessoas pela sua cor, raça ou maneira de ser. Em seguida, demonstraram seus sentimentos em relação às diferenças do outro, condenando a sua opção, buscando molda-lo.

> "Eu acho que as pessoas não deviam fazer isso né, julgar outros só pela cor, pela raça, pela maneira". (Ricardo)
>
> "... Pelo jeito dele ser, pelo que ele tem pelo lado de fora". (Renato)
>
> "...Se ele tivesse entrado no grupo ele podia dá idéia... idéias boas". (Ricardo)
>
> "...Coloquei que a mulher aceita ele aí, acaba todo mundo amigo dele". (Eduardo)
>
> "Mais acho errado, por uma parte é... ninguém tem a ver com a vida dele, mas se Deus quis ele homem, ele deveria ser homem até o final". (Clara)
>
> "Mas, do jeito que eu falei mesmo, pega o ( ), o... ( ) que é viado, ele é gay sabe, quero ver se ele sair aí rodando, procurando emprego, ele não vai achar nada". (Eduardo)
>
> "Nadinha, esse é um preconceito muito grande". (Clara)
>
> "Mais com aquela barba, aquela mini-saia..." (Eduardo)
>
> "Mas também, né..." (Clara)
>
> "Não é preconceito, é que ninguém aceita mesmo". (Eduardo)
>
> "Emprego de cabeleireiro aí ele arruma, se ele tiver um curso de cabeleireiro, um curso de qualquer coisa, de secretária". (Ricardo)

As posições, no grupo, foram de assumir que têm mesmo preconceito, como Eduardo e Clara. Esta última, numa postura fortemente apoiada na moral religiosa. Manifestaram-se também umas posições mais veladas em que buscavam adaptar a pessoa a condições mais aceitáveis socialmente, como fez Ricardo.

> "Eu não vou falar que não concordo com preconceito eu mesmo não aceitava". (Eduardo)
>
> "Mais acho errado, por uma parte é... ninguém tem a ver com a vida dele, mas Deus quis ele homem, ele deveria ser homem até o final". (Clara)
>
> "É, mais eu acho se fizer um curso prá cozinheiro aí pegava bem prá ele". (Ricardo)

Em todos os sujeitos, a presença do sentimento de alteridade é pouco expressiva. Na construção da representação de cidadania, há o nível de conhecimento dos direitos do cidadão. Mas, reconhecer no outro, que é diferente , um sujeito de direitos e aceitá-lo não é fácil para uma sociedade que aprendeu a separar, a criar diferenças, a cultivar a desigualdade.

Na seqüência do discurso, os sujeitos retornaram ao *tema cena 1* falando, reforçando, justificando a presença de pessoas na rua por causa de doença/deficiência.

> "Deve ser deficiente físico". (Renato)
>
> "Deve ter algum problema nas pernas". (Ricardo)

Questionados sobre a condição de cidadania do personagem, avançaram em suas concepções, com explicações fora do contexto pessoal, percebendo a ausência de direitos, como educação e trabalho.

> "Eu acho que é os pais que não dão valor, os pais não põe prá estudá, põe só prá trabalhar, não tem estudo". (Ricardo)
>
> "Só faz bater nela, maltratar". (Renato)
>
> "...Ou então, nasceu numa família pobre, alguma coisa assim, não tem condições". (Eduardo)

Por último, voltaram ao *tema cena 4*, na discussão sobre a garantia dos direitos do cidadão , considerando o desrespeito aos direitos da funcionária que foi discriminada. Neste momento, o grupo conseguiu especificar uma série de direitos do cidadão: o respeito, a liberdade, a igualdade, a educação, a saúde o trabalho, acrescentando que a maioria desses direitos não são garantidos na prática social.

A entrevista coletiva representou mais que um momento de complementação de dados; foi um instrumento específico que ofereceu novas possibilidades de compreensão do discurso dos sujeitos sobre cidadania. O grupo conseguiu ampliar suas construções, avançando em relação ao discurso construído individualmente. Surgiu uma noção mais clara, mais especificada de direitos, a consciência de sua existência e da falta de garantia desses direitos, inviabilizando o exercício da cidadania. Mas a percepção do indivíduo enquanto sujeito de direitos é uma construção ainda frágil, sem presença no discurso. É preciso treino democrático para desenvolver-se. A concepção de sujeito presente no discurso foi a de um ser desmobilizado, incapaz de participar, de trabalhar com perspectivas de mudança, de posicionar-se enquanto interlocutor de direitos seus e do grupo. No entanto, há espaço para o desenvolvimento de uma nova concepção de sujeito. No discurso do grupo abriram-se várias brechas para o aparecimento desse novo sujeito, É necessário, no entanto, que as experiências cotidianas numa sociedade desmobilizadora cedam espaços para o exercício da liberdade.

3.3 ANÁLISE COMPARATIVA DOS RESULTADOS ENTRE OS GRUPOS

Ficaram bem demarcadas, no proceder da análise, algumas diferenças entre os dois grupos, em relação às categorias analisadas. Partindo da participação dos grupos no processo de coleta de dados, verificou-se que ambos foram colaborativos. Porém, o grupo A envolveu-se mais, demonstrando um interesse particular em colaborar. A sua participação no discurso coletivo se deu de forma mais organizada, tanto no relacionamento entre os sujeitos, quanto na sua concentração em relação aos assuntos. O fato dos sujeitos do grupo A não apenas se conhecerem, mas de terem tido, no passado, uma convivência que ainda hoje lhes dá uma identidade comum e um certo vínculo, avalio ter sido um aspecto determinante dessa diferença e que contribuiu para propiciar um entrosamento maior e uma

maior prática de discussão em grupo. No grupo B, os sujeitos foram mais dispersivos em relação aos assuntos da discussão e ao relacionamento. Indagados, responderam que não participam de nenhum tipo de grupo, sendo a escola o espaço formal, para o desenvolvimento de um nível de convivência, de prática participativa, de discussão. Observando o desempenho do grupo B, considero importante a escola avaliar sua prática.

As diferenças entre os discursos dos dois grupos saltaram aos olhos. O grupo B construiu um discurso com referenciais mais projetivos; os sujeitos ficaram ligados às cenas em si mesmas, predominando o pensamento imediatista, concreto, particularizando nas análises realizadas. Na entrevista coletiva, não chegou a surgir um discurso de fato. Mantiveram um diálogo com frases curtas, fragmentárias, complementadas pelos sujeitos que se apoiaram uns nos outros para construir suas idéias. No grupo A, os sujeitos estabeleceram de fato um discurso, mais impessoal, crítico; trabalharam com abstrações, com generalizações da realidade cotidiana, evitando as análises fatalistas, personalistas. É importante considerar, em relação a essas diferenças, a existência ou não de experiências mais participativas, críticas no cotidiano desses sujeitos, contribuindo, mesmo dentro de uma sociedade que mantém uma prática social e política desmobilizadora, para a formação de sujeitos mais conscientes.

Foi comum aos dois grupos a presença de uma escrita pobre. Em ambos, a expressão através da escrita revelou falhas resultantes do processo de alfabetização e uma história escolar com muitas dificuldades para os sujeitos.

A familiaridade dos sujeitos com o tema *cidadania*, garantiu ao grupo A uma maior sintonia em seu discurso e a presença de categorias articuladas com esse tema. No grupo B, percebeu-se estranheza em relação ao tema. Os sujeitos levaram mais tempo para buscar referenciais que ancorassem seus discursos. Na entrevista coletiva, porém, apresentaram-se próximos do tema e mais críticos do que foram na entrevista individual.

Tomando as categorias mais significativas analisadas nos discursos dos dois grupos, percebe-se que a maioria das categorias encontradas diferem de um grupo para outro. Poucas categorias são comuns, revelando, com isso, diferenças na concepção de cidadania elaborada pelos grupos.

grupo A	grupos A e B	grupo B
- Sentimento de injustiça social - Consciência crítica da realidade - Responsabilidade - Planejamento das oportunidades - Consciência das dificuldades,das possibilidades e das prováveis consequências - Sentimento de despreparo frente ao novo - Presença de valores democráticos - Análise crítica da situação - Interesse pelos problemas coletivos - Conhecimento dos direitos - Percepção de si enquanto sujeito de direitos - Concepção de grupo enquanto espaço de compartilhar - Reconhecimento e respeito pelo outro - Aceitação e inclusão do outro	- Planejamento das oportunidades - Reconhecimento e respeito pelo outro - Aceitação e inclusão do outro	- Sensibilidade - Justificação na doença/ deficiência - Independência / autonomia - Dependência / passividade - Planejamento das oportunidades - Relação não democrática - Identificação com a autoridade - Culpa / desqualificação - Submissão/ passividade - Aceitação e inclusão do outro - Reconhecimento e respeito pelo outro - Conformismo no processo de discussão e decisão - Abertura no processo de discussão e decisão - Identificação com a pobreza

Tabela: Categorias mais significativas analisadas nos discursos do grupo A e do grupo B e as categorias comuns aos dois grupos.

No grupo A, a presença de maior consciência crítica possibilitou aos sujeitos trabalhar com análises mais amplas da realidade, incluindo o levantamento de causas e conseqüências, indicando caminhos. Assim, as situações apresentadas ao grupo foram analisadas, utilizando-se um referencial sócio-político-econômico. Notou-se, também, a presença de referenciais subjetivos que incluem na análise valores como a solidariedade, a sensibilidade, a alteridade, ampliando qualitativamente a concepção de cidadania. Esses sujeitos elaboraram discursos mais críticos e mais amplos, apresentando uma visão mais global e sintética da realidade.

Os sujeitos revelaram consciência de direitos, fazendo sempre referência aos direitos do cidadão, reagindo ao descumprimento desses direitos. Destacaram alguns direitos individuais e sociais, como: liberdade de ir e vir, liberdade de expressão, liberdade de crença religiosa, educação, saúde, moradia, alimentação, trabalho, lazer. Junto à consciência de direitos, também percebem-se sujeitos desses direitos. Esse é um aspecto fundamental que realmente marca as diferenças dos discursos dos dois grupos. Acham que os sujeitos devem unir-se para garantir seus direitos, que só assim "vão conseguir ser cidadãos de verdade"(Ana).

Evidenciou-se, ainda nesse grupo, a capacidade dos sujeitos conceberem projetos próprios de autodeterminação e os limites de sua efetivação. Os sujeitos se mostraram preocupados com dificuldades objetivas - a baixa escolaridade para o mercado de trabalho, a falta de empregos, a modernização dos meios de produção, a má formação dos sujeitos para o mercado de trabalho. Manifestaram-se também preocupados com os problemas graves que hoje enfrentam na escola, no lazer, no bairro onde moram - as drogas, a prostituição.

Uma postura democrática norteou as atitudes dos sujeitos frente a situações novas, situações de conflito, de discriminação, de relação de poder. Os sujeitos fazem intervenções, propondo o diálogo, a conversa, participando das discussões e das decisões a serem tomadas.

As categorias evidenciadas na análise do grupo B revelaram sujeitos mais centrados em referenciais projetivos, afetivos, podendo ter contribuído para análises mais fatalistas, particulares, algumas vezes localizando no indivíduo a responsabilidade total eaté a culpa por suas carências, por sua discriminação, por não manter-se empregado. São sensíveis a situações de injustiça, solidários com o outro, mas geralmente suas intervenções acontecem de forma pessoal, isolada, não apresentando nenhum argumento reivindicatório, ou de mudança. Em síntese, revelaram uma visão menos crítica, mais detalhista, com tendência a permanecer no âmbito do individual.

Não foi significativa no discurso dos sujeitos a presença de uma consciência crítica, o que pode ter contribuído para atitudes de dependência, submissão, passividade e conformismo frente às situações de conflito, discriminação, relação com autoridades e na participação em processos conjuntos de discussão e decisão. Mas, essas atitudes não representam todo o grupo, que também mostrou independência, iniciativa e abertura para o

processo de discussão e decisão. No grupo, várias brechas podem ser tomadas como espaços de desenvolvimento dos sujeitos para uma consciência crítica, uma consciência de direitos.

Os dois grupos apresentaram categorias comuns, como: planejamento das oportunidades, aceitação e inclusão do outro, reconhecimento e respeito pelo outro, referentes mais a aspectos relacionais. Os sujeitos de ambos grupos foram capazes de traçar projeto próprio para suas vidas e fizeram isto em relação a família, moradia, profissão, estudos, trabalho. O trabalho ganhou uma centralidade no planejamento, porque foi visto como a base para a realização dos demais aspectos. No entanto, os sujeitos do grupo A demonstraram, em relação aos do grupo B, maior preocupação e consciência das possibilidades e das dificuldades que podem enfrentar para a realização de seus projetos. Ambos os grupos foram abertos para aceitar e incluir outra pessoa no seu espaço comum. Foram cautelosos, estabeleceram critérios, fizeram avaliações e observações, mas, no final, aceitaram o outro com suas diferenças. O outro foi reconhecido pelos sujeitos como alguém que precisava da ajuda do grupo, ou que poderia ajudar o grupo, contribuir com o trabalho do grupo, tornar o grupo mais forte.

O momento coletivo representou um grande avanço nos discursos dos dois grupos. Diante de uma atividade que exigia maior elaboração intelectual, os sujeitos conseguiram explicitar melhor suas idéias em relação à categoria *cidadania*. Os avanços são evidentes no discurso de cada grupo. Também, as diferenças entre eles é grande. De início, ao proceder a Análise Temática dos discursos, notaram-se diferenças quanto aos temas encontrados na seqüência do discurso. Por aspectos já analisados e comentados, os sujeitos do grupo B necessitaram continuar apoiados pelos desenhos. Fez-se, então, a opção de seguir a ordem das cenas. Cada cena constituiu-se em uma unidade temática. No grupo A, dada à instrução de relacionar as cenas ao tema *cidadania*, de imediato os sujeitos se lançaram a essa discussão, sem ficar presos às cenas. Então, as unidades temáticas do discurso obedeceram à seqüência do roteiro básico da entrevista.

No grupo B, os sujeitos avançaram em suas análises contendo elementos de crítica. Elaboraram uma noção clara de direitos, deixando implícita uma primeira tentativa da definição de cidadão ligada a idéia de direitos. Os sujeitos falaram de direitos, mas sem demonstrar nenhuma participação na reivindicação, na luta por eles. O grupo A chegou a

elaborar uma definição de cidadão, contemplando aspectos de direitos, de participação e valores de igualdade, de solidariedade e de alteridade.

4 CONCLUSÃO

A cidadania, como foi discutida anteriormente, constrói-se historicamente em meio às lutas sociais que acontecem na esfera do cotidiano, em que circulam também os conhecimentos, as idéias sobre o tema cidadania, com que os indivíduos e os grupos entram em contato. Desses contatos, são elaboradas as representações sociais. Na presente pesquisa, buscou-se conhecer as representações sociais de sujeitos que tiveram, em suas experiências cotidianas, a participação em grupos comunitários de atividades educativas. Neste momento, apresento algumas conclusões e sugestões em relação a este estudo.

Os sujeitos do grupo de investigação apresentaram uma representação social de cidadania mais definida e estruturada, cujo significado comunicado contemplou todas as dimensões destacadas nesta pesquisa (sensibilidade à injustiça, capacidade de autodeterminação, participação, consciência dos direitos e deveres e alteridade). Todo o grupo mostrou ter consciência das dificuldades em ter seus direitos garantidos e das diversas situações em que o indivíduo perde sua cidadania. Porém, na convivência social, a discussão sobre cidadania faz parte do universo de experiências comunicadas e vividas pelos os sujeitos no cotidiano, como nos discursos que se seguem:

> "O que não faz parte da cidadania é o sofrimento que o povo anda tendo, no caso de não ter o trabalho a opção de ir prá esquina pedi dinheiro, acha mais fácil. Porque o serviço tá muito difícil..." (André).

> "Mais é isso aí, ela é uma cidadã mais só não tá respeitando o direito. Se tivesse sendo respeitado ela tinha um emprego, ela tinha uma casa, tinha lazer..." (Lucas).

A representação social de cidadania formulada pelo grupo de investigação traz a dimensão de sensibilidade à injustiça. Nas situações apresentadas pelas cenas, mostraram-se sensíveis, percebendo a realidade social desigual e excludente, demonstrando preocupação com o outro, identificando-o como um igual, um sujeito de direitos, mobilizando-se frente a situações de injustiça. A dimensão da sensibilidade envolve a ordem do sentir, da emoção, da afetividade, que são aspectos da vida humana, devendo não estar dissociada no sujeito cidadão. A cidadania deve expressar-se no sujeito político consciente de seus direitos e deveres, que se indigna com situações negadoras de humanidade, que se solidariza com o outro, reconhecendo-o como um sujeito de direitos. A dimensão da sensibilidade qualifica as ações do cidadão, contribuindo para a ampliação da concepção de cidadania, integrada a valores como os da ética e da solidariedade (COVRE, 1994, SAWAIA, 1994, ROLNIK, 1994). Para o jovem Lucas, "Se tivesse uma vida digna não era preciso mendigar nas ruas... esse dinheiro poderia ser investido na educação na saúde e no lazer..."

A capacidade de autodeterminação é uma dimensão presente para todos os sujeitos do grupo de investigação. Essa dimensão aparece com uma elevada motivação para o trabalho. O trabalho foi o aspecto central dos discursos sobre cidadania, enquanto valor moral que atesta a dignidade da pessoa na sociedade e enquanto meio para alcançarem a auto-sustentação. Os sujeitos demonstraram capacidade de planejar as oportunidades, traçar projetos de vida e, ao mesmo tempo, consciência das condições objetivas de vida para realizar os projetos. São pessoas que lutam para se autodeterminar dentro de uma sociedade organizada para submeter os homens, principalmente aqueles em condições sociais desfavoráveis (DEMO, 1992, 1995, 1996, COVRE, 1986). Os sujeitos falaram da cobrança em ter que trabalhar, principalmente quando são pobres, pois, neste caso, não trabalhar coloca a pessoa à mercê da marginalidade. Essa preocupação aparece na fala dos jovens: "Querendo ou não tem que trabalhar porque na sociedade se for pobre e não trabalha e [é] vagabundo maloqueiro..." (Lucas).

A concepção de cidadania para esses sujeitos expressa-se no sentido de união. Os cidadãos se unem para conquistar e garantir seus direitos, para participar da vida coletiva, para solidarizar-se com outros. Há um entendimento que a união fortalece a garantia dos interesses coletivos, que a organização é importante para enfrentar os conflitos e traçar estratégias de ação a fim de alcançar os interesses de um grupo ou de uma

coletividade. A cidadania coletiva revela um sentimento de pertença a um segmento da população que tem interesses comuns, que sofre as mesmas discriminações, cuja união pode contribuir para a mudança da situação em que se encontram. A cidadania enquanto união implica ação, mobilização das pessoas e participação. Os sujeitos foram mobilizados pelas cenas apresentadas, participando ativamente das discussões e decisões tomadas criando um contexto democrático, através da negociação, do diálogo, do respeito mútuo, avaliando, tomando decisões conjuntas (DEMO, 1996, VELHO & ALVITO, 1996, WEFFORT, 1981). Assim, a dimensão de participação aparece com elevada motivação social, no sentido do compromisso, como expressam os fragmentos de discurso dos jovens a seguir:

> "Então, tem que haver união entre todos, porque só assim nosso Brasil vai mudar, porque se ninguém se unir, todos assim, aí não vai mudar nunca mesmo não, aí ninguém vai ter seus direitos assim igual deve ser" (Ana).

> "Ser cidadão é a pessoa saber cobrar os seus próprios direitos, saber ouvir outras pessoas, e saber ajudá-las, porque só na base da união é que a gente vai conseguir uma coisa melhor, conseguir ser cidadão de verdade" (Luiz).

Os sujeitos também demonstraram ter conhecimento dos direitos e deveres do cidadão, chegando a elaborar um discurso sobre direitos. Em relação à cidadania, os direitos sociais foram mais evidenciados. A concepção de cidadania é formulada em estreita relação com os direitos. A condição de cidadão está vinculada à conquista dos direitos e ao seu exercício. Existe uma consciência de direitos que capacita o grupo a desenvolver uma análise crítica, evidenciando a não universalização dos direitos, a discriminação na sua aplicação, a falta de garantia desses direitos, mantendo a condição de não-cidadania, de sub-cidadania a determinados segmentos da população, nos quais se incluem. É o que se verifica nos fragmentos a seguir:

> "É a pessoa ter direitos de viver em paz, sem violência, direito de alimentação, escola, moradia. Só que a pessoa tem seus deveres também" (Ana).

> "Pode recorrer a justiça ganha por que a discriminação é crime..." (André).

O significado de cidadania partilhado pelos sujeitos do grupo de investigação se fez presente no discurso marcado pelo reconhecimento e respeito ao outro, evidenciando uma elevada motivação moral, expressa no sentido do outro. Os sujeitos se concebem

enquanto sujeitos de direitos e têm uma consciência de cidadania. A cidadania, para eles, não se constrói nem se vivencia isoladamente, mas na presença de outros, com as suas diferenças, partilhando direitos também que, por isso, devem ser respeitados. O ambiente do grupo foi escolhido enquanto espaço de convivência, de manifestação da diversidade, de aprendizagem da cidadania, que se dá na interação com o outro. No grupo, os sujeitos podem congregar forças para lutar por seus interesses e desenvolver sua subjetividade. A dimensão de alteridade ficou evidenciada na concepção de cidadania formulada pelos sujeitos. Há uma abertura para aceitar o outro como semelhante e, por isso, merecedor de atenção e respeito. Desenvolvem uma solidariedade em relação ao outro, percebendo-o como sujeito de direitos. Isto implica um forte sentimento de grupo, de partilha, de solidariedade, que só podem ser desenvolvidos ao lado de outros, em espaços comuns, que propiciem a convivência e o desenvolvimento de novos sentidos de cidadania (JOVCHELOVITCH, 1994, SAWAIA, 1994, ARENDT, 1995, BIRMAN, 1995 ROLNIK, 1994). No trecho destacado, esses valores são evidentes:

> "Eu acho que prá ser cidadão eu acho que primeiro ele tem que pensar que o companheiro que tá do lado dele também é cidadão. Que só quando ele começar a ver os outros, ver ele e os outros a ser cidadão é que vai melhorar, porque enquanto tiver cada um prá si, vai só piorar as coisas" (Lucas).

O grupo de apoio mostrou mais dificuldades para articular um discurso sobre cidadania e de explicitar uma concepção de cidadania integrando as dimensões enfatizadas nesta pesquisa. Os sujeitos desse grupo apresentaram uma noção de direitos, tais como a existência dos direitos de saúde, educação, trabalho, mas sem articular esses direitos de cidadania no contexto de suas vidas ou de seus pares.

O aspecto relacional apareceu mais desenvolvido. Estão abertos para o outro, mobilizam-se para ajudá-lo, são sensíveis à injustiça, mas o sentimento que motiva, que está mais presente na interação com o outro é o sentimento de pena. A manifestação desse aspecto complementa-se com a frágil presença do aspecto reflexivo, crítico, contribuindo para a não-manifestação da consciência de sujeito de direitos. Assim, os direitos aparecem como algo independente de sua participação no processo de conquista e de sua efetivação, concebendo a cidadania uma atribuição externa, não representando um valor em sua vida.

Os sujeitos de ambos os grupos que participaram da pesquisa, em sua maioria, estudavam e tinham em média o mesmo nível de escolaridade. No entanto, a experiência escolar não se mostrou relevante na construção da representação de cidadania dos sujeitos, tanto no desenvolvimento das capacidades de abstração, generalização, análise e crítica da realidade, quanto no aspecto relacional. Os sujeitos trouxeram em seus discursos um cotidiano escolar bastante tenso, envolvendo as dificuldades de relacionamento e conflito entre colegas, e também entre professor e aluno. Apontaram também o problema da violência, das drogas dentro da escola. A escola apareceu imobilizada diante de tantos problemas que invadem o seu espaço. Professores e alunos se encaram como oponentes. Falta à escola uma prática de inclusão dos alunos na vida escolar, com a sua participação na discussão e resolução dos conflitos que os envolvem, na busca de soluções para os problemas vividos na escola. A concepção de sujeito da educação precisa perpassar outras dimensões de participação do sujeito-aluno no coletivo da escola. A possibilidade de acesso do jovem ao sistema escolar lhe garante um direito de cidadania que é a educação, porém esse espaço deve contribuir para o seu desenvolvimento como cidadão, no âmbito do desenvolvimento intelectual e de valores como os da participação, da ética, da sensibilidade, da alteridade propiciando uma prática educativa democrática (BUFFA, ARROYO & NOSELLA, 1991, FERREIRA, 1993, PAIVA, 1993, 1995, LAMOUNIER, 1997).

Foi possível observar com os sujeitos do grupo de investigação que os espaços de vida em comum, de convivência, foram significativos para a construção de uma consciência de cidadania e da sua representação, por se constituírem em espaços que propiciam a aprendizagem e vivência de uma prática cidadã. A educação à cidadania envolve a percepção do sujeito em sua integralidade - no aspecto social, político, cultural, produtivo e também no aspecto subjetivo - sendo que essa prática deveria acontecer em todas as instâncias da vida do sujeito e não apenas nos programas especiais para aplicação junto a situações já dadas de exclusão. Principalmente, porque as situações de perda da cidadania são inúmeras e atingem grande parte da população. Os espaços sociais de convivência poderiam contribuir no sentido de possibilitar o exercício da cidadania.

O espaço social do grupo foi enfatizado pelos sujeitos do grupo de investigação. O grupo é compreendido no seu sentido amplo, enquanto espaço social de *práxis* cotidiana, espaço público - em que o sujeito pode agir e comunicar-se - de vida em

comum, de aprendizagem democrática, podendo ser a comunidade local onde mora, um centro comunitário, uma instituição. Principalmente, nos dias atuais em que as pessoas se fecham, tendendo ao isolamento pela insegurança, pela desconfiança, pela indiferença e pela desesperança em relação ao outro e à sociedade em geral, torna-se fundamental a existência de espaços de encontro de subjetividades, de interação, que possam melhorar a qualidade de cidadania (SAWAIA, 1994, COVRE, 1994, ARENDT, 1995, HELLER, 1970, SPINK, 1994, JOVCHELOVITCH, 1994, VITAL BRAZIL, 1994).

Na sociedade brasileira, há um fosso entre discurso e realidade. Diante da perversidade da ordem social e política que mantém um número muito grande de pessoas privadas das condições básicas à sua sobrevivência, a cidadania torna-se um desafio quase inatingível por aqueles excluídos do mundo dos cidadãos. Chega a parecer retórica o discurso de construção da cidadania dos segmentos populacionais mais pobres. No entanto, as políticas públicas são um mecanismo de interferência e contribuição real para produzir mudanças na situação de não-cidadania da infância e adolescência pobres. São importantes políticas que visam a redução das desigualdades econômicas, como a política de profissionalização dos jovens e criação de empregos - necessidade enfatizada no discurso dos sujeitos da pesquisa - de educação, de formação cultural, que incluem a dimensão da convivência, da participação, que incentivam a congregação de jovens, a união, a solidariedade, o desenvolvimento de atividades conjuntas que possam ser vividas e internalizadas pelos jovens e assumidas em outras esferas da sua vida cotidiana.

No decorrer do presente estudo pude avaliar que o Centro de Estudo, Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil - CEPAJ oferece às crianças e adolescentes essa experiência de cidadania e que a prática vivenciada no seu espaço local contribui para o estabelecimento de relações qualitativamente melhores nas outras esferas de suas vidas. Pude, na pesquisa, deparar-me com jovens que têm uma percepção de si mesmos como sujeitos de direitos, com consciência dos seus direitos; jovens sensíveis à injustiça e preocupados com o outro. Isso os faz lidar melhor com as dificuldades impostas pelas condições objetivas de vida, que na maioria das vezes os colocam em situações impeditivas de cidadania. O CEPAJ revelou ser um contexto significativo, para os sujeitos do grupo de investigação, na produção de um outro conceito de cidadania e de representação social. É importante que essa prática pedagógica seja, de alguma forma, apropriada por outras experiências.

Com esta intenção e, já como um produto/resultado deste estudo, o presente trabalho propõe contribuir na sistematização de um material educativo, do tipo cartilha, que suscite a discussão sobre educação à cidadania, a ser oferecida às escolas de primeiro grau da rede pública de Goiânia.

Como primeira proposta de estruturação da cartilha, apresento o roteiro abaixo com tópicos que orientarão a discussão de cada uma das partes, a serem desenvolvidas em um outro momento, em um novo projeto de trabalho:

1 *Cidadania em construção*

- Categoria histórica, dinâmica, socialmente variável
- Origem da cidadania
- As lutas por conquista de direitos de cidadania
- Uma conquista que deve partir dos interessados

2 *Para você o que é ser cidadão?*

- Destacar as falas dos jovens (participantes desta pesquisa) e situar em suas falas as dimensões presentes de cidadania, fundamentando filosófica e socialmente essas dimensões.

3 *Não-cidadãos : uma história de exclusões*

- As situações e contextos impeditivos de vivenciar e exercer a cidadania
- A cidadania no espaço sócio-político-cultural da nação brasileira

4 *Sujeitos de direitos : o que significa isso?*

- Criança/adolescente ser incapaz *x* Criança/adolescente sujeito político
- A concepção de criança/adolescente como sujeito de direitos
- O protagonismo da criança/adolescente na conquista de direitos

5 *Cidadão no dia-a-dia*

- O respeito à criança/adolescente na sua condição de pessoa em desenvolvimento

- A garantia do direito de ser criança
- O modelo de inclusão participativa

6 *Para entender mais*

- Indicações de leitura comentada

Para finalizar, ressalto que a presente pesquisa lidou com a subjetividade dos entrevistados e do pesquisador. O discurso dos sujeitos foi compreendido como manifestação individual e coletiva de subjetividades que expressam sentidos construídos na realidade social. O pesquisador, ao analisar, inclui a sua subjetividade, dando o seu sentido ao discurso dos sujeitos (REY, 1997). As possibilidades de construção de sentidos, de representação do objeto social e de compreensão desse objeto têm um caráter dinâmico e complexo, levando a considerar a análise e os resultados dessa pesquisa como uma contribuição para o entendimento do objeto social cidadania na concepção de jovens pobres, o que não representa que se tenha chegado a interpretações definitivas ou se tenha esgotado as possibilidades de conhecer esse objeto social. Esta compreensão permite-nos avançar em novas pesquisas, problematizando outros aspectos do objeto em estudo, num processo de produção permanente de sentidos sobre a realidade.

Assim, a presente pesquisa aponta para a possibilidade e para o interesse em avançar o estudo sobre outros aspectos não priorizados neste momento, como buscar compreender a relação de construção de representações sociais e construção de identidade nos jovens, enquanto dois processos que envolvem a subjetividade e que se constroem no social. A elaboração de uma representação social de cidadania com forte motivação social, no sentido do compromisso social e forte motivação moral, no sentido do reconhecimento do outro, como foi observado nos sujeitos, implica não apenas uma forma específica de conhecimento dos sujeitos, mas a forma deles agirem e sentirem diante do mundo. Implica uma vivência de sentidos de cidadania que passa a fazer parte de sua forma de compreender o mundo e de ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, S. et al. *La personalidad autoritária*. Buenos Aires : Projección, 1965.

___. Criança : a lei e a cidadania; In : RIZZINI, Irene (Org.). *A criança no Brasil hoje :* desafios para o terceiro milênio. Rio de Janeiro : Universidade Santa Úrsula, 1993

AGUILAR, M. J. & ANDER-EGG, E. *Avaliações de serviços e programas sociais*. Tradução: Jaime A. Clasen e Lúcia M. E. Orth. Petrópolis : Vozes, 1995.

ANASTASI, Anne. *Testes psicológicos*. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo : EPU, 1977.

ARANHA, Maria L. de A., MARTINS, Maria H. P. *Filosofando* : Introdução à filosofia. São Paulo : Moderna, 1986.

ARENDT, H. *A condição humana*. Tradução: Roberto Raposo. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1995.

BANCHS, Maria A. O papel da emoção na representação do self e do outro em membros de uma família incestuosa; In: LANE, Silvia T. M. & SAWAIA, Bader B. (Org.). *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo : Brasiliense/EDUC, 1995.

BARBALET, J. M. A cidadania. In *: Ciências Sociais* (11). Lisboa : Estampa, 1989.

BAUER, Martin. A popularização da ciência como iluminação cultural - a função de resistência das representações sociais. In : GUARESCHI, Pedrinho & JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis : Vozes, 1994.

BENDIX, Reinhard. *Construção nacional e cidadania*. Trad. Mary A. L. de Barros. São Paulo : Edusp, 1996.

BIRMAN, Joel. Barbárie, cidadania e desejo. In : FRANÇA, Maria Inês (Org.). *Desejo, barbárie e cidadania*. Petrópolis : Vozes, 1994.

BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro : Campus, 1992.

BUFFA, Ester, ARROYO, Miguel & NOSELLA, Paolo. *Educação e cidadania :* quem educa o cidadão? São Paulo : Cortez. Autores Associados, 1991.

CAMPOS, Pedro H. F. *Princípios metodológicos do Projeto Aldeia Juvenil.* Goiânia, 1987, mimeo.

___. *O trabalho da rua: as representações sociais de trabalho em educadores sociais de rua e em meninos de rua.* Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira), 1994, Goiânia, Faculdade de Educação. UFG.

CARRAR, Kester. Psicologia e a construção da cidadania. In : *Revista Psicologia* - Ciência e Profissão. Ano 16, n.1, 1996.

CENTRO DE ESTUDO, PESQUISA E EXTENSÃO ALDEIA JUVENIL. *Projeto de criação de uma Aldeia Juvenil.* Goiânia, 1982, mimeo.

___. *Repropondo a Aldeia.* Goiânia, 1984, mimeo.

___. *Proposta de criação do Centro de Estudo, Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil.* Goiânia, 1994, mimeo.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro : Graal, 1989.

CHARLOT, Bernard. *A mistificação pedagógica :* realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Rio de Janeiro : Guanabara, 1986.

COVRE, Maria L. M.(Org.). *A cidadania que não temos.* São Paulo : Brasiliense, 1986.

___. Cidadania, cultura e sujeitos. In : SPINK, Mary Jane P. (Org.). *A cidadania em construção.* Uma reflexão transdisciplinar. São Paulo : Cortez, 1994.

DALLARI, Dalmo de Abreu. Ser cidadão. São Paulo, *Lua Nova*, 1(2), jul./ set., 1984.

DEMO, Pedro. *Cidadania menor.* Algumas indicações quantitativas de nossa pobreza política. Petrópolis : Vozes, 1992.

___. *Pobreza política.* Campinas, São Paulo : Autores Associados, 1994. (Coleção Polêmicas do nosso Tempo, v. 27)

___. *Cidadania tutelada e cidadania assistida.* Campinas, São Paulo : Autores Associados, 1995.

___. *Participação é conquista.* São Paulo : Cortez, 1996.

___. *Conhecimento moderno :* Sobre ética e intervenção do conhecimento. Petrópolis : Vozes, 1997.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel :* A infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil. São Paulo : Ática, 1994.

FARR, Robert M. Representações sociais : a teoria e sua história. In : GUARESCHI, Pedrinho & JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). *Textos em representações sociais.* Petrópolis : Vozes, 1994.

FERREIRA, Nilda T. *Cidadania :* uma questão para a educação. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1993.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana.* Trad. Maria Célia S. Raposo. Petrópolis : Vozes, 1995.

___. *Manicômios, prisões e conventos.* São Paulo : Perspectiva, 1996.

GUARESCHI, Pedrinho. Sem dinheiro não há salvação: ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In : GUARESCHI, Pedrinho & JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). *Textos em representações sociais.* Petrópolis : Vozes, 1994.

GUARESCHI, Pedrinho & JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). *Textos em representações sociais.* Petrópolis : Vozes, 1994.

GOHN, Maria da Glória. *História dos movimentos e lutas sociais.* A construção da cidadania dos brasileiros. São Paulo : Loyola, 1995.

HELLER, A. *O cotidiano e a história.* Trad. Carlos N. Coutinho e Leandro Konder. São Paulo : Paz e Terra, 1970.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros : intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In : GUARESCHI, Pedrinho & JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). *Textos em representações sociais.* Petrópolis : Vozes, 1994.

LAMOUNIER, Bolívar. O que preocupa é o tamanho do desafio. *Revista Exame,* São Paulo : Abril, set. 1997.

LANE, Silvia T. M. Usos e abusos do conceito de representação social. In : SPINK, Mary Jane (Org.). *O conhecimento no cotidiano :* As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo : Brasiliense 1995.

LAUWE, Marie - José Chombart de. *Um outro mundo :* a infância. Trad. Noemi Kon. São Paulo : Perspectiva, 1991.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação :* abordagens qualitativas. São Paulo : E.P.U., 1986.

MARSHALL, T. H. *Cidadania, classe social status*. Trad. Meton Porto Gadelha. Rio de Janeiro : Zahar, 1967.

MARTINS, José de Souza (Coord.). *O massacre dos inocentes :* a criança sem infância no Brasil. São Paulo : Hucitec, 1991.

MENIN, M. S. De Stefano. A construção de democracia e a escola. Síntese de um estudo sobre representações políticas e interações verbais no 2° grau. In : AZEVEDO, M. Amélia & MENIN, M. S. De Stefano (Org.). *Psicologia e política*. São Paulo : Cortez: FAPESP, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). *Pesquisa social :* Teoria, método e criatividade. Petrópolis : Vozes, 1994.

___. *O desafio do conhecimento :* Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo/Rio de Janeiro : Hucitec - Abrasco, 1996.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.

PAIVA, Vanilda. Educação e bem-estar social. In : *Revista Educação & Sociedade* - Cedes, ago. n. 39 . Campinas : Papirus, 1991.

___. Violência e pobreza : a educação dos pobres. In : ZALUAR, Alba (Org.). *Violência e educação*. São Paulo : Cortez, 1992.

___. O novo paradigma de desenvolvimento : educação, cidadania e trabalho. In : *Revista Educação & Sociedade* - Cedes, ago. n. 45. Campinas : Papirus, 1993.

___. Educação e democracia. In : *Revista Educação & Sociedade* - Cedes, n. 53. Campinas : Papirus, 1995.

PAVIGLIANITE, N. & VIOR, S. Reflexiones sobre educación, ciudadanía y desigualdad. In : *Revista Educação & Sociedade* - Cedes, n. 48, Campinas : Papirus, 1994.

PILOTTI, Francisco, RIZZINI, Irene. *A arte de governar crianças* : A história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. Rio de Janeiro : Instituto Interamericano del Niño, Ed. Universitária Santa Úrsula, Amais, 1995.

PINO, Angel. Direitos e realidade social da criança no Brasil. A propósito do "Estatuto da Criança e do Adolescente". In : *Revista Educação & Sociedade* - Cedes, n. 36. Campinas : Papirus, 1990.

PRIORE, Mary Del. (Org.). *A história da criança no Brasil*. São Paulo : Contexto, 1991.

REY, Fernando González. *Epistemología cualitativa y subjetividad*. Habana : Pueblo y Educación, 1997.

RIBEIRO, Rosa & SABÓIA, A. L. Crianças e adolescentes na década de 80 : condições de vida e perspectivas para o terceiro milênio. In : RIZZINI, Irene (Org.). *A criança no Brasil hoje :* desafios para o terceiro milênio. Rio de Janeiro : Universidade Santa Úrsula, 1993.

RINALDI, D. *A ética da diferença* : Um debate entre psicanálise e antropologia. Rio de Janeiro : Zahar, 1996.

ROLNIK, Suely. Cidadania e alteridade : o psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia. In : SPINK, Mary Jane P. (Org.). *A cidadania em construção.* Uma reflexão transdisciplinar. São Paulo : Cortez, 1994.

SÁ, Celso Pereira. Representações sociais : o conceito e o estado atual da teoria. In : SPINK, Mary Jane P. (Org.). *O conhecimento no cotidiano :* As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo : Brasiliense, 1995.

___. *Núcleo central das representações sociais.* Petrópolis : Vozes, 1996.

SALLES, Leila M. F. A representação social do adolescente e da adolescência : um estudo em escolas públicas In : *Cadernos de Pesquisa,* n. 94. São Paulo : Fundação Carlos Chagas, 1995.

SANTOS, Benedito R. *A emergência da concepção moderna de infância e adolescência.* Mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais - Antropologia), São Paulo, 1996. Pontifícia Universidade Católica.

__. *Concepção de infância e adolescência.* Goiânia, 1997, mimeo.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências.* Porto : Afrontamento, 1997.

SAWAIA, Bader B. Cidadania, diversidade e comunidade : uma reflexão psicossocial. In : SPINK, Mary Jane P. (Org.). *A cidadania em construção :* Uma reflexão transdisciplinar. São Paulo : Cortez, 1994.

___. Psicologia social : aspectos epistemológicos e éticos. In : LANE, Silvia T. M. & SAWAIA, Bader B. (Org.). *Novas veredas da psicologia social.* São Paulo : Brasiliense/E.P.U., 1995.

___. Representação e ideologia - o encontro desfetichizador. In : SPINK, Mary Jane P. (Org.). *O conhecimento no cotidiano :* As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo : Brasiliense, 1995.

SILVA, Dario Nunes & AMADO, Wolmir T. *Histórico do projeto UCG.* Goiânia : Universidade Católica de Goiás, 1988.

SOUZA FILHO, Edson A. de. Análise de representações sociais. In : SPINK, Mary Jane (Org.). *O conhecimento no cotidiano :* As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo : Brasiliense, 1995.

SPINK, Mary Jane P. Desvendando as teorias implícitas : uma metodologia de análise das representações sociais. In : GUARESCHI, Pedrinho & JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). *Textos em representações sociais.* Petrópolis : Vozes, 1994.

___. (Org.). O estudo empírico das representações sociais. In: ___. *O conhecimento no cotidiano :* As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo : Brasiliense, 1995.

VELHO, Gilberto & ALVITO, Marcos (Org.). *Cidadania e violência.* Rio de Janeiro : Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

VENTURA, Zuenir. O espaço da cidadania. In : FRANÇA, Maria Inês (Org.). *Desejo, barbárie e cidadania.* Petrópolis : Vozes, 1994.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego.* Trad. Isis B. B. da Fonseca. Rio de Janeiro : Bertran Brasil, 1992.

VITAL BRAZIL, Horus. As ideologias do desejo, utopias e um inconsciente político. In : FRANÇA, Maria Inês (Org.). *Desejo, barbárie e cidadania.* Petrópolis : Vozes, 1994.

WEFFORT, Francisco C. A cidadania dos trabalhadores. In : LAMOUNIER, Bolivar & WEFFORT, Francisco C. & BENEVIDES, Maria Victoria (Org.). *Direito, cidadania e participação.* São Paulo : T. A. Queiroz, 1981.

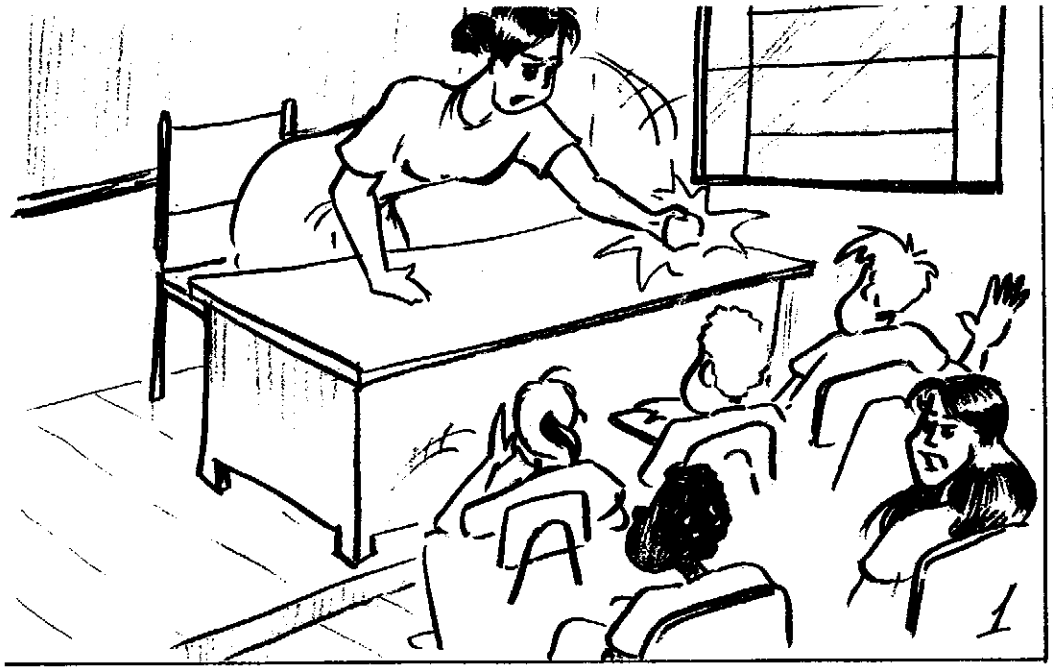
ZALUAR, Alba. *Cidadãos não vão ao paraíso.* Campinas : Unicamp, 1994.

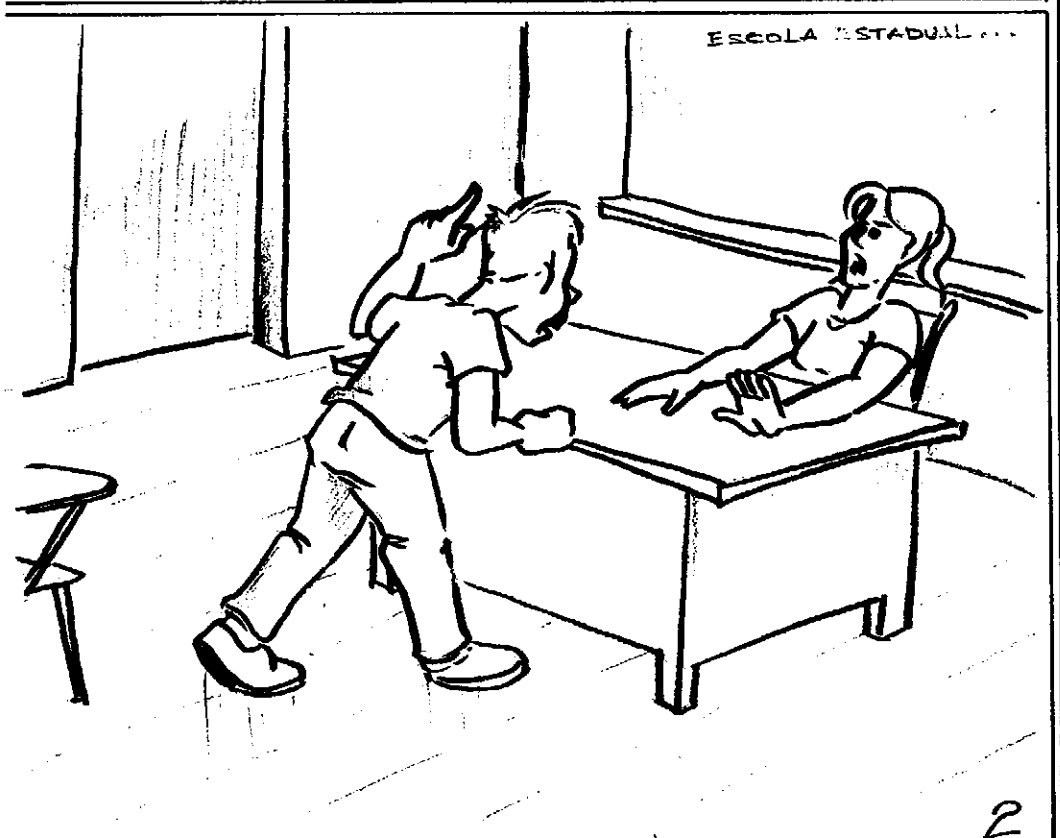
APÊNDICES

APÊNDICE 1

SLOW
RAP

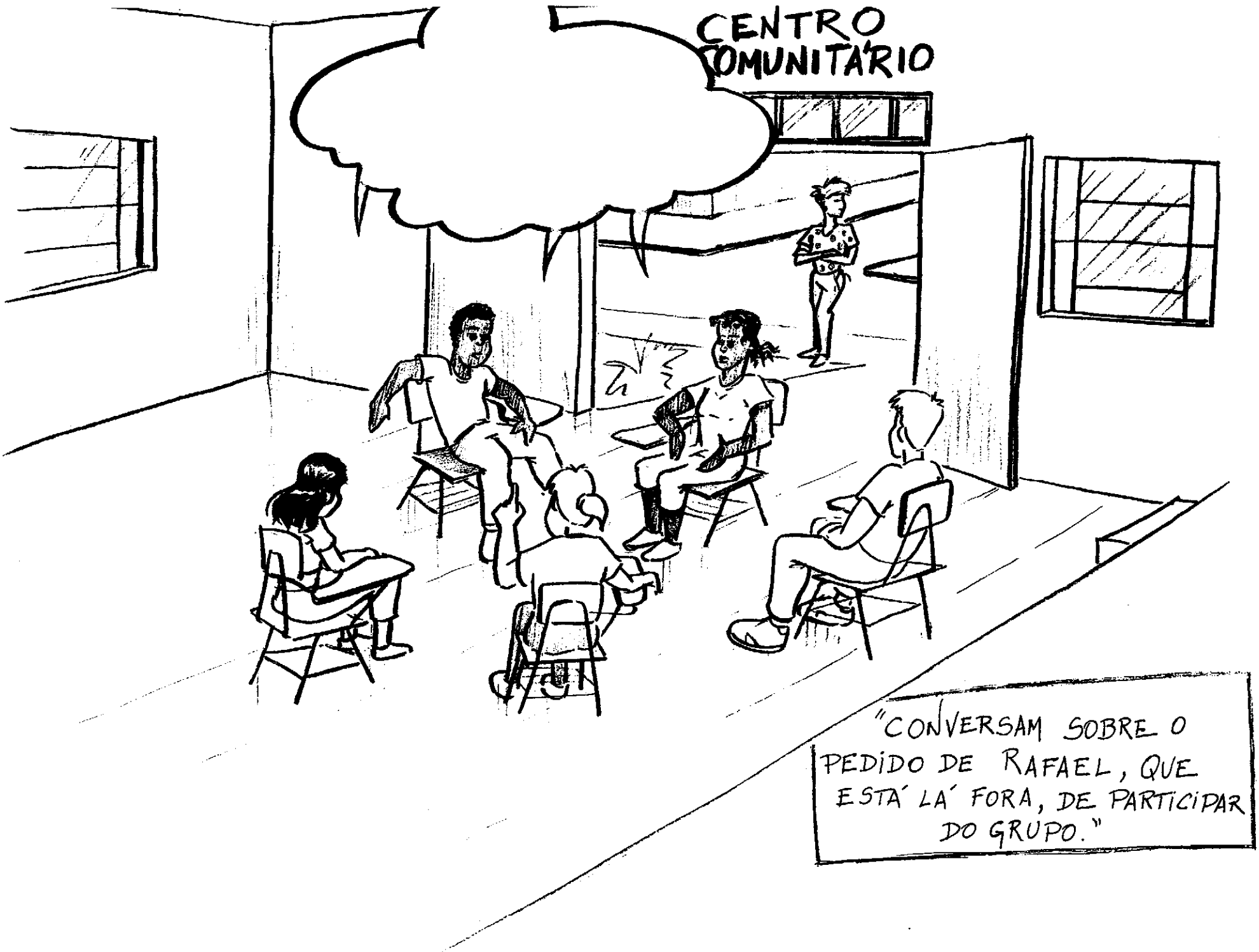
"RITA MORAVA NESTE INTERNATO, VIVIA DE ACORDO COM AS REGRAS DA CASA. AGORA QUE JÁ COMPLETOU 18 ANOS ESTÁ SAINDO DO INTERNATO, E....."
INTERNATO
SANTA CLARA


1


ESCOLA ESTADUAL...
2

ESCOLA ESTADUAL...
3

A FUNCIONÁRIA É DESPEDIDA DO EMPREGO PELO PATRÃO."
30 DIAS
30 DIAS


CENTRO COMUNITÁRIO
"CONVERSAM SOBRE O PEDIDO DE RAFAEL, QUE ESTÁ LÁ FORA, DE PARTICIPAR DO GRUPO."

APÊNDICE 2

APÊNDICE 2

ENTREVISTA INDIVIDUAL - GRUPO A

Grupo - A / Sujeito - 1 (Mário)
Data da entrevista: 17/12/97
Local: CEPAJ

CENA 1

Observando o desenho persebemos que existem varias pessoas pedindo esmola nas ruas. Pensando nisso so o governo tevesse um pouco de consideração pelas pessoas que estão nas ruas dando uma mensalidade todo os meses ——— não estaria nas ruas, até uma sesta basica p/ quem precisa mesmo. Mas também existem varias pessoas pedindo se pode me disser isso por pessoas que ganha dinheiro facil.

Pesquisador: Neste caso , você acha que a senhora vai ser ajudada ou não?

Compretando a situação quando alguém estar nas ruas pedindo ela persebem varios olhares de pessoas que tem duvidas ser realmente ela precisa ou não.

Pesquisador: Você acha que está ajudando a senhora dando esmola?

Quando ela ganha dinheiro facil realmente não ajuda ela melhorar de situação porque 10 ou 15 centavos não ajuda.

OBS: Depois de explicar as instruções, ele perguntou se era para escrever sobre a situação ou a personagem da senhora. Comentou que não precisava nem imaginar esta situação pois, toda hora se vê isto na rua. Também falou que se fosse escrever sobre a situação dava para encher toda a folha.

CENA 2

Há, isto eu não acho certo não, as pessoas sair sem onde morar ..... como vai ser a vida dela agora?
Se uma pessoa fica do 10 anos até 18 anos no internato ela vive suas regras do internato. Mas as regras do mundo grande são outras. E por isso ela não esta preparada para o mundo grande lá fora prinsipalmente se ela não tiver lugar para ela ir. Bom objetivo dela quebrar esta regra lá fora sem escolha de vida ede sobrevivencias. O final ——— a roubar e fazer outra crimes.

Pesquisador: Neste caso, o que você acha que aconteceu com esta pessoa?

Embora tem pessoas que tem maneira de pensar diferente na vida que vai seguir o primeiro passo da Rita conseguir uma confiança com as pessoas que tem preconseito com pessoas que passam por internato e fasser amizade. e com essas aparesem oportunidade de vida melhores para ela levantar sua vida no mundo grande.

CENA 3

O que é isto aqui? É uma professora um pouco brava, né, aqui o aluno ..... É prá falar de cada um?
Observando em escola entudo—— que os professores ganham pouco não são respetado pelo seus esforcos e acabam descarregando suas raivas em cima dos alunos. Colocando no lugar dos alunos obs: que a escola e sua segunda casa com isso ela resebem enegia negativas dos professores é até com a educação falta de livros e alimentação.

Pesquisador: O que você acha que podem fazer para mudar esta situação professor- aluno?

OBS: Mário disse que a solução ele já tinha colocado, é os alunos ter uma boa educação e o professor ser respeitado.

CENA 4

O desemprego ..... esse plano real está acabando com tudo ..... em comparação ao meu antigo trabalho.
Com varias pessoas desempregada não e por falta de emprego e por muitas divídas que esta ecopardo as agendas dos empresarios. Emaginando esta sena que o patrão chega no funcionário e fala olha a empresa esta com muitas dividas e produção cai muito
Em fim tem varias pessoas desempregada não por falta de emprego mais sim por o plano real pessar muito. No lugar da funcionário ela largar sua profissão de balconista na lanchonete e partir para um serviço que todo mundo necessita que e a domestica.

Pesquisador: Então você acha que a funcionária foi demitida e foi procurar outro emprego, no caso, de doméstica. Mário não acrescentou mais nada ao seu comentário, repetiu o que já tinha escrito.

CENA 5

E .....ai?

O grupo que esta reunido esta conversando sobre a entrada do outro participante no grupo. Os grupos pensaram de dicidiram se o Centro e Comunitario então e pra comunidade ———————— mas integrante no grupo e mas facil conseguir algo que fortalesem nosso grupo. Ex: por em pratica todos os direito humano.

Pesquisador: Por que você acha que Rafael está pedindo para fazer parte deste grupo?

E com isso a calsa do Rafael pedir p/ entrar no grupo. Porque ele era menino que estar na rua e que mudar que vida entre os meninos procura alguma casa de recoperação para menores e ate lugar que conversam sobre problemas de meninos de rua. E meninos que precisa de apoio com centro comunitario.

Grupo - A / Sujeito - 2 (Rodrigo)
Data da entrevista: 17/12/97
Local: CEPAJ

CENA 1

OBS: Após a instrução, Rodrigo disse que não dava conta de escrever eque este negócio de imaginar era difícil, era igual a prova que a professora passou e ele não deu conta de fazer. Ficou olhando a cena, fechou-se, depois perguntou se era para fazer tipo uma redação, acrescentou que achava difícil porque não queria só descrever a cena , mas falar sobre ela. Então comecei a conversar sobre a cena com ele.

- Pesquisador: O que você está vendo aqui?
- Rodrigo: Um rapaz, um ônibus, uma senhora pedindo.
- Pesquisador: Então tem uma senhora pedindo
- Rodrigo: É, ela tá pedindo esmola
- Pesquisador: E você, por que acha que ela está pedindo?
- Rodrigo: Porque ela precisa
- Pesquisador: As pessoas que estão na rua ajudam?
- Rodrigo: É a minoria
- Pesquisador: Você imagina por que elas não ajudam?
- Rodrigo: Porque elas pensa que estas pessoa não tem nada.

Pesquisador: Está vendo, Rodrigo. Nós falamos de muitas coisas da cena, você dá conta sim de escrever sobre ela. Você tenta, se tiver com receio porque não sabe como escrever as palavras, eu te ajudo. Começou a escrever bem devagar.

- Um dia eu estava no centro de goiania dentro do onibus olhava as pesouas que passava na causada e sentada na causada estava uma mulher pedido esmola e uma pesouas parava e dava outras nem olhava.

OBS: Pela sua dificuldade de escrever, que o estava inibindo, sugeri então gravar a sua fala. Concordou. Os comentários a seguir foram gravados.

- Pesquisador: O que pensa as pessoas que ajudam epor que você acha que tem pessoa que nem olha?

- As pessoa que ajuda pensa que as pessoa precisa e quem não para acha que elas não precisa, podia tá trbalhando.

- Pesquisador: Você acha que ajuda, a pessoa dá esmola ajuda?

- Ha! Eu acho que resolve não ..... acho que isso dá prá compra um pãozinho aqui, coisinha alí, mais resolvê, resolve não.

- Pesquisador: O que você acha que ajudaria de fato essas pessoas?

- ..... A sei não ..... resolvê isso é muito difícil .....
Pesquisador: Alguém poderia fazer alguma coisa?

- É isso que eu tô falando que acho difícil né, alguém fazê alguma coisa prá ajudá, porque igual no meio dessas pessoas que precisa, que realmente precisa, tem aqueles que não precisa, tão ali por ..... sabe, esperteza mesmo, passa os outros prá trás, então, acho difícil demais ajudá, você não sabe quem você deve ajudá.

CENA 2

.....

- Pesquisador: Bom, ela está saindo, aí você acha como vai ser daqui para frente?

É acho que a pessoa, igual, fica tanto tempo num lugar desse, saí, acho que fica pensando o que vai fazer, né. Onde vai arruma um lugar prá morar, se consegue arruma um serviço, se vai estudá ..... é acho que fica sem saber o que vai fazer, né, porque acostuma tanto tempo num lugar só, nunca saiu prá trabalhar, prá fazer outra coisa ..... aí vai te que arruma um lugar prá morá, arruma um trabalho ..... acho que não deve sabé quais nada, fazer quais nada, não tem uma profissão, não tem nada.

- Pesquisador: Aí estas coisas dificultam a pessoa cuidar da vida?

- É ..... eu acho que dificulta né. Aí não tem ..... quem essas pessoa ir atrás pedi ajuda, acho que é muito difícil.

- Pesquisador: Você quer dizer que estas pessoas precisam de alguém para ajudá-las?

- Acho que saí dum lugar desse já devia sair com um .....as pessoa lá de dentro que conhece mais gente já arrumá um emprego, arrumá um lugar prá morá, até a pessoa dê conta de se virá sozinha.

- Pesquisador: E no caso dela aqui, você acha que ela vai encontrar trabalho?

- Ha..... eu acho que arranja, é meio difícil mais arruma. Se a pessoa não tiver boa cabeça logo começa é ..... vender por aí, vender o corpo, essas coisas.

- Pesquisador: Então, se não tiver cabeça, a pessoa pode partir para outras coisas?

- É .....

-Pesquisador: Vender o corpo?

- Prá fazer coisas ruim né, não falta pessoa prá dá a mão, prá ajudá

- Pesquisador: Você acha que essa é uma possibilidade que pode acontecer?

- Hum .....

- Pesquisador: Imaginando a Rita, você acha que primeiro ela vai .....

- Acho que em primeiro lugar ela vai procurar trabalho, vai ..... que nem ela também conhece o mundo, ela acha que é uma coisa e pode ser outra né, então a primeira coisa que ela vai fazer é aquilo que qué, que realmente quer, é tentar mesmo arrumá um serviço ..... arrumá um lugar prá morá, aí depois que ela tiver, se ela não consegui isso aí, ela pode até esse tipo de coisa né.

CENA 3

- Acho que os alunos num tá satisfeito com o professor da escola aí ..... eu acho que ..... os alunos num tá muito a vontade nessa escola não .....

- Pesquisador: Os alunos não estão a vontade, é?

- Ha! ..... eu acho, questão de escola realmente, escola tá uma bagunça danada ..... tá difícil estudá demais ..... umas escolas que não tem nada, que falta tudo, às vezes falta professor .....questão de salário do professor, nem os professor fica animado em dá aula. Aí tá nervoso com alguma coisa desconta nos alunos, os alunos tá nervoso com alguma coisa desconta nos professor .....

- Pesquisador: E estes alunos aqui, parece que estão conversando

- Acho que eles tão revoltado .....

- Pesquisador: Revoltado, tá uma situação difícil na escola?

- É precisa primeiro melhorá o salário dessas pessoas que trabalha na escola, dos professor, das pessoas todas emelhorá a escola, eu acho que os salários dos alunos também, porque a maioria das pessoas hoje em dia trabalha que estuda .....

- Pesquisador: Então, você acha que a questão do salário é importante?

É, porque não é só a questão do salário, porque ninguém hoje em dia trabalha de graça, pelo menos, por mais que você gosta daquilo que você faz, você tem que receber por aquilo, porque você vive disso e.....o professor tá sempre fazendo curso aqui, alguma coisa, acho que precisa mesmo eacaba levando prá escola, tanto os alunos que ..... a crise mesmo em casa, acaba levando prá escola, vai puxando tudo.

- Pesquisador: E lá dentro da escola, as pessoas têm como melhorar?
- Ha! não sei.
- Pesquisador: Você antes falou que os alunos aqui estão revoltados, que mais eles podem fazer?

- ..... conversá.

CENA 4

-.....

- Pesquisador: Fala de patrão que despede o funcionário .....

- Ha! é, acho que isso acontece demais da conta.

- Pesquisador: Muito, então?

- Tem pessoa que não tá nem aí, vai despedido, acha bão, fica tempo desempregado, outros acha ruim demais se despedido, vai muito de cada pessoa mesmo.

- Pesquisador: Vamos pensar um pouco nesta situação aqui. Por que você acha que o patrão está despedindo a funcionária?

-..... que , acho que ela não tá sendo uma boa funcionária.

- Pesquisador: Despediu ela porque não era uma boa funcionária.

- É.

- Pesquisador: E a funcionária o que pensa?

- Pelo jeitinho dela ela gosta mais é de ficar atoa.
- Pesquisador: O jeitinho dela?

- Ha! .... acho que é jovem né, essas pessoa nova, eu acho que ..... eles gosta de ficar, muitos, nem todos, mais alguns gosta de ..... de arrumá um emprego assim ..... trabalhar um tempinho assim só prá conseguí roupa nova, essas coisas assim.

- Pesquisador: Depois sai.

- Depois sai.

- Pesquisador: E essa tem esse jeitinho?

- É ..... não tem aquela preocupação né, de ficar desempregada muito tempo, ainda tem o pai e a mãe que põe o de comer dentro de casa. Eles trabalha só por conta de comprá roupa, esses trem, acho que não dá valor em emprego não.

CENA 5

- Eu acho que ele esta querendo entrá no grupo, se ele é realmente uma pessoa que qué entrar no grupo, que percisa entrá nesse grupo, que pode ajudá o grupo também né, ... tá a fim de participar, de .....

- Pesquisador: Se tiver a fim de participar, ajudar .....

- Acho que o grupo aceita ..... parece que o grupo tá precisando de mais gente, né.

- Pesquisador: O grupo está pequeno?

- Tá.
- Pesquisador: Para entrar no grupo aí tem que pedir, Rafael pediu para entrar.

-..... acho que eles estão selecionando as pessoas prá entrar no grupo né.

- Pesquisador: Eles fazem uma seleção?

- É parece que estão fazendo.

- Pesquisador: E o Rafael vai passar nesta seleção?

- Acho que passa, ele parece que qué participar.

- Pesquisador: Ele vai ajudar o grupo?

- Igual por exemplo, a pessoa igual ele tá pedindo prá entrar no grupo, se ele tá pedindo tá a fim de contribuir, de ajudá mesmo o grupo, de ..... dá idéias.

- Pesquisador: Rafael está interessado?

- Acho que tem que testar né, porque tem aqueles que falam que tá a fim disso, tá a fim é de bagunçá mesmo com o grupo.

Grupo - A / Sujeito - 3 (Ana)
Data da entrevista: 17/12/97
Local: CEPAJ

CENA 1

É para escrever como se fosse eu? Vou escrever como se fosse eu no desenho. É para escrever a folha toda?
O Brasil hoje em dia está enfrentando uma crise muito ruim, não só o Brasil, enfim o País todo.
São muitas pessoas passando fome, passando necessidades, muitas não tem o que comer, o que beber, outras já não tem onde morar.

Há crianças desamparadas por todos os lugares, outras pessoas realmente não tem onde morar, às vezes as pessoas até pensam que aquelas pessoas estão nas ruas porque eles querem, outros dizem: vai trabalhar que você tem o que comer, o que beber etem onde morar, mais não é assim , as coisas não são fáceis como eles pesam, emprego hoje em dia não está fácil.

O governo tem que dá oportunidade e chance aos que querem trabalhar, há muitos jovens querendo trabalhar e não conseguem porque são de menores, outros porque não tem referência, mas nimguém nasceu sabendo, tem que haver uma chance, só assim todos nós aprenderemos.

Solidariedade sim, desumanidade não.

Todos nós queremos uma chance, o País tem que mudar.

CENA 2

Ha! Este é mais difícil. Entendi, internato é aquele lugar onde as pessoas mora até completar 18 anos.

Muitos pais abandonam seus filhos muito cedo, outras crianças até vão para o internato porque realmente não tem onde morar, ou com quem ficar.

Há muitas mães por aí que abandonam seus filhos por causa de um pequeno preconceito.

Às vezes ele culpa a criança de alguma coisa que aconteceu com ela, outras tomam raiva do pai da criança eabandona a criança por isso.

Mas a criança não tem culpa de nada, ela não pediu para vir ao mundo, porque a mãe não pensou antes de fazer.

Eu acho que ninguém tem o direito de tirar a felicidade de uma criança, a felicidade de se sentir amada, amparada, protegida e saber que não está sozinha, sentir que ela tem uma mãe e um pai para amparalá, cofortalá e além de tudo amalá.

- Pesquisador: E no caso da Rita, ela está saindo do internato, como vai ser agora?

Quando a criança completa 18 anos, ela sai do internato, ela se sente até estranha, porque ela não conhece o mundo lá fora, daí ela vai procurar fazer, ou reconstruir a sua vida, procurar um trabalho, uma casa, pessoas que a ame, enfim procurar ser feliz.

CENA 3

Esse aqui é difícil. O que é isso? É a professora brigando com o aluno, depois o aluno agredindo a professora. Tem muito professor que desrespeita aluno também.

O ensino hoje em dia está muito fraco, o ensino precisa de mais reforço.

Não são todos os professores que tem força de vontade de ensinar os alunos, passar para nós o que eles aprenderam.

Várias vezes acontece do aluno não ter entendido uma questão e pede para o professor explicar outra vez,alguns professores explicam,outros já não explicam, já vão com grosserias eàs vezes até chega à ofender o aluno.

Mas a maioria das vezes não são só os professores que são mal educados, alguns alunos tratam os professores muito mal.

Há alguns professores que são muito legais, eles se reúnem com os alunos, conversam, brincam, tiram dúvidas ealguns até são amigos.

Todos devem se respeitar uns aos outros, quem quer ser respeitado tem que se dar o respeito também edeve haver mais diálogo entre os alunos e os professores.

- Pesquisador: Com conversa, com diálogo pode mudar esta falta de respeito entre aluno e professor? Disse que sim eque já tinha colocado no seu comentário.

CENA 4

Ha! Esse negócio tá difícil. Esta aqui é mais difícil ainda. Vou colocar um negócio aqui.

Muitas pessoas precisam trabalhar, mas quando algumas tem o seu emprego fixo, nem esquenta a cabeça, mas quando elas menos esperam são despedidas.

Algumas vezes são despedidas por uma justa causa, umas matam serviço, outras não levam à sério e outras porque não fazem as coisas como devem ser feitas.

Outras vezes é porque o patrão não tem mais condições de pagar o funcionário, às vezes o funcionário pede aumento e é despedido.

Cada um deve dar valor no emprego que tem, porque enquanto uns querem trabalhar,outros já não dão valor no que tem.

Todos nós temos que ter força de vontade para trabalhar e dar valor, porque se não nunca conseguiremos um objetivo na vida.

Pesquisador: No caso que você falou que pode despedir sem motivo, como o funcionário fica?

Quando o funcionário é despedido sem motivo, ele chama o patrão para conversar, quer ser o motivo pelo qual foi despedido epede uma segunda chance.

CENA 5

Ele quer participar do grupo? Esse aqui agora não é difícil não.

Existem muitos grupos de jovens, catequese, enfim muitos grupos que envolvam os jovens.

Há muitos jovens que não se interessam em participar de nenhum tipo de grupo,outros já gostam de participar, se interessam em estar presente em todos os grupos.

Muitas vezes acontece do jovem não ter oportunidade de participar, não tem chances.

Todos os jovens devem participar de algum grupo de jovens, porque é muito interessante e importante, a gente aprende muita coisas.

E quando aqueles não dão oportunidade aos que querem participar, eles deviam dar uma chance à eles, porque só falta uma chance e uma oportunidade para que eles participem.

Pesquisador: E neste caso, por que o grupo não deu chance para o Rafael participar? Eles mudaram de idéia depois por que?

A primeira vez eles não deram chance à um jovem porque pensaram que ele não ia levar o grupo à sério, que ele só queria passar o tempo, mas o jovem queria participar de verdade e levar à sério.

Grupo - A / Sujeito - 4 (Paulo)
Data da entrevista: 17/12/97
Local: CEPAJ

CENA 1

OBS: Passei as instruções duas vezes, Paulo ficou calado, só olhando o desenho. Depois de um tempo, com a expressão de riso, perguntou se era para escrever o que tinha na cena. Comentou que era difícil só o começo, depois ele ..... (fez um gesto de rapidez).

- Por que será que no Brasil tem várias pessoas na pobreza.
Ainda tem pessoas que prejudicam essas pessoas
- A cena que nós Brasil mostra maioria dos jovens de hoje é falta , de segurança, ou seja falta de amor do próximo.
Sempre as pessoas só pensa em sim próprio.
- Assim que eu penso nesse mundo de hoje - hoje nós que vivemos um mundo com pricadissimo: nós jovens seremos o futuro do amanhã - é nós que devemos começa a mudar estas cenas de terror que acontece no mundo todo.

CENA 2

Tenho que imaginá como se fosse eu? Ela tá saindo do internato .....
isto é no mundo de hoje?
Nesse causo primeiramente eu ir buscar ajudar. Em grupo de que meche com criança e adolescente a partir dos 18 anos de idade:
- Assim eu ir ver que tinha um parente mas próximo.
- Mas tavés que eu tinha procurar algum serviço que eu podia fazer para sobreviver- que a maioria dos jovens que sair do internato- não saiba resolver seu próprio problema.-
Assim ele começa a roubar para comer: - que for o meninos começa a vender drogas- e as meninas a ser protituir para viver-
Mas graça de Deus ainda tem nesse países- pessoas que ajudar à livrá essa criança das ruas.

CENA3

Escola.
Um dos pontos que o Brasil sofre muito.
Por que por falta de vagas- ou falta de compreessão das mães.
- Nós cólegio de hoja falta compreessão de nós que vivemos dentro dela.
- Os professores recebe pouco é desconta a sua raiva toda no aluno
- Tem muito alunos que vai só para trampalha os colega interessado
E outra e a falta de compreessão dos nossos governantes não saber administrar seu cargos direito.
- Para ficar mais difícil e relação entre alunos que muito compricando em colégio em rede Estadual.

Eu sei que algum dia o nosso países vai mundar para melhor no ensino escolar.

Pesquisador: Você falou que tem incompreensão, professor que desconta em aluno, na sua opinião o que pode ser feito para melhorar um pouco estas relações na escola?

OBS: Falou que acha difícil. E que aconteceu com ele este ano na escola eele saiu da escola. Não quis complementar o comentário.

CENA 4

Nesta cena países é dos campião para despedir funcionário por motivo nenhum.
Nesse causo nós pequenos trabalhadores devemos a lutar pelos nossos direitos de cidadão, fazer pasiáta, organizar grupo que defende os nós direitos no gabinete politico.
Pesquisador: Neste caso que você disse que o funcionário é despedido sem motivo, como ele pode lutar pelo direito dele?

Nesse causo ela devia recor no direito do trabalho o seu direito ou seja buscar alguma força para - fazer um pequeno acordo com seu patrão.

CENA5

Nesse causo para mim não daria muito sento
Porque onde eu estou sempre eu fico triste, como agora.
Eu mesmo eu não sei como faria dentro de grupo hoje.

Mas para os outros seria muito interesante tem grupo em vários setores para ajuda os jovens sobre as drogas, AIDS - protituição ou seja a participação dentro de uma escola.

Pesquisador: Neste caso você acha que o grupo vai decidir o quê?

Nessa cena o grupo deixou o menino participar do grupo comunitário

Pesquisador: Por que o Rafael quer participar do grupo?

Porque ela estava com problema (drogas).

OBS: Paulo não estava sentindo-se bem , às vezes os olhos enchiam de lágrimas. Perguntei várias vezes se queria parar, mas disse que desejava continuar.

Grupo - A / Sujeito - 5 (Gabriel)
Data da entrevista: 18/ 12/ 97
Local: CEPAJ

CENA 1

eu vejo assim que esse mundo nosso não vai pra frente por causa do desemprego
Vejo muita gente pedindo esmola reclamando que está parado por que não tem serviço e quando tem presisa de um bom estudo as vezes até pra limpa prédio.
Se eu fosse bom de situação financeira eu iria ajuda essas pessoas desabrigada
eu acho assim que se tivesse emprego pra todo mundo não exsistiria mizéria neste mundo que vivemos
Isso que o prefeito faz não tá certo enquanto ele planta 3.000 florzinha, esiste 5.000 pessoa passando fome porque não tem emprego.

CENA 2

OBS: Perguntei se sabia o que era um internato, disse que não. Expliquei, ele então perguntou se era tipo a Fama.

Ha! Ela vai sair pra trbalhar.
Rita vai começa sua nova vida, começa a trabalha ganhar seu dinheiro, compra sua casa pra mora e construir sua familia e ser feliz
Por que onde ela morava não tinha conforto, não podia sair na hora que queria e nem chegar na hora que queria e só trabalhava e na ganhava dinheiro
Rita tem que reginera e não deixa que o mau tome conta dela, ela tem que luta para vence todos os maus pra não ter infelicidade em sua vida como teve antes de ter seus 18 anos

ela também tem que estuda pra não ter difildade em arruma emprego.
Essa foi um pouco dificio fazer!

CENA 3

Ha! Essa é mais dificil, só tá dificultando, as otras nem vou dá conta de escrever.
O que é isso aqui?
Na escola as coisas andão tudo diferente as professoras estão muitas bravas, impaciente e os alunos muito provocante, pra melhora as escolas de hoje preciza de muita paciencia para que não esista violência na escola, se a professora pedir pro aluno com calma sem toca no sentimento do aluno para ele não faze mais bagunça.

O aluno também tem que fazer da sua parte não conversa na hora da aula, fazer suas tarefas e comperar com outros alunos.

Pesquisador: O que você acha que pode ser feito para professor e aluno não ficar bravo ou provocar?

Só esta faltando conversa entre professor e aluno

CENA 4

É pra falar sobre o desemprego?
Eu acho que aparti de que agente entra no emprego pra trabalhar agente deve deixa as brincadeira tudo na porta do serviço e leva só responsabilidade para que não aconteca nada de ruim.
Se agente estiver trabalhando com as coisas de vidro com brincadeira pode cair quebra e você pode se madado embora sem direito a nada enem ficar com o pensamento ruim
Pensa assim que a loja e grande e rica pode pega uma coisinha que ninguém dos empregados vai ver mais o potrão ver.
Para fica no emprego hoje tem que ter responsabilidade.

Pesquisador: Neste caso, por que você acha que a funcionária foi mandada embora? E o que ela fez?

a fincionária foi mandada embora porque brincava muito na hora do trabalho.

CENA 5

Este é muito difícil, o que eu vou falar? É pra falar que é um grupo que discute sobre menino de rua? O Rafael não participa do grupo e quer entrar?

estes são os grupos que todo sábado reune para discutir vários assuntos diferentes.
um dia eles estava discutindo sobre meninos de rua, chegou o Rafael pedindo para participar com eles.
eles disviaro o assunto que estava discutino e foi falar sobre o Rafael, todos concordaro com a participação dele.
Porque quanto mais gente participando séra mais facio de venoer os problemas.

Pesquisador: Neste caso, por que você acha que Rafael pediu para participar desse grupo?

Rafael quis participar do grupo para conhecer mais amigos e conhecer das coisas que estão acontecendo lá fora.

OBS: A cada cena ficou bastante pensativo, escreveu com calma, revisando. Demorou muito tempo para concluir os comentários.

Grupo - A / Sujeito - 6 (Luiz)
Data da entrevista: 18 /12 /97
Local: CEPAJ

CENA 1

OBS: Dada as instruções perguntou se era para ele escrever o que o rapaz estava pensando sobre a senhora que pedia na rua. Comentou que não gosta de ir ao centro de Goiânia para não ver estas coisas, apontou para a figura da senhora no desenho. Contou sobre o que aconteceu hoje na rodoviária, onde uma pessoa lhe pediu hum real. Por fim perguntou sobre o número de linhas que podia escrever.

- Era um dia bonito um sabado ensolarado. Eu estava andando em uma avenida do centro da cidade quando uma cena me chamou atenção Era uma senhora pedindo esmola. Ela estendeu a mão e me pediu alguns trocados E como o meu coração é mole como uma banana eu dei a ela uns trocados que hávia em meu bolso. E foi embora pensando porque o mundo é tão bom para uns e ruim para outros

As vezes eu pesso. Eu tenho saúde uma casa onde morar tenho o que comer e também o que vestir e um trabalho. Mas e amhã sera que terei tudo isso de novo é dificil para mim ver aquela senhora com o rosto triste mal vestida mal alimentada quase sem vida e como se algum dia fose a contece comigo o que esta acontecendo com ela.

Pesquisador: Neste caso, você ajudou a senhora?

Eu procuro fazer a minha parte ajudando essas pessoas me faz se sentir muito bém meda uma sensação de aligria e importante ajudar que precisa.

CENA 2

OBS: Luiz falou várias coisas antes de começar a escrever. Relacionou esta cena com a cena 1; pensou na possibilidade da menina Rita sair , conseguir emprego eda possibilidade de ir para a marginalidade. Achou que essas possibilidades também dependem do tipo de internato, se ele é do tipo que apoia, dá curso, uma profissão ,ou não. Falou do caso da FEBEM. Depois contou uma história do seu avô, comentou sobre seu relacionamento com a madrasta e com a mãe.

Era segunda feira e Rita já tinha completado dezoito anos e sabia que sua vida ali dentro já terminara que teria que seguir outro caminho

Mas ela pensa que caminho tomar porque não tem nem uma profissão e ela sabe que as ruas estão cheias de drogas, marginais, prostituição mas não que tomar estes caminhos porque ela tem um sonho. Um sonho de se torna alguem na vida de estudar e fazer faculdade e se formar em medicina ao sair do internato caminhou até o portão olhou como era la fora virou-se então disse para o segurança que queria fala com a diretora chegando ao escritório pediu lisença sentou-se e começou a falar do seu sonho. A diretora ficou ouvido-a varias horas e vendo a determinação da menina resolveu a ajudala.

CENA 3

OBS: Foi logo identificando: É uma sala de aula. Aqui a professora, ela parece que está brava com os alunos. Aqui o aluno, parece que está ameaçando a professora eos alunos no recreio. Contou que teve duas professoras assim efalou bastante sobre as histórias da escola. Disse que escreveria uma estória encaixando todos os quadros, depois perguntou se era para escrever uma estória para cada quadro, e se podia dar um nome para cada personagem. Luiz seguiu escrevendo e pensando alto.

- Sexta feira era sete horas da noite quando o sinal da escola toca. A turma de fábio entra para sala a primeira aula era a de português a aula mais chata do escola. a professora entra na sala todo mundo coversando quando ela dar um soco na mesa e diz sillêncio nem um de voces e mais criaça para fazer bagunça. E ela fala que não e obigada a dar aula para uma classe bagunceira. quando Fabio se levanta e responde a professora mal. se a senhora não e obigada a dar aula prá nós então o que é que estazendo aqui emchendo a paciência em. a professora fica espantada com tudo aquilo mas a aula prosegue. até que dar-se o sinal para o recreio todos saiem para o patio, a turma do Fabio se reune e Fabio diz que a professora ia dar zero para ele e a turma achou ruim porque eles acham que a professora estava erada ao entrar na sala daquele geito.

Pesquisador: Na própria escola tem jeito de diminuir as agressões que você falou que sempre acontecem?

Mais isso poderia ser evitado se alunos em professores conversarem se organizar mas dentro do ambiente da escola onde o professor possa criticar sem violência e o aluno ter sua liberdade de espressão.

CENA 4

OBS: Primeiro afirma que cada cena fica mais dificil, depois acha que esta cena é fácil pois , a questão do desemprego está grande . Fala que geralmente o patrão despede para diminuir gastos pois, as vendas estão baixas e os juros altos . Comentou também que os os funcionários vão na justiça para receber o que têm direito. Antes de lê o texto que vinha acima da cena, Luiz falou que achava que o homem estava cantando a empregada.

Juliana trabalha numa loja no centro da cidade como vendendora a mais de quatro anos desde o real. as coisas ião bem para ela e para o comercio em geral muitas vendas motivo de alegria. mas de um ano e meio para ca as coisas não andam muito bem não. as vendas cairam os clientes sumiram das lojas com os juros tão alto e esse motivo do sumiço do cliente e o empregado que dava lucro passou a ser despesa para patrão.

Com isso surgiram muitas demisões.

Serto dia numa quarta feira mas precisamente o senhor Mario foi falar com a Juliana ele foi demitila coversaram e o geito foio ir embora mais o patrão pagou tudo direitinho comforme mada a lei. Sorte da Juliana que não nenhum filho ela vive sozinha uma barraco de aluguel na periferia da cidade. passa alguns dia ela foi procurar emprego não sei se ela consigui mas desejo sorte.

CENA 5

OBS: Achou essa mais fácil, disse que não tinha muito o que pensar, só responder. Mostrou no desenho e perguntou: Este é o Rafael? ..... Ele está usando brinco? Sorriu. Começou a falar que se é um centro comunitário, todos têm o direito de participar . Começou a escrever. Depois de escrever bastante, disse que este comentário ia sair bem grandinho, é que os neurôneos não paravam de funcionar. No final falou que tinha gostado dessa cena.

A onde o Rafael mora tem um centro comunitário onde varios adolecentes se reunem para conversar sobe varios plovemos da sociedade mas o Rafael não participava do grupo...porque seu mal amigos o levava para o mal caminho. um dia lindo Rafael estava em uma esquina parado perto do centro comunitario e estava vendo quanta alegria todos tinham ele se a prosimou e disse olá todo olharam para ele e responderam olá ele pediu para participar do grupo. O pessoal pediu para ele espera um pouco comesaram a conversar. alguns membros do grupo não queriam o Rafael no grupo. mas ai o Fabio a Juliana e a Rita prostestaram Fabio disse que a função do centro comunitario era de reentregar o jovem na sociedade novamente. e alendomais com o Rafael reentregado no comunidade vai servir de exemplo para os outro jovem e tambem fortalecer ainda mais o centro comunitario e então apartir dai o Rafael era o mais novo jovem do grupo.

Grupo - A / Sujeito - 7 (Carlos)
Data da entrevista: 18 / 12 / 97
Local: CEPAJ

CENA 1

Andando pelas ruas de goiânia podé peceber tém muitas pessoas pedindo esmo mas não é porque que mais sim porque preciza nós goianos precizamos da um jeito niso porque o governo não está vedo iso não mas só que o povó está no dia, dia vamos ajudar todas esas pessos que não tem moradia e vive no sentro da cidade de goiânia so nós podemos por um fim neses sem familia e menino e menina de nosso Goias.

Pesquisador: Você está dizendo que somos nós que temos que fazer alguma coisa para ajudar as pessoas que precisam .....

So o povo pode ajudar com versando com governo mandando cartas fazendo como que o governo veja a situação das familia desabrigadas.

E a comonidade que vai ajudar se pensamos bém.

CENA 2

Sera que todos os menino, e menina que está neses internato quando entera os de 18 anos e já tem sua idade serta para com vivê com a familia sera que e muito facio para eles que vivem com um mote de pessoas de ferentes delis e quando entera a idade serta que clega na casa dele e até com viver com seus pais e seus irmãos sera que e muito de fisio para todos eles ou tem como um lugar para quando sair ou vai para quauque lugar porque tio que

Recolhe e se estive jeito de tenta aprosima dos seus familia dava mas serto de que deixa lá ate entera os seus 18 anos.

Pesquisador: No caso da menina do desenho, você acha então que ela vai para a familia .....

Sim.

CENA 3

Os alunos das rede escola estadual está presisando de um ensino mais bém estudado e de mais aria de lazer como quadra e aria de reuniam água fitrada e um lanche mais o de qua ——— como eses tempos queis e feio não tem

Para temos um ensino mais adequadro e um futuro menho porque tem muitas escolas estadual presisando deses andamentos todos como separa os torto de man e tarde e noite porque ésta muito bagunsado meninos novos com meninos mas velio e acaba atrapalhando os em sim nós de serta idade.

Pesquisador: Neste caso, Carlos, estes alunos aqui estão conversando sobre o quê?

as fautas de com disemos das escola estaduais temos que reunir nós patio das escolas porque não temos um lugar certo.

CENA 4

A fauta do desemprego no mudo esta muito grande e porisso o mundo ésta ficando violento
Porque caça serviso e não acia então vai tentar ganho um dinheiro facio e a onde comesa e sar mortes vimgansa e qualque outro tipo de violecia e o mundo ésta se acabando as poucos se todos nós cerumanos não po um fim como vamos com bater a violecia se não temos os empregos para tirar a violencia das ruas se os funcionarios ésta semdo despedidos.

Pesquisador: Você acha que o desemprego cria uma situação de violência .....

É.

Neste caso, a funcionária que foi despedida ela vai para esse lado de violência .....

É.

CENA 5

Um grupo de jovem que reunia para des sobri a vida de cada um delis
e um dia a pareceu um jovem no meio de um cropo que descotia a vida lafora e foi ai que apareceu o adolecente que queria participa mas um dos representante do gropo acho que o adolecente tinha que entra mais só que não sem estuda vamos ter que descotir entre nós serto e vocês que que acham dele tem ou não tem capacidade de a judar descotir entre nós porque ele e mais novo de que ajente vamos dar uma chance a ele.

Grupo - A / Sujeito - 8 (Lucas)
Data da entrevista: 19/ 12/ 97
Local: CEPAJ

CENA 1

Escrever sobre tudo isso aqui?
Sofrimento das pessoas tendo que pedir para sobreviver e nas paredes um cartaz pedindo voto, o outro cartaz de SHOW RAP, as paredes sujas caindo os pedaços O sofrimento de todos nós nos pontos de ônibus, um sinaleiro do que adianta ele se guase ninguém respeita nem o próprio ser humano se tivessemos uma vida digna não era preciso mendigar nas ruas poderiamos andar tranquilos pelas ruas, se os politicos deixassem de roubar um pouco e esse dinheiro poderia ser investido na educação na saúde e no lazer se quando isso acontecer e que vamos ser um pouco mais feliz

CENA 2

Posso continuar aqui?
E não sabe o que vai fazer e nem sabe se vai consegui um emprego porque já completou 18 anos e querendo ou não tem que trabalhar porque na sociedade se for pobre e não trabalha e vagabundo maloqueiro, esta um pouco assustada sabendo das dificuldades que vai enfrentar fora do internato, sai com um monte de duvidas, se vai consegui amigos, emprego, a pergunta sera sempre a mesma e se não conseguir vencer todas as barreiras ou que vou fazer, tenho que trabalhar e aquela ficha que vou preencher sera que se eu falar que morei no internato não vou ter o emprego porque eles acham logo que sou menina de rua como se menino de rua não fosse ser humano como nós.

Pesquisador: Neste caso, Rita, com todas as dificuldades, que você fala, ela .....

Rita conseguiu vencer as dificuldades com muita luta e trabalho e hoje esta novamente encaixada na sociedade.

CENA 3

Tá dando um muro na mesa?
A professora está irritada porque o alunos não quetam estão fazendo bagunças e ela não deu conta de controlar e soltou a mão na mesa mas o nervo dela pode está vindo também de outro lado o salário muito pouco e atrasado problemas em casa tendo que trabalhar os tres periódos para aumentar a renda e os alunos que também tem seus problemas e são mais faceis de esplodir, então começão a gritar e bater nas coisas e conseguindo o que quer deixa as pessoas com medo só que ele não está pensando no que pode acontecer com ele como tem um grupo que sempre e mais tranquilo estão sempre bricando claro que também tem seus problemas mais procura sempre disfarçar suas raivas e tristezas
Pesquisador: É, parece que a professora tem problemas, os alunos também, você acha que esta situação pode melhorar?

e pra melhorar um pouco mais o melhor seria a coversa entre professores alunos diretores

CENA 4

OBS: Ficou com o desenho muito tempo na mão. Perguntei se estava achando difícil, respondeu que não.

Sem explicar muito o que está acontecendo despede a funcionária e claro com o poder de mandar e se sente por cima dos funcionários ela não sabe direito o porque e tá nervosa e acha melhor não bater boca e já começa a pensar que só tem que cumprie

aviso e está deixando mais um trabalho O patrão passa não gostar do serviço da pessoa e começa forcar pra que peça contas e quando não pede ele manda isso também pode ser racismo não gostou da cor

Pesquisador: Neste caso, a funcionária foi despedida sem ficar sabendo qual o motivo?

Antes dele mandar embora se tiver algum erro porque não chegar e coversar explicar o que está acontecendo e se não resolver ai sim não tem como ficar e ela tem o direito de procurar a justiça do trabalho porque ela tem defender os seus direitos porque se não vai ficar no prejuiso porque quem quer trabalho tem muito e é só trocar de empregado.

CENA 5

Rafael está sendo avaliado pelos outros se ele pode ou não participar acho que e preciso ter sim um grupo grande e forte mas não pode colocar todos que queiram entrar pro grupo se isso acontece vai ficar um grupo muito grande sem jeito de ajudar os outros, primeiro tem que formar a base do grupo discutir qual é o interesse o que vai fazer aonde começar com quem começar, e depois ir fortalecendo cada vez mais pra ajudar a comunidade e Rafael foi fazer um pedido e porque gostou do trabalho e quer estar junto.

Pesquisador: Neste caso, o grupo vai deixar ou não o Rafael participar? Por que?

Quer fazer parte do grupo nesse caso o grupo vai deixar Rafael entrar mas vai ficar aprendendo primeiro.

Grupo - A / Sujeito - 9 (Maria)
Data da entrevista: 19 / 12 / 97
Local: CEPAJ

CENA 1

É difícil?
Quantas linhas tem que escrever?
Num certo dia no centro um rapaz muito bonito muito bem vestido passeava por ali, derrepente ele depara-se com uma endigente.
A senhora estava sentada no meio de vários jornais, e mais alguns bagulhos.
A praça era bem movimentada nesse dia havia três pessoas e um ônibus.

Pesquisador: No caso do jovem que está passando e vê a indigente, o que você acha que passa pela cabeça dele?

O rapaz ficou bem sentido, ficou pensando por que, tantos vivem bem e vestem bem comem bem e já outros vivem na miséria. O rapaz ficou bem aborecido com aquela cena.

CENA 2

É mais difícil. E Norma você inventa!
É prá falar do destino dela também? O que eu vou arrumar prá essa mulher?
Essa pessoa estava acostumada com um ritmo de vida, derepente muda tudo.
Essa moça estava saindo do internato e não sabia completamente nada.
Como ela iria arrumar um serviço legal onde iria morar e com quêm.
A moça saiu do internato muito triste por não ter nenhum parente e nem amigos com quem poderia contar.
A moça não encontrou um lugar legal para morar, encontrou várias casas para trabalhar mas não foi bem recebida. O que a moça encontrou foi muitos jovens com o mesmo problema, problemas piores como drogas e outros vicios. A moça acabou indo para uma casa de prostituição.

CENA 3

Ha!..... Ha! Mais tá difícil.

Pesquisador: Então vamos conversar sobre o que você está vendo no desenho.

É uma escola, ai a professora, está muito alterada, aqui é a professora também e um aluno querendo brigar.
É acho que já dá prá sair alguma coisa.
Em todas escolas há problemas entre professores e alunos mas nessa escola estadual o problema está grave, a professora falta muito, quando os alunos vão reclamar opinar pra melhorar, ela se irrita fica nervosa agressiva etc.
Teve um aluno que não faltava aula tinha suas tarefas em dia fez sua avaliação e sua professora sumiu sua prova, o garoto ficou muito zangado brigou com a professora mas não teve jeito ficou sem a nota da avaliação.
Na hora do recreio o garoto reuniu sua turma e foi conversar e tirar uma conclusão do problema entre os alunos e a professora.

Pesquisador: E o que a turma conversou, a que conclusão chegaram ou não?

Os alunos conversaram com a turma e com os diretores, coordenadores, secretários e com os outros professores para verem o problema que se encontrava na sala, e decidiram que a professora deixasse a escola o mais rápido possível, por ser uma professora sem compromisso e por ser agressiva e muito nervosa sem, controle.

CENA 4

Tenho que imaginar o que está acontecendo aqui é?

Essa funcionária está sendo despedida pelo patrão por que ela é negra.

Este era seu primeiro mês de serviço a funcionária estava adorando o serviço estava super animada com seu emprego.

Derrepente o seu patrão chega e diz você está despedida, sem ela ter feito nada, ela não tinha feito nada mesmo , o problema era sua cor sua raça.

O patrão da moça era racista por isso o despediu.

Só que não ficou por isso mesmo a moça ficou tão chateada com aquilo que tinha acontecido e resolveu abrir um inquérito contra o seu patrão.

CENA 5

Ha! Até que fim em ..... Esta é fácil.

Uma turma de adolescentes se reunia sempre aos sábado. E havia um grande problema tinha um rapazinho que só iriam aos encontros em tempo de lazeres em dia de festas etc.

No dia em que iria a reunião só brincava e tirava a atenção dos que realmente gostaria de participar.

Por ser um menino que não participava direito das reuniões, tinha outro grave problema mexia com drogas.

E o grupo de jovens que era amigo do menino resolveu conversar com a turma reunida para resolver esses dois problemas.

O garoto voltaria para o grupo de jovens e a turma iria ajudar o menino a deixar as drogas.

O menino voltou a participar do grupo de jovens e voltou com o pique todo, e estava tentando deixar as drogas com a ajuda do grupo.

Grupo - A / Sujeito - 10 (André)
Data da entrevista: 19 / 12 / 97
Local: CEPAJ

CENA 1

OBS: Ficou muito em dúvida de como começar. Conversei um pouco com ele sobre o que estava vendo naquela cena. Falou que estava achando muito difícil, então , pedi para falar mais sobre o desenho. Disse várias coisas, então, pedi para escrever o que ele falou. Perguntou pelo número de linhas.

A nação brasileira passando por varias dificuldades para viver e alimentar sua família, tendo como objetivo, a ismola pedir ou ate mesmo roubar para não passar fome. Mas isso tudo que acontece o povo não tem culpa, o culpado e os governantes que só pensa em sauvar sua propria pele, agor a culpa que o povo tem e de ter colocado no poder, é mesmo assim se não fosse um ia ser o outro nós não temos saida de todo jeito descemos para o fundo do pouso.

CENA 2

É eu vou ver o que vai ser com ela.

Essa sena do internato e igual a outra da pessoa pedindo esmola por que se os pais de Rita tivesse um imprego teria dada uma vida melhor e ela não teria saido de casa ou os pais não teriam abandonado. Teria condições para dar uma escola, saude, casa e uma familia, o que e uma criança sem familia não e nada, ela não teve a chanse de aproveitar sua infancia.

Pesquisador: E neste caso André, como vai ser para Rita daqui para frente?

Agora já com seus 18 anos, já saindo do internato ela teria duas opsoes para pensar ou ela fica com o pensamento de revolta na cabeça é vira uma má pessoa ou ela pensa em construir uma familia e possa dar para os filhos o que ela não teve o amor dos pais.

CENA 3

Hum! Esta é mais dificil.

Pesquisador: Então fala um pouco que as idéias aparecem.

Uma sena que eu vejo muito na escola, professora que não está satisfeita com o salário que o governo dá, alunos indo para escola imbreagado ou drogado sem idea na cabeça com agrecão nos professore também nos proprios colegas, alunos que tem muito problema em casa é que leva para a escola, turmas de alunos que junta para falar sobre o fim de semana no baile e som de rok é rua, das brigas, das mortes ou até mesmo das drogas que rolou, alguns vendendo drogas na escola e grupos de gangue.

CENA 4

É, provavelmente ele despediu ela por racismo, ele é branco, ela tem a pele escura. Uma pessoa assim na loja dele vai render pouco para ele.

Uma pessoa sendo despedida porque tem a pele negra ou porque não tem um bom visual, e o puro racismo que tem no nosso país, o dono do estabelecimento acha que tendo uma pessoa com visual as venda vai almentar, mas o que essa pessoa que foi despedida sente por dentro sabendo que foi despedida não pelo trabalho que apresentou mas sim pelo que ela é.

Pesquisador: Então,você acha que ele despediu ela por ser negra? E o que ela acha?

Pode recorrer a justiça ganha por que a discriminação e crime, mas sempre vai carregar aquilo na cabeça.

CENA 5

Vou ter que falar o que eles estão conversando?

Ha! Essa é a mais difícil. Geralmente o Centro comunitário tá precisando de gente prá ajudá nos grupos, grupos de jovens.

Vamos ver o que sai.

O grupo está reunido para ver se entra um novo colega ou não, eles conversa entre eles para ver e depois chama o colega para conversar um pouco, para ver se o Rafael esta mesmo afim de entrar no grupo para ajudar a decidir alguns problemas da comunidade ou se ele só está tentando baguncar o grupo, a chance dá, mas a chance de convencer o grupo a deixar entrar.

ENTREVISTA INDIVIDUAL - GRUPO B

Grupo - B / Sujeito - 1 (Lúcia)
Data da entrevista: 09/12/97
Local: Colégio Estadual Parque Santa Cruz

CENA 1

Eu estava passado na causada do centro de Goiânia e la andado, andado. Logo avisto uma senhora sentada na causada pedido.

Ela estava tão triste por pedir tanto e todos que passavam nei olhava para ela e aquela sena mim comoveu tanto que eu rezuvi da para ela alguns trocados.

Eu sabia que não era tanto assim e ela também. Mais eu sabia que aquele dinheiro mataria a fome dela almenos na quela hora. E ela me agradeceu sorrindo e disse que Deus tir abeçoa e tir de o dobro. E eu disse para ela amel e que ele vai abeçoa mesmo para que possa voltar e dar para você o dobro.

OBS: Perguntou após as instruções se era para escrever como se fosse o personagem da cena.

CENA 2

E não tinha para onde ir.

E ficava pensado em quanto travesava a rua com poucas coisas que tinha em suas maus.

E ficava pençado, pençado, muito triste. O que sera da minha vida agora não tenho pai, nei mãe não tenho irmão nei irmão. Não colheço nei um si que parentes e agora.

Longo a frente estava vindo uma senhora de idade e vendo o jeito de Rita perguntou. Porque você estar tão triste então ela respondeu. E porque eu não tenho para onde ir. Mais você não tem pai, mãe, irmaus, parentes. Não: então vei mora com mingo eu não sou rico, mais o que eu tenho eu posso - li dar.

Rita respodeu muita contente sou o que a senhora estár fazendo para mim não presiza riqueza nei uma deste mundo. Então Rita foi com a senhora e viveram sempre jutas.

OBS: Perguntou o que era internato.

CENA 3

Uma vez eu fui fazer uma vizita no colegio onde estudava minha prima chegando lár eu fique não admirada no agir dos professoras e dos alunos.

Chegando no portão tudo bem , la vai eu andado, andado, no corredor logo na frende havia uma sala com portas abertas eu olhei para dentro e obiservei que a professora estava brigando com os alunos, ela bateu com o apagador na mesa que eu pensei que ela ia bater nos alunos porque ela deu um berro tão alto e olhava para os alunos com tanta fúria que pensei meu Deus vai bater deles agorinha. Longo depois na outra sala havia um aluno discutido com a professora ela caminhou na direção dela de um jeito que eu gelei o coração.

Lá fora tinha um grupo de aluno que eu tinha entrado para dentro da sala porque não tinha feito os deveres de casa. E eu como sou curiosa perguntei - O que vocês fazem do lado de fora. Eles responderam nós não entramos porque estamos com medo da professora. Eu disse porque eles responderam porque a professora e muito crueu ela nós castiga todas as vezes que não fazemos o dever de casa. E eu perguntei como assim. Eles responderam ela nos poem de joelhos em cima de uns carrosos de milhos e de clara no quadro.

Então eu fui em bora quando o sinal tocou.. E disse para minha prima nuca que eu estudo num colegio deste onde jeite não sabe quei e professor ou alunos todos são iquais não se dão respeito e nei si respeito.

Pesquisador: Lúcia, o que você acha que pode ser feito para os alunos não serem castigados, nem sentirem medo?

Para eles não serem gastigados eles deveriam fazer todas as tarefas de casa então eles não seriam castigados.

OBS: Escreveu toda uma folha de um lado e perguntou se podia escrever do outro lado. Permaneceu muito tempo nesta cena.

CENA 4

Ana trabalhava numa loja de eletro domestico ha dois anos. Um dia ela teve de faltar por causa justa.

Ela faltou numa segundo quando foi numa tersca ela retornou ou seu emprego, ela estava lá dando no duro quando ela pensa que não la ivei o seu patrão. Ana porque você faltou ao seu emprego otem. Ana disse foi por causa que o meu filho estava tão doente que não deu para mim vi trabalhar.

Mais Ana onde estar o atestado médico. Eu não pedi porque eu achei que você ia recolhecer depois que eu falace .

Mais Ana quando você falta ao emprego e preciso o atestado medico para justificar sua falta. Então eu não outra otemativa há não ser despedila. Então Ana foi enbora e no outro dia ela sor ia fazer o aserto. Ela foi enbora tão triste sor de pensar nas horas que ela mais presijava do emprego ela foi mandada em bora. Ia ter o aserto mais não ia ser necessario para viver e gastar com a doença do seu filho porque sor era e seu filho porque ela não era casada e alem do seu filho doente tinha mais duas filhas para susteitar.

No outro dia ela voltou ao emprego que supreza Ana resebeu, seu chefe tinha voltado a trás e tinha reculhecido que que Ana era uma mulher boa e de bom coração porque ele comviveu ali com ele todo esse tempo e Ana nuca tinha faltado um dia de serviço e ele entedeu que foi por causa justa mesmo e nei discontou no seu salario.

OBS: Perguntou sobre o desenho, o que era a placa escrito - 30 dias.

CENA 5

Renato, Paula, Lucia e Riacardo estão conversando a respeito de Rafael se ele entra ou não no grupo. Cada uns deles estão dando uma opinião. Por Rafael ser muito novo no pedaço eles estão disidido se Rafael fica ou sai. Entăo eles resolveram que Rafael fica um mês de obiservação para eles tomarei a desição final.

Ao passar de um mês eles voltaram novamente há outra reunião para ateder o pedido de Rafael, então eles desidiram que Rafael por ser um clara legal, seserio ele ficaria no grupo. Então Rafael ficou no grupo.

Grupo - B / Sujeito - 2 (Clara)
Data da entrevista: 09/12/97
Local: Escola Estadual Parque Santa Cruz

CENA 1

Olha, na verdade eu não acho muito Bom este desenho. Porque ele mostra uma coisa muinto triste, uma senhora pedindo esmola pare-se muinto tumultuado e muinto ruim mesmo. Porque o que á de mais ruim no mundo é a pessôa não ter o que ela gostaria de ter, como por exemplo uma casa e nem o amor de ninguêm.

Pesquisador: Por que você acha que essa senhora e outras pessoas ficam assim, sem casa, na rua?

Agora eu penso assim que hoje em dia algumas pessôas ficam na rua por lerdezas, más outros não, sau porque elas são doentes e não dão conta de trabalhar.

OBS: Clara comentou antes de começar a escrever que naquela folha dava para ela escrever sobre todas as cenas. Quando terminou a cena 1, disse que não tinha muito o que escrever.

CENA 2

É quando ela saiu ela foi morrar numa casa sozinha e Deus alí num bairro vizinho, logo depois ela arrumou um embrego depois passou um tempo ela arrumou um namorado e depois dê um tempo de namoro ela realizou um dos seus sonhos se casar depois, ela teve um uma filha depois um filho, mas nunca tirava da cabeça a tristeza dos teus pais ter morrido com ela tão novo, e nem um outro parente ter cuidado dela, é hoje ela e feliz graças a Deus.

OBS: Ao lhe entregar a cena 2 , comentou: Ah! Esta é mais fácil. Posso completar a história que está escrita aqui em cima?

CENA 3

Sasha era uma professora muinto má, que prigava com os alunos atê, e todos tinham medo, um dia ela Brigol com a Merellayne só porque ela conversou com o Queven, ai o Queven apelou com a Sasha e foi prá cima dela é a Sasha ficou até com medo do Queven depois mais tarde ficou o Junior, Merrellayne, o Queven e mais alguns amigos deles descotindo o tanto que a Sasha era bruta e que ninguêm gostava dela.

Pesquisador: Que mais os alunos conversaram sobre a situação da professora bruta? O que eles podiam fazer?

Mas além disso ele também conversaram a respeito da prova de português que a outra professora iria aplicar na quinta feira.

CENA 4

Um dia a funcionaria Sasha estava no seu serviço é o patrão dela chegou é a despediu. agora porque , foi porque ela era negra é ele era rassista é ele tinha preconceito, só porque ele se deu mão o seu preconceito e levou a fazer isso más ele nunca arrumou uma pessôa más bóa doque a Sasha é a outra que entrou era malcriada e não atendia os frequezes muinto bem, É a Sasha arumou um novo emprego ganhou melhor e as pessôas não era preconceituoza com o outro patrão.

Pesquisador: Sasha sabia que foi demitida por causa da sua cor? Como ela reagiu ao saber?

Más depois de um tempo ela descrobiu que o seu patrão despedil ela porque ele era rassista, más afinal ela nem importo porque ela já tinha acustumado porque ele não era o único no mundo que era rassista.

CENA 5

Eles devem deixar Rafael , entrar nú grupo, porque se ele quer eles devem consedir o seu pedido porque eu tenho serteza que ele iria gostar muinto, E a melhor coisa e ser reconhecido pela communidade.

Pesquisador: Você acha que o Rafael não é reconhecido pela communidade?

Agora o Junior não queria deixar ele entrar por que ele era homo sexual e esse era o único motivo.

Pesquisador: E o grupo sabendo que ele é homossexual, o que fez?

Só que no final das contas todo o pessôa asseito o Rafael entrar e hoje é um dos mais reconhecido do grupo.

OBS: Escreveu os comentários com menos tempo, e sempre fazia expressões a cada cena mostrada. Disse que poderia escrever todas numa só folha, chegou a dizer que não tinha muito o que escrever. Demonstrou menos constrangimento.

Grupo - B / Sujeito - 3 (Renato)
Data da entrevista: 10/12/97
Local: Escola Estadual Parque Santa Cruz

CENA 1

É para escrever um comentário?
Se fose eu estivese na rua e uma senhora com defeitos físicos e ela me pedisse uma ajuda se fose eu se eu tivese com dar uma ajuda a ela eu daria com bom coração porque nos temos que ajudar os proximos.

Pesquisador: Devemos então ajudar o próximo? Todos ajudam?

Que muitas pessoas iguinora a sua precênsa.

CENA 2

É para escrever o que aconteceu com ela depois que saiu do internato?
Se eu estivese saindo de um internado eu iria procurar um lugar para eu ficar até eu achar um serviço para me manter, e alugar um comodo para eu viver. É também eu ia em busca de meus pais e saber poeque eles me colocaram no internato até eu completasse os meus 18 anos para eu sair de lá, eu não ficaria com raiva deles e nem com magoas por isso.

CENA 3

Numa escola qualquer os alunos não queriam saber de estudar e so viviam coversando no horário de aula, não respetavam os professores, os colegas. Ai até que os professores começaram a também entrar na onda dos alunos. Os alunos na hora de recleio que era a hora de converçar eles não faziam isto.
Ate que um dia os alunos se reuniram no recleio e decidiram que não ia mais atrapalhar as aulas e que só iriam conversar nos intervalos de cada aula, e isso aconteceu os professores pararam de brigar com alunos, e todo os alunos começaram a tirar notas boas, no fim do ano quase todos passaram, algum foram reprovados.

Pesquisador: O que levou os alunos a tomar essa decisão?

Eles se reuniram porque só fazendo aquilo eles não iriam ganhar nada com isso.

CENA 4

Uma pessoa que foi mandado embora do serviço. É não estava conseguindo achar outro serviço ele resolve eu vou beber para não alenbrar que estava desenpregado, e começou a beber ai quando ele para pensa que a bebida não vai levar a lugar algum ele vai a procura de outro serviço por que ele tinha prestações para pagar e filhos para criar.
Até que no outro dia ele consegue um trabalho no seu primeiro pagamento ele vai até a lojá que esta devendo e paga tudo que estava devendo.

Pesquisador: Por que você acha que o funcionário foi despedido?

Ele não devia esta comprindo o horário e chegava todos os dias atrazado.
Pesquisador: O que você acha que ele fez quando foi despedido?

E ele não fez nada porque ele devia saber que estava errado.

CENA 5

Neste quadro eu vejo que todos estão reunidos debatendo algum interese, só que tinha outro, havia um garoto fora do grupo e que tinha vergonha de pedir para seus colegas que queri entrar no grupo . Ai a turma foi debater se esse garoto podéria participar. eles votaram e todos gostariam que o garoto participace também e foram todos converçar com ele ai ele adorou participar na sua primeira

participação eles foram debater a violência que estava intensa no Bairro, eles chegaram a uma opinião que eles deveriam conversar com o prefeito para ele tomar uma decisão.

Pesquisador: Por que você acha que o garoto tinha vergonha de pedir para participar ?
O garoto tinha vergonha porque ele era novo na cidade e as unicas colegas que ele tinha era só esses.

Pesquisador: E por que você acha que o grupo o chamou para participar?

O grupo queria que ele particioce porque queriam ajudar ele e para ele acabar com a timides.

OBS: É muito tranquilo, colaborativo. Após as instruções não fez nenhuma pergunta.

Grupo - B / Sujeito - 4 (Luciana)
Data da entrevista: 10/12/97
Local: Escola Estadual Parque Santa Cruz

CENA 1

Posso escrever sobre as duas pessoas?
Para mim este desenho representa o movimento de uma cidade como a nossa.
O corre, corre, do dia a dia e sem falar da mizeria que esistem na cidade grande esto que esta neste painel e o que a sente ver no nosso dia a dia pessoa como esta senhora que tem que pedir esmola para sobreviver.

Pesquisador: E o que você acha que esta pessoa pensa dessa situação?

Eu acletito que pedir para viver é muito dificio. Nem todos acha no dever de ajuda augumas inquinora as vezes ate tem dor aselera os passos para não prestar solidariedade.

Pesquisador: Então as pessoas ignoram?

As pessoas inquinora porque ver a dificudade de prosimo mas não sim interesa em ajudar um pouco tembém e dos nossos governos e representantis que poderia fazer augo para estas pessoas.

CENA 2

..... Como que é? É para escrever como se fosse eu?
Eu acho que vivir mum internato é muito dificio e triste eu nunca morei mas os meus irmãos já moraram ums ficaram pouco tempo mas foi como Rita saíram com 18 anos algum sairam antis vieram para o cidade trabalhar e continuar a estudar hoje algum sam casados. e eu como não conhecia este internato que eles tanto falavam fui conhecir.

CENA 3

Aqui é numa escola e aqui eles estão no recreio?
1 O que eu intende é o que a contece na nossa escola professores atenciozos e alunos sem uma atença como esta garoto que estar virado olhando para o lado.
2 Alunos que não ver a deticasão do seu professor e ainda quer ficar bravos com eles como aconteceu ontem na aula de ciencia.
3 Eu creio que estas aleras estam do lado de forra da escola ali eles poderia esta de batendo sobre os professores, a escola, a direção da escola. e as veses reunimos para bate papos.

Pesquisador: Se os alunos conversassem mais, debatessem sobre essas situações, você acha que mudariam?
Si os alunos siorganizase e debatese junto com a direção das escolas as vesses a via alguma mutança.

CENA 4

Vemos no proprio comercio que temos funcionarios desqualificados para o serviso mas encontramos muito ainda capas de ecerser a função que lifoi dada.
O fosionario pode ate ser efisiente mas como todos ser umano tem um dia que ele ou ela não estar com paciencia e é ai que um passo em fauso o emprego vai para água a baixo. O patram como todos não e tulerante nada a saida e mandar imbora ou seja Despedida-
e as veses ele ou ela não sam capas de ezerçer a funça.

Pesquisador: Neste caso, por que você acha que ela foi despedida?
O patram esta treimando-a estava fazendo um teste com ela e ela não prencheu os requezitos dele.

Pesquisador: E o que passou na cabeça dela quando soube que não preencheu os requesitos?

Para quem esta nesta esperienci e não da serto com serteza a gente sai depremida.

CENA 5

Tem que fazer um diálogo no grupo?

Quer dizer que Rafael quer fazer parte do grupo?

Todas as semanas eles se reunia no centro comunitario de seu bairro e um dos colegas que é o Rafael pediu para reunir com eles e uma delas levantou o dedo e falou ele oje undiande o Rafael vai reunir com nosco.

Pesquisador: Todos concordaram com a participação de Rafael?

E dodos os nossos colegas comcordaram que Rafael estivese presente nas reunionis.

Pesquisador: Por que você acha que Rafael teve que pedir para participar?

Rafael pedil para entrar no grupo porque como todos os garotos da idade dele estava ali porque não ele também.

OBS: Na cena 2, depois de dada a instrução sorriu e ficou olhando a cena. Perguntou como escrevia a palavra irmãos. Não se dispos a escrever mais sobre a cena, mesmo quando fiz perguntas, disse que teve um caso desse na sua família. Demonstrou certo receio de escrever, perguntava sempre se o que tinha escrito estava bom.

Grupo - B / Sujeito - 5 (Ricardo)
Data da entrevista: 10/12/97
Local: Escola Estadual Parque Santa Cruz

CENA 1

Posso escrever como se fosse uma história?

Precisa falar das pessoas que estão no ônibus?

Uma ves um rapas tinha que ir no centro para tira ums documento para arrumar emprego porque todas virma pede todos os documento Então esta muito divicio de arrumar enprego Quando ele estava passando na causada do centro da cidade encontrou uma popre velhinha pedindo dinhero para ele e ele estava so com dinhero de volta e vicou muito triste com a velhinha porque não tinha dinhero para dar para ela e parrou direto e ele dise que quando eu tiver trabalhando num serviso bom que mipago un salario bom eu vou procurar aguela senhora e tirar 5,00 reais para dar praela e dejar ela bem contente e velis e depois de tirar os documento voi para o pontedeonibus e jegando em casa ele jegou namãem dele dise - mãem quando eu arrumar serviso eu vou tirar cinquenta reais para da prumam pobre velhinha que eu encontrei na causads do centro.

Pesquisador: Por que ele quis tanto ajudar a velhinha?

Quando ele viu a pobre senhora na causada vico com do e senti vontade de ajudar a pobre senhora.

Pesquisador: Como que é, geralmente as pessoas ajudam ou não?

Nem todo mundo ajuda porque pensa so nelas e são muitos anbinsiosos.

CENA 2

Escrever ..... ela tá saindo do internato?

Agora que eu estou saindo do internato vou procurar un trabalho e eu posso morar nele e recomesar minha vida tenho que comprar um jornal da manhas para ver quen que esta presisando de uma domestica

Rita conprou o jornal e viu escrito presiso de uma domesti valar com a Maria ela voi la conversou sertinho ela veis umas perguntas perguntou onde ela mora e se ela sabia consinhar

Ela dise que não tinha casa e que vivia no no internato e que tinha completado 18 anos e tinha saido internato e estava procurando serviso para morar e a dona da casa vicou com pena dela e arumou o inprego para ela e um carto lipo para ela dormir tranquilo e caumo

CENA 3

Aqui é a professora brigando com os alunos, e aqui é o aluno brigando com a professora?

Na Escola Estadual Parque Santa Cruz nos fasemos a 5 E era dia de prova a provessora tinha aplicado uma prova de portuquez e sentouse na cadera dela estava conrrijino auguz trabalho e pegou 5 meninos colando e tomou as 3 provas e os 5 meninos comesaram a jingar gritar com a provessora disendo que não estava colando e saiu um dos meninos para a secretaria recremar que quiria a prova e a diretora dise que não podia dar a prova que ele resouvese com aprovessora ele sai e jama os 5 alunos vicaram la na porta da escola conversando e diseram que ia vaser um bajo asinado para tirar a provessora da escola e a diretora do colejo vicou sabendo dese bajo sinado e vez uma reunião com os provessore e conversaram bastante e jegarão a uma concluzão que os provessores conversarão com os alunos paraver se melhora mais e a provessora pediu que nos estudasse dise que era para nos mudar de conportamento que ele ia mudar tanbem e dise que era para nos semos amigos mais ums con sotros.

CENA 4

Tá despedida ela?

Tinha uma loja de moveis e trabalhava uma mosa tinha 18 anos e estudava anoite entrava 7 oras da manha no seviso saia as 5 oras da tarde como ela estudava a noite jegava muito cansada em casa da escola e então ela estava acordando muito tarde então o patrão ja estava vicando con raiva dela e jegou nela e perguntou porque voce esta jegando todo dia atrasana no serviso ela dise porque eu estudo anoite e jego cansada encasa ele dise bom eu vote que despedi você não posso adimiti isto ela dise dudo bem e melho assin eu dedico mais no estudo e durmo a te mais tarde e descanso melhor

CENA 5

Eu sou Monica levantei o dedo para pedir qe vocêz deixa o Rafael participa ele vaz muita bagunsa mas devemos dar uma jansi as pessoa merece outra jansi nue estabem vamos dar uma janse para ele mas que ele fica nacua resposabilidade você olha ele estabem dudo bem prometo a vocês que não faco bagunça quero tanbem dar bons ideias para vocêis deque vocêis estan falando estamos valando de Natal o nacimento de Jesuz e muito inportante iso.

OBS: Pareceu bem detalhista. Demorou muito tempo em cada cena. Quando terminou a escola já tinha encerrado o seu horário.

Grupo - B / Sujeito - 6 (Pedro)
Data da entrevista: 10/12/97
Local: Escola Estadual Parque Santa Cruz

CENA 1

dona Maria era cega de um olho tinha trêz finho para criar o pai das criança tinha falecido em un acidente de bicicleta.
Ela precurava trabalho mais não emcontrava nemgem aseita uma cega como funcionaria e ela preucuro, preucurou mais nada de emprego e so sobava uma solução Ela pedia para deus inluminar o caminho dela
Ela se umilhava para todo mundo pedindo emola para as pesoas ninguem dava moral pasava direto tinha uns que falava. mais que fauta de vergonha uma mulher nova pedindo Emola.

Pesquisador: O que você acha que pode ajudar essa senhora ?

Esa mulher tem e que trabalhar mais ningue sabia o que ela tava pasando.

Pesquisador: Por que você acha que as pessoas não dão moral?

Se todas pessoas que passase po aqui e ajudase esa munhe ela tauves não estava naquelas condisões toda suja desarumada.

CENA 2

Paula fazia muita bagunça
Todos os dias sua mai já não agentava mais e sua mãe mando ela para um internato.
Para que ela melhorase os respeito em casa e ai pasou varios anos
E Paula se melhorou antes de ficar de maior
Ela voultou para casa e não discutia mais com sua mãe

Pesquisador: O que Paula pensava em fazer quando saísse do internato?

Para mudar o comportamento em casa

CENA 3

Gustavo era uminco finho e sofria muito com iso, so ficava preso em casa seu pais não deixava ele brincar com nenhu colega.
Ele ficava revoutado com tudo aquilo que seus pais fazia, na Escola ele não respeitava nem um colega brigava com todo mundo não queria saber se tava erado, ele era pertubado em casa.
mais ningue compriendio o que ele estava pasando suas professora já estava querendo tirar ele do colegio so queria prejudicar ele e só um dia Gustavo veu uma rodinho de garotos, parados no patio da Escola e Gustavo pensol posa seria tambau ter a liberdade que aquele menino tem.

CENA 4

Vilma trabalhava em uma loja. Ele tinha um poblema ela morava loge do cerviso xegava todos os dias atrasados

O patrâm brigava com os outros funcionarios para cervir de exemplo para Vilma
Ate que um dia numa sesta-feira ela xegou atrasada e o seu patrão falou Vilma porque que você xega atrasada todos os dia vou ter que ti mandar embora ela comesou a sorar não o senhor não pode fazer uma coisa deso, depois você pasa lá no meu escritorio para nos asertarmos.

Pesquisador: Então Vilma chorou, e .....

É.

CENA 5

Num centro comunitario tinha um grupo de joves eles fazia varias brincadeira no grupo
A te que um dia um rapaz danado Rafael era o mais temido no cetor onde ele morava todo mundo tinha medo e por ele ser baguncento o grupo fiz uma reunião para discutir se Rafael podia entra no grupo ou não
E ate que eles entraram em um acordo nos deisamos Rafael entra no grupo com uma comdição que ele fique como nos conportamos

Pesquisador: Então o grupo aceitou Rafael?

deixe ele entra, ele entrou ficou amigos di todos i era o mais comportado da turma.

OBS: Ficou muito retraído, sério, durante todo o tempo. Expliquei as instruções três vezes para ele, depois não fez nenhuma pergunta. Na cena 3, não quis fazer outro comentário após a minha intervenção.

Grupo - B / Sujeito - 7 (Eduardo)
Data da entrevista: 11/12/97
Local: Escola Estadual Parque Santa Cruz

CENA 1

Você quer que eu escrevo um texto assim?
Esta cena retrata a realidade que vive o mundo hoje, pessoas que por falta de oportunidade ou por dificuldades fisicas, não conseguem um emprego no mercado de trabalho, e para não morrerem de fome são obrigados a ir as ruas ter que pedir esmolas.
Sentados nas calçadas, bancos da praça ou escadarias de igreja elas pedem ajudam as pessoas que passam nas ruas, a reação das pessoas as vezes e de nojo ou de dó, uns ajudam outros criticam. E é assim que elas vão levando a vida se é que é vida.

Pesquisador: Por que você acha que as pessoas ignoram, sentem nojo?

Muita das vezes as pessoas sentem medo por eles (mendingos) estarem sujos, mal arrumados.

CENA 2

Posso escrever continuando o que está escrito no desenho?
Agora ela vai ter que enfrentar a vida lá fora, sem ter onde morar, onde trabalhar e até mesmo onde comer. Não vai ser facil prá ela que tinha comida, casa, cama encarar o mundo que estamos vivendo hoje por causa da violência que assola o mundo, a falta de emprego que é o principal problema, ela vai sofrer bastante se não tiver iniciativa e seguir sua própria cabeça.

Pesquisador: No caso dela, você acha que ela conseguiu trabalho, comida? O que aconteceu com Rita?

E conseguiu.... ela foi forte arrumou um emprego onde morar lá mesmo com uma otima familia e eles adoram ela, por sua força de vontade.

CENA 3

Nas escolas de hoje a falta de educação dos alunos para com o professor é muito grande.
Muitas vezes o professor fala com o aluno sobre o seu mal comportamento, ele já que partir pró ignorância ofendendo o professor com palavras ou até fisicamente como já presenciei. Isso só mudaria com a compreensão do aluno, ele entendesse que o professor quando chama sua atenção está no direito dele e que a ignorância não levaria a nada.

CENA 4

Esta cena a funcionária talvez tenha sido despedida por não ser eficiente no seu emprego ou por ter cometido algum furto.
Quando a gente entra num emprego deve dar o maximo de si e ser honesto, educado, prestativo deve ouvir, e questionar quando tiver razão.

Pesquisador: No caso dela, o que você acha que aconteceu para ser despedida?

Há..... acho que ela roubou.....pela cor dela

Pesquisador: Ela roubou porque é negra?

Não, não.....não sou racista. Ela roubou só.
Ela foi despedida por sua incapacidade de fazer seu serviço.

Pesquisador: E o que ela fez?

depois voltou a loja e convenceu o patrão, que melhoraria no emprego, que faria o pudesse para agrada-lo, mas que lhe desse o emprego de volta, e ele a contratou de novo.

CENA 5

Ele é gay?
O grupo do centro comunitario estavam discutindo sobre o pedido que Rafael fez de entrar no grupo.
Eles não queriam aceita-lo por ser homossexual, e eles pensavam que isto em um grupo comunitario seria o fim.
Mas Paula que não pensava como os outros, e era ela quem decidia, acabou não aceitando as opiniões dos colegas aceitou Rafael no grupo. E com o tempo eles foram se acostumando, e passaram a aceitar ele como ele era.

OBS: Foi muito tranquilo, colaborativo, sem grandes constrangimentos para fazer seus comentários.

Grupo - B / Sujeito - 8 (Mariana)
Data da entrevista: 11/12/97
Local: Escola Estadual Parque Santa Cruz
CENA 1

Posso falar sobre qualquer uma das pessoas?

Se eu tivesse que sair pedindo dinheiro na rua, para não morrer de fome, preferia arrumar um trabalho, isso se eu não fosse deficiente.

No caso se eu fosse pediria a Deus que me lavasse para o céu. Por que pra gente depender das outras é a pior coisa do mundo, A melhor coisa é a gente ganhar com o seu próprio suor.

Tem pessoas que tem o coração bóm não nega dá uma ajuda a quem precisa. Isso é não egoista, não tem o coração ruim.

Também procuraria uma pessoa certa, que pudesse me ajudar, más hoje em dia essas pessoas que pode te ajudar ou seja ricas são os que te viram as costas. Eu procuraria uma casa abrigo para os velhos.

Más a melhor solução seria pedir a Deus pra te levar, por que agente não veio ao mundo só pra sofrer e sim pra ser feliz também.

O pobre também merece ser Feliz!

E não precisa só viver de esmola, se acontecesse isso seria um discanso!

Isso é o que eu penso.

CENA 2

Bom, é muito triste você está acostumada em um lugar onde nele você conseguiu uma família, amigos e irmãos de coração. E quando você completa os seus 18 anos não poder más ficar nele. Quando você sai dele por alguns momentos você irá chorar muito. Até a grande tristeza que está no seu coração passar.

Depois você tem que tocar a vida prá frente, por que o ser humano não vive sem barreiras em sua vida e nem vive só de alegria também.

Então tem que colocar a cabeça no lugar e saber que você não é mais uma criança e nem pensa como uma criança.

Sim procurar um serviço arrumar um lugar onde você possa ficar, e ir atrás do seu futuro que talvez possa está perto de você. Procurar estudar e fazer amizade que é a melhor coisa do mundo. E depois....

mais na frente tentar formar uma família e seguir em frente enquanto você estiver viva. Por que depois não tem como.

CENA 3

É... a professora deve que não estava muito boa não. O motivo ninguém sabe o porque ela deu o murro na mesa.

É mais vida de professor não é mole não, principalmente quando tem que dar aula em uma sala que só tem alunos bagunsento e dificio. Más ela não pode que os alunos tome conta da sala de aula.

É ruim ainda tem aluno que vendo a situação que o professor está ainda tem a coragem de fazer piada sem graça, mais tem que alguentar por que o seu trabalho, não existe nem um tipo de trabalho que você não aguenta enxou. A melhor coisa que o professor tem que fazer é conversar com os alunos. depois de uma boa conversa... É só falar quem quiser asistir aula asiste quem não quer quiser vai pra fora...

Depois da aula é claro que eles vão reunir pra comentar o que aconteceu na sala.

Quem sabe tudo pode ocorrer bém.

CENA 4

As vezes acontece isso com a gente mesmo. Você não pode é deixar a tristeza tomar conta de você. O macimo que você pode fazer é perguntar para o seu patrão por que ele te despediu, por que não dava pra você ficar mais lá. Pergunte se ele não estava gostando do seu serviço.

É claro que ele vai ter uma otíma resposta para te dar, por que ele não iria fazer uma coisa dessa sem uma explicação.

É depois de uma otíma conversa ele falar que não tem mais geito de você continuar trabalhando lá, entenda numa boa pede há ele o seu salário e seja educada e fale muito obrigado por tudo. E sai em busca de um outro emprego, e não pensar mais no que lhe aconteceu no passado. Sim pense no seu futuro, por que ele é a nossa unica barreira que temos que enfrentar.

Muito obrigado pelo passado...

Muito obrigado pelo presente...

E quem sabe muito obrigado pelo futuro...

Pesquisador: Neste caso, você acha o que aconteceu para a funcionária ser despedida?

A funcionária não estaria fazendo o serviço direito.

CENA 5

Tudo tem a sua primeira vez. Não podemos negar o pedido de uma pessoa, principalmente se estiver do nosso alcance.

Se vermos que podemos ajudar ajudamos, aonde cabe 1-2-3-4-5. Pode muito caber mais uma pessoa.

Quando a gente chega a pedir uma coisa sinal que a gente está com muita vontade de participar daquela coisa.

Pense...se você gosta de fazer aquilo, aquela pessoa que está de fora pode muito bém ter a mesma vontade de fazer aquilo que você gosta. Nunca podemos desfazer do nosso proxímo. Só basta você ter boa vontade de ajudar aquela pessoa e você conversando com os seus amigos eles vão falar o que você decidir pra nós tudo bém.

Você ensinando á ele quem sabe um dia... Ele possa ser igual á você. E mais tarde você vai orgulho de você mesma, e que você jamais imaginaria que aquela pessoa que você ajudou muito tempo atrás, está agindo como você.
É muito bom a gente ajudar os outros.

Pesquisador: Neste caso, o que o grupo decidiu?

O grupo finalmente decidiu que Rafael podia participar.

OBS: Permaneceu todo o tempo calada, tímida, não fez perguntas. Prestava bastante atenção nas instruções, e em seguida começava a escrever. Preocupada com a sua escrita, lia e relia o texto, fazia correções, antes de me entregar. Demorou bastante tempo para escrever os comentários. Preocupada em dar um final positivo, ressaltando o lado humano, a força de vontade que as pessoas devem ter.

Grupo - B / Sujeito - 9 (Marcos)
Data da entrvista: 11/12/97
Local: Escola Estadual Parque Santa Cruz

CENA 1

Há eu não sei desenhar. Não é para desenhar?
Eu tava passando numa rua tinha uma mulher chorando me pedindo uma esmola
Eu olhei pra ela fique pensando coitada chorando pra pedi o pão de cada dia
Enquanto os politico gastando dinheiro com folheto, comecio etc.
Eu pensei eles podi está ajudando as pessoas que não tem comdicão, mas eles so que ganhar os dinheiro dos pobres, enquanto eles vivi em casas boas com pecina. Os mais carente estai nas ruas pedindo esmola.

CENA 2

O que é um internato?
Eu já sair do internato, mais é a agora o internato era o meu unico lar, E agora que já sai a onde eu vou mora, eu não tenho nem um lar pra me viver, como sera que eu vou começa vida agora, vou ter que arroma agum trabalho se eu quise sobreviver mas será se vou consegui algum emprego ja que eu sai do internato.

CENA 3

A professora estava explicando a matéria, mais os alunos so ficava na sala fazendo bagunca
A professora levantou da carteira comecou chama atenção dos alunos mais eu não achutei como ela chamou nossa atencão e levantei da carteira comecei fala auto com ele.
E na saida fique comentados os amigos.
Eu não aceito ninguem fica gritando comigo.

Pesquisador: Por que o aluno não gosta que gritem com ele?
Pesquisador: Tem uma forma melhor do aluno e o professor se tratarem?

Não ..... Não sei.

CENA 4

Eu quero te dizer que a loja esta com movimento fraco então achei melho te despedi
E agora como eu fasso eu so tenho esse emprego e preciso muito dele e com ele que sustento a minha familha
E agora o que eu fasso, com essa epoca eu vou demora arranja um servisso e agora sera como passa a minha familia até eu arranja um serviço.

CENA 5

O Rafael que entra pro nosso grupo como é que nós fazemos com ele, nos deixa ele participa do nosso grupo ou não você que ele participe do grupo eu quero porque ele e um menino inletigente vocês todos concorda que ele entra po grupo nosso, Todo reponderão que sim
Então pode chama ele.

Pesquisador: O grupo não colocou nenhum impedimento de Rafael participar?

Não.

OBS: Muito tímido, ficou bem constrangido na atividade. Nas minhas intervenções, geralmente não acrescentava nada, dizia que não sabia, ou dava respostas monossilábicas.

APÊNDICE 3

APÊNDICE 3

ENTREVISTA COLETIVA - GRUPO DE INVESTIGAÇÃO/ GRUPO A
DATA: 19 / 12 / 97
LOCAL: CEPAJ

PESQUISADOR: Bom, vou dizer o que vamos fazer agora. Primeiro cada um de vocês escreveu o que pensa sobre as cenas desenhadas. Agora, eu gostaria de conhecer como é que vocês pensam juntos a repeito do mesmo material trabalhado. Nós vamos conversar a partir dele. Como seria a discussão agora em grupo. Para isso eu vou mostrar novamente o material; vou colocar aqui na mesa as cenas. Elas estão numeradas porque , quando vocês falarem de uma cena específica, falem cena 1, cena 2, para depois na gravação ficarmos sabendo sobre qual cena estamos conversando.

Gostaria de ver como vocês discutem juntos este material, e para isso todos podiam dar mais uma olhada nas cenas que vocês trabalharam.

E para começar vou fazer uma pergunta para o grupo:

Olhando estas cenas aqui, o que vocês pensam a respeito da questão de cidadania? Estas cenas, estas situações que estão desenhadas, vocês acham que têm alguma coisa a ver com a questão da cidadania, elas fazem vocês pensarem em quê?

LUIZ: Faz pensar, e muito. Isso aqui (cena 4) é questão de desemprego é?

RODRIGO: ..... Isso .....

LUIZ: ..... Grupo comunitário que tem ali no Santa Cruz, no Jardim Olímpico (cena 5), ameaças de professores (cena 3), eu aqui já vi muito na escola, aluno ameaçando professor, isso acontece demais, aqui a turma reune no recreio e blá, blá, blá, vou pegar professor e tal

PESQUISADOR: Luiz está falando o que ele viu nestas cenas .....

LUIZ: ..... Aqui também eu já ajudei muita gente quando eu passava pelo centro (cena 2), é por isso mesmo que eu não gosto de ir no centro, porque é tanto sofrimento que a gente vê naquele povo

PESQUISADOR: Isso que o Luiz está falando, o sofrimento, o desemprego, e vocês podem ter feito comentários diferentes, vocês acham que tem alguma coisa que faz vocês pensarem na questão, no assunto de cidadania? Quando falo em cidadania, estas situações aqui tem haver alguma coisa?

ANA: Tem ..... Uai, tem .....

PESQUISADOR: Por que você acha Ana? E assim mesmo, um fala, tem, o outro completa, e a discussão vai rolando. O que você acha?

ANA: (Fica rindo)

RODRIGO: Você entendeu?

ANA: Ela perguntou se tem haver com cidadania, e eu falei tem haver.

PESQUISADOR: Agora se você quiser falar a respeito de uma dessas cenas, pode falar.

LUIZ: Aqui Norma, (cena 4) eu percebi que o seguinte, aqui está dizendo que a funcionária está sendo despedida do emprego pelo patrão. Já que ela é despedida e a única função que ela tinha na loja era ser vendedora ou fachineira, eu não sei, e ela foi despedida, então o seguinte, ela vai tá .....

PESQUISADOR: ..... Lembrando novamente, vocês podem pegar uma dessas cenas e falar, mas o que vocês conseguem identificar sobre a questão de cidadania, ou não, a partir delas ..... Rodrigo?

ANDRÉ: Essa parte do internato (cena 2) aqui eu peguei ela como .....
tirando de mim mesmo, esquecendo essa Rita, porque eu já fiquei num .....
igual né ..... vamos dizer numa creche. E via que lá dentro a gente sentia muita falta de ter família, de, de , ter o pai, a mãe, os irmãos, e vê tudo. E dentro dum internato você só tem regras. Regra de acordar tal hora, de banhá tal hora, de jantar tal hora, e pronto. Passou daquela hora não .....

PESQUISADOR: Então você acha que estar com a família é um aspecto importante para a cidadania?

ANDRÉ: Muito importante. Porque sem a família a criança perde a infância né, que é o importante ..... pelo o menos eu não tive infância. Tô, tô gozando a vida agora ..... agora que eu tô mais ..... depois de adolescente.

LUIZ: Aqui Norma, eu vejo o seguinte, como eu tava falando aquela hora, que a funcionária aqui é despedida pelo patrão, e como hoje, 97, estamos entrando em 98, o que tá tomando espaço é a informática. Então o seguinte, a informática tira um pouco a cidadania das pessoas. Se você vai procurá um emprego, se você não tem uma boa formação, um bom passado, você não consegue um emprego. Se você foi um ex-presidiário você não consegue um emprego, por que, porque aquela pessoa não confia em você, aquela pessoa tá, ela pensa assim: se eu colocar um marginal dentro da minha empresa, ele vai roubá, eu não vou ter lucro com esse tipo de pessoa, ele excrui ela. E esse tipo de excru ..... excrusão, então, é o seguinte , faz com que a pessoa não tem cidadania, ela não tem cidadania, e aqui no caso dela, se ele tá dizendo que vai despedi ela, vai cortar gastos, cortar gastos da loja dele.

PESQUISADOR: Você acha que o trabalho é um aspecto importante para a cidadania

LUIZ: É um aspecto importante. Uma pessoa com um emprego ela tem uma boa formação, ela consegue se manter, ela pode se alimentar bem, ela pode se vesti, ela pode até mesmo estudá e fazer outros cursos como o mercado de trabalho exige. Eu penso nesse aspecto assim.

PESQUISADOR: O que vocês acham quando o Luiz levanta o trabalho como um aspecto importante?

LUCAS: Eu acho, igual o Luiz falou aí, é certo a questão do trabalho, e principalmente do trabalho é o salário né. Nessa folha aqui (cena 3) eu vejo assim, que o professor dando murro na mesa, já nervoso com os alunos, acho que mais porque chega na sala os alunos tá bagunçando, não que ..... às vezes, os alunos tá preocupado com outra coisa, aí vem o professor, que às vezes, tem que trabalhar três turnos, e ..... o salário é mau, ele tá com problema em casa, ele chega na sala de aula, aquela bagunça, não consegue controlar, ele fica nervoso. Acho que o salário também contribui prá cidadania. E a outra figura, em baixo, aqui o contrário, o aluno dando murro na mesa do professor. Acho que também é a mesma coisa, só que não em termos de salário, mas em questão de respeito, de cidadania, que às vezes ele consegue reconhecer como cidadão, aí fica nervoso, querendo reivindicar os direitos dele, só que de jeito errado, dando murro na mesa.

PESQUISADOR: Quando fala que a pessoa está reivindicando a cidadania, o que ela estaria reivindicando para ser cidadão?

LUCAS: Acho que em primeiro lugar, acho que o direito dele poder ir, ir prá onde ele quer, ser livre, direito de brincar .....

LUIZ: ..... Completando, o direito de expressão, de liberdade. Porque nem sempre o jovem é ouvido. Por exemplo, meu pai, meu pai, eu não conversava com meu pai. De vez em quando eu fazia pergunta difícil prá ele, sabe fazia: Pai como é que é ..... é ter uma mulher? Como que é? Quero que o senhor me explica. E ele não sabia me responder. Ele dizia, outra hora eu te explico. Teve uma vez que fiquei em situação difícil com ele, porque eu procurava mesmo, sou curioso, e procuro mesmo. Eu procurei: Pai o que é sexo? E aí ele ficou neurótico com isso, ficou neurótico com isso. Falou, não você tá passando do limite com essas perguntas suas. Bem, eu não me senti incompreendido. Por que um pai, tem que ser um pai em qualquer lugar, qualquer hora, não importa o tipo de situação. O filho perguntou, ele sabe, ele tem que falar, sabe.

PESQUISADOR: Você acha importante a questão da expressão, da liberdade, para ser cidadão O que mais vocês vêm nestas cenas que faz pensar da cidadania?

PAULO: Nesta cena aqui (cena 1), eu acho, tá faltando muito amizade ..... Hoje na maioria do país não existe mais união, o cidadão ..... não existe mais. Neste caso aqui, a mulher tá sentada na beira da rua pedindo uma esmola. Isso acontece muito em Goiânia. Goiânia é muito sabe ..... lugar bom de viver, mas .....

ANA: Não é só em Goiânia não, todo lugar .....

PAULO: ..... Falando em parte de Goiânia, que eu já participei, assim na rua, várias pessoas pedindo esmola. Acho que é muito errado.

PESQUISADOR: Nesta cena que o Paulo falou, cena 1, nesta cena temos cidadania ou não?

LUIZ: Olha Norma, eu não tô muito por dentro das estatísticas hoje não do Ibope, mas eu tive assim uma curiosidade, e tava vendo um certo livro, e lá diz que o mundo hoje tem cerca de bilhões de pessoas, ele fala assim, mas isso contando com quem é cidadão mesmo ..... isso claro, fora os que vive debaixo da ponte, os que não tem emprego, os que não tem identidade, sabe. Isso, então, quer dizer ..... e essas pessoas que estão na rua, igual o Paulo disse, pedindo esmola, até mesmo quem sabe essa mulher (cena 1) pode ser esta aqui (cena 4) que o patrão despediu ela, e ela não conseguiu arrumar emprego por causa da culpa da informática, do computador que toma o emprego das pessoas mesmo.

PESQUISADOR: Que mais, vamos ver quem não está falando, Maria, o que você acha? Luiz estava falando dessa senhora (cena 1), será que ela tem a cidadania dela?

ANA: Não.

LUCAS: Ter a cidadania dela ela tem, mas só que não tá sendo respeitada, se estivesse sendo respeitada ela não precisava tá numa esquina pedindo esmola.

ANA: Mais tem e não tem ..... (Ri) ..... sabe por que? Igual eu escrevi lá, quando eu fui fazer o trabalho sozinha, porque hoje em dia tá muito assim, prá você trabalhar você tem que ter experiência, ter um monte de coisa, e o governo não tá colaborando com as pessoas. Por que tipo assim, se você tá precisando de um serviço, ele exige um monte de coisa, então ele não tá dando oportunidade a quem precisa. Tem que ter mais chance, mais oportunidade, porque hoje em dia todo mundo tá precisando trabalhar, a gente não tem muita experiência assim, mais todo mundo precisa.

LUCAS: Mais é isso aí, ela é uma cidadã mais só não tá respeitando o direito. Se tivesse sendo respeitado ela tinha um emprego, ela tinha casa, tinha lazer .....

PESQUISADOR: Quer dizer que o emprego, casa, lazer, são aspectos que constitui a cidadania de uma pessoa.

TODOS: Faz.

ANDRÉ: O que não faz parte da cidadania é o sofrimento que o povo anda tendo, no caso de não ter o trabalho a opção de ir prá esquina pedi dinheiro, acha mais fácil. Porque o serviço tá muito difícil, por causa de .....
da infomática né, e .....

LUIZ: ..... Pela informática .....

ANDRÉ: ..... E até mesmo .....

LUIZ: ..... Da própria ..... tecnologia de ponta que tá muito qualificada hoje em dia

ANDRÉ: ..... Até mesmo é ..... pessoal ..... que tem ..... deixa eu ver aqui ..... uma pessoa negra não é bem vinda, a pessoa que não tem um bom nível de .....

PESQUISADOR: ..... Aparência

ANDRÉ: ..... Aparência, uma boa aparência, não é bem vinda o emprego, eles só pegam mesmo prá carregar lata de, de ..... lixo ..... cimento nas costas .....

LUCAS: Essa parte do racismo que o André fala, hoje aí é muito forte, às vezes, se vai entra numa loja Brasileira aí, entra um branco, eles não tão nem aí. Entra um coitado dum preto lá, o pessoal já fica olhando, achando que vai roubá. Então, onde você vai o pessoal tá te olhando, só porque você é mais ..... só porque você é preto. Prum negro hoje arrumá emprego é uma dificuldade danada. Que vai desse negócio da tecnologia, se a pessoa já é negra .....

ANA: ..... E não tiver estudo também .....

PESQUISADOR: ..... O estudo é importante Ana?

ANA: O estudo é muito importante hoje em dia, quem já tem estudo tá difícil arrumá emprego, ainda mais quem não tem.

LUIZ: Não sei se alguém neste jornal, tava vendo jornal em casa, eu acho que aquele ..... não sei qual jornal, mas lá dizia que os negros lá dos Estados Unidos queria que o Presidente Bill Clinton, é ..... pedisse desculpas publicamente por 400 anos de escravidão liberada nos Estados Unidos né, ... queria que ele chegasse assim e pedisse desculpas, porque eles ..... eles não tinha nada haver com os ancestrais deles, sabe. Então, eles estavam sendo assim culpados por causa de 400 anos atrás ..... queriam que o Presidente pedisse desculpas. Eu acho que até hoje o racismo é uma coisa que influi na cidadania da pessoa. Olha, por exemplo. eu tenho vários amigos que é de cor, e eu não importo, são pessoas que estão integradas na sociedade.

PESQUISADOR: Que mais? Maria, Rodrigo

LUIZ: Carlos que chegou agora

PESQUISADOR: Carlos, estamos conversando no geral sobre estas cenas, se elas fazem vocês pensarem sobre a questão da cidadania .....
Vocês falaram de muitas coisas, de respeito, de educação, de trabalho.Para vocês o que é ser cidadão? Estamos falando de cidadania, que a pessoa tem, como a senhora da cena, e não é respeitada, que o negro tem, mas é discriminado, que a pessoa sem estudo não consegue muita coisa, então, o que o grupo, cada um fala um pouco, acha que é ser cidadão? Primeiro vamos falar o que 'vocês acham que é , depois podemos ver com anda o cidadão.

PAULO: Prá mim é conhecer o Estatuto da Criança e do Adolescente- E.C.A. que foi elaborado em Brasília no encontro que teve, aí começar a dar uma lida né, por que foi elaborado, até agora não tá sendo cumprido.

PESQUISADOR: Para você Paulo é importante conhecer .....

LUIZ: ..... Os seus próprios direitos .....

PESQUISADOR: ..... Os direitos, as leis, no caso o E.C.A.

LUIZ: Bem, eu acho que ser cidadão é saber cobrar os seus próprios direitos e também saber impor, saber ouvir, saber reconhecer o que a pessoa do lado realmente precisa. Teve uma cena que aconteceu comigo que eu fiquei assim, sei lá ..... um rapaz chegou em mim e pediu dinheiro porque precisava pegar o ônibus para ir prá Brasília, sabe, então, eu vi ele, forte né. Então eu peguei e testei ele. Falei, só tenho nota alta. Ele virou prá mim e disse, não eu tenho troco. Por que eu vou te dá dinheiro se você tem troco prá uma nota alta, peguei e saí. Mas, mais tarde, dentro do ônibus, quando eu vinha embora prá casa, eu fiquei pensando, eu podia ter ajudado o rapaz, porque eu tenho um emprego, eu tenho uma família que gosta de mim, não tenho uma casa onde morar não, mas eu pago aluguel e dou conta, eu podia ter ajudado, sei lá se ele mora debaixo da ponte. Então, ser cidadão é a pessoa saber cobrar os seus próprios direitos, saber ouvir outras pessoas, e saber ajudá-las, porque só na base da união é que a gente vai conseguir uma coisa melhor, conseguir ser cidadão de verdade.

PESQUISADOR: E prá você André, o que é ser cidadão?

ANDRÉ: Ser cidadão, o Luiz falou quase tudo né, é ..... mais ser cidadão é ele ter o direito dele, de, de ir e vir, de ..... sei lá, direito de tudo né, que tem direito mesmo, e ser respeitado como o Luiz disse.

PESQUISADOR: E para você Maria?

MARIA: Ha! Já falaram tudo.

PESQUISADOR: Tudo? Então repete, fala o que você achou mais importante. Lucas, Ana, vão pensando.

LUCAS: Eu acho que prá ser cidadão eu acho que primeiro ele tem que pensar que o companheiro que tá do lado dele também é cidadão. Que só quando ele começar a ver os outros, ver ele e os outros a ser cidadão é que vai melhorar, porque enquanto tiver cada um prá si, vai só piorar as coisas.

PESQUISADOR: Ana?

ANA: Ãh!

MARIA: Falou demais Norma!

ANA: Todo mundo já respondeu, o Luiz vai e fala tudo.

PESQUISADOR: O Lucas acabou de falar tantas coisas importantes

ANA: Agora eu vou falar ..... (Fica rindo)

LUIZ: Desculpa, joga tudo em cima de mim ora, eu vou ficar calado agora.

PESQUISADOR: É, deixa esse povo falar um pouco

SAMUEL: Aí vão falar, tá todo mundo pegando carona com o Luiz, mas fala o que você pensa .....

LUIZ: ..... É cada um tem um pensamento diferente

PESQUISADOR: ..... Mesmo que repita .....

SAMUEL: É, porque , realmente se cada um falar, é engraçado, que eu tô aqui calado e vendo como cada um trás uma coisa. Olha, um lembrou do Estatuto da Criança, outro vem com a questão do trabalho, lembra da família.

ANA: Ah, a gente fica com vergonha também .....

SAMUEL: ..... São coisas relacionadas, às vezes, lembra de outras coisas também, lembrou da família, do Estatuto, de repente se vocês ficarem mais a vontade vão lembrar , às vezes, até do divertimento, sei lá .....

PESQUISADOR: Por que pedi para o Samuel, a Mônica, virem? Porque são pessoas que já trabalharam com vocês, vocês conhecem, são pessoas de casa, né?

SAMUEL: Depois se vocês quiserem ver , podemos ver uma maneira de ver a fita.

PESQUISADOR: Claro que vocês vão ver.

ANA: ..... Tá bão ..... (Ri) ..... acho que cidadão é as pessoas respeitar uns aos outros né, porque eu acho assim, se a pessoa quer ser respeitada, primeiro ela tem que se dá o respeito prá depois ser respeitada, né. Porque hoje em dia tá faltando muito isso, o respeito. Porque igual um não respeitar o próximo, nunca vai ter cidadania entre todos né. Esse negócio também de lazer, de alimentação, moradia, escola, né, isso tudo também é cidadania, e tá faltando muito isso também.

PESQUISADOR: Rodrigo

RODRIGO: O Carlos quer falar

CARLOS: O que eu ia falar já falou.

PESQUISADOR: Fala do seu jeito Carlos

CARLOS: Do meu jeito?

PESQUISADOR: É, fala do seu jeito.

CARLOS: Ser cidadão é ajudá o próximo né, o próximo ser ajudado. Tá errado né, a briga, qualquer tipo de violência. A violência hoje em dia tá alta .....

PAULO: ..... Carlos, o que foi discutido neste encontro aí que você foi (apontou para a camisa que Carlos usava) de Quero educação para ser cidadão?

CARLOS: ..... Não sei se (?)

LUIZ: Dá licença, só complementando uma coisa que acho ninguém falou. Acho que ninguém participou, participa ..... é dos centros comunitários, eles também ajuda a integrar os jovens, a ..... assim ..... a ser cidadão. Eles também se discutem sobre a violência, sobre as drogas também. Porque as drogas hoje em dia atinge a sociedade em geral ..... em geral, a sociedade em geral, e também tira a cidadania deles, porque ninguém confia num drogado, ninguém confia num aidético, tudo isso influi, tudo mesmo, viu gente. Por exemplo, o centro comunitário ..... por favor Rodrigo mostra pró Samuel a cena do centro comunitário, o rapaz lá querendo entrar no grupo, e eles discutindo se ele vai entrar no grupo mesmo. E dentro daquele grupo lá cada um pensa diferente. Não, não vou colocar esse rapaz no meu grupo por que, porque ele foi um drogado, ou sei lá o que ele andou fazendo. E outros pensam diferente, que colocando ele dentro do grupo, ele vai ser reintegrado na sociedade, vai largar aquele ..... aquele mau hábito que tem, vai ganhar força, ganhar força, o grupo vai ganhar força, vai crescer, poder mostrar prá sociedade que o jovem também pode ter uma participação positiva no mundo.

PESQUISADOR: Então, vocês acham que na fala do Carlos, do Luiz, e que apareceram em outras falas, que a questão de ver o outro, de respeitar o outro é um aspecto importante para construir a cidadania. De não ver no outro um inimigo, que isso pode diminuir a violência, que é importante na cidadania participar, conversar, participar, o Luiz deu exemplo dos centros comunitários. Vocês acham que essa participação dos jovens é uma coisa importante para eles se sentirem cidadão. É isso? O que vocês acham mais?

RODRIGO: Acho que é isso mesmo que o Luiz falou aí.

PESQUISADOR: Mais o que o Luiz fala, você quer destacar outra coisa?

RODRIGO: Não, não .....

ANDRÉ: ..... Só, só complementando esse negócio de droga. Que no colégio ele entra muito, essa questão da droga né. Aluno que vai drogado assistir aula, e até mesmo, seja ficar agressivo né, com os próprios colegas, e droga que passa dentro da escola também né. A escola passa a ser um ponto de vender ..... qualquer tipo de droga.

PESQUISADOR: Vocês falaram de muitas coisas aqui para uma pessoa ser cidadão. Vocês falaram de educação, de trabalho, de moradia, alimentação, de respeito. São todos elementos que compõem a cidadania. Vocês identificaram vários aspectos importantes para a cidadania de uma pessoa. E como tem sido hoje, isto tem acontecido, como está sendo vivido? Podemos olhar por estas cenas, aqui esta senhora está tendo estas coisas, a menina que está saíndo deste local, ela vai ter, a funcionária, o rapaz que está querendo entrar lá no grupo. E hoje, nós estamos conseguindo na sociedade, ter todas estas coisas que identificamos aqui, que são importantes para a cidadania, ou não?

LUCAS: Não.

ANDRÉ: Ô Norma, este aqui, esse tema ele entra também com o tema do Luiz, que ele disse que o cara chegou nele e pediu a passagem né, que ele até falou que tinha troco pró Luiz. Então, aqui muitos fica,fica muito o egoísmo da gente, vê uma pessoa saudável, pedindo esmola, a gente, a primeira coisa que vem na cabeça e falar essa pessoa é forte, tinha que tá trabalhando, mais a gente não pensa que, que o emprego tá difícil.

PESQUISADOR: Paulo você quer falar?

PAULO: Acho que não tá tendo união não. Tá faltando mais, mais participação das pessoas, mais união né. O Estatuto foi elaborado, mas não tá sendo realizado, faltando nós unir, jovens, hoje vai ser o futuro de amanhã né, faltando nós unir as forças e começar agir com o Estatuto, é isso.

LUIZ: Eu também acho que não tá tendo muita cidadania não, tá tendo cidadania sim, para certos meios da sociedade, para quem tem dinheiro, para quem consegue frequentar uma boa boate, para quem consegue frequentar um bom clube, estes sim são cidadãos. Agora aqueles que estão lá trabalhando, dando o duro, pensando no futuro de amanhã ..... que nem por exemplo lá em São Paulo, direto eu assisto jornal e vejo: empresa tal quer demiti 1000 funcionários. São funcionários gente que, na realidade se eles perder aquele emprego, a única coisa que eles sabe fazer é mexer com uma peça, é lavar uma peça, é fazer outra peça. O que eles vão fazer, fora? Será que o pessoal não pensa certo, será que o governo , em geral, não pensa, certo, será se eu demiti esse fulano aqui, a família dele não vai tá passando fome, será que amanhã ou depois ele não vai tá roubando. Eu prendo hoje, amanhã é aquele que tá roubando, vou ter que prender ele. Constrói presídio, os presos vão lá taca fogo, queima tudo. Pega o menino de rua lá, coloca na FEBEM, rebelião na FEBEM, escaparam 100, recuperaram 40, 3 morreram. É desse jeito que acontece. Onde tá a cidadania? A gente conversa muito em cidadania, falar é fácil, pensar é fácil em cidadania, mais cadê escrever lá, botá a assinatura do governador, do prefeito, do presidente, e fazer cumprir mesmo a risca. Até hoje mesmo eu não vi.

PESQUISADOR: Vocês acham que estes aspectos falados que compõem a cidadania de uma pessoa não estão sendo garantido .....

CARLOS: .....Pois é ..... muita falta de cidadania, porque se todo mundo unisse certo, para tentar alguma coisa, acho que conseguia, só falta mesmo todo mundo contribuir certo, com todo mundo que tem.

ANDRÉ: Eu acho .....

LUCAS: O maior problema que, por exemplo, se você vê um na esquina alí, é nem vai nem procurar saber o que tá acontecendo com ele, a primeira coisa, a primeira coisa que você vai fazer é chamar ele de vagabundo, ou então, chamar a polícia prá bater e levar, ou sair xingando, chutando, judiando ..... E igual a briga, hoje você vê briga de oito contra um.

ANDRÉ: Eu acho que, que agora prá ser cidadão é um pouco difícil né, até querendo porque ..... a gente pensa, o cara quer, quer o direito dele, quer ser cidadão, mais tem o colega dele que não quer nada da vida, quer levar pró mau caminho, então vem aquela voz mais alta falando de que ele, e ele vai acabá indo pró caminho do colega .....

LUCAS: ..... E as dificuldades que ele vai enfrentando, ele acaba tendo que ..... por exemplo, roubá. Ele procura emprego, é uma semana atrás de emprego, com fome, andando de a pé. Não arruma emprego. Chega um e fala vamos roubar ali, aí ele já desiste, poxa, já andei damais, não consegui nada até agora, vou roubar, quem sabe dá certo.

ANA: Igual o André tá falando aí, que a maioria das vezes a pessoa tá assim com problema, e que amigo chama assim prá roubá, usá droga, se prostituir, sei lá. Acho assim, que a pessoa deve ter consciência, porque ninguém influencia ninguém, a pessoa deve ter responsabilidade e pensar assim: não, eu sou humano, eu vou procurar assim, estudá, procurar um emprego prá mim assim, por mais que seja difícil, mais tem que pensar positivo. E não o amigo chegar e vamos ali fumá uma droga ali tal, não, isso é errado. Igual se eu tô aqui e alguém vem me influenciar, ninguém não influencia ninguém não, ninguém leva ninguém pró mau caminho. Mas, assim, as pessoas que tipo se sentem influenciadas, elas deviam parar prá pensar né.

LUCAS: Eu acho assim Ana, não levam, mas se você não arruma emprego, vai numa escola não consegue, é negro, é tudo quanto há é contra você. Você fala, eu já tô no burraco mesmo, mais isso que eu fazer não .....

ANA: ..... É isso que eu tô tentando explicar Lucas, a pessoa
tem que pensar, tem .....

LUIZ: ..... Tem que ter positividade

ANA: ..... É tem que pensar positivo, eu vou lutar, porque se a pessoa não lutar, ninguém vai ter um objetivo na vida. Igual nós mesmos que somos negros, se a gente não estudá, não tentar lutar, nós nunca vai ter um objetivo na vida. Igual você tá falando negócio de racismo, ninguém vai conseguí nada na vida.

LUIZ: É porque eu acho o seguinte, complementando o que você disse aí, vamos prá parte do racismo né. Os negros antigamente era escravo por nós branco. Eu como sou de cor morena, posso falar que sou negro também, minha mãe é bem morena, meu pai, em vista é branco. Eles começaram com revolução, tá aí até hoje, são, são, é cidadãos, reconhecidos pelo Estado, pelo governo, e eu acho o seguinte, que a Ana tá certa, quanto mais positividade existir dentro de um grupo, aí é que vai surgir a cidadania daquele grupo, e das próprias pessoas, que ele vai mostrar o caminho certo. Que o caminho a ser trilhado por nós é cheio de espinho, não é um caminho liso não, bonitinho não, enceradinho não, é um caminho cheio de espinho mesmo. Amanhã ou depois eu posso perder o emprego, o que eu vou fazer se meu filho pedi: pai eu tô com fome. Eu tenho coragem de carregar um machado nas costas, pulá prá dentro dum pasto do vizinho e meter o machado na cabeça duma vaca. Eu tenho mesmo, sinceridade, viu gente.

ANA: ..... É porque pelo filho né .....

LUIZ: ..... Eu tenho ..... porque ..... eu não quero ver meu filho me pedi as coisas, sabe, eu quero dar prá ele de bom e melhor. Por isso converso com meu filho, converso com meus colega, sabe, às vezes, meu colega tá com um problema, igual o Paulo mesmo, quando ele tá muito triste eu tento alegrar ele. Eu alegro, converso, brinco, aí ele esquece daquilo. Depois ele volta a ficar triste de novo, e novamente tá lá eu. E assim, eu faço com qualquer um que for meu amigo, até mesmo com família. Então, eu acho que cidadão hoje em dia gente, é saber procurar entender os outros também.

PESQUISADOR: Vocês falaram que é importante educação, trabalho, respeito, a pessoa se gostar, mas a gente viu que tem uma série de dificuldades aí, para a pessoa ser reconhecida, ter todos estes aspectos garantidos para ser cidadão. E o que poderia ..... é importante conhecer, a pessoa saber de seus direitos, de educação, de trabalho, para poder batalhar por ele, ou só ele conhecer seus direitos vai .....

CARLOS: ..... Isso ai que eu ia falando, prá ser cidadão hoje em dia não tá fácil assim também não, certo .....

LUIZ: ..... É o que a gente tá falando, que o caminho a ser .....

CARLOS: [Indecifrável]...tá muita, pintou até um lance prá mim já, e eu tô aqui certo, qualquer hora que eu vê assim, eu vou fazer mesmo e pronto, tá muito difícil. A gente caça serviço dum jeito e não acha, vai tentar de outro tipo não dá certo. O que a gente tem que fazer, roubar? Ou qualquer outro tipo de coisa. Negócio de roubá, esse tipo de negócio, não é o bem certo, não é um bom exemplo de cidadania. Então tem que mudar esse trem de cidadania. Tem que caçá um jeito de arrumar um serviço prá esses pessoal que precisa mais, esse pessoal mais carente.

PESQUISADOR: E quem tem que mudar isso Carlos?

CARLOS: Ha! Não é só o governo não, é a gente também, certo. Depende não só do governo, depende de nós todos.

PESQUISADOR: E o que a gente vamos fazer da nossa parte, o que nós podemos fazer?

CARLOS: Reuniões, certo, chamar mais a atenção do pessoal prá tentar ..... a ajuda ai .....

LUIZ: ..... Tá certo, hoje em dia tem muitos sindicatos, tem várias instituições que tentam assim ..... ver os direitos das pessoas, tentam convencê-las a não fazer certo tipo de ..... por exemplo, tem o CVV, que é o Centro de .....

ANA: ..... Valorização da Vida

LUIZ: ..... Valorização da Vida, tem o centro de drogas, que tratam de pessoas que usam drogas, tem o centro de aidéticos, que só mexe com pessoas que tem Aids, ...

ANDRÉ: ..... Tem o da cachaça .....

LUIZ: ..... É isso mesmo, é o ..... Cereia, que cuida dos alcoólatras, valeu André pela lembrança. São grupos assim que vão fazer a sociedade mudar, mas o que acontece Carlos, o que acontece, deixa eu te falar uma coisa, por exemplo, se você tá preocupado com o seu emprego .....

CARLOS: ..... Certo,

LUIZ: ..... E eu tô lá no meu numa boa, mas chega o Carlos, nós tamos precisando de mais dinheiro ainda, então vamos fazer uma revolução. Então, você fala, pô, eu vou junto com você, já não tenho emprego direito, aí que eu vou ..... aí que eles vão mandar prá fora da minha empresa. Eu tô lá trabalhando numa boa, quando é fe, vem uma carta de demissão, e você tá numa boa, só vai subi de cargo as minhas custas. Tem gente que pensa assim, os outros que tá lá dentro do grupo quer aproveitar das outras pessoas. Eu já vi gente falar assim: aquela pessoa tá lá, ele vai vir conversar comigo, mas depois ele vai subi as minhas custas, vai subi um degrau as minhas custas, e eu vou ficar embaixo, elas não quer entender. Acho que o Carlos também está certo em falar que os povos é que tem que mudar, não é só o governo, porque quem elege aquele governo que tá lá, somos nós.

PESQUISADOR: É disso que estamos conversando então, quando falamos nós, a gente, ...

CARLOS: ..... Ninguém presta atenção a ninguém, o nosso dia-a-dia .....

PESQUISADOR: O que podemos estar fazendo?

PAULO: Eu acho que primeiramente tem que começar pela família né, a cidadania também é na família né. Hoje eu acho muito difícil ter uma cidadania dentro da família né. Meu caso, eu acho que na minha casa, eu confeso, depois que a minha mãe faleceu acabou. Acho que dentro da família a mãe é mais importante. Aí começa tudo né, depois vem a cidadania prá fora ..... mas começa mesmo é dentro da família.

ANA: Mais igual o Carlos falou esse negócio de prá ser cidadão não tá fácil, não tá fácil mesmo não, mas todo mundo tem que unir, igual assim, enquanto uns tem vontade de lutar pelos seus direitos, outros já não tem. Enquanto uns tem corage de encarar a realidade, outros já ..... não, não quero saber de nada não, vai beber, vai se drogar. Então, tem que haver união entre todos, porque só assim nosso Brasil vai mudar, porque se ninguém se unir, todos assim, ai não vai mudar nunca mesmo não, ai ninguém vai ter seus direitos assim igual deve ser.

PESQUISADOR: ..... Se unir

ANA: ..... Não só os direitos, mas direitos e deveres também né.

PESQUISADOR: São pequenas coisas que estamos falando, às vezes, a gente fala: nossa! Mas eu, o que eu posso fazer? Então é isso, o que cada um pode está fazendo. Sabemos que muitas coisas dependem de nossos governantes, nossos representantes, eles têm um poder. O que vocês acham disso, é união? Unir de que jeito? O que eu posso fazer no local onde eu moro? O que eu posso fazer com o grupo de pessoas que eu conheço?

CARLOS: No local que moro tem um monte de coisa prá fazer certo, mas o pessoal não dá conta. Tem que ter uma área de lazer ali certo, muito menino naquele Santa Cruz ali, sério mesmo ..... os jovens hoje em dia não respeita

PESQUISADOR: Maria, você .....

MARIA: Ha não!

PESQUISADOR: Por que você não quer falar nem um pouquinho Maria?

CARLOS: A Maria tem um monte de coisa prá falar ..... participa de Núcleo

PESQUISADOR: ..... É. A Maria participa de algumas coisas, você acha que essas coisas é importante para estar ajudando, igual os meninos falaram aqui, que depende de cada um fazer alguma coisa para garantir a cidadania. O que você faz, acha que é um lance importante?

MARIA: É.

PESQUISADOR: De que forma você tem contribuído?

MARIA: Eu?

PESQUISADOR: É. Você tem ajudado nisto que você participa? O que você faz?

MARIA: Ha não sei não.

CARLOS: ..... Não sabe?

ANA: Você participa de várias coisas Maria, de Movimento, de Núcleo. Isso ai faz parte da cidadania. Nós não participa e tem assunto, ela participa e ..... depois você vai me matar.

PESQUISADOR: Rodrigo

RODRIGO: Eu acho que esse negócio assim, essas pessoas ..... tem que ser também menos falso ..... porque tem gente falso demais. Fala as coisas, tipo assim, um amigo chega: ho tô precisando arrumá um emprego. O cara: ha tá, vou arrumá um emprego pró cê, lá no meu serviço precisa. Acaba de virá a esquina ali, o cara fala: olha, vou arrumá emprego prá esse cara o que, é vagabundo, quer trabalhar não.

ANA: ..... Ou então arruma prá outras pessoas né, que nem .....

PESQUISADOR: Bom, voltando um pouco, teria alguma coisa a complementar quando falamos nos direitos do cidadão? Vocês falaram de alguns, teria algum outro direito? Quais são esses direitos?

ANDRÉ: Eu teria a complementar esse negócio de governo né. É ..... prá ..... a gente não tem escolha, quando é eleição a gente tem que colocar um de qualquer jeito ..... de todos que estão se candidatando ..... a gente não vai achar o melhor, pensa que é melhor, mas acaba colocando um pior, né. O povo não ..... eu acho que o povo tem pouca culpa só.

PESQUISADOR: Aí aparece o direito de escolha, de votar. Quais são os direitos do cidadão? Que direitos vocês conhecem? Vocês já falaram de alguns.

MARIA: Escola, moradia

PESQUISADOR:...Escola, moradia, que mais?

ANA: Emprego

LUIZ: Tem que ter liberdade de expressão, a pessoa tem que ter liberdade de falar o que sente realmente.

PESQUISADOR: ..... Que mais?

LUIZ: ..... Ele tem direito de escolher a própria religião,

CARLOS: ..... Ter uma boa alimentação né, ter uma boa alimentação a pessoa vai ter um raciocínio bom, ele tem esse direito.

LUIZ: Ter uma boa saúde, porque hoje em dia, a saúde hoje tá precária em qualquer lugar que você vai no Brasil. Direito a um lazer saudável. Direito de várias coisas que o cidadão tem que a gente deve lembrar aqui .....

PESQUISADOR: E o que é que são direitos? O que é direito para vocês? A gente tem falado tanto essa palavra aqui né. O que é direito?

ANA: É a pessoa ter direito de viver em paz, sem violência, direito de alimentação, escola, moradia. Só que a pessoa tem seus deveres também.

PESQUISADOR: Direitos e deveres

LUIZ: Cidadão que é cidadão tem que ter deveres e direitos, valeu pela complementação.

CARLOS: Uma boa moradia também.

PESQUISADOR: É, uma boa moradia. A gente viu quais são esses direitos, mas o que é direito? Eu tenho direito de educação, o que significa direito?

ANA: Ha é um direito do ser humano.

PESQUISADOR: Direito é um direito

ANA: É, direito é um direito

CARLOS: Direito é uma oportunidade, né

LUIZ: ..... Exatamente, tirou a palavra da minha boca, eu tava pensando dizer isso.

ANDRÉ: ..... Eu também. (todos riram).

PESQUISADOR: Carlos, continua, é uma oportunidade .....

CARLOS: ..... Que o cidadão tem, prá fazer qualquer coisa no mundo, hoje depende do direito, porque se ele não tiver esse tal direito .....

PESQUISADOR: ..... Então, direitos são oportunidades que as pessoas .....

CARLOS: ..... Faz o cidadão lembrar mais coisas, ajudá, ajudá mais pessoas ..... e mais ..... e mais .....

ANA: O direito é tipo uma obrigação

LUIZ: Só que estas oportunidades, ele não pode esquecer também, que essas oportunidades, que são os direitos que a gente tem, a maioria estão só no papel, poucas estão sendo cumpridas..... Até certo tempo atrás, se você pegava uma promisória, você ia num cartório registrá, um cobrava oitenta reais, outro cobrava quarenta, você não sabia qual cartório registrava, porque sendo que o preço realmente no cartório era sete reais. Então, acho o seguinte, são deveres também, o que o Carlos falou, são é ..... são oportunidades que o cidadão tem de expressar .....

PESQUISADOR: Quando fala que é um direito, uma oportunidade, é para todo mundo?

CARLOS: Acho que é prá todo mundo .....

PESQUISADOR: ..... Ou é para todos de um grupo, como é?

CARLOS: ..... Prá todo ser humano .....

LUIZ: ..... Negro ou branco, pobre, rico

ANA: Para de falar dos negros. (risos)

LUIZ: Não é falando mal não, é a realidade, é a realidade

LUCAS: ..... Ela vai ter que aceitá porque .....

ANA: ..... (Risos) .... Toda hora, negro, negro ..... parecendo ladrão.

(Todos falam ao mesmo tempo)

LUIZ: Quero lembrar também que esse negócio aqui não acontece só no Brasil não. Quem lembra da Ediôbia, lá na África?

CARLOS: ..... É tem muita fome, muita miséria.

PESQUISADOR: Uma última parte só. Vocês teriam alguma coisa a acrescentar sobre essa discussão do que é ser cidadão, sobre cidadania?

CARLOS: Repete de novo

PESQUISADOR: Teriam alguma coisa prá acrescentar Carlos., falar mais alguma coisa?

ANDRÉ: ..... Eu ..... já, já, não ..... acho que tudo já foi falado, não sei se vai ..... caber mais ..... .

Observação: Todos concordaram que não têm mais nada a falar.

ENTREVISTA COLETIVA - GRUPO DE APOIO/ GRUPO B
DATA DA ENTREVISTA: 12 / 12 / 97
LOCAL: ESCOLA ESTADUAL PARQUE SANTA CRUZ

PESQUISADOR: Bom, como eu falei antes, hoje nós vamos conversar todos juntos. Primeiro, cada um de vocês escreveram o que pensam sobre as cenas que apresentei. Agora eu gostaria de conhecer como vocês pensam, a respeito do mesmo material, juntos, em grupo. Como vocês conversam em grupo sobre este material . Para isso, vamos novamente olhar as cenas. Eu vou colocá-las na mesa para que todos vejam. Elas estão enumeradas para que vocês identifiquem sobre qual cena estão falando na nossa gravação.

É importante que todos falem, mas um de cada vez para que eu possa entender o que vocês estão falando na gravação. E agora esquece os gravadores, faz de conta que eles não estão ai.

Vou começar nossa conversa com uma pergunta: Olhando estas cenas, elas levam vocês pensarem alguma coisa sobre a questão de cidadania?

EDUARDO: Cidadania? ..... pois é ..... boa idéia.

RENATO: A cidadania?

PESQUISADOR: É, vocês acham que estas cenas têm alguma coisa a ver com cidadania? Vamos olhar, observar as cenas, e um vai ajudando o outro, trocando idéias, é importante que todos falem, um de cada vez para poder registrar.

CLARA: Como é que vocês fez?

EDUARDO: Cidadania ..... vamos, vamos ver Renato

CLARA: Vai você , você é o mais inteligente

RENATO: Eu?

CLARA: Mostra que você sabe, um adolescente ..... você sabe, sabe sim

RENATO: Sei nada

EDUARDO: Professora, pode fazer outra pergunta que não vai sair nada não

CLARA: Pior que não vai mesmo não

EDUARDO: Cidadania, cidadania, então explica o que é cidadania que tenho certeza que o Renato não entendeu

PESQUISADOR: Então vamos ver um pouco, para vocês, a partir desse material, o que é ser cidadão?

RICARDO: Um grupo de pessoas

PESQUISADOR: Sim, um grupo de pessoas. E o que faz um grupo de pessoas ser cidadão?

CLARA: Ser solidário

PESQUISADOR: Ser solidário. O que mais? O que é para vocês ser cidadão?
(Um joga para o outro)

PESQUISADOR: Vamos olhar aqui, esta cena, a número 1, que tem uma senhora aqui, parece que ela está pedindo alguma coisa

CLARA: O burro nem dá esmola prá mulher

EDUARDO: Talvez o cara não tem, também não é assim ..... talvez a mulher está mentindo, talvez ela não tem nada.

CLARA: Pior! Concordo, muitos faz isso só prá ganhar dinheiro.

EDUARDO: O cara não tá nem aí mesmo não.

PESQUISADOR: Mas vamos pensar, essa senhora aí, parece que ela está bem frágil, pedindo alguma coisa. Vocês acham que essa senhora é uma cidadã, tem cidadania?

RICARDO: Ela tem direitos como todo mundo.

PEDRO: É, ... tem

CLARA: Tem, uai! Só que falta ..... (Faz o gesto de dinheiro) ..... tempo, tempo.

RENATO: Dinheiro

EDUARDO: Talvez ela não tem estudo, ninguém emprega ela

PESQUISADOR: Então, estudo é uma coisa importante para ser cidadão?

CLARA: Demais, é ..... porque .....

RENATO: É

MARCOS: Tudo que manda hoje é o estudo

CLARA: Olha ele sabe!

EDUARDO: É o dinheiro

RENATO: Vai nessa meu filho

EDUARDO: É dinheiro

CLARA: Dinheiro hoje em dia compra até felicidade

RENATO: Ah! a minha, compra não.

CLARA: Ah! a sua né ..... nem todos pensa igual você .....

PESQUISADOR: Quer dizer que para esta senhora aí, está faltando, para ela ser cidadã, está faltando?

CLARA: (Escandindo) D i n h e i r o !

RICARDO: Dinheiro, casa, trabalho, estudo, trabalho ..... é .....

CLARA: Se ela tivesse estudo ela tinha tudo isso.

EDUARDO: Às vezes ela não teve condição de estudar, uai

RICARDO: Eu acho que mulher tem mais condição de arrumar um serviço que homem né

CLARA: É, isso é.

EDUARDO: Se ela for bonita, quando a mulher é feia o cara não emprega não.

PESQUISADOR: Vocês estão falando de trabalho, isso é importante para ser cidadão?

EDUARDO: É importante você fazer grupo, prá conversar, trocar idéias

CLARA: Cidadania .....

EDUARDO: Hi! Ela não sabe falar

PESQUISADOR: Vocês estão falando de serviço, trabalho, é importante para uma pessoa ser cidadão?

CLARA: É

RENATO: É

PESQUISADOR: Por que? Por que vocês acham?

RICARDO: Porque sem o trabalho ninguém vive né

EDUARDO: Olha, tá lá pedindo esmola, o cara nem deu nada prá ela

CLARA: Passou direto

EDUARDO: As moedinha que ela tá

CLARA: É pequeninha, de hum.

PESQUISADOR: Quer dizer que sem trabalho a pessoa .....

EDUARDO: Sem trabalho e sem estudo

PESQUISADOR: É difícil viver, os outros não importam com ela, isso? E aqui, aqui a gente tem, nesta cena 4, tem a menina aí que está trabalhando.

PEDRO: Só que tem o outro que está desempregado.

CLARA: (Ri) ..... Esse aí não é desempregado

EDUARDO: Ela perdeu o emprego

CLARA: Isso aí foi por racismo, porque o homem era racista

EDUARDO: Não, porque ele nem tinha empregado ela

CLARA: Mesmo assim, talvez foi tipo assim .....

EDUARDO: Talvez ela não era a pessoa .....

CLARA: ..... Ideal

EDUARDO: ..... Competente para realizar o serviço que ele tava precisando.

RENATO: Mas a mulher tá trabalhando, o homem que tá desempregado

CLARA: O burro!

EDUARDO: A funcionária foi despedida pelo patrão

CLARA: Esse é o patrão, inteligente

PESQUISADOR: Como falei no início, cada um pode ver coisas diferentes neste desenho

RICARDO: Aqui ela tá sendo despedida né?

CLARA: É

PESQUISADOR: Você acha que o patrão está despedindo porque ele é racista .....

CLARA: Não sei, pode sê
PESQUISADOR: Você imaginou isso?

CLARA: É, imaginei

RICARDO: Eu acho que é por causa de atrasado, ela deve estudá a noite, chega cansada em casa, dorme até mais tarde.

PEDRO: Deve morar longe

RICARDO: Não acorda na hora

EDUARDO: Ou a firma tá indo mal, não tem como pagar ela

CLARA: Mas só tem uma funcionária

EDUARDO: Você tá vendo se tem mais atrás do balcão, limpando lá em baixo né

CLARA: (Ri) O que ela vai tá limpando em baixo

EDUARDO: Ou então, talvez ela não dava conta do serviço, ele mandou ela embora.

CLARA: É, pode ser

PESQUISADOR: Nós vimos um pouco sobre trabalho, e aqui tem uma cena um pouco de escola.

CLARA: Este é o Renato

RENATO: Que eu, sai fora!...

EDUARDO: Queria bater no professor uma vez (apontou para o Renato)

RENATO: Era eu não, era o professor que queria me bater o ano passado

PESQUISADOR: A cena 3 mostra um pouco a escola, e vocês falaram que o estudo é importante para a pessoa ser cidadão. Por que vocês acham que é?

CLARA: Essa professora é muito bruta

RENATO: Não. Talvez ..... mais errado é o aluno que levanta .....

CLARA: ..... Tá conversando lá

EDUARDO: Estão conversando de quebrar ela lá fora. Aqui ele falando: lá fora nós conversa. Aqui eles fizeram a galera, só esperando ela saí.

RICARDO: Essa é a diretora do colégio

CLARA: Uai, é? Sabia não.

PESQUISADOR: Cada um construiu um comentário seu, assim, não tem uma coisa errada ou certa.

CLARA: Fala ceguinho!

RENATO: Fala ceguinho, uai

CLARA: Você tá me implicando, você é igualzinho o seu irmão, não tem diferença nenhuma.

EDUARDO: Coloquei que o aluno discutiu com o professor .....

PESQUISADOR: Fala mais alto Eduardo

EDUARDO: O aluno discutiu com o professor e o trem ficou foi feio. O aluno tava errado e não aceitava

PESQUISADOR: Isto acontece aqui?

EDUARDO: Acontece. O ano passado ele (Renato) brigou com o professor

RENATO: O professor que queria me bater

EDUARDO: Aí você .....

RENATO: Ele queria me bater, aí falei prá ele uai?

PESQUISADOR: E vocês acham ..... é legal .....

CLARA: Não

PESQUISADOR: O professor ameaçar o aluno de bater, ou .....

RENATO: Ele tá dentro da sala aí é prá ensinar ..... não prá brigar.

PESQUISADOR: E o aluno? Vocês acham que o aluno .....

RICARDO: O aluno tem que dá respeito para merecer respeito do professor.

RENATO: Mas tem muitos alunos que não dá respeito e nem .....

CLARA: Mas tem muitos que dão e não recebe

EDUARDO: Não. Tem muitos que recebe e não dão

CLARA: É, tem alguns que dão e não recebe

PESQUISADOR: E o que vocês acham, bom, existe os dois lados. Existe o lado do professor que desrespeita o aluno, tem um jeito de ensinar, assim, violento. E tem o lado dos alunos que também desrespeitam o professor. O que na escola poderia acontecer para mudar um pouco esta situação? O que estaria faltando na escola?

RICARDO: Tem muito professor que manda a gente fazer trabalho de livro, mas não explica como fazer. Só fala faz o trabalho, e não explica. Senta e fica olhando a gente fazer.

RENATO: Dá matéria e não explica, passa no quadro .....

EDUARDO: ..... Só tem nota azul, o resto não estuda.
(Todos falam ao mesmo tempo)

RICARDO: Agora tem muitos alunos que ela explica, não presta atenção.

PESQUISADOR: Um de cada vez, e vamos falar mais alto.

(Novamente falam vários ao mesmo tempo)

PESQUISADOR: O que poderia , o que está faltando para melhorar isso - o professor com o aluno, e o aluno melhorar com o professor?

RICARDO: Eu acho que era ..... eu acho que era fazer uma reunião prá conversar, trocar idéias.

(Falas juntas)

CLARA: O professor deveria ter mais compreensão, porque ele pensa porque ele é professor ele manda em todo mundo.

EDUARDO: Não .....

CLARA: É sim .....

EDUARDO: O professor tem que dá mais respeito pró aluno, se o professor dá folga demais, o aluno vai e ó.....

CLARA: Mesmo assim, mesmo assim

RENATO: Se o professor quer respeito ele tem que dá respeito

EDUARDO: O ( ) mesmo, dá a maior liberdade prá as meninas da 7ª A, depois .....

CLARA: O ( ) o ano passado, ou

PESQUISADOR: Mariana, Lúcia, o que vocês acham do que eles estão falando? Marcos?

MARCOS: Concordo.

(Riem e falam ao mesmo tempo)

CLARA: Ceguinho? Que isso, ele não disconcorda com nada.

PESQUISADOR: Nós já vimos que precisa ter reunião, conversar, precisa ter mais compreensão, mais respeito pelas duas partes

RICARDO: Ter mais diálogo né

PESQUISADOR: Diálogo. São essas coisas que faltaria? E se, como ficaria de fazer uma conversa, uma reunião com professores e alunos, o que vocês acham disso?

EDUARDO: Adiantaria um pouco né, não mudaria totalmente, mas

CLARA: O que adianta os professores melhorar e os alunos não?

EDUARDO: Então, o que tá faltando? Os dois vão conversar, conversar todos juntos.

CLARA: Pode ser, mas vai ser difícil os alunos concordar .....

EDUARDO: Concorda ou sai.

(Comentários ao mesmo tempo)

PESQUISADOR: Então, a gente viu que uma coisa importante, neste quadro aqui, é um pouco essa relação entre professor e aluno, que muitas vezes acontece isso - desentendimento, desrespeito, e o grupo estava falando da questão do diálogo, da conversa; significa os alunos estarem participando mais, até a Clara falou: será que os alunos vão topar fazer isso?

CLARA: Alguns sim, outros não

PESQUISADOR: Para mudar uma situação, igual a situação dessa escola (cena 3), precisa dos dois lados querer ....

RICARDO: ..... Conversar,

PESQUISADOR: Quererem conversar, ou quererem mudar, então precisa de quererem participar, e isso .....

RICARDO: Não é igual a ( ) que sai gritando com todo mundo não.

EDUARDO: Agora eu vou falar, eu quero que ela escuta esta fita, ela é sem educação.

CLARA: Ela não é mãe de ninguém prá ficar gritando

(Todos juntos)

CLARA: Acho errado esse trem de gritá, acho errado, ninguém é surdo.

PEDRO: A ( ) também, ... a ( ) dá um disconto, ela é professora, ela grita mais baixo ..... agora ela aprendeu a conversar mais baixo.

CLARA: A ( ) não grita tanto, não grita assim a toa, só

EDUARDO: Agora a ( ) manda e calar a boca, aí quem é que guenta

CLARA: Ela nunca mandou eu calar a boca, o dia que ela mandar ela vai ver.

EDUARDO: Aí tem que conversar, você concordou com que todo mundo falou, é conversar

CLARA: A gente já conversou com ela, não adianta nada, ela grita.

PESQUISADOR: Vocês olhando esta cena 2, tem uma pessoa que está saíndo do internato, de um tipo de vida, e aí

EDUARDO: Aí ela está saíndo do internato aí, aí ela vai ter que arrumar a vida dela lá fora, aí vai ser canseira ..... e é o seguinte, ela vai te que arrumar um emprego e ralar moço, porque o trem vai ser feio. Agora vê que o mercado de emprego tá meio canseira, vai ser difícil, se ela não tiver nenhum estudo

RICARDO: Aí no caso eu achava que ela tinha que arrumar um servico prá morá né, prá trabalhar, recomeçar a vida dela, comprar as coisas .....

EDUARDO: Ou então ela se prostituir né

CLARA: Não

RENATO: Aí não né

EDUARDO: É um meio prá ela consegui viver, é melhor do que ela ficar na rua.

CLARA: Se é doido é?

EDUARDO: Não é não? Eu se fosse no lugar dela tó vendo que o trem não vai dá prá mim..... e agora

RENATO: Cê queria que a sua irmã se .....

EDUARDO: Se fosse a minha irmã ela não taria no internato

RENATO: Saísse do internato cê queria que ela fosse prostituir, então

EDUARDO: Não

RENATO: Então não deseja mal prá ninguém

EDUARDO: Igual eu coloquei lá, vai pela cabeça dela

CLARA: É lógico

EDUARDO: Do jeito que o trem tá feio.

PESQUISADOR: Então, vocês falaram que a pessoa para ter sua cidadania precisa de estudo, trabalho, um salário. E é um pouco do que vocês dizeram aqui ....

RICARDO: No orfanato eles não dão estudo não?

CLARA: Dão uai! Tudi, você sai de lá com 18 só depois de você formar, não é professora?

EDUARDO: Mas nem todo internato é assim essa beleza

CLARA: É ..... é .....

PESQUISADOR: Quando a pessoa sai ela vai ter que tocar a vida dela, como ela vai fazer isso? Tem tanto este lado, de buscar estudo, trabalho, moradia; como também tem o outro lado .....

RICARDO: ..... Recomeçar a vida dela né

PESQUISADOR: ..... Isto que o Eduardo falou é uma realidade, a prostituição, ou de outras formas. aí vocês acham no desenho que, sempre colocaram a questão de buscar um trabalho, local para morar. A pessoa vai tocar a vida dela, mesmo que passou tanto tempo sozinha, sem ninguém, no internato, ela vai tocar a vida dela

RICARDO: Arrumá um namorado, casá

CLARA: O outro só pensa em namorar
RICARDO: Uai, tem que recomeçar a vida dela, começá sozinha, como é que faz? Não é professora, não tô certo?

EDUARDO: Precisa de alguém prá auxiliar ela.

PESQUISADOR: Este é um lado da vida de todas as pessoas

RICARDO: Já tem 18 anos, já pode né?

PESQUISADOR: Um lado da vida de todo mundo, de buscar um companheiro, uma companheira, de casar, ou não casar

CLARA: Hoje em dia ninguém sozinho se vive

PESQUISADOR: E nesta cena 5, a gente falando da pessoa ser cidadão ou não, o que vocês acham aí?

EDUARDO: Eu coloquei no meu negócio lá que a senhora pediu, eu coloquei que eles não queria aceitá ele porque ele ..... era gay né, ele tá com um jeitinho lá assim .....

CLARA: Ah, cara! Mesma coisa que eu coloquei, homossexual.

EDUARDO: É, homossexual. Aí eles não quisseram aceitá ele pelo fato dele ser homossexual né. Não quis aceitá ele porque um grupo de conversação no centro comunitário não pegava bem, foi esse esquema aí.

PESQUISADOR: Essa situação que o Eduardo .....

CLARA: ..... Preconceito

PESQUISADOR: ..... Construiu, de discriminar porque é homossexual, acontece muito?

RICARDO: Eu acho que as pessoas não deveria fazer isso né, julgar os outros só pela cor, pela raça, pela maneira.

RENATO: ..... Pelo jeito dele ser, pelo que ele tem pelo lado de fora.

RICARDO: ..... Se ele tivesse entrado no grupo ele podia dá idéias ..... idéias boas.

EDUARDO: ..... Coloquei que a mulher aceita ele aí, acaba todo mundo amigo dele

CLARA: Mais acho errado, por uma parte é ..... ninguém tem a ver com a vida dele, mas se Deus quis ele homem, ele deveria ser homem até o final

EDUARDO: Mas, do jeito que eu falei mesmo, pega o ( ), o ( ) que é viado, ele é gay sabe, quero ver ele sair aí rodando, procurando emprego, ele não vai achar nada.

CLARA: Nadinha, esse é um preconceito muito grande

EDUARDO: Mas com aquela barba, aquela mini-saia.

CLARA: Mas também né

EDUARDO: Não é preconceito, é que ninguém aceita mesmo

RICARDO: Emprego de cabeleireiro aí ele arruma, se ele tiver um curso de cabeleireiro, um curso de qualquer coisa, de secretária

CLARA: Aí é difícil, de secretária?

RENATO: Nessa área não

EDUARDO: Aí tem que ser bem produzido prá chegar a ser secretária

PESQUISADOR: Vocês estão dizendo que uma pessoa que tem a opção sexual diferente é difícil ser aceita em grupos, ser aceita em trabalhos, na sociedade em geral ..... vocês concordam com isso?

RENATO: Concordo

EDUARDO: Eu não vou falar que não concordo com preconceito porque eu mesmo não aceitava

RENATO: É claro você é homossexual .....

EDUARDO: Não aceitava porque falo que não aceitava mesmo.

PESQUISADOR: É difícil mesmo, e o Eduardo está assumindo a posição dele, que não aceita. E como vocês pensam, por esta opção do personagem, ela tem ou não direito de ser cidadão, conviver com outras pessoas, trabalhar .....

PEDRO: Tem

CLARA: Todos os direitos

EDUARDO: Ele tem que dá uma mudadinha né, ———

CLARA: Mudar seu estilo

PESQUISADOR: O Eduardo falou uma coisa, todos as pessoas têm direitos iguais?

TODOS: Tem, tem

PESQUISADOR: Mas na direção desse caso, uma pessoa, seja homem ou mulher que tem uma opção sexual diferente, aí ela vai ter o mesmo direito pois, aqui a gente viu, nesta situação, nesta história, ela não teve o mesmo direito de participar com os outros

EDUARDO: Mulher até que eles aceita

RICARDO: É, mas eu acho se fizer um curso prá cozinheiro aí pegava bem prá ele

CLARA: Mas cozinheiro .....

RICARDO: Tem viado que faz uma comida gostosa viu. (Risos)

PESQUISADOR: Então para ele ser cidadão, será que só o fato dele arrumar um emprego, por exemplo, de cozinheiro, que é uma função que, às vezes, ele não vai ser discriminado, com isso ele vai sentir-se bem. É importante sentir aceito pelos grupos, pelos outros?

RICARDO: Eu acho que ele vai sentir bem se for aceito pelos grupos, os grupos tratar ele com educação, com carinho

CLARA: Mas é claro

EDUARDO: Mas quando a pessoa entra já ..... tipo assim ..... uns 10 anos de idade, já sabe que não vai ser bem aceita. Tá se transformando já sabendo que não vai ser bem aceita na sociedade.

CLARA: É lógico, você sabe quando você não é bem aceito.

PESQUISADOR: E é só nesta situação, nesta cena, que vimos que tem discriminação, que a pessoa não tem o seu direito garantido. Tem outras cenas que vocês acham que os personagens, também não têm os mesmos direitos? Na cena 5 vimos que Rafael não teve o mesmo direito.

RICARDO: Cena 1

CLARA: Cena 4

PESQUISADOR: O que vocês vêm na cena 1 que .....

RICARDO: Ela tá pedindo dinheiro, não tem .....

RENATO: ..... Deve ser deficiente físico.

RICARDO: Deve ter algum problema nas pernas

PEQUISADOR: Então, uma pessoa doente, ou com uma deficiência física, de repente ela não tem os mesmos direitos na sociedade

RICARDO: De repente não né, ela fica sozinha, todo mundo passa não dá moral .....

RENATO: ..... Pedindo dinheiro .....

CLARA: ..... Deve ser .....

EDUARDO: Pelo fato dela tá ali suja no chão, jogada, a pessoa sente nojo, sei lá, passa assim, vê aquelas pessoas com ferida.

CLARA: Ah, eu já vi um monte. Deus me livre!

PESQUISADOR: Quer dizer que a questão da pessoa não ter ninguém, está jogada na rua, é uma situação que acaba sendo discriminada, a pessoa não tem seus direitos de cidadão, é? O que acontece com estas pessoas para não terem os mesmos direitos?

CLARA: Não dá valor a vida dela .....

RICARDO: Eu acho que é os pais que não dá valor, os pais não põe prá estudá, põe só prá trabalhar, não tem estudo.

RENATO: ..... Só faz bater nela, maltratar .....

EDUARDO: ..... Ou então, nasceu numa família pobre, alguma coisa assim, não tem condições.

RICARDO: ..... Ou ela fugiu de casa .....

CLARA: ..... Por algum motivo

PESQUISADOR: Então, tem a própria família, a questão de ser pobre, não ter as condições, que levam as pessoas para rua buscar a sua sobrevivência? Teria aí uma outra cena, onde a pessoa não está sendo respeitada em seus direitos, não está conseguindo exercer seus direitos?

RICARDO: Eu acho que a número 4

PESQUISADOR: A cena 4? Por que Ricardo?

RICARDO: Eu acho porque o patrão ..... tem muitos patrão que não dá valor, porque ela estuda correndo, ou porque chega tarde no serviço, aí fica discriminando ela né

PESQUISADOR: Estamos falando de pessoas que têm direitos, de pessoas que não têm os mesmos direitos. Quais direitos as pessoas têm, quais os direitos do cidadão?

RICARDO: De ser respeitado .....

PESQUISADOR: Então, respeito é um direito que o cidadão tem. Tem mais algum direito? Mariana, o que você acha? ..... Marcos, qual outro direito o cidadão tem?

MARCOS: O direito de ser livre

PESQUISADOR: De ser livre ..... Lúcia? ..... Pedro, que mais?

PEDRO: Direito de igualdade

PESQUISADOR: Direito de igualdade

PEDRO: Direito de educação

PESQUISADOR: Clara, mais algum? Vocês falaram, direito de ser livre né, direito de ser respeitado, direito de igualdade, direito de educação

RENATO: Saúde

PESQUISADOR: Que mais, vamos lembrar

EDUARDO: Alguém já falou direito de educação?

CLARA: Já

PESQUISADOR: Vimos que o cidadão tem esses direitos e outros. E são esses direitos que faz a pessoa ser um cidadão. E vocês viram nestas cenas, vamos pegar a cena 1, vocês viram que a senhora não está sendo respeitada, pela condição dela. Aqui na cena 5, o Rafael também não é respeitado, porque ele sofre discriminação por ser homossexual, pelo menos na história do Eduardo e da Clara. Mas teve histórias diferentes, de pessoas que aceitaram ele. Na cena 3, aluno e professor também estão sendo desrespeitados. A do trabalho, cena 4, o trabalho é um direito de todas as pessoas?

TODOS: É

EDUARDO: Direito de trabalhar e receber por ele (Comentam todos juntos sobre receber)

PESQUISADOR: Na cena ela está desempregada, ela está sem .....

RENATO: ..... Emprego

PESQUISADOR: ..... Sem o direito do trabalho. No início vocês falaram, o que é cidadania? O que é ser cidadão? É a pessoa ter esses direitos e exercê- los, mas vimos na própria cena 5, nem sempre isso acontece. Todo mundo tem esses direitos, mas .....

RENATO: ..... Mas eles não são cumpridos

CLARA: ..... A maioria

PESQUISADOR: Então , as pessoas ficam sem cidadania?

EDUARDO: Fica

RICARDO: Vira bagunça, briga né. Muitos pode quebrar o serviço que trabalha, a loja ..... a cozinha, igual essa morena trabalha, quebrar o liquidificador de raiva. (Começam a comentar sobre o resultado das provas que as professoras estão entregando, e perguntam se podem sair)

PESQUISADOR: Vocês gostariam de acrescentar alguma coisa mais?

RENATO: Eu acho que é só isso mesmo

CLARA: Também acho que não tem mais nada não.

APÊNDICE 4

APÊNDICE 4

GRUPO DE INVESTIGAÇÃO - GRUPO A / LEVANTAMENTO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO CONSTRUÍDO SOBRE CIDADANIA.
DATA: 19 /12 /97
LOCAL: CEPAI

QUESTÃO: Qual a importância do conhecimento sobre cidadania na vida de vocês, onde ajudou e como ajudou, ou não?

RODRGO

Foi importante e muito, principalmente na minha casa, algumas coisas com o meu pai, o que o meu pai não sabe, minha mãe, o que eu sei explico prá eles. Até assim, no meu trabalho mesmo, trabalhando com os meninos, os meninos pergunta alguma coisa que eu sei. Acho que facilitou...bastante.

PESQUISADOR: Ajudou no seu trabalho?

RODRIGO: É ..... em casa, na escola

PESQUISADOR: Como é que te ajudou na escola, Rodrigo?

RODRIGO: Uai ..... sabê mais coisa né ..... tanta coisa que a gente aprende nessas reuniões, aqui na Aldeia mesmo.

PESQUISADOR: Te ajudou saber que a escola é importante, voltar a estudar

RODRIGO: ..... É voltá a estudá.

PESQUISADOR: Mais alguma coisa Rodrigo?

RODRIGO: Não.

CARLOS

Foi muito importante né. Participei de muita reunião, grupo, certo, animá as pessoas e ajudá a desabafar o que se passa no dia- a- dia, em casa ou na rua, no serviço ou em qualquer lugar, certo. Acho que ajudou muito, me levou a conheoe muitos lugar.

PESQUISADOR: Participar de grupos, atividades te ajudou

CARLOS: ..... Ajudou bastante, porque eu não tinha cabeça prá isso. Hoje em dia, certo, isso que eu tô falando aqui, eu acho que se eu não tivesse participado nisso tudo eu ..... tava sabendo, mais muito pouco.

PESQUISADOR: E onde essas coisas que você aprendeu ajudou mais?

CARLOS: Eu acho que foi nesses grupos. Em outros lugar, certo ..... festa ..... encontro muito amigo em festa, nós conversa bastante, brinca.

Para mim a minha aprendizasem foi com muita ajudas dos amigos e de mas augumas de pessoas como adolecente e adutos de muitos outro certos de atendimento comonitario e de (Comentário escrito)

LUCAS

Na minha vida foi importante, me ajudou mais no trabalho aqui da Aldeia, porque a partir de tudo que fui aprendendo, até hoje na minha vida, acho que já posso passar um pouco prá os meninos, eu posso contribuir um pouco mais. Eu acho que ..... a

importância maior é que a gente tá tentando né, ajudá outras pessoas prá que as outras pessoas ajuda as outras né, tentando fazer uma corrente ..... então é muito importante isso .

Na minha vida essas coisas foram importantes porque a partir delas eu posso contribuir para a cidadania das outras pessoas me ajudou mais em casa e no trabalho só podemos ajudar as outras pessoas se tivermos o mínimo conhecimento (Comentário escrito)

ANDRÉ

Olha o que eu escrevi aqui é o que eu vou falar, é a pura verdade. É .....Prá mim foi muito importante aprender que eu tenho direitos né, não só eu, mas todos os cidadãos. E isso me ajudou muito na minha casa, na escola, no trabalho, enfim, em todos os lugares que passo, onde eu vou passo o que eu aprendi ..... para criança, adolescente, adultos. E o que eu não sei procuro saber ..... e o que ..... quem não sabe, procuro ensinar. ..... E os direitos que eu aprendi foi aqui na Aldeia, na Aldeia e ..... em encontros que eu fui em Brasília, que foi pela Aldeia né. Eu aprendi o meu direito, o direito meu e de outras pessoas. (Leitura do comentário escrito)

ANA

Sim contribuiu muito para mim, eu conheci todos os meus direitos, foi muito importante para mim conhecer os meus direitos, porque havia muitas coisas das quais eu não conhecia, me ajudou muito em casa também, porque há várias coisas que a minha mãe não sabe e eu posso explicar à ela, sobre os nossos direitos e os nossos deveres.

Eu contribui muito em grupos de jovens, missas, enfim tudo que envolve os jovens, eu aprendi tudo através de todos os cidadãos. (Leitura do comentário escrito)

MARIA

Sim contribuiu, conheci meus direitos e deveres. aprendi muito sobre cidadania me ajudou muito na escola na rua na minha casa....Tudo que hoje eu sei posso ajudar varias pessoas. (Leitura do comentário escrito)

LUIZ:

Bem é o seguinte, acho que primeiro os meus direitos termina a onde começa a minha obrigação e meus deveres. Primeiro eu aprendi .... a primeira coisa que eu aprendi é ..... meus direitos foi na Aldeia. Assim que eu entrei na Aldeia passei a ser assim uma pessoa, a ser uma pessoa importante. Porque até um tempo atrás eu não era nada, pequeno, criança ainda, meu pai me colocou na Aldeia, e eu cresci praticamente dentro da Aldeia, e eu aprendi várias coisas, aprendi a respeitar o direito dos outros. Contribuiu até dentro da minha casa, porque hoje eu já tô uma pessoa formada, uma pessoa com outro pensamento, não aquele pensamento de adolescente mais, um pensamento ..... quase de uma pessoa adulta mesmo. E o que o meu pai não sabe eu explico prá ele, os meus irmãos, eu tô sempre com os meus irmãos. Ajudou muito dentro da minha casa, e em geral na minha vida inteira, minha vida toda. No trabalho eu posso ajudá o meu amigo Paulo, até mesmo o ( )., que é uma pessoa formada, , de vez em quando nós conversa, trocamos várias idéias, e ele me ensina, eu gosto que ele me ensina, eu sou uma pessoa curiosa, tem que aprender mesmo, saber os direitos. E, acho que o seguinte, a pessoa que ela sabe os próprios direitos, ela sabe respeitar os direitos do próximo, do seu amigo, do seu colega, do seu pai, do seu avô, do velhinho que tá ali sentado no banco de praça. Por que aqueles que tão ali sentado no banco de praça é que podem passar, sabe, toda uma vida prá gente, jovem. Então, eu acho o seguinte, eu aprendi a respeitá os direitos da pessoa, a saber os meus, é claro que eu não sei de cor e saltiado, tem que pegar a lei e saber os direitos do jovem.

Para mim tem muita importância sim. Porque eu posso ajudar outras pessoas com os direitos que sei e me ajudou em varias setores da minha vida em geral. porque conhecendo os meus direitos eu sei onde termina a minha obrigação e deveres. Um exemplo é o Aldeia Juvenil, contribuiu para que eu conhecese os meus direitos e os dos outros, em minha casa me ajudou a compreender os meus pais e irmãos e amigos e a ser uma pessoa umilde e compreensivo um detale importante foi a participação que tive nos grupos, foi importante porque conheci varia pessoas diferente com pensamento diferentes, isso faz com que eu e varias pessoas possa a ter mais positividade (Comentário escrito)

PAULO:

Prá mim há três anos atrás era importante, mas hoje prá mim acabou a importância .....

PESQUISADOR: Você acha que essas coisas que você aprendeu, hoje não é mais importante, não te ajuda?

PAULO: .....

CARLOS: Por que?

PAULO: Porque sabe a ..... tem que começá pela família sabe, acho que hoje eu não sinto mais bem sabe, eu sinto assim triste, não sinto a paz de anos atrás.

Para mim foi muito importante quando entre no colégio e nos encontros. Para mim ainda falta é na familia.

MÁRIO:

Olha, ajudou bastante né, porque eu sabendo os meus direitos fica mais fácil prá eu exigir na hora certa né. Por exemplo, direito a educação, se eu já estou por dentro dos meus direitos a educação, se acaso algo acontecer né, que não tenha um lugar assim prá mim estudar, eu já tenho meus direitos.

PESQUISADOR: Aí você já sabe como fazer

MÁRIO: É já sei sim

PESQUISADOR: Tem algum aspecto específico na sua vida que você acha que ajudou mais, assim na questão do trabalho, na família, na escola, na comunidade. Na sua vida em que aspecto ajudou mais?

MÁRIO: Em questão de direitos?

PESQUISADOR: É, de você saber sobre cidadania, de ter esse conhecimento, de está esclarecido sobre isso, em que aspecto, área de sua vida, isso te ajudou mais?

MÁRIO: Olha né, ajudou mais em dois né, em relação a educação e a família, isso ajudou bastante. Que antes se eu não soubesse disso qualquer coisa prá mim estaria bom, no colégio, em casa mesmo. Com esse conhecimento ficou até mais fácil prá mim , ver o que é bom prá mim, o que é ruim, com esses conhecimentos que ocorreu.

PESQUISADOR: Como te ajudou em casa?

MÁRIO: Vamos dizer assim, o direito a família, vamos dizer a união, a união da família. Isso foi o fundamento principal, estar com a sua mãe, conversar com ela, seus irmãos.

PESQUISADOR: Você acha que ficou mais unido a sua família

MÁRIO: É, fiquei sim, em relação a ter uma mãe isso é bom.

PESQUISADOR: Conversar mais

MÁRIO: É, o direito de ter uma família, isso todo mundo tem que ter, que seja adotado ou não.

PESQUISADOR: E na escola, como você acha que ajudou?

MÁRIO: Agora na escola, acho que ..... não querendo discriminá os professor ou coisa assim, querendo tirar eles da linha, só que o direito dos alunos são massacrados, são pisados, se você for reparar os direitos do ..... se for pegar uma cartilha no colégio, dos direitos, você vê só os deveres do aluno, dever isso, dever aquilo, dever ..... cadê os direitos do aluno, quais são? Fica meio camuflado, meio escondido.

PESQUISADOR: Você então ficou interessado nos direitos do aluno .....

MÁRIO: Certeza. Está sendo desrespeitado. Só o aluno tem deveres. O colégio também tem que ter deveres com os alunos. Tem que ter livros, por exemplo, tem que ter livros prós alunos né. Esse é um direito do aluno ter. E tem série lá que não tem. O direito a alimentação né, no colégio. Chega lá e não tem. Tem que insistir mais né ——————

PESQUISADOR: Você faz isso na escola?

MÁRIO: Com certeza. Com o pouco conhecimento dá prá falar sobre mais os direitos do aluno né. Esses dois foi o fundamento.